

Despedaçada

Teri Terry

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Tudo o que ela pensou saber era mentira...

DESPEDAÇADA

TERI TERRY

FAROL
LITERÁRIO

 Livros

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível.”

Quando você não sabe quem é, como decidir quem você quer ser?

Ky-la foi Reiniciada: sua memória foi apagada pelo opressivo governo dos Lordeiros. Mas, quando lembanças proibidas de um passado violento começam a aparecer, surgem também dúvidas: ela pode confiar naqueles que passou a amar, com o Ben?

As autoridades querem a morte de Ky-la. Com a ajuda de amigos no DE

A, ela vai afundo, sondando seu passado e fugindo. A verdade que ela busca desesperadamente, no entanto, é mais surpreendente do que ela poderia imaginar.

Ao final do terceiro volume desta aclamada série, os mais profundos e imprevisíveis segredos serão revelados.

“Um thriller psicológico original e assom broso. Prendeu m inha atenção desde a prim eira página e m e deixou ansiosa para continuar lendo. -Julie Bertagna, autora de Exodus”.



As crianças se aproxim am . O prim eiro é um m enino de cerca de onze ou doze anos. Cam inhando e sorrindo. As outras crianças o seguem , a poucos m etros de distância, um por um , sem reação. Conform e passam , são cada vez m ais j ovens. Um a m enina de uns sete anos se aproxim a agora. Alguns m ais novos, cerca de quatro ou cinco anos de idade, seguem no fim da fila. O m enino da frente para. Ele m e olha intrigado. E sorri. — Hoj e é sábado. Estam os fazendo a nossa cam inhada de sábado de m anhão. Os três sorriem , sem fazer m ovim ento para continuar. É com o se eles fizessem o que eu digo e quando digo para fazer, sorrindo o tem po todo. Assim com o os outros, todos andando no m esm o ritm o, sorrindo. É quase com o se...

Não. Não, não pode ser. Não pode.

Eu com eço a trem er, o horror m e tom ando por dentro. E lá estão brilhando em seus pulsos: Níveis. Não pode ser, é com pletam ente ilegal. Ser um Reiniciado é um a punição para os crim inosos adolescentes m enores de dezesseis anos. Não para criancinhas. O que eles poderiam ter feito para m erecer isso?

A prova está lá, Lordeiros estão violando a lei, estão transform ando criancinhas em Reiniciados. Ninguém pode ignorar isso. É a única coisa que finalm ente vai fazer todo m undo parar, se unir, e dizer chega para os Lordeiros?

Tem os que revelar a todos. E acabar com isso.

TERI TERRY

DESPEDAÇADA

Tradução: Flávia Cortes

Copy right © 2014 do texto: Teri Terry Copy right © 2014 da edição brasileira: Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.

Título original: Shattered

Publicado originalm ente em inglês em 2014 pela Orchard Books.

DIRETOR EDITORIAL: EDITORA: Raul Maia Júnior

EDITORA: Eliana Gagliotti

ASSISTENTE: Cam ila Lins

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda

TRADUÇÃO: Flávia Cortes

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO: Sim one Zac Fátim a Valentina Cezare Pasculli

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Cláudio Tito Braghini Júnior Texto em conform idade com as novas regras ortográficas do acordo da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Terry, Teri

Despedaçada / Teri Terry ; tradução [de] Flávia Cortes. - São Paulo: Farol Literário, 2014. 400 p. i il.; 21 cm .

ISBN 978-85-8277-055-9

1. Ficção - Inglesa. 2. Mem ória - ficção j uvenil. 3. Identidade (Psicologia) - ficção j uvenil. 4. Escolas de ensino m édio - ficção j uvenil. 5.

Ficção científica. I. Cortes, Flávia, trad. II. Título.

T329d CDD 823

1° edição agosto 2014

Farol Literário

Um a em presa do Grupo DCL — Difusão Cultural do Livro Rua

Tel.: (Oxxl 1)3932-5222 www.farolliterario.com.br

À minha mãe.

CAPÍTULO 1

Não parece grande coisa visto aqui de fora. Mas é basicamente isso que se consegue ao olhar algo pelo lado de fora. As pessoas, principalmente, podem ser tão diferentes do que aparentam que você nunca imaginaria o que elas guardam dentro de si. Do que são capazes. No meu caso, o que espreitava em meu interior estava tão bem escondido que nem mesmo eu tinha conhecimento.

Aiden para o carro ao lado do edifício decadente e olha para mim.

— Não pareça tão adrontada, Ky-la.

— Não estou — discordo, mas olho de relance para a estrada e, de repente, estou adrontada. — Lordeiros — sussurro, me encolhendo no banco.

Uma van preta nos bloqueia por trás. O sangue gela em minhas veias, me sinto estática e entorpecida, ainda que algo dentro de mim esteja gritando corra. O medo me faz recuar. Para outro momento, outro Lordeiro. Coulson. A arma em sua mão aponta para mim e então...

Bang!

O sangue de Katran. Um oceano vermelho e quente nos cobriu e levou meu amigo para sempre. Essa morte foi tão parecida com a de meu pai, há tantos anos, que desenterrou antigas memórias. Ambos assassinados. Ambos por minha culpa.

Aiden coloca a mão sobre minha, um olho preocupado no espelho retrovisor e o outro em mim. As portas se abrem, alguém sai. Mas não está vestido com a roupa preta dos Lordeiros. Uma figura esbelta; uma mulher, de chapéu abaixado para encobrir o rosto. Ela caminha em direção à porta do edifício. Ele se abre de dentro para fora e ela desaparece em seu interior.

— Olhe para mim, Ky-la — a voz de Aiden está calma, segura, e eu desvio o olhar da van às nossas costas. — Não há nada com que se

preocupar; apenas não cham e a atenção deles — ele se contorce no banco do m otorista, passa o braço ao m eu redor e tenta m e puxar para m ais perto, m as estou rígida de m edo. — Colabore — ele insiste, e eu tento relaxar o corpo aconchegado ao dele. Ele m urm ura entre os m eus cabelos: — Estou só inventando um m otivo para estarm os aqui parados. Para o caso de ficarem curiosos.

Inspiro lentam ente. Eles não estão atrás de m im . Irão em bora agora.

Eles não estão atrás de m im . Estou colada a Aiden e ele m e abraça com m ais força. Ouço o barulho de um carro vindo de trás; pneus esmagando o cascalho e seguindo em frente.

— Eles se foram — diz Aiden, m as não m e solta. O alívio é tão grande que deixo o corpo cair sobre ele e enfio m eu rosto em seu peito. Seu coração bate forte, entoando um tum -tum que m e passa segurança, aconchego e algo m ais. Mas isso é errado. Ele não é o Ben.

Meu m edo foi substituído pelo em baraço, seguido pela raiva. Raiva de

m im m esm a. Eu m e afasto. Com o pude ser tão fraca e deixá-los se aproxim ar de m im desse jeito? Com o pude m e apegar a Aiden só porque estava assustada?

Eu m e recordo do que ele disse m ais cedo, quando estavam os a caminho: que os Lordeiros costum am vir aqui. Lordeiros, oficiais do governo e seus fam iliares.

Pessoas com dinheiro e o poder de fazer com que os outros olhem para o lado e fiquem de boca fechada. Aquela m ulher provavelm ente é esposa de um Lordeiro. E provavelm ente está aqui pelo m esm o m otivo que eu. Fico corada.

Os olhos azuis de Aiden estão acolhedores, preocupados.

— Tem certeza de que dá conta disso, Ky la?

— Sim . Claro que tenho. E eu achei que você não pudesse m ais m e chamar por esse nom e.

— Seria m ais fácil se você tivesse decidido qual nom e usar. Não falo nada, porque estou quase decidida, m as não quero dizer a ninguém ainda. Não tenho certeza se ele vai gostar.

— Cam inhe com o se fosse a dona do lugar e ninguém olhará para

você um a segunda vez. Tudo deve ficar no anonimato.

— Está bem .

— Melhor ir, antes que chegue mais gente. Mais Lordeiros?

Abro a porta do carro e saio. É um dia frio e cinzento de janeiro, o que é razão suficiente para a echarpe enrolada em minha cabeça, protegendo a identidade que irá mudar em breve. Endireito os ombros e sigo para a porta. Ela se abre e eu entro.

Estou preparada; meus pés falseiam e então repito para mim mesma: caminhe com o se fosse dona do lugar. Deste lugar brilhante, com enormes poltronas felpudas, música suave e uma enfermeira sorridente? Um guarda discreto em um canto. A mulher que vim os sair da van do Lordeiro minutos antes está recostada em uma poltrona com uma taça de vinho na mão.

A enfermeira se aproxima e sorri.

— Bem-vinda. Você sabe o seu número?

— 7162 — falo o número que Aiden tinha me passado. Em bora seja melhor que meu nome não seja revelado, não tenho certeza se gostei de ser conhecida por um número, não depois de ter sido reiniciada. Não depois de ter

um Nível em volta do meu pulso com um número gravado, me classificando com o criminoso para quem quisesse ver. Isso terminou, não há mais marcas visíveis, mas as cicatrizes permanecem .

Ela verifica a tela em suas mãos e sorri novamente.

— Sente-se um pouco. Seu consultor TAI estará com você em alguns instantes.

Sento e me espanto quando a poltrona se move, se ajustando ao meu corpo. TAI: Tecnologia de Aperfeiçoamento de Imagem . Raramente mencionada, absurda e totalmente ilegal. Estou aqui por conta de favores devidos à organização de Aiden, o DEA. DEA significa Desaparecidos em Ação, mas acontece que eles não fazem só isso (buscar por pessoas desaparecidas e lutar para revelar a verdade sobre os Lordeiros). Eles também ajudam pessoas a entrar no Reino

Unido e a sair. Os consultores TAI reconhecem uma boa oportunidade no mercado negro quando vêem uma.

A mulher na outra cadeira se vira para mim. Ela é bonita e deve ter uns cinquenta anos. Se o que dizem é verdade, ela vai aparentar vinte anos a menos antes de deixar este lugar. Há um brilho de curiosidade em seu olhar, com uma cara de O que você está fazendo aqui? Eu a ignoro.

Uma porta se abre e outros passos se aproximando. Ela começa a se levantar, mas os passos passam por ela, e um homem para diante de mim. Um médico? Não de um tipo que eu já tenha visto antes. Ele está de jeans, mas de um tecido roxo brilhante, que combina com as luzes de seu cabelo e com os olhos também roxos, perfeitos, que brilham como se fossem naturais.

Ele estende as duas mãos, me ajuda a levantar e beija minhas bochechas, sem tocá-las.

— Olá, querida. Sou o doutor Jour, mas você pode me chamar de DJ.

Por aqui, por favor — sua voz tem um tom melodioso, um sotaque desconhecido.

Parece irlandês.

Eu o sigo, reprimindo um sorriso diante do olhar indignado da mulher.

Ela deve estar se perguntando quem sou eu e por que tive a preferência. Se ela soubesse...

Se ela soubesse, correria para contar ao seu marido Lordeiro.

— Tem certeza de que é só isso que quer fazer? — doutor Jour soa desapontado. — Cabelo castanho 7. — ele fala com o cabelo castanho fosse o cúmulo da mediocridade. Mas o que preciso é poder passar despercebida na multidão.

— Sim, castanho. Ele suspira.

— Você tem um cabelo tão lindo, e tão difícil de se conseguir. Com o um raio de sol matinal sobre narcisos 12. Com nuances de 9 — ele passa os dedos pelo meu cabelo, analisando-o, como se o estudasse para o próximo paciente.

Em seguida, estuda meu rosto. — Que tal me ajudar a cor dos olhos?

— Não. Gosto deles verdes.

— Eles são bem mais interessantes. É um risco — ele parece preocupado. O quanto sabe sobre mim ?

Ele pisca o olho.

— Eles têm um tom interessante. Quase um verde cítrico 26, mais intenso — ele gira a cadeira em que estou sentada e me olha de cima para baixo. Eu me encolho. — Você gostaria de ser mais alta?

Ergo um a sobrancelha.

— Você consegue fazer isso?

— Claro. Mas demora um pouco. Eu encrespo.

— Qual o problema com a minha altura?

— Nada. Se você não se importa em ter que pular para enxergar o que está no alto...

— Só o cabelo.

— Castanho. Você está ciente de que a TAI é uma tecnologia genética avançada? Ela é permanente. Você terá cabelos castanhos para sempre. Ele irá crescer assim ; você nunca mais será loira, a menos que volte aqui.

Ele me entrega um espelho e eu me olho nele. É tão estranho pensar que na próxima vez que me olhar não terei mais o cabelo que sempre tive. A cor está boa, eu acho, mas é tão ralinho. Eu sempre quis um cabelo mais espesso. Com o lindo cabelo negro da Amy. Foi a primeira coisa que notei na minha nova irmã quando fui para orar com eles, assim que fui reiniciada, há poucos meses.

— Espere. Estava pensando se...

Ele gira a cadeira de volta e me encara com seus olhos roxos. É difícil ignorá-los.

— Sim ?

— Você pode deixá-lo mais com orgulho? E mais espesso. Talvez...

algumas mechas. Nada exagerado, uma coisa mais natural.

Ele bate palm as.

— Considere feito.

Um pouco depois, m e m andam deitar sobre um a m esa parecida com as cadeiras da sala de espera; ela se m olda ao redor do m eu corpo. Ondas de pânico m e m antêm acordada. Será que foi assim quando fui reiniciada? Não tive escolha naquela época (vi a foto na m inha ficha). Fui am arrada a um a m esa com o um a crim inosa. Os Lordeiros e aquela cirurgia roubaram m inhas m em órias, colocaram um chip em m eu cérebro que poderia ter m e m atado antes de o m eu Nivo ser retirado. Mas isso não é a m esm a coisa. Será apenas o cabelo. E foi escolha m inha, eu não tenho de fazer isso.

A m úsica am biente fica distante. Tudo parece m ístico e vago, e m eus olhos com eçam a fechar.

Será apenas o cabelo... m as foi neste cabelo que Ben passou os dedos quando m e beij ou.

Desde que os Lordeiros o levaram em bora e apagaram sua m em ória, Ben não se lem bra m ais de m im . Mas e se ele lutar; lutar contra o que os Lordeiros fizeram com ele, e com eçar a se lem brar? Com eçar a entender por que sou a garota dos seus sonhos. E aí? Ele nunca m e encontrará se eu estiver com um a aparência diferente.

Engulo em seco, luto para concatenar as ideais, para m andá-los parar, porque m udei de idéia.

Ben...

Os rostos se distorcem e desaparecem .

Correm os. À noite, lado a lado, m as as pernas com pridas de Ben levam um a pequena vantagem sobre m im . Está chovendo, m as não ligam os. Estam os sobre um a colina escura agora, ele vai na frente; a água corre pelo cam inho

estreito entre as rochas. Em pouco tem po, estam os encharcados e cobertos de lam a. Ele está rindo quando chega ao topo, e levanta as m ãos para o céu conform e a chuva ganha força.

— Ben! — eu o alcanço, passo os braços em sua volta e o puxo para baixo de um a árvore, m e aconchegando em seu peito.

Mas há algo errado.

— Ben? — m e afasto um pouco e olho naqueles olhos fam iliares: castanhos, com o chocolate derretido, de reflexos quentes. Olhos intrigantes. — O

que é isso?

Ele balança a cabeça e m e afasta.

— Não entendo.

— O quê?

— Pensei que conhecesse você, m as não. Eu conheço você?

— Sou eu! Sou a... — m inha voz falha. Entro em pânico, buscando por um nom e, não um nom e qualquer, m as o MEU nom e. Quem sou eu, de verdade?

Ele balança a cabeça e com eça a se afastar. Corre pela trilha e desaparece.

Eu m e apoio contra a árvore. E agora? Devo correr atrás dele, para que possa m e ignorar m ais um a vez? Ou voltar pela outra trilha, sozinha?

O céu se ilum ina: um clarão de luz m e ofusca a visão e deixa as árvores à m ostra. Com eça a chover forte. Antes que a escuridão retorne, um forte estrondo faz m eus ossos estrem ecerem .

Enquanto parte de m im se contorce de dor pela partida de Ben, outra parte do m eu cérebro está processando: é perigoso ficar em baixo de um a árvore durante um a tem pestade.

Mas quem sou eu realm ente? Preciso responder a essa pergunta antes de saber por qual cam inho seguir.

CAPÍTULO 2

Som ente dias depois recebo um espelho de DJ. Eu o encaro e estico os dedos, ansiosa. O cabelo (m eu cabelo) está diferente até no toque, com o se pertencesse a outra pessoa. Não pareço m ais com igo m esm a. É claro que era esse o obj etivo. Ele está castanho, m as cintila com as m echas douradas. Elas

realçam tanto o verde dos m eus olhos que fico pensando se DJ não resistiu e adicionou algum a m elhora neles tam bém , m as chego à conclusão de que eles são os olhos com os quais nasci. Meu cabelo não

é o m esmo, em nenhum aspecto: ele está sedoso, espesso e cai no meio das minhas costas. Estremeço ao virar a cabeça. O cabelo está tão pesado que dói. Levarei um tempo para me acostumar.

— Seu couro cabeludo ficará sensível por um tempo — DJ segura um pequeno frasco. — Analgésicos; tome no máximo dois por dia, por uma semana.

E então?

Desvio do espelho e olho para ele.

— Então o quê?

— Você gosta do que está vendo?

Dou um sorriso largo.

— Gosto.

— Ainda falta um pequeno toque, eu acho — DJ coloca um dedo de cada lado do meu queixo, levanta meu rosto e me olha nos olhos. Ele me encara um longo tempo, o suficiente para que eu me sentisse desconfortável se fosse com outra pessoa qualquer, mas de algum modo não é assim com ele. É com o se ele estivesse me examinando e analisando... mas o quê? O queixo, a estrutura óssea que o sustenta, a pele, quase com o se ele pudesse ver cada célula e seu conteúdo genético. Ele balança a cabeça e se vira para um armário com várias gavetas; abre uma, depois outra, e retira algo, que passa para mim. Algo de alta tecnologia.

— Óculos? Eu não preciso de óculos.

— Confie em mim. Ponha — eu obedeço e me olho no espelho.

Engasgo de espanto, olho novamente para ele e então para o espelho.

A armação é de um metal prata-acinzentado delicado e com bina com o meu rosto com o se tivesse sido feita para ele, mas não foi isso que me espantou: são os meus olhos. As lentes são completamente transparentes, mas ainda assim estou surtida. Meus olhos não são mais verdes. Estão mais para um azul-acinzentado. Viro a cabeça de um lado para o outro, tiro os óculos e os coloco novamente. Me analiso com o se olhasse para um estranho. Essa garota de

cabelos escuros é outra. Ela também parece mais velha. Ninguém a

reconheceria. Nem m esm o Ben. Eu poderia passar por m inha m ãe e por Am y na rua e elas tam bém não m e reconheceriam .

— Isso é incrível. Você é incrível.

— Eu sou — ele sorri. — E esta tecnologia — ele toca em m eus óculos

— ainda é desconhecida no Reino Unido, ao m enos por enquanto. Sendo assim , usá-los não levantará nenhum a suspeita.

Ele gira m inha cadeira e estam os frente a frente de novo.

— Então... a garota loira de olhos verdes se foi, substituída por um a versão m ais sofisticada, um a que pode passar por dezoito anos de idade se for necessário tirar um a identidade ou viaj ar. Qual será seu próxim o passo? — eu hesito e ele ri. — Guarde o seu segredo. Espero... não, eu tenho certeza que nossos cam inhos se cruzarão novam ente.

— Obrigada por tudo.

Ele inclina a cabeça, algo em seus olhos ainda m edindo, analisando.

— O que foi?

Ele balança a cabeça.

— Nada, e tudo ao m esm o tem po. É hora de você ir — ele abre a porta e a segura. Quando a atravesso, ele acrescenta: — Diga ao Aiden que preciso vê-

lo.

Mais tarde, naquele dia, m e escondo em um pequeno cô m odo nos fundos de um a fábrica. Um a sala escura onde novas identidades são fabricadas.

Vidas novas se iniciam .

— Nom e? — um hom em desconhecido pergunta.

Está na hora de decidir. Não sou Lucy, nom e que m e deram quando nasci. Não sou Chuva, nom e que escolhi após ser levada por Nico e seus Terroristas AntiGovernistas (o Reino Unido Livre, com o eles costum avam dizer), que m e transform aram em um a arm a contra os Lordeiros. Não sou Ky la, nom e que m e foi dado no hospital após ter sido capturada e reiniciada por ser um a terrorista do TAG. Serei quem

eu escolher ser.

— Nom e? — m e perguntam novam ente.

Não sou nenhum a delas. E sou todas elas ao m esm o tem po.

— Riley. Riley Kain — respondo. Um nom e que engloba todos os outros.

Em pouco tem po estou com um a identidade falsa em m ãos: um a garota de olhos cinzentos, de dezoito anos, apta a viaj ar e viver sua própria vida: Riley Kain.

Que vida devo escolher viver?

CAPÍTULO 3

O ônibus sacolej a por ruas urbanas, e depois por estradas e rodovias: com a nova identidade e aparência, não preciso m ais m e esconder e fiz questão de viaj ar de volta a Londres sozinha. Mas quem iria im aginar que um a bom ba do TAG seria encontrada hoj e em um trem londrino e que toda a rede ferroviária seria parada enquanto os vagões eram revistados? Assim , o ônibus foi m inha única alternativa. Sinto cada balanço da estrada em m inha cabeça dolorida, e tenho de segurar as m ãos para não levá-las ao cabelo novo e erguê-lo para suportar o peso.

Cam pos, fazendas e vilarej os passam rápido, tornando o lugar fam iliar.

Estam os próxim os ao vilarej o em que eu m orava com m am ãe e Am y : saí de lá no dia em que Nico e sua bom ba do TAG quase m e m ataram . Eu fugi, fugi para m e esconder na casa de Mac. Mac é m eu am igo, sim , alguém em quem confio, m as ele não m e conhecia havia tem po suficiente para se arriscar tanto. Ele é prim o do nam orado de Am y e de algum a form a se envolveu com Aiden e o DEA. Mesm o sem saber, ou se preocupar em saber o que aconteceu (o que eu fiz, ou o porquê), ele e Aiden estavam lá, oferecendo aj uda. Um lugar seguro para m e esconder. A chance de um a vida nova. A vida antiga, com m am ãe e Am y, term inou há pouco tem po, m as j á parece distante. Outra vida que se distancia de m im .

Um veículo com prido e preto se aproxim a pelo lado oposto da rua, com um caixão na parte traseira, e o trânsito fica lento dos dois lados. Um carro preto segue o carro fúnebre. Há duas pessoas lá dentro, de braços dados: um a é j ovem , de pele m orena e cabelo negro e

espesso; a outra é mais velha, e pálida. Elas desaparecem rapidamente. Estou de olhos espantados.

Eram mais amáveis e mais jovens.

O ônibus para próximo ao final da longa rua de Mac, e eu caminhei rápido. Boa parte de mim está chocada com o que acaba de ver. Elas estavam indo ao funeral de quem? Sinto o pânico se apoderar de mim, enquanto outra parte de mim acha que estou distraída, conjecturando que o ar e o céu estão com aquela friagem que precede a neve, mais, com o eu nunca vi neve, mais pergunto como posso ter essa sensação. Mas devo ter visto neve quando era Lucy, uma criança crescendo no Lake District, antes de suas memórias serem apagadas e ela ter sido Reiniciada.

Mais uma curva e a casa de Mac aparece: uma construção solitária em uma rua solitária. Nesse momento, vejo o por cima do portão dos fundos da ponta de uma van branca. Será a de Aiden?

Estou sendo esperada. Uma cortina se move e a porta se abre assim que alcanço. É o Mac.

— Uau! É você mais, Kyli?

— É Riley agora — digo ao entrar; estremeço quando tiro o chapéu e o cachecol e os largo em uma cadeira.

Aiden aparece e vê meu rosto.

— Eu disse que poderia buscar você. Você está bem? Dou de ombros e passo por eles em direção ao computador

no final do corredor. Sky e, a cadela de Ben, tenta saltar e lambem meu rosto, mais a afago de leve e a afasto. O computador de Mac é ilegal, mais não é monitorado pelo governo. Eu planejava fazer uma pesquisa geral por notícias locais na esperança de que o funeral tenha sido noticiado, mais algo mais faz ir ao site do DEA primeiro.

Lucy Connor, desaparecida dentro de casa, em Keswick, desde os dez anos de idade. Recentemente fui dada com o encontrado. Eu mais achava que havia clicado nessa opção, na esperança de encontrar um caminho de volta para quem eu era tantos anos atrás, por meio de quem relatou meu desaparecimento.

Agora, estou mais arcada com o “falecida”. Olho para a tela, incapaz de

processar aquela palavra.

Um a m ão toca m eu om bro.

— Você m e parece bem para um a pessoa m orta. Eu gosto do cabelo novo — diz Mac.

Eu m e viro; Aiden está ao lado dele. Há algo em seu rosto.

— Você sabia — digo, entre os dentes. Ele não diz nada, e isso diz tudo.

— Por que falecida?

— Você está. Oficialm ente — ele diz. — De acordo com os registros do governo, você m orreu quando um a bom ba explodiu em sua casa adotiva. Os Lordeiros deram você com o m orta.

— Mas não havia nenhum corpo. Os Lordeiros não se deixariam enganar. O ônibus passou por um cortej o fúnebre no cam inho para cá; m am ãe e Am y seguiam o carro da funerária. Aquele era o m eu funeral?

— Sinto m uito. Eu não sabia que seria hoj e.

— Mas você sabia. Que elas pensaram que eu m orri — estou com raiva, m as tam bém estou confusa. — Por que os Lordeiros diriam que estou m orta?

— Talvez eles não queiram adm itir que não sabem o que aconteceu com você? — sugere Mac.

— Não entendo por que eles fariam isso.

Aiden inclina a cabeça. Ele tam bém não acredita nisso. A desconfiança está em seus olhos.

— Talvez eles não queiram adm itir que falharam — ele diz. Aiden achava que a bom ba tinha sido lançada por um Lordeiro, com o revanche por eu ter aj udado Ben a se livrar do Nivo, e eu nunca lhe expliquei. Ele não sabe do j ogo duplo e secreto que fiz com os Lordeiros e com o grupo do Nico, do TAG.

Tantos segredos guardados m e fizeram conviver com a culpa; por pagar com o silêncio a aj uda que recebi. Mas ele tam bém guarda os seus segredos.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não posso deixar que minha mãe e Amy pensem que me orri naquela explosão. Não posso.

Aiden senta-se ao meu lado e segura minhas mãos.

— Você precisa. É melhor assim. Elas não podem ser forçadas a dizer o que não sabem.

Afasto minhas mãos.

— Não. NÃO. Não posso permitir isso. Eu já não estava gostando quando pensava que elas achavam que eu estava desaparecida, e isso é muito

pior! Não posso ir em bora e deixá-las pensando que estou morta.

— Você não pode vê-las. Elas podem estar sendo vigiadas, para o caso de você fazer algum contato. É perigoso demais — explica Aiden.

— Ninguém me reconheceria. Aiden sacode a cabeça.

— Pense bem. Você tem uma nova vida lhe aguardando em Keswick.

Não jogue isso fora agora.

— Mas minha mãe...

— Ela não ia querer que você se arriscasse — ele diz.

E eu fico em silêncio. Sei que ele está certo. Se eu pudesse me encontrar com ela, se lhe contasse toda a história e perguntasse o que deveria fazer, ela diria para eu não me arriscar. Minha cabeça lateja, torço o cabelo e me encolho ao puxar os fios; seguro o cabelo no alto. Quem diria que cabelo espesso dói tanto? Estou louca para deitar, mas preciso lidar com isso primeiro. Por que o DEA me classificou com o falecida assim que os Lordeiros disseram que eu estava morta?

— Você está bem? — pergunta Mac.

Dou de ombros e me encolho por causa do movimento.

— Tenho analgésicos na bolsa — digo, e Mac pega para mim, com um copo de água. Tomo um com primeiro.

— Você devia descansar — diz Aiden.

— Ainda não. Você precisa me explicar uma coisa primeiro. Por que me classificou com o falecido no DEA? Os Lordeiros, por acaso, o monitoram ?

Você fez isso por causa deles?

Aiden e Mac trocam olhares. É Mac quem responde.

— Não sabem os se eles fazem isso; os links são secretos e mudam com frequência. Mas não podem ser difíceis de serem encontrados, senão seria inútil para aqueles que precisam dele. Acreditam os que os Lordeiros monitoram o site, e provavelmente façam isso com frequência.

— Mas e quando me classifiquei com o encontrado? Eles não saberiam ?

Aiden sacode a cabeça.

— Isso não aparece na tela, em lugar nenhum ; é reportado ao DEA. E, com o eu já lhe disse antes, quando chega a hora, apenas os indivíduos envolvidos

diretamente em um caso de uma pessoa desaparecida ficam sabendo disso, e só quando precisam saber. Anotações são feitas somente quando julgamos que é seguro para todos os envolvidos.

Já questionei Aiden sobre essa inflexibilidade, sobre quem sabe onde estou agora e para onde estou indo. E acredito nele quando diz que é uma questão de querer saber: ele ainda não me contou quem me declarou com o desaparecida. Em bora eu acredite que tenha sido minha mãe de verdade, ele não vai me contar até achar que eu preciso saber. Ele deve ter me achado muito paranoico; ele não sabia que havia um motivo para todas as minhas perguntas.

Ele não sabia que Nico tinha infiltrados no DEA, que eu tinha visto um dos motoristas do DEA no acampamento terrorista. Eu precisava ter certeza de que ele não havia me declarado com o encontrado e contado ao Nico. Eu precisava avisar Aiden sobre ele, mas com o fazer isso, sem contar todo o resto?

— O que normalmente acontece quando alguém é encontrado? —

pergunto. — Se são garotos e garotas Reiniciados com o eu, nunca será seguro para eles retornarem para suas vidas anteriores. É ilegal.

— Não é assim que costumava acontecer — admite Aiden.

— Em bora, às vezes, as pessoas se encontrem em segredo, mas as continuam suas vidas, afastadas.

— Às vezes. Mas o que acontece na maioria dos casos em que alguém é encontrado?

Aiden e Mac trocam olhares. É Aiden quem responde.

— Normalmente, quando descobrimos o que houve com alguém ... é tarde demais.

— Eles morrem de verdade, você quer dizer? — ele confirma com um movimento da cabeça. — Mas eu sou diferente

— sem prever o rosto nessa história de Ky-la é diferente.

— Mas você está oficialmente morta — enfatiza Aiden.

— Você não pode voltar para essa sua vida aqui. Há poucas opções.

Uma delas é a que você escolheu. Retornar com outra identidade, buscar seu passado.

— Eu preciso fazer isso — suspiro. Já conversamos sobre isso antes, mas

eu nunca contei ao Aiden o verdadeiro motivo. Eu nunca disse a ele sobre a morte do meu pai, sobre as últimas palavras que ele me disse. Nunca se esqueça de quem você é! E eu me esqueci. Preciso descobrir quem eu era. Por ele.

— Qual é o seu nome novo? — pergunta Mac. Pego minha identidade no bolso e passo para ele. — Riley Kain. Um pouco diferente, mas gostei.

Aiden faz uma careta.

— Soa parecido demais com Ky-la, não acha?

— Nem tanto — eu sabia que ele ia achar parecido. Se ele soubesse que meu nome no TAG era Chuva, Rain, ficaria ainda mais chateado, mas não há mais muitas pessoas vivas que me conheçam por esse nome. Apenas Nico, sussurra uma voz dentro de mim. Eu a afasto; isso só teria importância se ele descobrisse meu novo nome, mas com isso poderia acontecer? Eu não vou chegar nem perto do

TAG. Esse nome permite que eu una todas as partes de mim mesmo. Se eu as deixar ir, o que me restará?

Minha cabeça está confusa. Deixo Mac me ajudar a levantar, me levar até o sofá da sala e me cobrir. Ele e Aiden estão sussurrando ao lado da porta.

Por mais que eu tenha insistido que era preciso, que eu precisava saber quem eu era, estou com medo. O que acabarei descobrindo?

— Poucas opções? — pergunto, me remetendo ao contexto anterior de Aiden. — Que outras opções existem ?

Aiden retorna à sala, se ajeita ao meu lado e tira o cabelo do meu rosto.

— Você sabe, Kyler. Você poderia contar sua história para o DEA, ser um a das nossas testemunhas.

— E depois fugir novamente.

— Eu não colocaria desse jeito. Nós esconderíamos você em um local seguro, ou você poderia desaparecer completamente, enquanto estivessem levantando provas. Até estarmos prontos.

— Para expor os Lordeiros para o mundo. Para que o povo derrube o governo.

— Sim .

Ele é um sonhador. Os Lordeiros nunca sairão calados. Se é que sairão.

Mas é um sonho bom . Eu sorrio para Aiden, e os lábios dele se contorcem .

— Você fica simpática quando toma analgésicos.

— Ah, cale a boca.

— E seu cabelo novo é lindíssimo.

— Ele me achuca.

— Quer outro analgésico? Balance a cabeça.

— Melhor não. Aiden tem coisas que não lhe contei.

— Eu sei. Me conte quando estiver pronta.

Os olhos de Aiden são amáveis, gentis. Se ele soubesse tudo sobre mim, tudo o que fiz, será que ainda me olharia desse jeito? Ele é muito ingênuo para este mundo; ele precisa saber. Eu tenho de contar a ele.

Dou um suspiro.

— Tem uma coisa que preciso lhe contar agora, pronta ou não.

— O quê?

— Seu mentorista. O que veio aqui quando vim os Ben correndo na trilha.

Não confie nele.

O rosto de Aiden fica sério, retraído, pensativo.

— Isso explica algumas coisas — ele diz, finalmente. — Vam os verificar isso. Mas o curioso é: com o você sabe disso?

Com o seria bom contar tudo a ele. E não carregar esse fardo sozinha.

Mas, antes que eu consiga formar uma frase, ele balança a cabeça.

— Não, não responda. Não enquanto está sob efeito de analgésicos. Me conte seus segredos quando tiver certeza de que quer fazer isso — ele começa a se levantar, mas minha mente está processando o que ele disse antes.

— Espere. O que você quis dizer com você poderia desaparecer completamente?

— Você poderia deixar o país.

— Poderia?

— Você sabe que o DEA ajuda pessoas a saírem quando é perigoso demais ficar aqui. A fugir do país pelo mar. Para a Irlanda Unida, ou um lugar mais distante.

Irlanda Unida: um lugar de sonhos, não de realidade. Desde que se separaram do Reino Unido, décadas atrás, sua existência não foi reconhecida.

Com o é que lá seria m elhor que aqui?

Será que eu poderia fazer isso, deixar tudo para trás? Meus olhos se fecham . Há tanta coisa que o Aiden não sabe. Coisas que não contei a ele. Eu disse a m im m esm a que era por ser perigoso, que é m elhor, para ele, não saber.

Mas é realm ente por isso? Um frio desconfortável na barriga m e diz que há algo m ais: não quero que ele saiba as coisas que fiz. Que olhe para m im de outro j eito.

Tenho tão poucos am igos; não posso arriscar perder m ais um .

Por vontade própria ou não, eu tinha pertencido ao TAG. Eu tinha sido um a terrorista. Mesm o tendo dado as costas para eles e seus m étodos no final das contas, com o eu poderia ser testem unha do DEA contra os Lordeiros? Sou a prova viva de que o processo de reiniciação é um a coisa boa. Atravessar o m ar...

Para quê e para onde? Para o desconhecido. Para fugir.

Forço o passo ao longo da trilha. Subindo cada vez m ais, o m ais rápido que m inhas pernas curtas perm item . Em pouco tem po, ruas e edifícios estão fora de vista. Tudo está parado, silencioso. Sozinha, finalm ente.

Estou nervosa, m as m e recordo do cam inho, em bora não tenha vindo sozinha da outra vez. A cam inhada parece m ais longa sozinha efico aliviada quando chego ao portão.

Há um a névoa m isteriosa sobre as pedras. Elas estão adorm ecidas, encobertas pelo branco. O sol brilha acim a e as m ontanhas são sentinelas brilhantes, que protegem seus bebês adorm ecidos. Cam inho pelo cam po, em m eio à névoa, e pressiono m inhas m ãos contra um a pedra. O sol não transpassa a névoa; ela é fria e com pacta. Mas, quando você para e olha para as m ontanhas, as pedras estão m enores.

Meu pai as cham a de Crianças das Montanhas, e eu tam bém , em bora tenha aprendido na escola que o círculo de pedra de Castlerigg foi colocado aqui por hom ens e druidas, e não por m ontanhas. Há m ilhares de anos. Com eço de um lado, tocando cada um a delas e contando.

Já passo da m etade do cam inho quando ouço um a voz m e cham ar:

— Sabia que encontraria você aqui. — É papai.

Não falo nada; continuo contando as pedras. As montanhas tiveram muitos filhos. Eu sou uma só. Meu pai vem até mim.

— Numa era? — ele pergunta.

— Vinte e quatro — respondo, e ele caminha comigo, enquanto conto em voz alta.

— Vinte e cinco.

— Ela está muito preocupada.

— Vinte e seis.

— Ela está com medo de que algo aconteça com você e você fique fora de alcance.

Suspiro.

— Vinte e sete.

— Eu sei que ela pode ser difícil.

— Vinte e oito.

— Mas ela ama a você.

— Vinte e nove.

— Você não devia fugir.

— Mas VOCÊ faz isso, às vezes. Trinta — nós paramos. — E ela me deixa louca.

Meu pai ri.

— Vou lhe contar um segredo — ele olha para os dois lados. — Às vezes, ela também me deixa louco. Vamos para casa e ser loucos juntos.

— Posso terminar primeiro?

— Claro.

Continuam os contando, agora os dois em voz alta, até chegarem aos quarenta.

— Pronto — digo, e seguim os em direção ao portão. Olho para trás. As névoas com eçam a se dissipar. As crianças de pedra ficarão felizes quando acordarem com a luz do Sol; elas terão um as às outras para brincar quando tiverm os ido em bora.

Mais tarde, prom eto não fugir m ais. Mas m eus dedos estão cruzados ao dizer isso.

CAPÍTULO 4

Acordo cedo, paralisada, e m e desespero por não conseguir m e m over.

Então percebo que Sky e está em cim a do sofá, esparram ada sobre m inhas pernas; um cobertor pesado de golden retriever, que não acorda e não há com o rem over.

Vou até a cozinha preparar um chá e dou um a espiada pela j anela. O

m undo está coberto de gelo e m inhas m ãos estão com ichando por papel e lápis. A cerca e as árvores estão cobertas por intrincados padrões esbranquiçados, que tam bém decoram os carros e peças de carros do quintal de Mac, que lem bra m ais um a oficina que um j ardim . Não está nevando, ao m enos por enquanto. E o m elhor de tudo: nenhum a van branca, o que significa que Aiden se foi. Isso facilita o plano de hoj e. Que elaborei nos m ínim os detalhes.

Pego m eu bloco de desenho e sento no sofá com um a xícara de chá e Sky e ao m eu lado, planej ando desenhar delicados padrões de gelo, m as em vez disso um círculo de pedras insiste em aparecer. E um a m enininha loira (eu, talvez com oito anos de idade) com as m ãos em um a pedra. Aquele lugar do sonho era real? Algo m e diz que sim . Talvez o encontre quando for a Keswick; talvez eu conte as pedras e as Crianças das Montanhas m ais um a vez. Mas ele não irá até lá para m e encontrar, não dessa vez. Ele se foi para sem pre.

Meu pai m orreu tentando m e salvar do Nico e do TAG há cinco anos, m as essa lem brança é recente para m im , foi soterrada tão profundam ente, e por tanto tem po, que, quando afinal retornou, foi com o se tivesse acabado de acontecer.

Por que voltar? Meu pai não estará lá. E não m e lem bro de m ais ninguém daquela vida. Será que era da m inha m ãe verdadeira que eu estava fugindo no sonho?

Ela am a você, ele disse. De dedos cruzados ou não, eu prom eti que

não fugiria novam ente. Não foi por m inha escolha que saí dali aquela vez, m as agora sim . Eu preciso voltar.

Mas não posso ir ainda, não sem dizer adeus. Não desta vez. Tenho de contar à m am ãe e à Am y o que realm ente aconteceu.

Estou calçando m inhas botas quando Mac finalm ente aparece, de olhos

inchados e bocej ando.

Ele levanta um a sobancelha.

— Deixa eu adivinhar... você vai levar Sky e para passear. Só um a cam inhada e logo estará de volta.

— É claro. Isso m esm o — Sky e com eça a bater o rabo no chão ao ouvir a palavra “passear”.

— Aonde você vai?

— Acho que você sabe.

— Aiden vai ficar furioso.

— Mas você, não. Porque você sabe que eu preciso fazer isso.

Ele m e encarou.

— A cada dia que passa, percebo m ais e m ais que há m om entos em que, não im porta o risco, algum a coisa precisa ser feita. Algum as coisas devem ser ditas. Este é um desses m om entos?

— Sim . Tenho de contar à m inha m ãe. Ela j á perdeu gente dem ais na vida.

Se alguém pode m e entender, esse alguém é o Mac; por causa da culp <a com que convive desde que um a bom ba explodiu no ônibus escolar em que ele estava, há m ais de seis anos; por ter sobrevivido e, acim a de tudo, por não ter contado sobre outros sobreviventes, com o Robert, o filho da m inha m ãe, que desapareceu e foi Reiniciado. Sem deixar vestígios. Assim com o os pais dela, o Prim eiro Ministro dos Lordeiros e sua esposa, os dois assassinados por um a bom ba do TAG quando ela era ainda m ais nova do que sou agora. Não posso deixá-la pensar que o m esm o aconteceu com igo.

Sky e torna a deitar entre nós, obviam ente se dando conta de que o

passaio não vai acontecer; ao mesmo tempo, não comigo.

— Levo você depois — promete Mac, e se volta para mim. — Eu passei pelo seu vilarejo o outro dia.

— Mesmo?

— Sua casa ainda está vazia desde a explosão. Ninguém está morando lá. Onde eles estariam?

— Puxa, não pensei nisso. Eles provavelmente devem estar na casa da tia Stacey — faço um aceno. Minha mãe e tia Stacey são muito amigas, e ela parece ser uma boa pessoa. Mas o irmão dela é o ex da minha mãe, um Lordeiro. Se Stacey me vir, guardará segredo? — Já sei, vou tentar no trabalho.

Ela me disse que sai para caminhar durante a hora do almoço quase todos os dias. Ficarei à espreita para encontrá-la na ida ou na volta.

— Parece um tiro no escuro.

— É o melhor que posso fazer.

— Quer uma carona?

— Não. Sou mais discreta sozinha — é o que digo em voz alta, mas é algo que de fato devo fazer sozinha. E, apesar do meu cabelo novo, e da minha nova identidade, ir até lá ainda é arriscado. Se houver realmente alguém atrás de mim, seria fácil enganá-lo?

— Leve minha bicicleta.

— Com cuidado. Obrigada — digo, com um sorriso.

— Tudo bem. Mas tenha cuidado. E com a coisa antes de ir.

Chego bem antes do horário do almoço dela, e algo me faz parar no cemitério. Desço da bicicleta e apoio contra o muro, que já se despedaça. O

gelo contorna as árvores sem folhas; as lápides estão cobertas por um branco fantasmagórico. Atravesso o portão e sigo a trilha; minha respiração é com o umbral da morte que me cobre do ar gelado.

É um cemitério pequeno, não será difícil encontrá-la. Não há lápide ainda, se é que haverá um dia, mas o solo está remexido; um pedaço

de m arrom sobre a gram a cinza, de pontas congeladas, salpicado de flores.

Será que enterraram aqui um a outra garota qualquer ou será que o caixão estaria vazio, cheio de pedras para que ninguém notasse?

Aj oelho, tiro as luvas e aproxim o os dedos trêm ulos de um lírio congelado. Sua beleza delicada foi preservada do frio? Não. Um a pétala se solta ao toque.

— Olá — diz um a voz, cortando o silêncio e m e assustando. Um a voz conhecida.

Levanto e m e viro. Olho para ela, incapaz de falar.

— Você era am iga de Ky la? — pergunta m am ãe.

— Você não m e conhece?

As sobrançelas dela se j untam . Ela parece m ais velha, em bora não tenha passado m uito tem po desde a últim a vez que a vi. Os olhos dela estão cansados, verm elhos.

— Desculpe, nós nos conhecem os?

As lágrim as brotam em m eus olhos. Tiro os óculos, coloco os cabelos escuros para o lado, sentindo um pouco de incôm odo pelo peso extra.

— Sou eu. Ky la — sussurro.

Ela fica pálida e sacode a cabeça.

— Mam ãe? — estico a m ão, m as ela dá um passo atrás, se vira, olha os arredores do cem itério e a estrada m ais adiante.

— Coloque os óculos de novo. — Assim que o faço, ela m e abraça. Ela m e puxa pela trilha para os fundos do cem itério e depois para fora do portão, por entre a floresta ao fundo, andando depressa. A trilha faz um a curva e depois se divide, então pegam os a rota m enos usada.

Finalm ente, ela para. Um pouco ofegante, se vira e olha para m im .

— É você m esm a. Você está bem .

Minhas lágrim as retornam e as dela vêm a seguir. Ela m e puxa para um abraço. Ficam os ali por um longo tem po, sem nos m exer, sem

falar.

Ela então se afasta.

— O que houve com seu cabelo? — ela se aproxima para tocá-lo. —

TAI?

Confirm o, com a cabeça.

— Com o? Não, não responda! Foram os... — ela hesita — os Lordeiros?

Balanço a cabeça negativamente.

— Eles não sabem onde estou. E não foram eles que tentaram me matar, mas, por alguma razão, eles disseram que me orri. Não entendo o motivo.

— Então a bomba não era deles. David disse que não era, mas... — ela dá de ombros, não é preciso terminar a frase. Ela não acreditou nele. Por que acreditaria no marido que vive ausente, e depois de tudo o que ele nos fez?

— Não. Foi o TAG. Ela em palideceu.

— Eles estão atrás de você? Dou de ombros.

— Eles acham que os denunciei aos Lordeiros.

— Você fez isso? Eu confirmo.

— Não foi de propósito. Os Lordeiros me seguiram até eles — não conto o resto, que fui contra os planos de Nico, que não fiquei lá com ela e o resto de sua família, ao lado do Primeiro Ministro Gregory, para que Nico pudesse detonar a bomba que eu carregava sem saber. Que, em vez disso, saí para libertar a prisioneira dele, doutora Ly sander, minha médica. A inventora do processo de Reiniciação. Se Nico descobrir que ainda estou viva, seu desejo de vingança não terá nada a ver com lógica: para ele será pessoal.

— Então, talvez seja a bomba que os Lordeiros tenham dito que você está morta. Talvez o TAG acredite neles — ela aproxima a mão do meu queixo. —

Estou tão feliz que você esteja bem, mas você não devia ter vindo aqui. É

perigoso dem ais. E com o você sabia onde m e encontrar? Nem eu sabia que viria.

Apenas saí para um a cam inhada, e m eus pés m e trouxeram até aqui.

— Eu não sabia. Pensei que você estivesse no trabalho, eu ia tentar lá.

Eu não poderia viver deixando você pensar que m orri.

Ela m e envolve num abraço apertado.

— Você tem um lugar seguro para ir?

— Acho que sim . Vou tentar lhe dar notícias m ais tarde.

— Não faça isso. É m ais seguro assim .

— E Am y ? Com o está?

— Anda distraída. Mas não posso contar a ela sobre você. Ao m enos, não por enquanto.

Minhas lágrimas com eçam a retornar. Am y é m inha irm ã m ais velha desde que fui destinada para essa fam ília, após m e tornar um a Reiniciada. Não im porta que tenham sido apenas alguns m eses, Am y j am ais faria algo para m e prejudicar de propósito. Mas será que ela seria capaz de guardar um segredo tão grande?

— Ela estará m ais segura se não souber. Eu cuidarei dela.

— Sei disso. Tudo bem .

— A doutora Ly sander ligou, enviou flores. Ela parecia realmente triste por sua causa.

Sinto outra contração de dor. Ela não m erece ficar sem saber, m as não há m aneira segura de contar a ela.

Mam ãe m e olha com o se tentasse decorar m eu rosto, depois beij a m inha bochecha.

— É m elhor eu ir. Espere um pouco antes de sair daqui — ela m e abraça forte m ais um a vez, e então se vira, seguindo apressada pela trilha.

Eu m e recosto em um a árvore, os braços ao redor do corpo.

É tanta dor: a dela, a de Amy, a minha. E todo esse mistério de funeral.

Para quê? Por que os Lordeiros inventaram que eu morri?

Pouco depois, saio da floresta. Quando chego ao cemitério, paro junto ao portão, mas não vejo o ninguém. Pego a bicicleta e retorno para a casa de Mac.

Logo pesados flocos brancos caem do céu, girando à minha volta. Estico as mãos para pegá-los; eles se acomodam em meu chapéu e em meu cabelo, que passam do castanho para o branco. Encobrindo meu disfarce, encobrindo tudo sobre mim. Pedalo mais rápido conforme a neve se encorpa no chão, e, após um tempo, desço e passo a empurrar a bicicleta.

Quando finalmente retorno à casa, estou ensopada e praticam ente congelada. Mac está aliviado e me faz sentar junto ao fogo.

Sky está grudada na janela, seus olhos acomodam panham cada floco de neve.

— Ela parece meio pirada com o tempo — comento.

— Isso não é nada: quando tem tempo pestado, ela trem e se esconde em baixo da cama. Por falar em se esconder, Aiden telefonou quando você estava fora.

— E...?

— Eu disse a ele que você saiu para uma caminhada. O rosto dele diz tudo.

— Aposto que ele não acreditou em você e que não está contente com isso.

— Não é que você acertou? Mas então, foi tudo bem? Você disse o que precisava dizer?

— Sim.

— Pronta para seguir em frente agora?

— Posso me aquecer primeiro?

— Você tem até amanhã de manhã. Os trens voltaram a circular e as passagens foram reservadas. Há um arquivo de computador para você

estudar hoje e à noite, com detalhes de sua nova vida. Aiden chega às nove.

Não preciso me despedir de mais ninguém. Mais tarde naquela noite, após Mac ir dormir, subo em uma cadeira da cozinha e pego a escultura de coruja da cima da geladeira. Coloco-a sobre a mesa e passo os dedos leves por seu bico e pelas asas abertas. Foi feita com vários pedaços de sucata, mas assim com uma construção incrível. Parece tão real. Foi a mãe de Ben quem fez, e fez para mim, a pedido dele, baseada em um desenho meu. Parece que foi há tanto tempo. Agora ela está morta, assassinada com o meu arado, assassinada pelos Lordeiros. Apenas por ter feito perguntas demais sobre o que houve com o Ben.

Passo os dedos pelas costas da coruja até sentir a pontinha do papel. Eu o seguro entre as unhas e puxo.

Desdobro o bilhete que guarda as últimas palavras de Ben para mim; suas últimas palavras enquanto ele ainda era o meu Ben.

Querida Ky-la,

Se você encontrou isto, significa que as coisas deram errado. Sinto muito pela dor que lhe causei. Mas saiba que isso foi decisão minha, apenas minha. Não há ninguém para se culpar.

Com amor,

Ben.

Não importa o que ele tenha escrito, eu achava que a culpa era minha por Ben ter tido vontade de cortar seu Nivo, e por tudo o que veio a seguir: as convulsões; sua mãe me mandando sair; os Lordeiros o levando em bora, sem que eu soubesse se ele estava vivo ou morto. E então ele foi encontrado pelo DEA. Mas os Lordeiros o modificaram de alguma forma, e ele nem sequer sabia quem eu era. Na última vez que vi Ben, eu tentei, eu realmente tentei, chegar até ele, para lhe dizer que resistisse aos Lordeiros. Houve um momento em que vi algo em seus olhos e achei que ele houvesse acreditado em mim, que houvesse entendido. Mas tudo o que posso fazer por ele agora é ter esperança.

E a outra coisa com a qual tive de lidar, depois disso, foi descobrir que Nico tinha convencido Ben a cortar o Nivo numa tentativa de me traumatizar a ponto de provocar o retorno das minhas memórias, do tempo em que participei do TAG ao lado dele. Mas, mesmo assim

, ainda é culpa minha. Se não fosse por mim, Nico não teria tido motivo para se aproximar de Ben, teria?

Olho para o bilhete em minhas mãos. Devo levá-lo comigo? Estou tentada. Mas, de alguma forma, ele pertence ao lugar onde o encontrei, onde está escondido desde sempre. Eu o dobro e cuidadosamente o recoloco dentro da coruja, e a ponho de volta em cima da geladeira. Mac vai mantê-la a salvo.

Talvez um dia Ben e eu voltem os para buscá-la. Juntos.

CAPÍTULO 5

Na manhã seguinte, a neve cobre o chão. A rua está intransponível. Após um telefonema de Aiden, Mac diz que caminhará comigo para encontrá-lo na estrada principal.

Paro diante da porta, relutante por deixar para trás o que conheço bem, um lugar no qual me sinto segura, e pelo quê? Mac me olha nos olhos.

— Você vai voltar.

— Será?

— Claro que sim. Sky e ficará muito triste se você não a visitar novamente — ele abre a porta e Sky e salta para fora, descendo o degrau e escorregando até parar assustada, quando a neve chega quase até o seu focinho.

Eu saio da casa, pego um pouco de neve com minha mão protegida pela luva e ofereço para ela cheirar.

— Isto é neve — explico, faço uma bola e jogo para a frente. Ela corre para pegá-la, saltando sobre a neve em vez de correr, e para confusa por não distinguir a bola em meio a toda aquela neve.

Mac ri e teima em carregar minha pequena sacola de viagem com meus pertences. Seguimos pela rua, com a neve passando dos nossos olhos.

— E então, o Aiden ainda parecia aborrecido? — pergunto.

— Ele está, mas comigo.

— Ah, desculpe. Mac dá de ombros.

— Vam os superar isso. Assim que ele souber que você está bem .

Ao chegarmos à estrada principal, felizmente já livre da neve, a van de Aiden nos espera.

— Obrigada por me aturar. Por tudo — onde eu estaria agora, se não fosse pela casa de Mac, para me refugiar e esconder?

Mac me dá um abraço e abre a porta da van. Ele segura Sky e quando ela tenta entrar comigo. Aceno pela janela, piscando com pulso firme, tentando me controlar até estarmos fora de vista.

Aiden balança a cabeça quando digo oi, e então se concentra para nos mostrar na estrada coberta de gelo. O silêncio é tão gelado quanto esta manhã de inverno até ele parar diante da estação de trem .

— Aiden, me desculpe. Mas eu tinha que ver minha mãe antes de ir.

Não culpe o Mac, ele não poderia me impedir. Não vamos nos despedir deste jeito.

Ele segura minha mão. Seu rosto está sério, seus olhos profundamente azuis penetram os meus.

— Ky, por favor, tenha mais cuidado daqui em diante. Não deixe nada escapar. Sua vida e a de outras pessoas dependem de você não ser pega.

— Não deixe nada escapar... com o erro o meu nome, por exemplo?

— Exatamente.

— Com o que acaba de fazer? Eu sou Riley agora, lembra? A sombra de um sorriso passa por seu rosto. Ele remove um pedaço de pasta e me passa um cartão de plástico.

— Aqui está sua passagem . Não perca. Eu reviro os olhos e a coloco no bolso.

— Vou tentar.

— Pegou sua identidade?

Dou a ele um olhar fuzilante, mas ele não se abala. Suspiro, procuro na bolsa e retiro minha nova identidade para que ele a veja, depois torno a guardá-

la.

— Está com a história decorada, do arquivo que enviei para você? Me diga.

— Eu sou Riley Kain. Tenho dezoito anos e nasci no dia 17 de setembro

de 2036. Sou natural de Chelmsford e sou filha única. Meus pais são professores.

Vou para Keswick e ficarei em um local para menores de vinte e um anos, próximo ao lago Derwentwater, chamado Waterfall — Lar Para Garotas, onde me inscreverei no PEC: Programa de Estágio de Cúmbria. Seja lá o que for isso.

A propósito, tenho medo do que fazer isso?

— Você não pode ir lá só para visitar; tem de estar lá por uma razão —

ele sorri de verdade desta vez, e o nó apertado dentro de mim se afrouxa. —

Cheguei a pensar em um emprego em hotelaria, lavando louça, tem o contato em um hotel lá. Então, as coisas podiam ser piores.

— Obrigada. Mas você não me deu uma informação super importante.

— Qual?

— Com o qual vou encontrar quem denunciou meu desaparecimento?

Os lábios dele se contraem.

— Já lhe disse isso antes. Essa informação é restrita, só para quem precisa saber.

— Quem precisa saber meus pais do que eu agora? Você não vai me dizer?

— Prefiro fazer uma surpresa. Eu olho com os olhos.

— Brincadeira. Será fácil encontrar sua mãe, Stella Connor. Ela dirige o Lar Waterfall. Ela sabe que você está chegando; sabe que você é sua filha desaparecida.

Minha mãe. Minha mãe verdadeira, a que me deu à luz, não uma designada por um Lordeiro. Foi ela quem denunciou meu desaparecimento, com o eu tinha pensado. Minha mãe... aquela da qual não consigo me lembrar.

Aiden aperta minha mão, com o se pudesse ver os pensamentos que me impedem de falar.

— Vá logo. Não faça parecer que está preocupada com os seguranças, ou eles prestarão mais atenção em você. Apenas passe pelo portão com o se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Está bem — consigo dizer. Mas ainda estou sentada na van e Aiden ainda está segurando minha mão.

— Ky-la. Quero dizer, Riley, se cuide. Você sabe o que fazer se precisar de alguma ajuda, se algo sair errado?

Confiro com a cabeça. O arquivo de Aiden também mencionava um certo quadro de aviso com unitário. Através dele, uma mensagem codificada chegará a seu destino.

— Espero que tudo dê certo para você. Espero que encontre o que está procurando. Mas se não encontrar... — a voz dele falha. — De qualquer forma, melhor seguir em frente — mas ele ainda segura minha mão, e há algo em seus olhos, alguma emoção muito primitiva e pessoal, mas não consigo desviar o olhar. Os segundos se arrastam até que ele finalmente a solta.

Saio da van com minha sacola, fecho a porta e me viro, dando adeus; com a mão agora vazia e fria. As palavras estão presas em minha garganta em gargalhadas. Outro amigo que eu talvez não veja nunca mais. Olho para ele através da janela, guardando aquela imagem, o jeito com o qual ele vira a cabeça para um lado quando me olha com intensidade, com o qual faz agora, o tom afogado de seu cabelo vermelho sob o sol da manhã. Aiden fez tanto por mim, e tudo o que eu faço é deixá-lo preocupado e causar problemas. Nada daquilo deve ter sido fácil de conseguir e eu sequer disse um “obrigada” decente.

Mas, com o quem é capaz de ver o que se passa dentro de mim, ele balança a cabeça. Está tudo bem. Vá em frente, leio em seus lábios.

Eu me viro, endireito os ombros e me afasto da van, para a frente da estação. As portas automáticas se abrem quando me aproximo. O arquivo de Aiden dizia que elas detectam as passagens e a identidade da pessoa em qualquer lugar e que funcionam automaticamente; elas

tam bém vasculham por arm as. Os guardas de um a cabine olham em m inha direção e a seguir para suas telas de segurança. Eu passo. Um a seta no chão se conecta com m inha passagem e se ilum ina aos m eus pés, m ostrando o cam inho a seguir. Com eço a m e afastar das portas autom áticas para o elevador indicado, ainda pensando em todas as coisas que devia ter dito...

DJ! Estive tão ocupada com m eu falso funeral e depois com Aiden aborrecido por eu ter falado com m inha m ãe, que m e esqueci com pletam ente do recado do m édico da TAL De que ele queria ver Aiden. Eu m e viro para olhar pelas portas de vidro, m as a van de Aiden j á som e de vista.

Tarde dem ais. Espero que não sej a nada im portante.

CAPÍTULO 6

O elevador desce suavem ente e se abre para um a plataform a no subsolo. O trem j á está aqui; m ais um a vez um a seta a m eus pés se com unica com m inha passagem e aponta o cam inho para o vagão correto e depois para o m eu assento. Outros passageiros passam por m im , seguindo suas próprias setas.

Será que eu j á estive em um trem ? Se estive, não m e lem bro.

Coloco m inha sacola no com partim ento sobre o assento, m as penso m elhor e a puxo de volta para tirar m inha identidade e colocá-la no bolso com a passagem , devolvendo a sacola ao seu lugar. Não posso perder m inha identidade.

Diferente do que ocorre com a m aioria das pessoas, a m inha identidade será m uito difícil de ser substituída.

O trem não está m uito cheio e ninguém senta perto de m im . Estou no lado da j anela e quando o trem parte, alguns m om entos depois, alguns vídeos passam pela j anela. Im agens incríveis do interior do país ou das geleiras do ártico ou de um a selva enevoadada. Tudo ao alcance de um toque, e não consigo evitar experim entar todas. Felizm ente o arquivo de Aiden explicava isso, do contrário eu estaria assustada e confusa. Depois de um tem po, noto que quase ninguém usa a j anela de vídeos e a desligo. Passo a analisar os passageiros.

Poucos são j ovens de j eans, com o eu, talvez estudantes ou estagiários, m as a m aioria é gente de negócios. Hom ens e m ulheres de terno, vestidos com o o m eu pai adotivo quando saía, supostam ente para instalar e cuidar da m anutenção de sistem as com

putadorizados para o governo. No entanto, quem sabe o que ele realmente fazia para os Lordeiros? Ele viajava por todo o país, ao mesmo tempo era o que dizia. Esse pensamento me faz verificar cada passageiro ao meu redor, para ter certeza de que ele não está aqui. Ele viajava de carro para alguns lugares, e há ônibus que fazem percursos curtos, com o para Londres, mas a maioria das viagens de carro de longa distância está proibida agora. Todos devem viajar no trem sustentável de alta velocidade.

Os minutos passam, e lá se vai uma hora; o trem para diversas vezes em outras estações subterrâneas. Em uma delas, entra uma mãe de olhar perturbado, com um menino de uns quatro anos de idade, sua mãezinha agarrada na dela.

Eles se sentam algumas fileiras na minha frente. Depois de certo tempo, ele olha

para trás, por cima do banco, seus olhos escuros me encaram. Sorrio e ele se esconde. Momentos depois seu rosto surge novamente com um sorriso levado, e dá risinhos, até que a mãe o faz sentar. Ele se debate no colo dela, que o segura firme.

Uma mãe segurando seu filho no colo. Teria sido assim comigo e minha mãe? Aperto os olhos com força, depois me viro para a tela da janela, tão vazia e morta com o minhas lembranças brancas. Fecho os olhos. Talvez, quando nos virmos, tudo volte, como se eu tivesse dez anos novamente. Talvez corramos uma para a outra, ela irá me abraçar e eu me sentirei em casa. Saberei quem eu era, quem eu sou. Talvez não.

O pânico se instala, do tipo que diz corra; que diz que não saber pode ser melhor do que saber; que as coisas vão mudar, e que nem sempre mudar é bom.

Pouco tempo antes, eu estava desesperada para saber quem eu era, de onde vim e por que fui Reiniciada. Descobrir sobre o TAG e os planos de Nico para mim não me fez bem algum, fez?

Uma parte de mim nota que o trem parou enquanto estive pensativa. Por mais tempo do que em qualquer outra parada. Abro os olhos; as portas ainda estão fechadas. Não estão os em uma estação?

Olho para os outros passageiros e é tangível o desconforto crescente. O

que está acontecendo? A mulher e o menino saem de seus assentos e

cam inham para a porta que conecta ao outro vagão em frente ao nosso. Tenho visto pessoas entrarem e saírem por ali, retornando com xícaras nas mãos. Mas desta vez a porta não se abre. Eles voltam aos seus lugares.

Momentos depois, a porta se abre, e o desconforto se transforma em pavor. Lordeiros. Dois deles, em suas vestes negras, os olhos frios e mortos. Um está de armadura na mão, o outro segura um pequeno aparelho. Ao lado deles está um guarda do trem, e suas sobranceiras estão com gotas de suor.

— Pegue suas passagens e identidades, pessoal — diz o guarda, a voz não muito firme. Os passageiros se movem, retiram seus cartões das bolsas e bolsos. Pego o meu, com as mãos trêmulas. Segure firme. As anotações de Aiden diziam que verificações de passagens e identidades são comuns; que a minha passará facilmente e que devo ficar calma se isso acontecer. Mas ele

nunca disse nada sobre os Lordeiros estarem envolvidos.

O Lordeiro com a armadura para junto à porta, o outro segue o guarda.

Quando se aproximam do primeiro passageiro, o guarda escaneia sua passagem e identidade. Então o Lordeiro pega o aparelho e ordena ao passageiro que olhe para o seu interior até que ouça um bip; primeiro com um olho, depois com o outro.

Um scanner portátil de retina?

Essa não é uma verificação rotineira. A sensação de medo se transforma em pavor. Os óculos precisam ser retirados para se escanear a retina; eles verão que a cor dos meus olhos é falsa. Se ao menos eu tivesse deixado DJ

torná-los castanhos permanentemente, sem disfarçá-los. A vaidade de mim e meus olhos verdes poderia me matar. Eu poderia tirar os óculos antes de eles chegarem aqui, torcendo para que não tenham notado, mas então entro em pânico novamente. E se minha retina mostrar meu nome errado, de uma garota morta, a Ky la Davis? Fizemos leitura de retina no colégio. E no hospital. Olho para trás, mas há Lordeiros ali também. Bloqueando a passagem.

Não há para onde ir. Estou cercada. Com o Reiniciada, investigar sobre minha vida passada é completamente ilegal.

Sem mencionar o TAI e viajar usando identidade falsa. Após tudo o

que passei, é aqui que vou term inar? Keswick poderia estar a poucos m inutos de distância. Será que m inha identidade falsa cham ou atenção? Será que estão procurando por m im ?

Eles se aproxim am , fileira por fileira. O guarda verifica cada passagem e cada identidade; o Lordeiro usa o scanner de retina.

Algum a coisa bate no m eu pé e eu quase dou um grito. Olho para baixo.

É o m enininho. Engatinhando sob os bancos. Mais à frente, eles estão com a m ãe dele. O rosto dela está m ais do que pálido, está cinza, e ela m ostra os docum entos com a m ão trêm ula. O guarda os escaneia e eles são aprovados, m as os lábios do Lordeiro se curvam em um sorrisinho de satisfação. Ele sabe. Está certo de que encontrou o que está procurando. Não sou eu. Ele aponta o scanner de retina para os olhos dela. Em vez de um bipe, ele apita. O sorriso dele se abre.

O Lordeiro coloca a m ão no om bro dela, a puxa para cim a e a em purra

pelo corredor.

— Ande! — ele grita. Eles cam inham para a frente do vagão. Ouço um chorinho ao fundo. Não m e atrevo a virar, m as ela sim , e seu rosto se contrai. A seguir, um dos Lordeiros do fundo do vagão passa por m im , arrastando um garotinho.

Eles desaparecem pela porta da frente. Ninguém diz nada; ninguém olha para os lados. Estou horrorizada, m as tam bém aliviada. Eles não estavam atrás de m im . Não dessa vez. Mas, se m eu assento estivesse antes do dela, e se tivessem escaneado m inhas retinas... estrem eço por dentro.

E então sinto vergonha. O que acontecerá com eles agora? Nunca saberei se ela fez algo realm ente ruim para ser arrastada pelos Lordeiros daquele j eito; nunca saberei o que houve com ela, ou com seu filho. E se todos neste vagão tivessem dito, j untos: Não, vocês não podem levá-los. Poderiam os tê-los im pedido?

A resposta seria sim , m as por alguns poucos m inutos. Eles trariam reforço na próxim a estação; seriam os todos presos e levados em bora.

Enfrentariam os o m esm o destino que ela. Seria essa um a boa razão para não dizer nada?

E se todas as pessoas do país dissessem não, ao mesmo tempo, com o Aiden pensa que fariam se soubessem o que realmente acontece? Eles não podem prender todo o mundo.

CAPÍTULO 7

Saio do elevador da estação escura para um sol ofuscante. Em Keswick.

Está um frio congelante; o ar é tão gelado que respirar quase me faz tossir. Não há neve no chão hoje, mas as decimas caem flocos brancos. Sinto um arrepio na nuca e na espinha, mas não de frio. É uma reação física por estar nesse lugar, por respirar esse ar. Fico parada, olhando para as montanhas, até que uma onda de sanidade me traz de volta ao aqui e agora. Não chame atenção. Forço a vista para olhar ao redor.

Apenas alguns dos passageiros desembarcaram aqui, e se afastam rapidamente. Há uma van dos Lordeiros estacionada ao lado da estação, bloqueando a vista de um dos elevadores. Será que estão com os prisioneiros do

trem? Eu me afasto, evitando qualquer olhar meus olhos atento. Ajeito a sacola no ombro; Aiden havia avisado de uma placa apontando para o centro da cidade; eu a vejo e sigo em sua direção. Recordo algo, sobre a estação, ou para onde ir.

Olho para trás, e, sobre o arco onde ficam os elevadores e as cabines de venda de passagens, está escrito “2050”. Essa estação não existia quando eu morava aqui. É nova.

Dez minutos depois, chego ao centro da cidade, e a leve sensação de espanto, de conhecer ou desconhecer o lugar, retorna. Há uma área lotada de pedestres que leva ao antigo Centro de Informações, com uma placa na frente.

Pedras do asfalto se desmancham sob meus pés, me deixando a sensação de que são mentes do que deveriam ser. Talvez seja porque cresci.

Sacudo a cabeça. Estarei imaginando coisas? Não há uma lembrança definida, apenas resquícios que parecem enevoados se tento focar. Talvez seja apenas a vontade de conhecer esse lugar.

Ao chegar a Keswick, sigo para o Lar Waterfall. E para a minha mãe.

Sinto um aperto na garganta; a palavra m e soa estranha. O Lar fica às m argens do lago Derwent Water, praticam ente do outro lado de Keswick. Decorei m apas para aprender a chegar até lá. Cerca de três m ilhas a pé. Mas posso pegar um a lancha e atravessar o lago. Ou um ônibus e dar a volta.

A pé dem ora m ais. Decido ir a pé. Estradas e trilhas levam para o centro da cidade, passam pelas ruínas de um teatro e descem o lago; trilhas vagueiam por m atas com vistas sobre o lago, e então se desviam em direção à água. O gelo cintila em suas m argens de um azul profundo; o chão está congelado. Vej o pessoas, algum as com cachorros, cam inhando pelas trilhas em todas as direções, suas respirações form ando névoas brancas em torno do rosto. Quanto m ais m e afasto de Keswick, o núm ero de pessoas dim inui. Logo estou sozinha.

Meus pés se m ovem m ais e m ais lentam ente, m inha cabeça está cheia de pensam entos m alucos. Quero rir e chorar ao m esm o tem po. Quero tocar cada árvore e cada pedra do cam inho. Quero conhecê-las, levá-las até m im para que sussurrem fragm entos de m em ória. Minha cabeça está confusa, desej o m e lem brar de ter estado aqui antes, m as nada é concreto. Pode ser apenas esse desej o que m e faz sentir assim , que faz com que m eus pés desej em cam inhar

para a frente e para trás nos m esm os lugares para que eu m e recorde deles, se não do passado, de agora.

Afasto essas idéias da cabeça. Aiden m e disse que ela sabe que estou chegando. Ela deve estar se perguntando o que houve com igo... de novo. Com eço a andar num passo m ais rápido. Com o terá sido para ela? Para m inha m ãe.

Repito essas palavras várias vezes em m inha m ente, degustando-as, m as ainda m e parecem estranhas, com o se não fosse certo. Sou filha dela, isso tam bém é estranho. Eu desapareci quando tinha dez anos de idade. Sete anos atrás. Com o superar algo desse tipo? E então o m arido dela m orreu, alguns anos depois que desapareci, quando tentava m e salvar. E por m inha culpa. Ela deve m e culpar.

Então, m eus pés cam inham m ais rápido e dim inuem e aceleram novam ente pelo resto do cam inho, conform e m eus pensam entos se agitam dentro de m im . Quando finalm ente avisto o lar ao longe, m eus pés param por com pleto. Sei pelas anotações de Aiden, que ali costum ava ser o hotel Lodore Falls, que hoj e é cham ado de Lar Waterfall Para Garotas. As paredes, cobertas por lascas de ardósia

cinza de Lake District, com binam com a paisagem , com o lago e o bosque que se estende por trás, e com as colinas rochosas salpicadas por neve m ais adiante.

É aconchegante visto de longe, com o se estivesse envolto em névoa, um castelo dos sonhos, m esm o que eu saiba que boa parte foi destruída durante as revoltas, décadas atrás, e então reconstruída com m ais concreto e m enos ardósia.

Continuo em frente. Quanto m ais m e aproxim o, m ais difícil m e parece.

Quando finalm ente chego, paro diante da porta. É agora. Será que ela vai m e reconhecer? Será que vou reconhecê-la? Ansiedade e m edo lutam dentro de m im , som ados à precaução. Assim com o diziam as anotações de Aiden, m uitas garotas m oram aqui. Nenhum a delas pode desconfiar de nossa ligação.

Devo bater? Entrar direto?

Com o se para responder a m inha pergunta, a porta se abre e um a garota sai. Ela m e cum prim enta e segue em frente. Eu entro antes que a porta se feche.

Há outras garotas na área de entrada. Duas sentadas, conversando. Um a m ulher está diante de um a grande m esa. Ela é alta; o longo cabelo loiro desce pelas costas, com a raiz escura aparecendo; é m agra, talvez uns quarenta anos.

Está vestida de um j eito sóbrio. Sóbrio dem ais. Até os botões de sua roupa brilham . É ela? Nada nela m e é fam iliar. Vou até a m esa.

— Pois não? — ela diz.

— Ah, oi. Sou Riley Kain. Acho que ficarei hospedada aqui.

— Você está atrasada. Eu estava prestes a enviar algum as das garotas para procurar por você para o caso de ter se perdido na m ata.

Será ela, a m inha m ãe? Os lábios estão franzidos, a voz é tranquila e clara, m as seus olhos m e analisam confusos e ansiosos. Ela esperava que eu fosse loira, de olhos verdes. Ela não sabe sobre o TAI?

De costas para as outras garotas, tiro os óculos, com o se para esfregar os olhos. Meus olhos verdes. Os dela se arregalam . Coloco os óculos de volta.

— Sua identidade? — ela pede, e eu a entrego. Ela o escaneia em um netbook, suas mãos estão leves e tranquilas. — Você realmente ficará conosco, Riley. Sou Stella Connor. Você pode me chamar de Stella.

Olho para ela. Stella Connor. A mãe de Lucy Connor. Mas nada sobre ela ou seu nome é familiar, e um leve desapontamento pela falta de memória me corrói por dentro.

— Creio que você perdeu o almoço. O chá será servido às quatro horas, aqui nesta sala, e o jantar na sala principal, às sete. Aqui está sua lista de regras

— ela me entrega um número considerável de folhas de papel, tocando minha mão quando o faz. — Conversaremos mais tarde — ela completa, praticando um sussurro, que não tenho certeza de ter ouvido ou imaginado.

— Madison? — ela chama, e uma das garotas se volta para nós. — Pode mostrar o quarto para Riley, por favor? A torre.

A garota se levanta, é bonita, de cabelos escuros e encaracolados, pouco mais alta que eu, um brilho melancólico nos olhos. Ela se aproxima.

— Pode deixar, senhora Connor.

Os olhos de Stella se estreitam. Não gostou do “senhora Connor”.

— Por aqui! — Madison faz uma reverência exagerada. Eu a sigo por corredores e escadas. Ela olha para trás. — Leve-a para a torre! — ela gesticula, um dedo apontando dramaticamente para uma escadaria, imitando a voz de Stella. Tive que rir. No alto da escada, Madison abre a porta.

— Não acredito que ela colocou você na torre. Está vazia há séculos. Ela só deixou uma pessoa ficar aqui no ano passado, por pouco tempo, e só porque vários quartos estavam inundados e todos os outros estavam ocupados, e, assim que um esvaziou, ela a trocou de quarto.

— Quantas garotas moram aqui? — pergunto, entrando no quarto e colocando a sacola sobre a cama.

— Não muitas agora. Com você, somos dezessete, eu acho. Todo mundo abandona o Lar da Esquisitice se consegue um outro lugar qualquer.

— Esquisitice por quê?

— Você conheceu a Rainha Esquisita lá em baixo, não notou? Espere até ler a lista de regras — ela a retira de m inhas m ãos e a sacode antes de colocá-la na m esa ao lado da cam a. — Quebre qualquer um a das regras durante sua perigosa estadia... — ela im ita a voz de Stella e eu tento não rir. É da m inha m ãe que ela está debochando. — E ainda tem a fam ília dela — ela revira os olhos.

Fam ília? Eu tenho outra fam ília?

— Por quê? Quem são eles? — pergunto, tentando não parecer curiosa dem ais.

— A m ãe dela é a OCJ principal de toda a Inglaterra. Não é alguém com quem você queira dividir o m esm o am biente. Felizm ente, ela quase não faz visitas.

OCJ? Olho para ela, chocada. Eu tenho um a avó. E m inha avó não é apenas um dos Lordeiros, m as um a Oficial do

Controle Juvenil, e não apenas isso, m as a com andante deles, em toda a Inglaterra. Estou de boca aberta. Madison não parece notar m eu espanto.

— O que você veio fazer em Keswick?

— Vim para a adm issão de estagiários.

— Do PEC? Com eça am anã, não é?

Confirm o com a cabeça. Havia um a data-lim ite nas anotações de Aiden, e foi essa a razão para a m inha viagem corrida até aqui, para chegar a tem po do prim eiro dia.

— E você, faz o quê?

— Trabalho na Cafeteria da Cora. Hoj e é m eu dia de folga. Mal posso esperar até fazer vinte e um no próxim o verão, para poder sair daqui. Eu tinha acabado de m e m udar para um apartam ento m aravilhoso com três outras garotas quando eles trouxeram essa últim a LJ idiota há dois anos, e tivemos os que desistir.

Olhei para ela sem entender.

— Você nem m esm o sabe por que está aqui? Lei Juvenil OCJ 29(b)

—
ela fica em posição de sentido. — “Os jovens devem mesmo orar com sua família ou sob supervisão, em acomodações estruturadas e aprovadas, até a idade de vinte e um anos” — ela fala num tom anasalado, e então finge se estrangular. — O que eles acham que vamos aprontar? Até parece que tem o mesmo o que fazer em Keswick, mesmo o que não estivessem os presos aqui.

Madison abre a porta para mim e me mostrar minha suíte.

— Você ficará isolada na torre, mas assim como eu não terá que dividir o banheiro. Não se esqueça da regra número nove: não me aís do que cinco minutos no banho. Se você passa disso, ela desliga a água quente da casa toda pelo resto do dia. De alguma forma, ela sem pre sabe. E dá incertas também. Caminha pelos corredores no mesmo da noite em certas épocas, para garantir que não quebrem os as regras de número seis ou onze.

— Obrigada — olho para ela sorrindo. Saia, por favor. Preciso ficar um pouco sozinha.

Ela deve ter notado isso em minha expressão.

— Você quer que eu vá, está bem .

— Ah...

— Não se preocupe. Vejamos você no chá às quatro, lá em baixo. NÃO se atrase: regra número dois.

Finalmente sozinha, caminha pelo quarto. Há uma cama de casal, um guarda-roupa vazio, uma mesa e uma cadeira. Há meus guarda-roupas do outro lado do quarto, mas fechados. E muito espaço vazio. É um quarto grande. Será que era o quarto de Lucy ? Era por isso que Stella o meu antinha vazio? Dou de ombros. Não faço ideia. Nada aqui me parece familiar.

Abro as cortinas até o fim . Há janelas por toda volta, o lago está de um lado, o bosque do outro. A vista é linda e eu fecho meus olhos, tentando imaginar

aquele quarto comigo ali dentro, meus jovens , olhando para fora da janela com meu pai, mas não consigo.

Ouço um barulho estranho vindo da porta. Parecem arranhões. Uma

pata cinza passa por baixo. Eu a abro.

Um gato cinza me olha e atravessa a porta aberta. Salta rapidamente sobre a cama e senta-se delicadamente, lambendo uma das patas, sem tirar os olhos verdes de mim.

A gata cinza de Lucy, seu presente de aniversário, aos dez anos, uma das poucas em órias que tive sobre ser ela desde que fui Reiniciada. Seria... a mesma gata?

Caminho em direção à cama, sento na outra ponta e cruzo as pernas.

— É você? — sussurro. Ela me encara da outra extremidade, se aproxima de mim em círculo, com o sem e analisasse. Levanto uma mão e ela esfrega o queixo contra ela. Em um instante ela está em meu colo, eu a acaricio e ela se enrosca, ronronando.

A lista de regras está ao meu lado, onde Madison a deixou. Eu a pego e olho para a primeira página. Regra número um: seja gentil com a Pipoca (ágata).

— Pipoca? — me espanto e ela se estica, olha para mim com olhos estreitados e aperta as patas em volta da cabeça, com o quem diz: Fique quieta, não vê que estou dormindo?. Pipoca me soa com o mesmo nome que uma menina de dez anos daria para uma gatinha.

Bem, Stella pode até ser meio estranha, mas, levando-se em consideração que ela coloca isso com a primeira regra, talvez eu e ela possamos nos dar bem, no final das contas.

CAPÍTULO 8

Chego para o chá exatamente um minuto antes das quatro horas, de estômago roncando. Madison e a garota que vi mais cedo estão ali, e mais duas; não vejo o sinal de Stella e me dizem que as outras estão trabalhando em diversos lugares nos arredores de Keswick. Há um bule de chá e um prato de bolinhos com geleia que todas devoram os com prazer. Elas normalmente só recebem biscoitos secos durante o chá, me diz Madison, e eu me pergunto se o tratamento

especial é para mim.

Após o chá, elas me levam para um passeio rápido. Há uma sala de TV

com sofás e lareiras, uma biblioteca e uma sala de jantar, com uma

m esa com prida j á arrum ada para a refeição.

Zanzo um pouco pela casa e volto ao quarto para desfazer a bagagem .

Quando nos reunim os para j antar, às sete, Madison m e passa um a cadeira ao lado da dela. Em pouco tem po, todas as cadeiras estão ocupadas, exceto duas.

Noto olhares curiosos, am istosos, e os nom es são cham ados um a um , são m uitos para gravar. Tudo parece ser... legal. Aconchegante. Não é um lugar do qual se tenha vontade de fugir.

Stella chega precisam ente às sete horas e todas param de conversar. Ela vai até um a cadeira vazia na cabeceira da m esa, olha para a outra que está vazia e franze a testa.

— Alguém sabe onde a Ellie está? — algum as garotas m urm uram que não, outras balançam as cabeças.

— Talvez ela não esteja a com fom e. Talvez não esteja a passando bem .

Talvez tenha encontrado algo m elhor para fazer — responde Madison, e a sala cai em silêncio.

Stella franze a testa.

— Então, ela deveria ter avisado. Alguém pode checar o quarto dela, por favor?

Um a garota se voluntária e retorna pouco tem po depois.

— Ela está no quarto. Adorm eceu — enquanto ela fala, eu m e pergunto: por que Ellie não veio agora?

A tensão no rosto de Stella se dissipa, assim com o, pouco a pouco, a de todas as garotas. As travessas de com ida com eçam a passar de m ão e m ão.

Estou aliviada por estar a tantas cadeiras de distância e não preciso puxar assunto com Stella na frente de todas, m as vez ou outra não consigo evitar de olhar para ela, encontrar seu olhar e desviar o m eu novam ente. Isso é tão surreal: estou no m esm o côm odo, j antando com m inha verdadeira m ãe pela prim eira vez após sete anos e nos sentam os separadas, sem nos falar. Há um a parte de m im que desej a levantar e dizer Já chega!. E outra parte está feliz por m anter a aparência

diante de estranhos, por esperar e observar.

Quando terminam os, todas começam a sair, e as duas, que estão responsáveis pela louça e começam a recolhê-la. As outras caminham em duas ou três; algumas vão para a sala de

TV, outras para outras direções, e eu permanço ali, incerta. Será que Stella pretende conversar comigo agora? Mas Madison me dá o braço e me arrasta com ela; outras meninas nos seguem pelo corredor. Subimos os alguns degraus e batemos a uma porta.

— Entre — diz alguém, do lado de dentro.

— Você me trouxe alguma coisa? — pergunta uma garota, que me apresentam com a Ellie, que estaria dormindo. — Estou faminta!

Madison e as demais garotas surgem com alguns barulhos e coisinhas surrupiadas do jantar.

— Não entendo. Por que você não foi simplesmente jantar conosco?

Qual o sentido de enviar alguém para ver com o que está e depois deixar você aqui?

Madison revira os olhos.

— Você não pode jantar se estiver atrasada. É contra a Regra Esquisita número três.

— Não seja tão indelicada. Ela é legal — diz Ellie, e estou aliviada por ouvir alguém defendê-la. Mas essa não parece uma opinião muito popular.

— É ridículo contar cada uma de nós a cada segundo do dia. Não somos os bebês — diz uma das garotas.

— Mas você sabe o motivo — retruca Ellie, e tenho a impressão de que aquela é uma conversa que todas já tiveram antes.

Madison faz uma careta.

— Sim, mas há quantos anos isso aconteceu? Ela já não deveria ter superado isso?

— Superado o quê? — pergunto. Mas algo me diz que eu já sei, embora não devesse saber. Devo perguntar por ser o mais normal a se fazer ou devo apenas ouvir? Ouvir outra pessoa dizer coisas que sei

serem reais, mas as das quais não me lembro.

— Ninguém supera uma coisa dessas — Ellie explica, sacudindo a cabeça, e então se volta para mim. — A filha dela desapareceu. Ninguém sabe o que houve com ela. Acho que Stella tem medo de que algo assim aconteça com uma de nós; ela só está cuidando da gente.

Mais tarde, naquela noite, ouço uma batida leve na porta e ela se abre.

Sento na cama, de coração acelerado.

A luz do corredor tremula ao redor de Stella.

Ela está diferente, os cabelos soltos, um robe de flanela amarrado na cintura; me parece leve e insegura. Pipoca passa correndo por ela e salta sobre a cama.

Stella puxa uma cadeira para perto da cama e se senta. Ela segura minha mão com tanta força que dói.

— Lucy? É você mesmo? — ela sussurra, estendendo a outra mão, trêmula, até os meus cabelos. — O que houve com seu lindo cabelo?

— Foi modificado, permanentemente, pela TAL

— Acho que podem os tingir-lo.

— Não. Estou tentando não ser reconhecida.

— Ah, é claro — ela suspira. — Eu posso parar de tingir o meu.

— Por quê? Precisamos com binar? Ela afasta a mão.

— Não exatamente. É só que eu não reconheci você quando você chegou. Não reconheci minha própria filha. Você também não me reconheceu, não foi?

Hesito, mas confirmo com um gesto. Ela parece aliviada.

— Desculpe. Você sabe que fui Reiniciada, não sabe? Ela confirma.

— Ela me disse.

— Quem?

Ela afasta o olhar.

— Não sei. Seja lá quem for, me disse que você finalmente estava voltando para casa.

Alguém do DEA?

— Me conte sua história, Lucy. Conte tudo o que puder sobre onde esteve nesses sete anos.

Aguardo um momento. Fui até ali porque queria descobrir sobre meu passado, os anos que vivi naquele lugar, mas é claro que ela quer o meu esmó em retorno, saber tudo o que perdeu da minha vida desde então. Uma troca justa?

Mas não tenho vontade de falar sobre a maior parte das coisas pelas quais passei nesses últimos anos. Alguns meus amigos ficam melhor trancados, escondidos.

— Lucy ?

— Você poderia não me chamar de Lucy ? Simplesmente porque é perigoso. Ninguém pode saber quem eu realmente sou.

— Ninguém pode nos ouvir agora.

— Mas você pode deixar escapar quando outras pessoas estiverem por perto.

Ela sorri.

— Vou tentar, Lu... — e se levanta, sentindo-se culpada — Riley —

corrige. — Com o que você deve me chamar? — seus olhos estão ansiosos e eu sei o que ela quer ouvir, mas ainda não consigo.

— Pelo meu esmó motivo, devo chamá-la com todas as outras garotas chamadas : Stella.

Ela franze a testa e suspira.

— Está bem . Me fale de sua vida, Riley.

Olho para ela. Devo contar tudo, não importa se tenho vontade ou não? É

perigoso saber de tudo?

— Eu não sei tudo. Muitas de m inhas m em órias se foram .

— Conte o que você sabe, então.

— Acho que fui seqüestrada quando tinha dez anos. Não entendi o motivo por m uito tempo.

Seus lábios se estreitam .

— O TAG.

Eu m e surpreendo. Ela sabe ou desconfia?

— Sim , foram eles. Tinham algum tipo de plano, de fragmentar m inha personalidade. Para que, quando eu fosse Reiniciada, restassem algum as m em órias.

O rosto de Stella está entre a tristeza e o horror.

— Você deve ter tido tanto medo.

Restaram poucas m em órias daquele tempo, m as elas não são boas.

Ouvia o médico dizer vez após outra, tarde da noite: você não tem família; eles não querem você; eles lhe deram para nós. Meus olhos com eçam a arder e eu pisco.

— Tem certeza de que quer saber? — pergunto. — De tudo? Não é fácil falar sobre isso. Pode ser difícil de ouvir.

Stella hesita.

— Sim . Me conte — ela passa um braço por meus ombros, insegura, e parte da m inha resistência se vai por um instante, quando m e recosto nela e lhe conto as m em órias m ais som brias daquela época.

Levanto a m ão esquerda.

— Eles m e tornaram destra, quando eu era a Lucy. Quebraram os dedos da m inha m ão esquerda para que eu não tivesse escolha — ela aninha m inha m ão nas delas, em silêncio. Gesticula um a vez para que eu continue, m as não pressiona. No entanto, não consigo dizer a ela o que houve para que finalmente conseguissem fragmentar m inha personalidade, que m eu pai m e resgatou do TAG e que quase escapamos. Mas Nico nos pegou. A arm a na m ão de Nico. Será que ela sabe com o m eu pai (o m arido dela) m orreu?

Endireito a coluna.

— No final das contas, eles conseguiram . Dividiram m inha personalidade. Quando eu era canhota, treinei com o TAG com o se fosse um deles; m as de vez em quando eu era destra, e era Lucy. Quando os Lordeiros m e pegaram e m e reiniciaram , m inha outra parte se escondeu, e Lucy se tornou dom inante. Assim , fui Reiniciada com o destra e foram as m em órias de Lucy que foram apagadas. As outras m em órias, que ganhei no TAG, sobreviveram . A vida anterior de Lucy se foi.

— Por que eles fariam algo assim ?

— Pelo que entendi, era parte de um plano, para m ostrar aos Lordeiros que reiniciar um a pessoa poderia ser algo falho, que qualquer crim inoso Reiniciado poderia ser violento, m esm o que isso fosse considerado im possível.

Que nenhum deles era confiável. — Não m enciono as conseqüências que os

planos de Nico poderiam acarretar: sem ter com o saber quais dos Reiniciados poderiam se m odificar, o que os Lordeiros fariam com todos os Reiniciados?

Estrem eço.

— Mas, se você foi Reiniciada, por que não tem um Nivo? Isso está indo por um cam inho perigoso. Não é seguro para ela saber com o fui pega entre os planos violentos de Nico e do TAG e a chantagem dos Lordeiros. Saber com o eles m e rastrearam até o TAG e pensei que o agente Coulson fosse m e m atar, m as Katran (sim , um terrorista, m as um velho am igo, que realm ente se im portava com igo) correu para m e salvar, e Coulson atirou em Katran a sangue frio e o m atou na m inha frente. Saber com o o ato de segurar Katran enquanto ele m orria m e fez finalm ente m e lem brar da m orte do m eu pai. Graças à doutora Ly sander, os Lordeiros pensaram que eu tinha feito com o eles queriam ; eles m e deixaram ir e rem overam m eu Nivo.

— Lucy ? Desculpe, eu quis dizer Riley. O que houve com seu Nivo?

—

ela insiste, e eu m e pergunto por quanto tem po estive olhando o vazio.

— Ele foi cortado — um a pequena m entira. O m étodo de retirar dos

Lordeiros foi delicado, alguns botões apertados em um a m áquina e a dor se foi.

— Eu não sabia que isso era possível.

— Mas é — e digo isso com sinceridade. Eu cortei o Nivo de Ben com um a serra elétrica, não foi? Ele sobreviveu.

Por pouco, m as sobreviveu; e então os Lordeiros o levaram em bora.

— Tem um a coisa que não com preendo. Se você foi Reiniciada com o destra, com o os anos que você passou aqui se foram ? Você era canhota até os dez anos. Você tem de lem brar! — ela diz com o se quisesse m uito que isso acontecesse.

— Não entendo toda a parte neurológica disso. É com o se a m ão dominante fosse m oldável; pode ser m anipulada e m odificada. Acho que isso foi parte do processo de fragm entar m inha personalidade.

— Tão j ovem — ela balança a cabeça. — Mas algum as m em órias perm aneceram depois de você ter sido Reiniciada?

— Não exatam ente. No início, eu era com o qualquer outro Reiniciado.

Ganhei um a nova fam ília, e...

— Eles eram legais?

— Quase todos. Minha m ãe e m inha irm ã, sim , em bora m am ãe tenha tido dificuldade para lidar com isso no início.

Stella aguarda um pouco, antes de dizer:

— Você cham ou essa outra m ulher de m am ãe.

— Eu fui Reiniciada. Eles nos disseram para fazer isso.

— Desculpe. Isso não im porta. E depois?

— Com ecei a ter lem branças — om ito com o isso aconteceu. Ela não precisa saber que fui atacada, que o m edo e a ira rom peram as fronteiras e fizeram Chuva em ergir: um a parte de m im que era pura TAG, pura terrorista, sob o controle de Nico e pronta a fazer o que ele ordenasse.

— Então, do que você se lem bra?

Viro a cabeça de um lado para o outro.

— Desculpe. As lem branças que tenho são de depois de ter saído daqui.

Com o TAG. Depois disso é a parte em que fui Reiniciada.

Ela m e olha, desesperada, com o se im plorasse.

— Mas você se lem bra de algum a coisa sobre m im ? De algo sobre este lugar, de antes, qualquer coisa?

Algum a coisa, não sei bem o quê, m e faz dizer não. Em bora alguns fragm entos tenham voltado, com o a gata, que está agora enrascada entre nós. Os j ogos de xadrez com papai e a torre. Seria porque, com o ela m esm a disse, eu era canhota quando pequena? Se fosse verdade, então talvez eu m e lem bre de algo m ais. Ou seria porque essas eram coisas que a Chuva sabia? A pior lem brança de todas, a m orte de papai, foi suprim ida, enterrada tão profundam ente que não retornou até que Katran m orreu.

— Lucy ? Quero dizer, Riley, o que foi?

Balanço a cabeça. Será que ela sabe com o ele m orreu? Será que sabe que foi m inha culpa? Não posso dizer isso em voz alta. Não esta noite.

Olho para a cam a em que estão os sentadas.

— Este era o m eu quarto?

Ela nega e estou aliviada. Não parecia nem um pouco um quarto que tivesse sido m eu. Ao m enos isso eu acertei.

— Coloquei você aqui porque é distante das outras garotas. Mais fácil para visitar você — ela hesita. — Costum ava ser o m eu quarto. Há m uito tem po atrás.

— Me diga tudo o que lem bra — peço. — Por favor. Quero saber de tudo.

Ela parece vacilar, e então estica a m ão novam ente. Um pequeno gesto, em bora para m im sej a tão difícil dar a m ão a ela, dar a m ão a um a estranha, quando seus olhos im ploram tão desesperados. Eu o faço, e ela segura com força novam ente. Ela sorri.

— O que quer saber?

— Tudo, desde o início. Me fale sobre quando nasci. Onde nasci? Meu...

— eu hesito. Relutei tanto em mencioná-lo que percebo agora que Stella também não o fez. — Meu pai era presente?

Ela balança a cabeça, os lábios se tornam um a linha fina.

— Ele não estava lá. Ele raramente estava nos momentos difíceis.

Fico surpresa, quero retrucar, mas não ordoo a língua.

— Mas você, Lucy, foi o bebê mais lindo que já existiu — ela sorri.
— E

vou lhe mostrar — ela se levanta e tira um das chaves do bolso do roupão. Vai até um dos armários fechados. — Deixei uns álbuns aqui para você: fotografias, de todo tipo de coisa que você queira ver daquela época. São onze álbuns, um para cada ano. Vam os com você a fazer outro agora, não vam os?

Ela pega um álbum, o coloca em minhas mãos, e eu viro as páginas im paciente. É mais esmo, eu era um bebê muito fofo. Fotos e mais fotos da minha infância, coisas de neném: no berço, segurando as mãos e rindo; dando risada no banho; sujando de papinha. Sem pre sorrindo. Será que eu nunca chorava? Stella está em algumas delas, de cabelos escuros, sorrindo de um jeito que aparecia em seus olhos. E há alguns espaços vazios aqui e ali, algumas fotos estão faltando.

Teriam sido removidas?

— Por que não há fotos do meu pai? Ela fecha o álbum com força.

— É o suficiente por hoje. Você precisa dormir um pouco. Seu dia com você cedo amanhã, não é mais esmo? — ela coloca o álbum de volta no armário e o tranca novamente.

— Posso ficar com a chave?

Ela vacila e então balança a cabeça.

— Não. Você precisa descansar. Veremos as fotos juntas, está bem? Boa noite, Lucy.

Ela sai do quarto. Muito bem.

As Esquisitices de Waterfall. As palavras de Madison ecoam em minha

m ente, e eu m e sinto m al. Isso não é j usto. Stella passou por poucas e boas, não foi? A única filha foi seqüestrada aos dez anos de idade, para retornar sete anos depois, Reiniciada, sem se lem brar dela. É óbvio que ela teve problem as com m eu pai. Preciso descobrir o que foi, e o que devo ou não contar a Stella sobre ele. Respiro longam ente. No fundo, estou tom ada por um a necessidade de saber tudo o que posso sobre m eu pai, tudo o que esqueci e m uito m ais. Me pergunto se há fotos dele em algum lugar.

Afasto Pipoca dos m eus j oelhos, atravesso o quarto até o guarda-roupa e analiso a fechadura. Algum as tentativas com um gram po de cabelo e a fechadura destrava. Abre-te, sésam o! Algo que aprendi com Nico.

Dentro dele há roupas penduradas de um lado. Vestidos de verão, provavelm ente guardados durante o inverno. Do outro lado há algum as prateleiras. As prim eiras estão com os álbuns num erados de um a onze, com o ela disse. Mas se ela tirou o m eu pai do prim eiro álbum , deve ter feito isso em todos eles. As outras prateleiras estão com coisas em brulhadas em papel fino. Curiosa, pego um em brulho, levo até a cam a e tiro o papel com cuidado. Roupas de criança cuidadosam ente dobradas. De m enina. Seriam m inhas?

Hesito. Estou invadindo as m em órias de Stella, em brulhadas e trancadas por quanto tem po? Isso não é certo.

Mas as m em órias dela deveriam ser m inhas tam bém . Pego um vestidinho, provavelm ente para nove ou dez anos de idade. É rosa com babados, m uito fofo, fofo até dem ais, na verdade...

Detesto vestidos. Principalm ente os cor-de-rosa.

Eu m e sinto tonta e coloco o vestido sobre a cam a.

Ela m e obrigou a usá-lo.

Minha cabeça está girando; m e sinto m al. Não quero ver m ais isso. Eu o

dobro novam ente e o em brulho cuidadosa, com as m ãos trêm ulas. Não era isso que eu queria.

Meu pai. Quero fotos do m eu pai.

Devolvo o em brulho para onde o encontrei. As prateleiras de baixo contêm apenas em brulhos de papel fino que parecem roupas. Mais

lem branças preservadas e trancadas. Torno a m e levantar.

A prateleira de cim a é alta dem ais para que eu a alcance com facilidade, então pego a cadeira e subo. Há um a caixa de plástico bem no fundo; eu não podia vê-la da parte de baixo. Eu a pego da prateleira, coloco sobre a m esa e retiro a tam pa. Bingo. Fotos em olduradas, as que ela tirou de vista. Tem de haver um a aqui.

Mas em vez disso há fotos de um a m ulher, um a que não reconheço. As de cim a parecem antigas, por conta das roupas usadas e dos penteados. Mais abaixo há um a da m esm a m ulher com um a garotinha, um a m ão em seu om bro; outra com a m enina um pouco m ais velha. Eu m e espanto ao perceber: a m enina é um a versão de Stella com cabelos escuros. A m ulher deve ser a m ãe dela, m inha avó. A que é um a Lordeira OCJ.

Observo m elhor o rosto dela, m as não noto o olhar de um Lordeiro. Há fotos m ais recentes; ela está m ais velha, o cabelo preso e grisalho, m as parece bem para sua idade, sej a lá qual for. Sessenta e poucos, talvez. Ela é m agra, veste boas roupas, que parecem caras, m as não ostentadoras. Um sorriso gentil em seu rosto. Seguro um a foto dela e analiso os olhos. Não sei com o, m as de algum m odo a reconheço; estrem eço e guardo a foto rapidam ente.

Continuo rem exendo a caixa. No fundo há um últim o porta retrato e eu o retiro.

Um a foto de grupo em um casam ento. Um casal no m eio, um casal ao lado do noivo, provavelm ente seus pais, e, ao lado da noiva, m inha avó.

É difícil reconhecer a noiva com o Stella. Não tanto pelo passar dos anos ou pelo vestido branco, m as pela alegria j uvenil em seu sorriso. Ao lado dela, usando algo com o um terno, está o m eu pai. Mais j ovem do que em m eus sonhos, m inhas lem branças, m as não há dúvida de que sej a ele. Estendo a m ão trêm ula para a m oldura e o toco. Mas ele não está voltado para a câm era: olha

para Stella, com tanto am or em seu rosto que é até difícil olhar para ele.

O que houve com eles?

Devolvo as fotos para onde as encontrei e coloco a caixa de volta na prateleira. Tranco o guarda-roupa e apago a luz. Há outras caixas ali, e outro guarda-roupa ao lado do prim eiro, m as é o suficiente por um

a noite.

Na cam a, m e dou conta de com o estou gelada; puxo as cobertas e acaricio Pipoca. Ela fica com igo, quentinha, ronronando, e m e lembro do Sebastian. Sinto saudade de casa, de m am ãe e de Am y.

Não consigo pensar em Stella com o m am ãe, nem m esm o com o m ãe.

Ao m enos, ainda não.

A única foto de papai que encontrei até agora no prim eiro guarda-roupa foi a do casam ento. Será que Stella destruiu todas elas, m as não foi capaz de destruir aquela?

E ela esconde todos os vestígios de sua m ãe em um a caixa de plástico, dentro de um guarda-roupa trancado. Por quê?

Acho que ela ser um a Lordeira j á é um a boa razão.

Andam os furtivam ente para a porta dos fundos. Papai sorri e coloca um dedo sobre os lábios.

— Silêncio agora, Lucy ; nós som os espíões.

— Em um a m issão secreta? — m urm uro, vestindo o casaco que ele m e passa.

Ele concorda e pisca, e nos abaixam os sob as j anelas dos fundos da casa.

Ele olha para ver se o estou seguindo.

— Hum m m ... espere um pouco — ele volta por onde viem os e pouco depois retorna, com m inhas botas im perm eáveis na m ão.

Reviro os olhos.

— Coloque-as, Lucy. Menos um a coisa para levarm os bronca — ele pisca novam ente. Eu m e esforço para tirar os odiados sapatos rosa, j á um pouco suj os nessa grande fuga pelo j ardim , e estou prestes a j ogá-los atrás dos arbustos quando papai os pega e os coloca cuidadosam ente em um peitoril de j anela.

— Elas serão capazes de seguir a nossa trilha — aviso. Ele encolhe os om bros.

— Tenho certeza de que ela vai saber para onde fomos os, de qualquer maneira.

— Então, por que ser tão cuidadoso?

— Nós somos os espiões, lembra?

— Mas não estou vestida com o uniforme de uma espiã —faço um ar de careta, seguro a saia rosa ridícula que aparece sob o casaco e dou um giro com minhas galochas.

Ele ri e se curva para mim.

— Você é, verdadeiramente, a melhor agente perfeita de uma espiã-princesa de verdade, Sua Majestade. Venha, sua carruagem de espionagem de aniversário oficial a aguarda — com vocês os camaradas em direção ao lago e aos caiaques.

Mas, então, uma porta bate mais acima. Uma voz me chama:

— Volte aqui imediatamente; sua avó está aqui.

— Descobertos — digo.

— É melhor voltarmos, Lucy.

— Por quê?

— Ela só quer dizer feliz aniversário. Vamos lá.

Eu dou um suspiro e começo a marchar de volta para casa, meus pés parecem muito bons. Quando chego à janela, onde meus sapatos aguardam, me viro: papai se foi. O som distante da água diz que meu carro-espião partiu sem mim.

Na porta dos fundos, tiro as galochas e calço os sapatos de cetim rosa.

Na verdade, eles são melhores para espionar do lado de dentro. Ainda na brincadeira, rastejo sem fazer um único som. Mas não sigo pelo corredor principal. Espiões usam passagens secretas com cuidado e tranquilidade. Eu me arrasto pelo escritório da mãe e saio pela porta escondida atrás das cortinas.

Pego o corredor estreito que dá a volta na sala de estar, onde sei que elas estarão.

Mais um passo e outro mais...

Suas vozes passam de m urm úrio a palavras que consigo ouvir, e eu desejei o não ter ouvido.

CAPÍTULO 9

Miau? Miaaaaaau.

Hein? Abro os olhos. Ainda está escuro, e Pipoca está arranhando a porta do m eu quarto. Levanto e abro para ela sair. Ela desaparece escada abaixo.

Confiro o relógio, são cinco e vinte. Obrigada por ter m e acordado cedo, gata. Bocej o e m e espreguiço, estremeço enquanto fecho o roupão. Não conseguirei voltar a dormir agora.

Aquele sonho foi tão estranho; ainda assim, algo dentro de m im diz que era real. Aquilo aconteceu. Teria sido aquele vestido rosa horroroso que trouxe essa lem brança?

A princípio era alegre, um a aventura com m eu pai; e então... o que houve? Ouvi sem querer um a conversa entre Stella e sua m ãe. Algo perturbador.

Mas o que era?

Desço as escadas até o corredor para beber algum a coisa. Conforme cam inho, detectores de m ovimento acendem luzes que m e deixam cega, iluminando blocos de escuridão e se apagando para acender outro bloco. Sigo pelo corredor errado, em dúvida sobre o cam inho, e retorno para tentar achar a área da recepção em que estive ontem e o equipamento de chá que fica lá.

Enquanto aqueço a chaleira, desligo as luzes novamente e vou para as janelas que dão para o lago, mas só vejo o escuridão. Um caiaque espião: ainda haverá caiaques por ali? Sorrio para m im mesmo e depois franzo a sobancelha.

Papai saiu sem m im e m e fez voltar para encontrá-las sozinha. Nunca estava presente nos momentos difíceis, não foi isso que Stella disse? Não. Isso não é justo. Tentar m e salvar do Nico foi um momento bem difícil. Falhar foi o mais difícil de todos.

A sala é tomada por uma luz forte de repente. Uma garota bocejou a diante da porta e parece feliz ao me ver. É Madison.

— Você não me ganha na corrida de quem acorda mais cedo — eu

digo.

— Quem , eu? Não m esm o, para ser honesta. Mas pego às sete na Cafeteria para atender os fregueses m adrugadores de Keswick. E você? —

seguim os as duas para a chaleira.

— O tal de PEC com eça às oito.

— Sortuda. Não conseguiu dorm ir? — balanço a cabeça.

— Nervosism o?

Olho espantada para ela, m as m e dou conta de que está falando do m eu m otivo oficial de estar ali: o PEC. Estive tão envolvida com Stella e m eu passado que não pensei em nada disso. Outro lugar novo, novas pessoas, não saber o que fazer ou dizer enquanto tento m e lem brar de responder quando m e cham arem de Riley Kain, e não dizer nada que ela não diria. De repente, j á estou bem preocupada. Respiro fundo.

— Faça o seguinte, venha com igo no ônibus das seis e m eia e vou lhe m ostrar aonde você deve ir, e então preparo para você um incrível café da m anã. Será um prazer.

— Sério?

— Claro — ela ergue a xícara de chá. — Aos prim eiros. Em pregos, quero dizer — ela pisca, dando a entender que estava pensando em algo totalm ente diferente. Ela bate levemente a xícara contra a m inha e então estremece. — Esse foi alto. Me encontre aqui novam ente em um a hora.

Um a hora, um banho e outra roupa depois, nos dirigim os para a porta de saída. Madison para em frente a um a m esa, abre um a pasta com páginas divididas em colunas, escreve seu nom e, coloca a hora em um a das colunas e escreve “trabalho” na descrição. Em seguida m e passa a caneta.

— O que é isso?

— Você ainda não leu as regras? Isso provavelm ente quebra um a delas

— ela abre um sorriso. — Esta é a regra doze: sem pre assine quando

for sair e quando retornar.

Eu m e curvo para escrever Riley - PEC, e m e dou conta de que é a prim eira vez que escrevo m eu novo nom e. Saím os para a m anã escura.

— Detesto esta época do ano. É com o se fosse m eia-noite — ela diz.

— Eu gosto do escuro — adm ito. Gosto de com o encobre e esconde, e do frio tam bém . O chão está congelado e range sob nossos pés conform e pegam os um a trilha atrás da casa em m eio às arvores silenciosas em direção à estrada acim a.

— Não há ponto de ônibus?

— Não. Você sim plesm ente faz sinal. Eles passam a cada trinta m inutos,

m ais ou m enos.

Não dem ora para um ônibus aparecer ao longe. Madison acena e ele para.

Escaneam os nossa identidade assim que subim os e cam inham os pelo corredor; Madison segue para um assento nos fundos.

— Minha nossa! Será possível? — diz alguém . Um hom em . Madison para e se vira.

— O quê? — ela pergunta.

— Não sente ainda, preciso ter certeza — ele diz, e Madison aguarda ao lado do banco, enquanto o ônibus pega a estrada, cortando o vento. Ele sorri e algo se passa entre eles naquele ar frio. Será o nam orado dela? Mesm o sentado, ele é m ais alto que ela; um tipo bruto e aventureiro. Bronzeado, m esm o no inverno.

Ele olha de Madison para m im e depois para os am igos, que estão sentados na frente.

— Uau. É verdade m esm o — diz um deles.

— O quê? — Madison está im paciente. O que olha sorridente para ela responde:

— Finalm ente, baixinha. Alguém m ais baixa do que você. Os am igos dele com eçam a rir e ela lhe dá um soco no braço. Endireita os om

bro com o se quisesse parecer m ais alta e senta-se no banco oposto ao dele. Eu m e sento ao lado dela.

— Quem é esse? — pergunto, em voz baixa.

— Aquele cara de dois m etros de altura? É o Finley — ela aum enta a voz. — Ele e seus am igos são uns m etidos.

Ele se curva para nós no corredor.

— Você só está com invej a — olho para os dois, confusa.

— Estam os no Serviço de Estágio para Guarda Florestal — ele explica.

EGF.

— Vulgarm ente conhecidos com o m etidos — com plem enta Madison.

— Só você para sair livre dessa, baixinha — ele diz e pisca um olho.

—

Quem é você? — ele pergunta, voltando seu sorriso para m im .

— Riley — cuido para que m eu nom e saia direito. — Estou aqui para a adm issão de estagiários.

— Ah, você pode acabar entrando para a turm a dos m etidos tam bém !

— diz Madison.

Ele balança a cabeça, rindo.

— Tenho certeza de que deve haver algum tipo de peso m ínim o exigido.

Depois dessa, o ônibus para. Estam os em Keswick.

— Prim eiro as dam as — diz Finley, e saím os do ônibus. Após acenar para os rapazes, Madison passa o braço pelo

m eu. Ela m e m ostra o edifício aonde devo ir às oito da m anhã e m e leva para o trabalho dela: a Cafeteria da Cora. Seguim os para a entrada de serviço; as luzes ainda não estão acesas.

— Olá — diz Madison, ao destrancar a porta.

Um a m ulher usando um chapéu de chef sai de um a cozinha m inúscula e grita:

— Estou feliz que você tenha decidido aparecer. — Madison estica a língua. — E quem é essa, outra indigente que precisa ser alim entada?

— Ah, desculpe — digo, retornando para a porta. Ela ri.

— Brincadeira, m enina. Eu sou a Cora, pode entrar — elas m e acomodam em um a das m esas na frente da cafeteria e ficam para lá e para cá.

Alguns m inutos depois, a luz se acende e as portas são destrancadas. Os fregueses m atutinos com eçam a chegar e logo estam os ocupados atacando o desj ej um m ais farto e delicioso do m undo.

Um pouco depois, cam inho para o prédio do governo que Madison m e m ostrou, agora com o estôm ago em panturrado pela com ilança. A placa na porta diz: “Program a de Estágio de Cúm bria: Sem inário de Adm issão”. Parece tão oficial, e, para m im , oficial quer dizer Lordeiro. Será que Aiden sabe o que está fazendo, m e enviando para cá? Ele costum a saber. Eu hesito, vendo outras pessoas passarem pela porta.

— Ei, é a SB — diz um a voz atrás de m im e eu m e viro. É o Finley.

— SB? O que é isso?

— Super Baixinha. Você não deveria passar pela porta em vez de ficar aí olhando para ela?

— Por que você está aqui?

— Sou um dos bons exem plos. É um choque. Eu sei. Vam os lá.

Ele segura a porta para eu passar.

— Assine ali — ele aponta para um a m esa onde há um a fila de pessoas.

— Vej o você depois — ele acena para alguém do outro lado da sala e se afasta.

Aguardo m inha vez.

— Nom e? — um a m ulher de sorriso exageradam ente branco e olhos

duros pergunta.

— Ky — eu tusso. Finj o um a tosse para disfarçar que quase disse Ky la.

Controle-se! — Desculpe. Meu nom e é Riley Kain.

Ela olha para o com putador.

— Você não está na lista. Próxim o? Um garoto tenta passar por m im .

— Não, espere. Eu deveria estar aí. Você não pode verificar? É Kain, com K.

Ela respira fundo. Olha novam ente. Sorri.

— Você continua fora da lista — ela se vira para o garoto. Com eço a entrar em pânico. Aiden poderia ter se atrapalhado? Não.

— Eu devo ter sido inscrita no últim o m inuto. Ela respira fundo novam ente.

— Inscrição de últim a hora, por que não disse antes? — ela toca na tela.

— Aí está você. Preencha isto para que eu possa colocar você na lista registrada.

Ela m e passa um aparelho pequeno, com m eu nom e na parte de cim a, e um a ficha para ser preenchida. Com eçando pela data de nascim ento. Quando era m esm o?

— Aí não — ela reclam a. — Você está no cam inho — ela aponta para um lado, e eu saio com pressa, de rosto corado. Toco a tela e tento m e lem brar das inform ações no arquivo de Aiden. Finalm ente m e lem bro da m inha nova data de nascim ento: 17 de setem bro de 2036. Preencho o resto. Endereço, cabelos, olhos, peso, a única inform ação verdadeira é essa últim a. E, então, eu paro. Contato de em ergência? Aiden não m e deu um endereço para os m eus falsos pais em Chelm sford. Sem outra opção em m ente, coloco “Stella Connor,

Lar Chelm sford” e clico “enter”.

Eu m e aproxim o da m esa. Ela m e ignora, atendendo outras pessoas.

— Com licença — digo, finalm ente.

— Bem a tem po — ela responde, pegando o aparelho e atualizando seu notebook. — Você está devidamente registrada agora. Aqui está — ela m e passa um a pasta. — Sente-se, Riley.

Eu m e sento nos fundos. Som os cerca de cinqüenta pessoas agora, com alguns lugares vazios ainda, aqui e ali. Todas as outras pessoas estão conversando, parecem se conhecer. São todos dali? Alguns olhares m e acom panham e tento sorrir, m as não são olhares exatam ente am istosos; após um tem po, desisto e passo a ignorar. Finley está em um canto, com algum as outras pessoas. Meus olhos buscam os dele e ele pisca.

Mais alguns cochichos e, então, um silêncio súbito.

Um hom em , de terno m arrom am arrotado, cam inha até a frente. Ele olha para todos os rostos, m ovendo-se entre eles com o que para se fam iliarizar.

Seus olhos cruzam com os m eus após ligeira pausa.

— Bom dia, pessoal — ele diz. — Estou satisfeito por ver tantos rostos conhecidos no Program a de Estágio de Cúm bria nesta m anã e tam bém por alguns poucos desconhecidos. — Seus olhos cruzam os m eus novam ente e depois correm para outra pessoa, um garoto, m ais à frente. — Para aqueles que não m e conhecem , sou o Conselheiro Watson. Em nom e da Coalizão Central, gostaria de lhes dar boas-vindas para esta oportunidade, a porta de entrada do seu futuro. O Em pregos para Todas as Políticas de Coalizão está em seu vigésim o ano de sucesso, e os program as de Estágio são um a parte vital dessas realizações. Eu vou passar a vez agora ao seu coordenador de estágios local.

Há um a dispersão de aplausos educados e outro orador vai até a frente.

Noto pelo canto do olho que Watson sai da sala pelos fundos, e visivelm ente todos relaxam .

O esquem a é explicado em detalhes ao longo de um a hora. Hoj e, estão ali representantes e estagiários de todos os setores, e podem os falar com eles e fazer perguntas. Os setores que procuram novos estagiários são os de

Adm inistração, Hotelaria, Parques Nacionais, Transporte, Educação, Segurança, Com unicação e Saneam ento. Am anã terem os de entrar e assinar na linha pontilhada para nos com prom eter com o PEC por

cinco anos. Podem os perguntar qualquer coisa, fazer nossas escolhas, e depois farem os testes de aptidão.

Na segunda-feira saberem os quais os quatro setores que vam os experim entar. Passarem os um a sem ana em cada um e, finalm ente, um setor será escolhido para cada candidato. Ele não diz quem faz a escolha final, e suponho que não sej am os nós.

Assim , sem qualquer garantia de onde irem os acabar, é preciso prim eiro se com prom eter por cinco anos”? Isso m e soa com o para sem pre.

Quando ele term ina, as portas se abrem para um a sala adj acente, com áreas reservadas para cada setor. Todos se dispersam e parecem m ais interessados em conseguir um a xícara de chá do que falar com os representantes e estagiários. É quando noto acenos e cham adas aqui e ali. Será que eles j á sabem o que querem escolher? Ou será que acham que isso é apenas um a form alidade? Será que todo m undo j á sabe quem irá para onde?

Um a m ulher na m esa m ais próxim a (da Educação) m e cham a a atenção e sorri, e há algo nela que m e faz sorrir de volta. Sigo em sua direção.

— Olá — ela cum prim enta. — Você j á pensou em trabalhar em escola?

— Não — respondo, com sinceridade.

— Honestidade! Um a excelente característica — ela m e olha curiosa.

— Eu nunca esqueço um rosto, e há algo de fam iliar em você, m as não sei o quê.

Você não é daqui, é?

Nego com a cabeça, com cuidado para esconder a preocupação. Teria ela visto Lucy em m im , apesar do cabelo e dos olhos diferentes, depois de tantos anos?

— Eu sou de Chelm sford.

— Acho que não a conheço m esm o, e todas as crianças em Keswick passam pela m inha escola. Mas a m im isso não im porta, e não deveria im portar para ninguém , porque lugar de origem não é critério de aprovação.

— Sério? Achei que eu iria direto para Saneam então. Tinha certeza disso.

Ela ri.

— Bem, caso você considere outra opção, estão os à procura de três estagiários na escola primária de Keswick. Você cometeria com o assistente de professor, e, se tudo correr bem, pode passar para a formação de professores depois de um ano — ela se empolga e fala sobre inspirar as mentes jovens, e me lembro do menino sorridente no trem, levado pelos Lordeiros.

— Está tudo bem?

Estou surpresa. Sou assim tão transparente?

— Não sei se quero educação; não convivi muito com crianças pequenas e...

— Bem, é exatamente essa a questão. Se você escolher Educação, passará um ano conosco na escola e nós duas saberemos logo se isso é para você.

— Obrigada — agradeço, e não apenas pelo que ela disse, mas pelo jeito gentil com que falou.

Ela parece saber o que quero dizer e sorri novamente.

— Vá em frente, fale com todo o mundo. Nenhum de nós me ordena! — ela se inclina para mim perto e fala em voz baixa: — Exceto, talvez, os da Segurança.

Eu endireito os ombros e com eco em uma extremidade da sala, visitando um setor de cada vez, mas pulo o de Segurança. Eles não são Lordeiros, e sim a força local que lida com estacionamentos e coisas pequenas, mas quero me manter afastada de tudo o que diga respeito a autoridade, e, além disso, eles trabalhariam com os Lordeiros, não é mesmo?

Logo fica evidente pelo tráfego de pessoas que existem dois pontos principais de concorrência: Hotelaria e Parques Nacionais.

Nesse último, há agora uma pequena multidão. E noto que é uma multidão hostil, quando tento me aproximar.

— Ora, ora, é a SB — diz Finley, que é alto o suficiente para me ver

por cima de todos e notar que não estou fazendo progresso.

Finley me puxa para a frente e logo estou cara a cara com seu chefe, que olha para mim e levanta uma sobrancelha.

— Considerando uma carreira nos Parques Nacionais?

— Claro. Ele suspira.

— Não tem nada a ver com passeios de montanha-russa em férias ensolaradas.

Fico indignada com o seu tom.

— Claro que não. Trata-se de conservação, acesso público, educação e segurança — estive calada por tempo suficiente para pular a lengalenga.

— Você tem alguma habilidade relevante?

— Sei ler mapas e como usar uma bússola. Sou corredora e tenho experiência em caminhadas, então me encaixo perfeitamente. Eu amo o ar livre em todas as condições meteorológicas.

— Sério? — a voz dele ainda está cética, e, mesmo o que eu nunca tivesse ouvido falar do que se faz nos Parques Nacionais até cinco minutos atrás, algo em sua voz me deixou interessada.

Endireito a coluna e o encaro.

— Me teste e verá — um desafio lançado.

— Ora, ora. Quem diria.

Eu me afasto dos olhares hostis dos outros candidatos; Finley nos segue.

— Você lidou bem com ele.

— Será?

— Mas eu não teria muitas esperanças. Eles testarão dez para escolher cinco este ano. Mas a maioria dos outros foram voluntários em Parques Nacionais por todo tempo de escola e consideram garantidas suas reivindicações.

Mesmo que você fique entre os dez, é uma competição difícil.

Cheguei longe demais para deixar que em meu lugar de origem seja um critério de desclassificação.

CAPÍTULO 10

Tem os a tarde livre. Devo voltar para casa? Provavelmente. Todos devem estar no trabalho, e Stella e eu poderemos conversar um pouco em ais. Não é para isso que estou aqui?

Mas o sol está brilhando. É hora do almoço, só que, com o Café da Manhã dos Gigantes que tomei, estou satisfeita, e o sol brilhando sobre as colinas

rochosas salpicadas de neve está me chamando, deixando meus pés inquietos.

Para com isso, perambulo por Keswick, sem prestar atenção para onde estou indo, e depois de um tempo me encontro nos limites da Escola Primária de Keswick. A professora disse que todas as crianças dali frequentam aquela escola.

Deve ter sido minha escola. Devem estar na hora do almoço; há crianças correndo e brincando por todo o terreno. Parece um lugar feliz, sem as correntes do Ensino Médio no qual estive até recentemente. Será que eles também recebem visitas de Lordeiros por aqui? Será que os Lordeiros ficam no canto durante as reuniões escolares e arrastam os desordeiros, para nunca mais serem vistos novamente? Não. Isso seria ridículo. É uma escola primária, e não cheia de adolescentes potencialmente perigosos. Olho para os edifícios brancos por um momento, mas nada me parece familiar.

Durante todo esse tempo as colinas rochosas estão me chamando. Quero subir, chegar ao céu e tocar o Sol. Sigo uma trilha que leva para fora da cidade, pegando qualquer saída para cima e para fora. Paro diante de uma placa que aponta o caminho para o Círculo de Pedra de Castlerigg. Quase fico sem ar ao ler as palavras: é o círculo de pedra do meu sonho, aquele com meu pai? Nele, eu contava as pedras: as Crianças das Montanhas.

Estou andando mais rápido, mas não é rápido o suficiente, então, com o eco a correr. A corrida é de subida em terreno irregular e o ar frio gela minha garganta, mas é bom estar correndo. Eu disse àquele representante dos Parques Nacionais que era uma corredora, mas o quanto tenho feito isso recentemente? Eu quase nem caminho mais. Isso me lembra tanto de Ben que dói.

Mas agora m inha m ente está em Castlerigg. Preciso chegar lá assim que m eus pés conseguirem m e levar.

Eu desacelero para um a cam inhada quando finalm ente avisto um portão. É o portão, tenho certeza disso. Fecho bem o casaco; apesar de ter corrido e apesar do sol, a tem peratura parece ter caído, e sinto um a pontada de expectativa. Neve? Nuvens distantes se aproxim am .

Eu m e inclino contra o portão e finalm ente vej o. Um a grande área com o círculo de pedra em seu centro; as m ontanhas, m ontando guarda, form am um anfiteatro ao redor. Abro o portão e entro; em seguida, fico ali, olhando, algo se

agita e se m odifica dentro de m im . Não foi apenas um sonho, tenho certeza disso.

Eu m e lem bro, e a alegria por ter um a lem brança m e faz rir em voz alta. Eu estive aqui, m uitas vezes antes, em vários clim as: piqueniques em dias ensolarados de verão, cam inhadas sob as pancadas de chuvas de outono e a m agia coberta de neve, em busca de pontos brilhantes de flores silvestres da prim avera. Aquele era o nosso lugar, m eu e do m eu pai. O nosso lugar especial, que visitam os inúmer as vezes.

Cam inho até as pedras, m as não com eço a contá-las ainda. Tenho que com eçar no lugar certo, onde algum as das pedras chegam ao círculo.

Com eçam os ali para não perder o rum o.

De perto, algum as das pedras são enorm es, m as não tanto com o na m inha m em ória, quando elas eram gigantes; agora, algum as são até m ais baixas do que eu. Chego à prim eira, pressiono m inhas m ãos contra ela, então m e inclino sobre a pedra fria, as m ãos estendidas, o rosto virado, para que m inha bochecha tam bém toque nela. Fecho os olhos. Núm ero um .

Tudo o que tenho sido e tudo o que tenho passado nesses últim os anos parece ir em bora, deixando apenas Lucy. Um a garotinha com seu pai. Abro os olhos novam ente. Será este lugar, estas pedras antigas? Será que m ilhares de anos de idade fazem algum a coisa ao tem po, fazem sete anos parecerem sem im portância? Sinto-m e recuar para com o eu era naquela época, e com eço a correr entre as pedras, m arcando e contando cada um a com a m ão.

Está ficando cada vez m ais escuro e frio, e de repente a névoa

encobre as pedras. O sol desaparece. O clima de Lake District: ele me dá um piscar de olhos. As palavras vêm espontaneamente à minha cabeça. Quem dizia isso? De olhos fechados me dá um a vez, me recosto contra uma outra pedra e sinto como se estivesse afundando; o tempo esfria ainda mais, mas não me impede de ir ao porto. Busco no passado por mais alguma coisa, mas não sei o quê.

Um senso de inquietação toma conta de mim. Este não foi sem um lugar bom. Afasto esse pensamento, querendo permanecer com a Lucy, mas ela está indo embora.

Há quanto tempo estou aqui? Estou tremendo de frio e a luz começa a desaparecer. Eu deveria voltar, pegar o ônibus com Madison quando a cafeteria

fechar às cinco. Verifico o relógio, são quase quatro. Eu deveria ter tempo de sobra para chegar lá, mas estou desorientada. Em que pedra eu estava, e para que lado é o portão? Eu não sei. Espio entre a névoa, mas ela guarda seus segredos, não consigo ver além de alguns metros de campo congelado. Um arrepio desce pela minha coluna. E se eu tivesse seguido o meu primeiro impulso e continuasse subindo, subindo e subindo? Estremeco só de pensar em estar no topo de uma colina e incapaz de ver o caminho.

Que ótimo a guarda florestal eu daria.

Atravesso o campo congelado na direção que aposto ser a certa, torcendo para que a névoa se dissipe. Caminho mais do que esperava e esbarro em uma cerca, mas nada de portão. Não faz mais, sigo a cerca. Eu com o que, me atendo a cerca perto e à vista, mas depois de andar por muito tempo sei que fui para o lado errado. Devo voltar? Não. Continuo indo, é a única maneira de ter certeza de que não acabarei indo e voltando. Chego a um portão, mas parece diferente daquele por onde entrei.

Estou do lado oposto, o do estacionamento. Agora, o portão que procuro está distante de novo, na outra extremidade.

Finalmente eu o alcanço, atravesso e sigo a trilha para baixo. As luzes da cidade começam a penetrar a neblina, que se dispersa conforme alcanço as primeiras casas; então eu corro a toda a velocidade pelas ruas, de volta ao centro.

Quando viro a última esquina, o ônibus está se afastando. Eu aceno e ele para. Entro, respirando com dificuldade. Aturdida, tenho um momento de pânico quando não consigo encontrar minha identidade, mas

está no outro bolso. Eu a passo pelo scanner e caminho pelo corredor. Um a mim não acena: é Madison. Ela se afasta para que eu possa sentar ao seu lado no banco do corredor.

— Riley ? Pensei que o sem inário tivesse terminado horas atrás! Com o foi?

Minha mãe parece estar a séculos de distância.

— Bem , eu acho. Estou pensando em Parques. Talvez Educação.

Ela me olha com curiosidade.

— O que aconteceu com você esta tarde? Dou de ombros.

— Nada de mais. Saí para uma caminhada.

— Você terá que reportar isso quando voltarmos.

— Por quê?

Ela encolhe os ombros.

— Não se preocupe, vai ficar tudo bem . Você deveria ter escrito isso naquele livro idiota quando saímos; Stella provavelmente fez alguma arcação porque não sabia onde você estaria a cada segundo do dia.

— Sério?

— Não se preocupe. Você não sabia, não é? Porque eu não li as regras.

Stella está diante de sua mesa, na área de recepção, os braços cruzados, rígidos pela tensão. Sua cabeça se volta quando entramos, e seus olhos se fixam em mim . Algo muda, seu rosto se descontrai quando ela me vê, e eu tento dizer que sinto muito sem dizer nada. Ela sorri, mas em seguida olha para Madison ao meu lado, e seu sorriso desaparece.

— Oi, senhora Connor — Madison cumprimenta. Seu braço enganchado no meu com ela me puxa para o outro lado da sala.

— Não tão rápido — diz Stella. — Riley ? Eu gostaria de uma palavra.

Por aqui.

Ela se vira e caminha em direção a outra porta, às suas costas.

— Ô, ô — diz Madison. — Um a conversa em seu escritório particular.

Boa sorte.

Acompanho Stella e atravesso a porta, que balança e se fecha atrás de mim.

— Sinto muito sobre o livro, eu não sabia que... — com o eco a dizer, mas Stella vem até mim e me puxa em um abraço desajeitado, e apertado. Ela é só ossos, me abraça e desesperada.

Ela me solta.

— Eu estava tão preocupada. Não faça isso comigo de novo!

— Ela se senta à mesa, o rosto tenso novamente.

— Por que você obriga todas a dar satisfação de seus dias desse jeito? Se não fizesse isso, não iria se preocupar quando alguém se esquecesse de escrever algo no livro. Você deve confiar em nós. Não podem os ter permissão para sair

durante o dia? Todas tem os meus dezoito anos. Ou deveriam os ter —

acrescento, já que não tenho, mas estou certa de que as outras sim. Ela balança a cabeça.

— Eu sou responsável por todas as garotas da casa, e levo isso muito a sério.

— Ah. Você precisa fazer isso, por esta ser uma casa supervisionada para menores de vinte e um anos?

Ela hesita.

— Não precisa, não é? É você mesma que as obriga a fazer isso; nos obriga a fazer isso.

Ela balança a cabeça.

— Você é a única que quebrou as regras aqui; não discuta — ela fala mais suave a seguir. — Eu não posso ter regras diferentes para você.

— Claro que não.

Ela respira fundo e balança a cabeça.

— Eu estava com tanto medo de que algo tivesse acontecido, de que tivessem descoberto que você não é Riley Kain e levado você para longe de mim novamente.

Agora estou arrependida.

— Eu sinto muito, de verdade. Não li todas as regras ainda — admito. —

Não sabia que precisava escrever o que faria durante a tarde.

Ela abre uma gaveta e me passa outra cópia das regras.

— Então, você deve sentar e ler as regras antes do jantar, antes que viole meus pais por acidente.

E não é tão ruim. Sento-me em uma poltrona no canto do escritório, está um pouco frio, mas em pouco tempo Pipoca me encontra e se enrosca em meu colo, me aquecendo, com uma bolsa de água quente. Stella me traz uma xícara de chá e eu começo do início. Já conheço a regra número um: ser gentil com Pipoca. Coco atrás de suas orelhas e ela ronrona. O resto delas são em sua maioria simples, coisas lógicas, com o não pisar nos tapetes com as botas da rua e manter as portas fechadas à noite.

Quando chego à metade, faço uma pausa e levanto os olhos. Será este o

meu escritório do meu sonho? Há longas cortinas que cobrem as janelas e também se curvam pela sala, cobrindo parte da parede adjacente. Tiro Pipoca dos meus olhos, vou até as cortinas e as puxo para um lado. Há uma porta!

Exatamente como no meu sonho. Incapaz de me controlar, estico a mão para abrir a porta, mas ouço vozes fora do escritório.

Corro de volta para a cadeira e pego as regras novamente, segundos antes de Stella voltar. Ela pega algo de sua mesa e torna a sair.

É melhor eu terminar de ler isto antes do jantar. Concentre-se. Há algumas regras sobre o toque de recolher, verificações surpresa dos quartos, e informar onde estão os e o que estão os fazendo.

— Ela é um pouco maníaca por controle, não é? — digo a Pipoca, em

voz baixa.

Um a sensação desconfortável m e tom a por dentro. Será que ela sempre foi assim ou ficou assim depois que m e tiraram dela?

Naquela noite, logo após as luzes se apagarem (o que agora sei que acontece às onze da noite), ouço um a leve batida na porta e ela se abre. Stella espreira.

— Está acordada?

— Estou — respondo, m as ela parece insegura. — Pode entrar.

Ela cam inha pelo quarto e coloca um a cadeira ao lado da cam a, com o fez na noite passada.

— Mas você sabe que é hora de apagar as luzes — provoco.

— E eu deveria estar dorm indo.

— Não sej a atrevida. Eu sei que você precisa acordar cedo am anã, por isso não ficarei m uito tem po.

— Está tudo bem . Eu não sou de dorm ir m uito — agora, por exemplo, m inha m ente está tom ada por m ontanhas e cam inhadas na colina rochosa.

— Você nunca foi. Me fazia ficar acordada m etade da noite até os quatro anos. E depois até m ais tarde, com pesadelos.

— Que tipo de pesadelos?

— De todo tipo. Monstros em baixo da cam a. Algo acontecendo com ...

— e ela para. — Coisa norm al de criança, eu acho.

Então eu sempre fui assim : com sonhos e pesadelos vividos? Pensei que fossem apenas as lem branças fragm entadas que assom bravam m eu sono.

— Podem os ver m ais fotos? — pergunto.

— Hoje e não. Eu quero falar com você sobre algo. Com o foi o PEC

hoje?

Encolho os ombros.

— Tranquilo.

— Está ciente de que, se você se inscrever amanhã, serão cinco anos de com prom etimento, e de que você pode nem conseguir o que quer?

— Eles explicaram ; eu sei. Mas...

— Eu tenho outra idéia. Por que, em vez disso, você não trabalha aqui?

— Com o assim ?

— Aqui, na casa. Eu normalmente tenho duas meninas trabalhando para mim , mas uma delas fez vinte e um anos há alguns meses e foi embora.

— Fazendo o quê?

— Você sabe, cuidar da casa. Do jardim , no verão. Ajudar com a comida — ela vê a minha expressão. — Eu sei que não parece muito emocionante. Mas poderiam os passar mais tempo juntas, nos conhecer uma à outra novamente. E seria mais seguro. Haveria menos chance de alguém descobrir que você não é quem você diz que é.

— Eu não sei. Estou interessada no estágio em Parques Nacionais.

— Isso pode ser difícil de conseguir.

— Eu gostava de fazer caminhadas?

— E de correr. Você não parava nem por um minuto.

— Não, eu quero dizer nas montanhas, nas colinas rochosas. Em lugares altos.

Ela hesita.

— Eu acho que você nasceu parte cabra-antiga. Você adorava isso.

Noto a expressão em seu rosto.

— Mas você não gostava. Ela suspira.

— Não. Eu não tenho a cabeça nas alturas. E eu tinha medo de que

você escorregasse e se machucasse.

— Se você não gosta de altura, com quem eu fazia cam inhadas? Com o m eu pai?

Ela balança a cabeça, finalm ente adm itindo que ele existiu.

— Essa era outra razão para eu não gostar.

— O que quer dizer? — ela hesita novam ente e eu perco a paciência.

—

Eu tenho a sensação de que você e ele não se davam bem . Mas ele faz parte do m eu passado, de onde eu venho. Preciso saber m ais sobre ele tam bém .

Ela m e olha por alguns m om entos e finalm ente concorda.

— É claro. Sinto m uito. Sim , seu pai levava você para cam inhar na m ontanha — ela faz um a pausa e eu fico em silêncio, olhando para ela, dizendo m e fale um pouco m ais com os m eus olhos, e posso notar que algo se desarm a nos dela. Ela segura a m inha m ão. — Tudo bem . Seu pai... o que posso dizer? Ele sem pre foi um sonhador, sua m ente estava sem pre em outro lugar. Ele tinha um talento para levar você para o m undo do faz de conta, onde tudo era possível. Foi isso o que m e atraiu nele, m as não foi o suficiente. Não depois que você nasceu.

Danny não era a pessoa m ais confiável do m undo; ia da raiva à alegria rapidam ente, e se distraía fácil. Eu estava sem pre com m edo de ele esquecer que você o estava acom panhando e perdê-la no m eio do cam inho.

— Mas ele não m e perdeu, então você estava errada.

Ela parece tensa. Há um a nuvem em seus olhos, e eu gostaria de poder retirar o que disse. Ela solta a m inha m ão.

— Já conversam os bastante por hoj e.

Ela se levanta e cam inha até a porta. Se vira e seu rosto está suave novam ente.

— Por favor, pense sobre o PEC. Você realm ente quer j ogar sua vida fora por cinco anos? Você pode acabar fazendo qualquer coisa e não o que acha que quer. Não seria m elhor trabalhar aqui do que acabar em Saneam ento? E

você pode sem pre deixar isso para depois e se inscrever para a próxima adm issão daqui a seis meses, se ainda quiser.

— Está bem . Vou pensar sobre isso.

— Boa noite, Lucy. Quero dizer, Riley.

Com o estou caindo de sono, eu realmente penso nisso. Sobre passar vinte

e quatro horas do meu dia nesta casa e só conseguir escapar se inventar um bom motivo para escrever na coluna de um livro. E ter de voltar antes de ser descoberta.

E então eu penso sobre as montanhas: andando em lugares altos, subindo em direção ao céu. Com o meu pai: Danny sonhador. Agora eu sei o nome dele e o guardo bem guardado.

Os sonhos dessa noite são confusos. E gloriosos.

CAPÍTULO 11

O próximo o sermão chega na manhã seguinte, no ônibus; e vem de um a fonte surpreendente: Madison.

— Tem certeza de que realmente quer se inscrever no PEC? Olho para ela, surpresa.

— São cinco anos, e eles pagam praticamente nada por todo esse tempo.

E você poderia acabar em um lugar horrível. Pode até — o rosto dela se enche de horror — acabar trabalhando com o Finley.

Ele se vira para nós, do banco da frente, e pisca.

— Tomara que ela tenha essa sorte — ele diz.

— O que você acha? Sobre eu me inscrever? — pergunto a ele.

— Foi a melhor coisa que já fiz — ele responde, sério. — Eu adoro.

— Mas... — interrompe Madison.

— Sem problemas. Mas, se você está contando com ser escolhida para os Parques, não conte com isso. Tenha um plano B.

Não m uito m ais tarde, estou encarando o contrato na sala de sem inário onde estiverem os na m anã do dia anterior.

A últim a vez que assinei um contrato eu tinha acabado de ser Reiniciada e estava deixando o hospital. Parece ter sido há tanto tempo. Na época, eu não tive escolha. O que teria m e acontecido se eu tivesse recusado assinar? Aquele contrato era sobre prom eter seguir as regras, da m inha nova fam ília, do colégio e da com unidade. Sobre dar o m elhor de m im para m e encaixar e não m e m eter em encrenca. Fui sincera quando o assinei, m as não durou m uito, não foi? Se os Lordeiros m e encontrassem agora, eles m e prenderiam , sob a acusação de ter quebrado m eu contrato. Algo prim ordial na lista do que os Reiniciados não

devem fazer é buscar por sua vida anterior. Ter usado o TAI para m udar m inha aparência, criado um nom e e identidade falsos tam bém aum enta m eus pecados.

Mas esse contrato, hoj e, só depende de m im . Sou eu quem decide.

Mordisco m inha caneta e tento m e concentrar para lê—lo corretam ente.

Cadeiras se m ovem ao m eu redor. Ninguém pergunta nada, todos sim plesm ente assinam sem ler e devolvem os papéis. Logo notarão m inha hesitação.

O que isso significa? Cinco anos de estágio. Ser treinada em um a carreira, sej a ela qual for: m inha escolha ou a deles.

Um a vida, por escolha própria. Com o Reiniciada eu não poderia fazer isso até ter vinte e um anos.

Se eu não tivesse sido raptada pelo TAG há sete anos, não tivesse m e tornado um a terrorista, não tivesse sido Reiniciada, o que seria da m inha vida agora? Será que eu ainda estaria aqui, neste m om ento exato, tentando fazer esta escolha? Lucy talvez estivesse feliz, anim ada. Teria assinado o contrato e saído com os am igos no fim de sem ana para com em orar. Talvez ela tivesse certeza de que conseguiria sua prim eira opção, aqui em sua cidade natal, onde todo m undo a conhece.

Será que Stella ainda estaria lá no fundo da m ente de Lucy, argum entando contra isso, querendo m antê-la segura e em casa?

Eu assino: Riley Kain.

A próxima etapa no formulário é selecionar minhas melhores opções.

Coloco Parques Nacionais em primeiro lugar; hesito e, em seguida, coloco Educação em segundo. Olho para os outros, e então estou ciente de ser um a dos últimos ainda às voltas com a papelada, rabisco as outras opções de forma aleatória, com Saneamento e Segurança por último, e entrego o formulário.

Seguem-se horas de testes de aptidão: interpretação, matemática, estranhos problemas de lógica e sequências. Quando finalmente chega a hora de ir, somos os instruídos a nos apresentar na segunda de manhã, às oito horas, quando descobriremos os quais dos quatro testes de um a sem ana faremos, com o primeiro naquele mesmo dia.

Lá fora, o sol de ontem é um a mil em órbita distante: o céu está cinza, as montanhas cobertas de nuvens. Fica mais fácil pegar o ônibus e ir direto para casa. Hora de enfrentar Stella e dizer a ela que assinei na linha pontilhada.

Quando chego lá, a porta lateral que normalmente usam os está trancada. Sorte eu ter lido as regras ontem à noite e assim saber o código da porta. Digito os números e entro. A casa está em silêncio.

Eu abro o livro para assinar e vejo o “Stella Connor” escrito na coluna de fora, com um “com pras” na descrição e hora de retorno estimada para as quatro da tarde. Ela também segue as regras? Outro nome, Steph, também está assinalado para com pras. Será a garota que trabalha para ela? Eu examino a página de hoje; parece que ninguém está em casa, e ninguém está previsto para voltar por pelo menos algumas horas.

É minha chance de explorar.

Sou tomada por um sentimento peculiar de excitação. No momento fico zanzando, calma, quase como se eu estivesse esperando alguém surgir de repente e exigir saber o que estou fazendo.

Com o pelas salas com unitárias, corredores e escadas. Saio vagando, buscando, mas não encontro nada, qualquer coisa que me pareça familiar. De repente, Pipoca salta de um a mesa quando entro em uma sala e eu quase dou um grito.

A casa é enorme. Pipoca me segue enquanto ando pela imensa e

brilhante cozinha, pelas áreas de serviço e despensas. Nada é familiar, nada me toca. No entanto, a cozinha parece nova. Quem sabe ela a tenha modificado desde que estive aqui? A seguir, tento a porta do escritório de Stella, onde estive no dia anterior. Está trancada.

Stella tinha dito que o quarto da torre não era o meu quarto. Qual seria ele, então? Tento voltar no tempo, parar de pensar, apenas seguir os meus pés, mas nada funciona. Eu tive sonhos com o meu quarto daqui antes, mas, se fecho os olhos e tento vê-lo, tudo é incerto. Há apenas um senso de proporção, alguns armários pintados de branco, um armário cheio de babados. Talvez existam fotos dele nos álbuns.

De volta ao meu quarto, de porta fechada, tiro o grampo do cabelo e remexo a fechadura para abrir o guarda-roupa. Levo os álbuns para minha cama

e os coloco em ordem, do um ao onze.

Abro um álbum, depois outro. Analiso cada um, à procura de fotos tiradas no meu quarto, mas logo me distraio quando percebo que, fora o primeiro álbum, em que sou um bebê, cada um com uma comemoração. Desde o meu primeiro aniversário com o rosto sujo de bolo, quando era uma garotinha, e depois meus crescidos. Aniversários parecem coisa séria. Cada ano, houve um incrível bolo temático decorado: em um ano, fadas; no outro, pôneis, e depois duendes.

Mamãe os fez para mim.

Sinto um arrepio na coluna. Mamãe? Stella. Há várias fotos dela sorridente, seus braços à minha volta, meus braços em volta dela. Eu era bem pequena quando seu cabelo escuro se tornou loiro claro com o meu. Conforme cresci e meu cabelo escureceu um pouco, estranhamente o dela também escureceu. Era quase como se ela estivesse tentando fazer com que combinassem os.

Mais uma vez não há sinal de papai. Há espaços vazios nos álbuns com o se algum das fotos tivessem sido retiradas, mas são poucos e bem espaçados, não deve ter havido muitas fotos dele.

Ele tirou a maioria das fotos.

Uma imagem dele por trás da câmera era saltada em minha mente, e então desaparece. Preciso perguntar a Stella o que houve com as fotos que ela retirou dos álbuns. Será que ela as guardou em algum lugar ou

as destruiu?

Alguns a coisa me faz colocar os álbuns de lado e pegar o último, o de número onze.

Primeira página: Lucy sorrindo. Eu. Sinto arrepios em meus braços e espinha. Estou usando o vestido rosa. O mesmo do armário, o mesmo do meu sonho. Pipoca salta e se aproxima, espiando conforme viro as páginas.

— Olha, é você — sussurro, não sei bem por quê. Há fotos e mais fotos de Pipoca quando filhote. Perseguindo cordinhas, sentada nos meus olhos, dormindo nos meus braços. Meu presente de aniversário de dez anos. A seguir estão fotos minhas com um bolo de sorvete cor-de-rosa. O tempo era princesa naquele ano. Dez velas, então eu estava certa.

Alguns as páginas depois, algo se modifica.

Ainda estou sorrindo, mas alguns a coisa está errada. Há algo no meu rosto, estou retendo alguns a coisa. Eu quase posso sentir aquele momento, mas então ele se perde.

O quê?

Viro outra página e há uma foto minha num dia de sol, com os picos da montanha Catbells atrás. Pipoca está em meus braços e meu sorriso com dentes separados é de verdade dessa vez.

Viro a página: nada. Busco em outras páginas do final, mas o resto do álbum está vazio. Algo me deixa arrepiada.

Eu o fecho. Meu coração bate forte por trás das costelas. Aquela última foto minha é a que estava no DEA. A última que Stella tirou antes que eu desaparecesse. A que ela deu ao site na esperança de que eu fosse encontrada e que voltasse para ela algum dia.

Não sei por quanto tempo fico ali, olhando para a parede, pensando. Não sei por que tenho medo e me antido distante de Stella. Seriam a necessidade e a ansiedade em seus olhos que me afastam dela? O que eram os meus para a outra no passado está nessas páginas. Para ela, nosso relacionamento é real e imediato; para mim, é apenas um eco fraco, com o meu a música que ouvi uma vez, mas não consigo me lembrar.

E agora me inscrevi no PEC em vez de ficar aqui com ela.

Ouço um barulho estranho. Será um carro? Olho para o relógio. São quase quatro horas, elas devem estar voltando. Eu m e apresso e coloco rapidam ente os álbuns de volta no guarda-roupa, na ordem em que estavam , tranco o arm ário e desço as escadas.

Stella está na cozinha, esvaziando as sacolas de com pra. Paro na entrada por um instante; ela sorri quando m e vê.

— Posso aj udar? — pergunto.

— Claro — organizam os algum as coisas em duas geladeiras grandes e ela m e m ostra em quais arm ários guardar cada coisa.

— Agora, vam os a um a xícara de chá e bate-papo — ela diz, e coloca a chaleira para esquentar. — Steph ficou na cidade, então serem os só nós duas por

um tem po. — Ela serve o chá e nos sentam os nos banquinhos do balcão.

— Preciso lhe contar um a coisa — com eço a dizer, e hesito.

— O que foi, Riley ?

— Sinto m uito, m as m e inscrevi no PEC.

Eu m e preparo para a reação dela, m as ela m e olha calm am ente e tom a um gole do chá.

— Im aginei que fosse fazer isso. Em bora saiba que não sou m uito fã de Parques Nacionais. Eles fazem algum as coisas perigosas. E seria um desastre se colocarem você em Segurança, com esse aum ento nas verificações de segurança. Mas vam os esperar e ver o que o estágio lhe oferece. Não há sentido em se preocupar com isso agora, não é?

Olho para ela, surpresa e em choque. Essa, definitivam ente, não era a reação que eu esperava.

— Obrigada, m am ãe — sussurro.

E o rosto dela fica engraçado. Ela estica o braço, m as, em vez de m e esm agar num abraço com o o de ontem , ela toca em m eu queixo. Pisca diversas vezes e se levanta, vai até o balcão atrás de nós e pega um a caixa.

— Tenho um a coisa para você — ela a abre e segura algo pequeno e retangular.

— O que é isso?

— Vej a, é um a câm era. Essas m odernas são tão engenhosas — ela aperta um botão pequeno que se abre de supetão para m ostrar as lentes e alguns controles. A m áquina é pequena, pouco m ais de alguns dedos de largura. Ela m e m ostra com o funciona. — Pensei que, se você precisar sair todos os dias, poderá tirar fotos para m e m ostrar o que fez. E podem os com eçar outro álbum j untas.

Que tal?

— Obrigada — agradeço, e tiro fotos de Pipoca sentada aos nossos pés, de Stella, e algum as da cozinha. Depois paro próxim a a ela e estico o braço para tirar um a de nós duas j untas. Ela m e m ostra com o ver as fotos, apertando um botão e proj etando-as em um a superfície, e alguns cliques depois estam os lado a lado, sorrindo, estam padas na parede da cozinha.

— Ah, tenho outra coisa para você — ela pega algo no bolso. — Fiz um a

cópia extra da chave do guarda-roupa com os álbuns de fotos, assim você pode vê-las quando quiser. Mas o m antenha fechado e guarde a chave. Não quero que ninguém m ais m exa lá, está bem ?

Ela m e entrega um a chave, eu passo os dedos nela e a coloco no bolso.

E m e sinto culpada por j á ter m exido lá sem ela saber. Lem bro que ia perguntar a ela sobre as fotos desaparecidas do m eu pai, m as não consigo. Hoj e não. Não enquanto estam os nos dando tão bem .

— Agora chega, tenho coisas a fazer — diz Stella. — Hoj e é o aniversário da Ellie. Você quer m e aj udar a decorar o bolo?

O bolo de aniversário da Ellie não é tão elaborado quanto os da m inha infância: um bolo de chocolate de três cam adas e cobertura de chocolate, flores de açúcar subindo entrelaçadas pelos lados e vinte velas. É delicioso e todas estão de bom hum or; nem Madison faz com entários de duplo sentido. Ela anuncia que a razão para seu bom hum or é que esse é o seu único fim de sem ana de folga do m ês e que eu sairei com ela para um a cam inhada am anhá no Catbells com Finley.

Mesm o após ouvir isso, Stella está m ais relaxada do que nunca, sorrindo da ponta da m esa, olhando para cada um a das garotas. E eu percebo que, para ela, todas são suas filhas: substitutas da que

perdeu? Algum as estão aqui há anos.

Mais tarde, descubro que Ellie é louca por jardinagem e está encantada que as flores do bolo são cópias das que ela plantou no jardim no último verão.

Sinto um a pontinha de ciúme.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, quando eu e Madison botam os pés para fora, para pegar o ônibus até Keswick, finalmente acontece. Está nevando.

Eu danço pelo caminho, com os braços para o céu.

— Você é doida — ela diz.

— Eu amo a neve. Não sei por quê. Ela dá de ombros.

— Eu basicamente a tolero. Mas seria ótimo se nevasse hoje, se nevasse realmente forte, e eles cancelassem essa caminhada idiota.

— Eu pensei que você quisesse ir. Ela não responde, e eu olho para ela.

— Ah, entendi. Não tão interessada em caminhar, mais interessada no

Finley.

Ela faz um careta e então ri.

— Talvez.

— O que há entre vocês dois? Ela levanta os ombros.

— É difícil explicar. É o Finley — com o se isso explicasse tudo.

— E...?

— Ele não é conhecido por mim anteriormente por mais de cinco minutos.

Finley é paquerador.

Chegam os à estrada e esperam os pelo ônibus.

— Você está errada — digo. — Pode ser que ele fosse assim antes, mas

as ele realm ente gosta de você. Dá para ver nos olhos dele quando ele a olha.

O rosa das bochechas dela fica m ais intenso, m as ela não responde e levanta um braço para fazer sinal para um ônibus que se aproxim a.

Quando chegam os à cidade, seguim os para o Centro de Inform ações.

Há um pequeno grupo de pessoas vestidas com o nós, com agasalhos de cam inhar. Finley está lá, e um hom em conhecido com o John escreve num a prancheta o nom e de cada um que chega.

Finley acena ao nos ver. Ele coloca nossos nom es na lista de John e se aproxim a.

— Ora, ora, vej am quem está aqui. Baixinha e super baixinha. É m elhor que vocês fiquem grudadas em m im .

— E por quê? — Madison pergunta.

— Se continuar nevando, vocês podem desaparecer na ne—
vasca. Nós não querem os perdê-las lá em cim a.

Está nevando forte. Há um a pequena discussão sobre isso e a previsão do tem po. Eles decidem esperar e consultar o verificador de penhascos, que deve chegar a qualquer m om ento.

— O que é um verificador de penhascos? — pergunto ao Finley. Ele se vira para m im e levanta um a sobranceira. — Esse é o tipo de coisa que você deve saber se quer trabalhar em Parques. Ele é exatam ente o que o nom e diz.

— Deixa ver se eu adivinho: ele verifica os penhascos? — pergunta Madison.

— É isso aí, Einstein. Len sobe a cordilheira de Helvelly n todos os dias e verifica as condições do penhasco Striding Edge. Ele tira algum as fotos lá de cim a e eles postam seu relatório para os m ontanhistas poderem decidir se querem subir — ele explica, apontando para um arm ário na parte da frente do Centro de Inform ações. Vou até lá olhar. Dentro está o relatório de ontem sobre as condições e o tem po de Helvelly n. Com gelo: apenas para os m ontanhistas com experiência em equipam ento de sobrevivência de inverno. É obrigatório usar cram pons nas solas. E um a foto: um cam inho de gelo fino na beirada de um penhasco, com queda acentuada de am bos

os lados.

— Não é para medrosos — diz Finley.

— Não é para mim ! — exclam a Madison.

— Exatamente — diz Finley, e ela lhe dá um soco no braço. Mas estou ignorando os dois, olhando fixamente para a imagem no armário. Eu estive sobre aquele penhasco, muitas vezes. Tenho certeza disso! Com Danny, o Sonhador.

— A julgar por esse sorriso, você não é medrosa — diz uma outra voz, e eu me viro. É John. Ele deve ter se aproximado e ouvido sem que eu percebesse.

— Não. Podem os subir hoje, então?

John ri.

— De jeito nenhum. Há muitos iniciantes aqui.

— Não entendo — diz Madison. — Por que enviam um cara lá em cima a todos os dias para verificar as coisas? Por que simplesmente não instalam um câmara e alguns sensores climáticos?

Finley balança a cabeça. Eu me adianto antes que outra pessoa responda.

— É uma questão de conservação. Os Parques Nacionais não podem colocar equipamentos lá em cima, é contra sua filosofia — John concorda.

Len, o verificador de penhascos, chega. Ele é mais velho do que imaginei, de cabelos longos e grisalhos presos para trás, uma barba cinza selvagem e um brilho de loucura em seus olhos. Ele conversa com John e decidem que ficarão os dois em Catbells. Enquanto Len se afasta a passos largos, olho ansiosa, os pés cocando para ir atrás dele e perguntar se posso ir até Helvellyn com ele em vez de ficar com os outros.

— Você vem ? — Finley me chama, e vejo o que nosso grupo está se adiantando. John lidera o caminho, com Finley atrás, com o marcadador, levando os que ficam atrás.

Caminhamos por Keswick até o rio, depois descemos o rio a pé pelos caminhos, atravessando florestas e subindo para a entrada de Catbells.

Em pouco tem po, há m ais neve no chão e com eçam os a subir um a colina íngrem e.

Madison está ofegante, dim inuindo o ritm o, e Finley ri e a em purra pelas costas.

Em seguida, segura sua m ão. A m aneira com o eles são um com o outro m e toca por dentro, revelando um a dor que sem pre esteve lá.

Im agine se Ben estivesse aqui. Segurando m inha m ão, enquanto subim os a m ontanha. Im agine se estivessem os sozinhos em vez de estar neste grupo errante de m ontanhistas.

Eu acelero e deixo Finley e Madison para trás. Para lhes dar algum tem po sozinhos, digo a m im m esm a, ou é apenas porque não consigo m ais olhar para eles? Forço m inhas pernas e m úsculos e ultrapasso os outros um a um , que dim inuem o passo quando o cam inho se torna íngrem e. Em pouco tem po alcanço John na parte da frente.

— Devagar — diz ele, alegrem ente. — Eu não posso deixar você sum ir na nossa frente, e não posso acelerar e deixar os outros para trás.

— Que tal se eu for prim eiro, m as ficar à vista? — pergunto, ansiosa para ver o cam inho aberto em m inha frente.

— Está bem . Mas não se afaste m uito — ele diz. — De vez em quando espere para alcançarm os você.

Saio na frente. A neve dim inuiu com o disse a previsão do tem po, e o céu está clareando. A vista se estende diante de nós.

O cam inho livre aos m eus pés m e faz continuar. A cada passo que dou, sinto que estou ficando m ais perto de algo, sem saber o quê. Eu m e forço a esperar de vez em quando para que os outros m e alcancem , com o prom etido, então disparo de novo. A neblina gradualm ente se eleva, e um por um os picos que nos cercam se revelam . Algo dentro de m im se m odifica pouco a pouco.

Este é o lugar ao qual pertenço.

Alcanço algum as pedras. O vento varreu a neve para longe deste lugar

agora exposto, deixando o brilho do gelo para trás. É necessária um a leve corrida para cim a. Stella está certa, sou parte cabra-m ontesa.

Escalo as rochas com facilidade e aguardo pelos outros no topo quando vej o John acenar. A m aioria sobe sem m uita dificuldade, m as Madison parece alarm ada e não parece estar querendo cham ar a atenção de Finley. Eu desço novam ente para deixá-la, antes que ele perceba.

Na prim eira colina há outra escalada, e a seguir estou sozinha no topo do m undo. O lago se estende na parte de baixo, com Keswick m ais à frente. No entanto, cam pos m ais elevados e subidas m ais íngrem es cham am por m im , e prom eto a m im m esm a: só m ais um dia.

Aqui de cim a você pode acreditar em qualquer coisa. As palavras se form am dentro de m im : Danny, o Sonhador. E eu as repito em voz alta.

Noto passos vindo de trás. John está ao m eu lado. Será que ele ouviu?

— Verdade. Estas m ontanhas e lagos estão aqui há m uito tem po, m ais tem po do que as pessoas. Eles estarão aqui quando form os todos em bora.

Não falam os m ais nada. O m undo lá em baixo, com seus Lordeiros e problem as, parece distante, sem conseqüências.

Os outros nos alcançam , e em pouco tem po precisam os iniciar a cam inhada de volta, ainda à luz do dia. De volta à realidade.

Naquela noite, no j antar, Stella nos diz que um a inspetora virá para o alm oço no dia seguinte. Um OCJ. Todos devem participar, sem desculpas, e se com portar perfeitam ente. Ela não diz o nom e, m as será que é a m inha avó, a que Madison m encionou? Aquela cujas fotos estão escondidas dentro de um a caixa em um guarda-roupa trancado? Olhares são trocados e nada m ais é dito, m as o ânim o geral baixa, com o se ela tivesse acabado de j ogar um balde de água fria sobre a sala.

Madison m e segue até o m eu quarto depois do j antar, m al—hum orada.

Ela se j oga na m inha cam a.

— Eu realm ente não acredito nisso.

— No quê?

— Que aquela bruxa tinha que escolher este dom ingo, m eu único

domingo de folga em um mês inteiro, para vir para um almoço estúpido. E todos

devem participar. Algumas de nós têm uma vida própria. Coisas para fazer.

— Com o quê?

Ela faz uma careta furiosa, mas seu rosto luta entre a raiva e o sorriso.

— Finley? Ela confirma.

— Sim. Ele finalmente me convidou para sair esta tarde, iríamos nos encontrar na cidade, sair para almoçar, ou qualquer outra coisa. Mas agora...

— Qualquer outra coisa? Que outra coisa?

— E isso importa? Tentei ligar, mas ninguém atende. Ele vai pensar que inventei uma desculpa para não sair com ele. Ele nunca vai acreditar que não somos as autorizadas a perder esse almoço estúpido. É esta casa estúpida. Nenhum das outras é assim.

— É a mãe da Stella que vem para o almoço? A comandante do Controle Juvenil de toda a Inglaterra de que você me falou?

Ela confirma.

— Ela aparece a cada poucos meses. Stella nunca se refere a ela como

“mãe”, mas é isso que ela é. Astrid Connor, a assassina sorridente.

— O que quer dizer?

— Ah, você vai descobrir em breve — ela suspira tragicamente. — Eu não posso acreditar que isso está acontecendo comigo.

— Eu avisei.

— O quê?

— Que Finley realmente gosta de você.

— Talvez — ela sorri, por pouco tempo. — Não que isso terá importância depois de amanhã.

— Ligue novam ente am anã, diga a ele que vai encontrá—lo m ais tarde.

Dará tudo certo.

— Claro. Aposto que ele só vai sair com outra garota.

— Eu duvido!

— O que a faz m uito sábia em relação aos garotos, não é? Eu não respondo.

— Está bem , eu j á lhe falei sobre m im ; agora m e diga. Existe alguém ?

Existe, não existe? Me conte!

Posso sentir um a som bra cruzar o m eu rosto.

— Existiu.

— O que aconteceu? Você não conseguiu segurá-lo, então ele largou você e...

— Não — arrem esso um travesseiro contra ela. — Não, m as ele realm ente se im portava, por isso ele não seria tão idiota. Assim com o Finley realm ente se im porta.

— Então, por que vocês não estão j untos? Se o cam inho do verdadeiro am or é perdoar tudo, onde está ele? Por que deixá—lo para trás? Por que ele não seguiu você para Keswick?

— Ele não podia, é só isso — respondo, m e recusando a dizer m ais.

Madison acaba percebendo que fiquei chateada, se desculpa e sai.

Eu suspiro, desligo as luzes, vou para a cam a e m e cubro. Se Ben m e am a de verdade... isso não deveria sobreviver a tudo? Ele não deveria se sentir do m esm o j eito, lá no fundo, ainda que os Lordeiros tenham apagado toda a m em ória que ele tinha de m im ?

É um absurdo rom ântico pensar assim . Sou tom ada por um a onda de tristeza, pouco a pouco, tão profunda que sinto com o se um peso enorm e estivesse m e segurando im óvel, com o se estivesse paralisada. Mais tarde ouço um leve toque em m inha porta: Stella? Mas m eus olhos continuam fechados quando ela se abre. Meu corpo está im óvel, respirando fundo, incapaz de estender a m ão ou dizer

qualquer coisa. Mom entos depois a porta se fecha novam ente e ouço os passos se afastando.

Som ando-se à dor, um a sensação desconfortável de inquietação.

Am anã, conhecerei m inha avó.

O que ela faria se soubesse que estou aqui? Ficaria feliz por rever a neta, há m uito tem po perdida, ou será ela um a Lordeira por inteiro?

CAPÍTULO 13

— Noto que há alguns rostos novos hoj e — ela sorri, e seus olhos brilham por trás dos óculos, que se parecem um pouco com os m eus. — Eu sou Astrid Connor, e sua adorável governanta aqui é m inha filha. Aposto que ela não lhes contou — ela olha para Stella e depois sorri novam ente. — Filhas! — ela diz

e balança a cabeça. Com o na últim a foto dela que vi, seu cabelo é grisalho e escorrido. Usa roupas com uns, nada que diga Lordeiro na form a com o ela se parece ou age, m as há algo estranho nela. Sinto arrepios na nuca. Todos os olhares são atraídos para a frente. Ela é daquelas pessoas para as quais você não quer virar as costas.

Stella lim pa a garganta.

— Há três m eninas novas desde sua últim a visita — ela rapidam ente aponta para cada um a de nós e diz nossos nom es, enquanto Steph e outra garota, escolhidas para aj udar, estão servindo a com ida e colocando-a sobre a m esa: carne assada com legum es. Quando Stella aponta para m im e diz Riley Kain, os olhos de Astrid pousam sobre m im . Algo transparece em seu rosto por um breve m om ento (curiosidade, que logo cairá em desinteresse?). Em seguida, ela é interrom pida por Stella, que lhe passa a com ida. Mas o olhar retorna, curioso.

Nem sinal da conversa habitual em torno da m esa. Todas com em em silêncio, até m esm o Madison, enquanto Astrid coordena o tribunal. Ela conversa com Stella sobre o funcionam ento da casa; pergunta sobre os reparos das j anelas.

De vez em quando seus olhos caem sobre um a de nós, e ela nos enche de perguntas, sobre o trabalho ou Keswick, num bate-papo agradável. Não há nada form al, ela não cam inha ao redor da m esa ou deixa transparecer qualquer coisa.

Então ela se vira e seus olhos param em Madison, que brinca com a com ida, largada em sua cadeira, de olhos baixos.

— Madison, não é? — ela pergunta.

Madison levanta os olhos e confirma com a cabeça. Seus olhos estão visíveis agora, desafiantes. Algo se contorce em mim eu estôm ago.

O rosto de Astrid parece divertido.

— Não está com fome e hoje, querida?

— Na verdade não. Posso ser dispensada?

A inspiração profunda de Stella é audível na sala silenciosa.

— Com uma condição. Diga-me exatamente o que você está pensando, em primeiro lugar.

A dúvida atravessa o rosto de Madison, e ela a afasta. Por favor, Madison, não seja a idiota, eu não ploro em silêncio.

— Tudo bem, então. É meu único fim de semana de folga deste mês, e eu tinha planos. Mas ela insistiu que todas estivessem aqui — Madison olha para Stella.

— Entendo. Sinto muito por ter atrapalhado seus planos — diz Astrid.
—

E quais eram eles? — Um tom de vermelho atravessa o rosto de Madison. — Um rapaz, eu suponho. Ora, ora, convenhamos, Stella — ela diz, olhando para sua filha agora.

— Elas não precisam estar todas aqui hoje, não se têm planos. Você sabe que eu só venho para ver com o que você está. Você sabe o que é ser mãe e se preocupar com a sua filha — há um tom de malícia nessas palavras.

Os lábios de Stella estão em uma linha fina.

— Acho que sei o que é melhor para as minhas garotas. Madison limpa a garganta.

— Eu lhe falei o que estava pensando, com o meu e pedi; posso ir agora?

Astrid olha para a filha, uma sobrancelha levantada.

— Fique e termine seu almoço — diz Stella. Madison faz um aceno de cabeça.

— Isso não é justo. Nenhum das outras casas têm regras assim. Ela nos trata como o prisioneiros!

Ela foi longe demais. Todas as garotas olham aterrorizadas para ela. Eu me plorei com os olhos: Pare com isso; peça desculpas agora!

Astrid sorri.

— Acredito, querida Madison, que você seria capaz de notar a diferença entre isto e uma prisão, se algum dia você estiver em uma. Pode ir agora.

Madison olha para Astrid e Stella, com um coelho diante dos faróis de um carro. Stella concorda, aturdida.

— Vá — ela diz.

Madison coloca o guardanapo sobre a mesa e afasta a cadeira. Caminha rigidamente para a porta e se vai. Astrid ri.

— Com vocês são sérias! Ninguém tem uma história para contar?

Talvez uma de suas garotas novas — os olhos dela caem sobre mim.
— Kyrie, não é isso?

— Riley — corrija, tentando não mostrar reação por ela dizer meu nome e tão parecido com Kyrie.

— Quando você chegou a Keswick?

— No início desta semana. Vim para me inscrever no PEC.

— Você é de onde?

— Chelmsford. Mas adoro as montanhas, e quero trabalhar nos Parques Nacionais — me apresso a explicar o que eles fazem, antes que ela sequer pergunte. Minha voz falha de novo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Finalmente, uma tagarela. E com o que você...

— Ah, porcaria. Desculpe! — Stella a interrompe, dando um salto

quando um j arro cai e espalha água sobre a m esa. Steph corre para buscar um pano; Astrid se levanta antes que a água escorra para o colo dela. — Desculpe, desculpe — diz Stella novam ente.

— Pare com essa agitação — Astrid reclam a. Ela e Stella deixam a sala de j antar.

A porta se fecha e, com o se todas estivessem os prendendo a respiração, a soltam os num suspiro coletivo.

— Ela é sem pre assim ? — pergunto a Ellie, que está sentada ao m eu lado.

Ela confirm a.

— Ela é horrível para Stella, não é? Dá para acreditar no que ela disse, de saber com o é se preocupar com um a filha, quando a filha de Stella está desaparecida? Desagradável.

Então, todo o m undo com eça a falar em voz baixa sobre Madison, sobre o que ela disse, por quanto tem po Stella vai prendê-la em casa por punição, m as eu não consigo tirar as palavras de Astrid da m inha cabeça. Com o Ellie disse, foi desagradável, m as não do j eito com o Ellie pensou. Havia algo m ais por trás de suas palavras que m e deixou em dúvida e preocupada.

Fingindo dor de cabeça, eu deixo as outras e saio para um passeio, pensando em procurar Madison. Mas, quando com eço a atravessar a área da recepção, m eus pés param de se m over. O escritório de Stella, a porta escondida.

Será que elas estarão na m esm a sala que costum avam ficar?

Eu não deveria. Mas vai estar trancada de qualquer form a, não vai?

Olho em volta, não há ninguém . Passo por trás da m esa em direção à porta do escritório e seguro a m açaneta. Ela se m ove e eu abro a porta. Tarde dem ais, m e dou conta do m eu erro; e se elas estiverem aqui? Mas a sala está vazia. Atrás de m im , ouço vozes e passos em m inha direção. Entro no escritório e fecho a porta.

Estou presa.

E se elas vierem aqui agora?

Meus olhos correm pela sala, m eus ouvidos ficam atentos para os

passos. Tudo o que consigo ouvir são algum as vozes baixas atrás da porta. Nem de Stella nem de Astrid, m as de algum as das m eninas. Elas não estão se m ovendo, ficam lá fora, provavelm ente em poltronas perto da j anela, e não irão a lugar nenhum tão cedo.

Meus pés seguem relutantes os poucos passos até as cortinas que cobrem a porta; parecem congelados; cada m ovim ento é um esforço. Eu deveria ter ido para o m eu quarto, ou procurado por Madison, qualquer coisa m enos aquilo.

Algo na parede m e cham a a atenção. Um a foto recente de Astrid, que estava escondida na caixa no m eu quarto, está pendurada ali. Eu paro, olho em volta e percebo que há outras.

Então é assim . Quando Astrid vem visitar, Stella pendura os retratos novam ente; quando Astrid vai em bora, eles são escondidos em um a caixa.

Balanço a cabeça. Que fam ília estranha é essa à qual pertenço?

Talvez sej a a hora de descobrir. Eu puxo a cortina e a atravesso.

Em purro a porta e olho.

E é exatam ente com o no m eu sonho: um corredor estreito. Eu costum ava brincar de esconde-esconde aqui. Está em poei-rado. Coloco o dedo debaixo do nariz, tentando não espirrar. Será que não é m ais usado?

Quando atravesso a porta e a fecho atrás de m im , estou m ergulhada na escuridão. A lanterna: costum ava haver um a lanterna escondida aqui, no canto.

Tateio ao longo da parede até a parte de baixo, m as não encontro nada.

Cam inho, lenta e silenciosa, com um a m ão tocando a parede. O

corredor passa por um quarto, em seguida faz um a curva de noventa graus. Há algum as lascas de luz vindas de painéis de ventilação perto do chão. E vozes.

Agacho perto de um painel, e ouço.

—... m as não faça isso, por favor, não. Estou im plorando — é a voz de Stella.

— Fazer o quê?

— Você sabe.

Astrid solta um risinho.

— Você deveria ver o seu rosto. Meu, m eu... tão feroz. É um a pena que você não consiga utilizar essa energia de um a form a m elhor.

— Eu não vej o nenhum propósito m elhor para a m inha vida. Servir e proteger os j ovens do nosso país não é parte do seu trabalho, com o OCJ?

— É, sim , e eu levo isso m uito a sério. As m ações podres devem ser retiradas para evitar apodrecer o barril, com o você bem sabe. Essas m eninas aqui... elas não são suas filhas. Você sabe as conseqüências de um erro. Isso poderia ser um erro doloroso.

Silêncio. Posso sentir a tensão m esm o do outro lado da parede. A m ãe de Stella está de olho nela? Estrem eço.

— Eu disse que tinha notícias para você sobre Lucy e você não m e perguntou ainda — diz Astrid, finalm ente. — Você não quer saber?

— Claro que sim . Por favor, m e conte.

— Stella, prepare-se para um choque.

— O quê?

— Você se lem bra que eu lhe disse sem anas atrás que Lucy foi m orta por um a bom ba terrorista? Eu encontrei algum as... irregularidades nos registros dos Lordeiros sobre esse assunto.

— O que você quer dizer?

— Parece que a m orte dela foi falsificada.

Estou atordoada. Stella foi avisada de que eu teria m orrido naquela explosão? Ela não disse nada, não m e perguntou sobre isso. E agora não está dizendo nada que eu possa ouvir em resposta à notícia de que estou viva. Notícia que ela não teria com o saber. E estou torcendo (rezando) para que ela sej a um a boa atriz.

— Não entendo. Onde ela está, então? — Stella pergunta, finalm ente.

Há um a pausa.

— Não faço idéia. Ela ainda está listada com o oficialmente morto, mas, extraoficialmente, está desaparecida. Parece haver algum interesse em encontrá-la, vindo de uma série de... locais interessantes. Eu me pergunto o que essa menina está aprontando.

— Nada para se preocupar, eu tenho certeza! — Stella responde, rápido demais, e eu estou preocupada. É um jogo perigoso. De alguma forma, eu sei (ou por traços de memória, ou pela observação de hoje, ou ambos) que Astrid é capaz de ler no rosto das pessoas o que elas dizem ou não dizem. Stella não deveria estar chorando histérica com a notícia de que estou viva?

— Sério? Verem os — diz Astrid. — Mas não importa; você sabe que tenho um antídoto à minha parte no nosso acordo, e descobri tudo o que pude sobre o que aconteceu com ela. Eu vou protegê-la e trazê-la a salvo para casa e para você se eu puder. Querida menina, apesar de nossas diferenças, você sabe que eu só quero o melhor para você. Assim que eu descobrir alguma coisa sobre o paradeiro de Lucy, você ficará sabendo. Mas não me pergunte mais nada. Você irá se decepcionar.

Logo a conversa se volta para outras coisas, o telhado que precisa de conserto, a umidade na adega. Estou congelada de frio por estar abaixada naquele corredor sem aquecimento. Hora de fugir, enquanto as duas ainda estão ali.

Não posso voltar por onde vim, com certeza haverá olhos do lado de fora do escritório de Stella. Levanto com cuidado, relaxo os músculos e me movo lentamente para a frente, com uma mão na parede. Suas vozes se distanciam conforme chego à outra porta.

Cuidadosamente puxo a porta: e nada! Com medo de entrar em pânico. Será que está trancada? Não havia fechadura antes, tenho certeza disso. Tateio ao longo da porta, sem cadeado, mas há um trinco simples. Eu o destranco.

Atravesso a porta para a despensa que fica atrás da cozinha, em seguida, de volta ao longo do corredor.

De alguma forma, meus pés estão se movendo devagar, mais e mais, com o contornar a casa. Olho para baixo antes de chegar a um salão principal e sacudo

minhas roupas para me livrar da poeira.

Mais tarde, de volta ao meu quarto, minha mente está girando com

Astrid. As coisas que ela disse, a m aneira com o ela disse. O tom cortante em suas palavras.

Ela tinha dito a Stella que eu havia m orrido. Isso foi antes de eu ter m e relatado com o encontrada, antes de ela saber que eu estava voltando para ela?

Ela nunca m e contou, então não posso perguntar sem adm itir que estava ouvindo.

Mas por que ela não m e contou? Definitivam ente, eu não a entendo.

Astrid disse que está procurando por m im , que m e levará para casa, se m e encontrar. No entanto, aqui estou eu, e ela obviam ente não sabe sobre isso; Stella não lhe contou. Stella não confia na m ãe.

Mas Astrid notou que algo se passa com Stella, tenho certeza disso. Ela não deixará isso de lado. Se Astrid descobre o que é, estou em apuros. Apesar de suas garantias a Stella, eu tam bém não confio nela. Se os Lordeiros descobrirem que estou aqui, eles virão até m im .

Perigo.

Com cuidado e em silêncio, cam inho na ponta dos pés pelo escritório de m am ãe, m as é difícil ser um a espiã neste estúpido vestido cor-de-rosa: ele farfalha e agita conform e ando. Seguro a beirada da saia e a levanto enquanto m e escondo atrás das cortinas.

Eu em purro a porta, entro e a seguro parcialm ente aberta com o m eu pé enquanto m e inclino para pegar a lanterna. Eu a ligo e deixo a porta se fechar.

Cam inho devagar, Tateando a parede, viro a curva e, então, m e agacho para ouvir com o um a espiã.

— ... estará aqui em breve — é a voz da m am ãe.

— Ele m im a aquela criança, assim com o você.

— É o aniversário dela!

— Realm ente, Stella. Não está na hora de você dizer a verdade a ele?

Que a sua preciosa filha não é dele, que você nem sequer sabe de quem ela é.

Talvez eu devesse contar a ele?

— Não! Não se atreva, eu vou...

— Não me amei, Stella. Você irá se arrepender.

Suas vozes continuam, mas eu paro de ouvir. Tremendo, coloco as mãos em meus ouvidos, mas ainda escuto as palavras da vovó se repetirem vez após outra dentro da minha cabeça: sua preciosa filha não é dele.

Com o poder ser isso? Ele é o papai.

Meu papai!

Com medo de chorar.

CAPÍTULO 14

— Está tudo bem? — pergunta Madison.

— Não era para eu estar lhe perguntando isso? Por onde você andou ontem? As apostas estão em que Stella vai castigar você, seja por isso, seja pelo que você disse ontem no almoço.

Ela sorri, e é um sorriso muito feliz.

— Escrevi assim no livro: fora até tarde. Achei que assim ficou bem claro.

O ônibus encosta e nós entramos. Madison senta ao lado de Finley, ele segura sua mão, e alguns dos garotos assoviam. Eu me ajoito em um banco sozinha, feliz por ter um espaço entre nós antes que Madison se acostume com seu estado atual, o suficiente para me perguntar de novo se está tudo bem.

Aquele sonho, as coisas que Astrid disse, poderiam ser verdade? Ele não era realmente meu pai? Todos os trechos de meu diário que tenho dele, o jeito com o qual ele era comigo, dizem o contrário. Mas se ele não soubesse?

Então, ele morreu por uma filha que nem mesmo era dele.

Mais tarde, estou de pé na sala de reuniões do PEC, e, quando meu nome é chamado, recebo um envelope. Não parece tão importante agora. Mas, a não ser que Astrid descubra o que acontece com Stella, e quem eu sou, e tudo mais, serão cinco anos da minha vida.

Eu o rasgo.

Cara senhorita Kain, blá, blá, blá. Eu pulo para a parte mais importante: meus testes.

Sem ana

Sem ana 1: Educação

Sem ana 2: Parques Nacionais Sem ana

Sem ana 3: Hotelaria

Sem ana 4: Transporte

Oba! Consegui minhas duas primeiras opções. Mas estou perplexa por ter conseguido Hotelaria. Isso realmente não me atrai, então eu o tinha colocado por último na minha ordem de preferência, e parecia uma escolha muito popular.

Eu viro as páginas e encontro os detalhes de cada colocação.

As palavras seguintes a “Hotelaria” parecem saltar do papel.

Relatório para o Lar Waterfall para garotas, de Stella Connor.

O quê? Com o quê pode ser isso? E eu me lembro o quão inflexível Stella tinha sido sobre não me inscrever para o PEC, especialmente para Parques. Mas, então, quando lhe contei que eu tinha assinado, ela ficou estranha e eu pensei que ela tinha percebido que eu devia tomar minhas próprias decisões. Mas eu estava errada. Ela estava na cidade naquele dia, ela conhece alguém, e deve ter me exibido alguns pauzinhos. Quer apostar que esses testes não significam nada, que eu vou acabar do lado dela por cinco anos com o meu tipo de aprendiz de empregada doméstica?

Finalmente dou conta de que os outros estão saindo, indo para seu primeiro teste. A sem-ana 1 para mim é Educação, e eu leio os detalhes. Escola Primária de Keswick; devo ir lá agora e me apresentar na recepção. Mas que diferença isso vai fazer?

Sou levada às pressas para um escritório assim que chego lá. Dois outros potenciais estagiários estão aguardando com a mesma mulher sorridente com a qual falei na sem-ana passada sobre o estágio em Educação.

— Eu realmente sinto muito por tê-los deixado esperando. Eu me perdi

— m into. Eu conhecia o cam inho, m as m eus pés não cooperaram .

— Não há problem a, querida, sente-se. Eu sou a senhora Medway, diretora da escola. Eu tam bém treino estagiários de professores e assistentes. Vou lhes deixar a par do que irão fazer esta sem ana.

Tento prestar atenção, para ser gentil com ela, m as é um a batalha perdida. Alguns detalhes passam em branco. Observarem os as aulas por dois dias, passarem os um dia na recepção e adm inistração, e a seguir outros dois dias de aulas, m as desta vez aj udando.

— Algum a preferência de idade ou m atéria? — os outros lhe dizem suas preferências e, por fim , ela se vira para m im e sorri. — Você está quieta hoj e.

Tem algum a série favorita? Atividades?

— Eu não m e im porto — com eço a dizer, então faço um a pausa. — A não ser que vocês tenham aulas de artes. Eu am o artes. E corridas, esporte.

— Perfeito. Os novatos farão um a bagunça com artes. Vou colocar você lá. E há um dia de esportes esta sem ana, na sexta—feira à tarde; um a aj uda extra sem pre é bem -vinda. Pensarem os em algo para os outros dias.

Ela nos leva para um a volta, contando a história da escola pelo cam inho.

Ela foi danificada e reconstruída após as revoltas. A Escola Prim ária de Keswick costum ava ser cham ada de Escola Inglesa da Igrej a de Saint Herbert, m as o nom e m udou depois que as escolas religiosas foram proibidas, há trinta anos.

Vem os crianças através das j anelas das portas de sala de aula, um j ogo barulhento de basquete em um ginásio, cabeças inclinadas em um a biblioteca.

Então, finalm ente, chegam os à sala de artes, e eu espio pela porta. Novatos, ela disse? Eles são m inúsculos. Quatro anos de idade. Todos sentados no chão de pernas cruzadas para ouvir a professora.

A senhora Medway bate à porta e troca um a palavra com a professora.

Retorna e aperta m eu braço.

— Vá em frente. Vai dar tudo certo, não pareça tão preocupada. Eu entro e vej o um m ar de rostos pequenos m e olhando e sorrindo.

Não m uito depois, estão todos de avental por cim a dos uniform es, e a professora m e passa um para usar por cim a de m inhas roupas.

— Você decide. Está aqui para observar, então você pode se sentar em um canto e assistir. Ou colocar a m ão na m assa, se quiser.

Decido sentar e observar por um tem po. Eles estão fazendo pintura a dedo em grandes folhas de papel branco, e o ar está tom ado pelo cheiro de tinta e pelas vozes entusiasm adas. Apesar da m inha decisão de m e m anter afastada, em pouco tem po os redem oinhos de cor sobre o papel branco m e puxam para perto.

Estou louca para pintar.

Um a m ãozinha puxa a m inha.

— Senhorita, vej a a m inha pintura! — diz um m enino, m e puxando para

um a m esa, e logo estou adm irando bolhas e m anchas.

Um a m enina está sentada em silêncio entre a conversa, não se j unta.

— Olá — cum prim ento. Ela não responde. O m enino olha para cim a.

— É a Becky. Ela está triste.

— Ah, eu entendo. Tam bém fico triste às vezes — adm ito.

— Mas eu gosto de pintar quando estou triste. — Eu nunca disse um a frase tão verdadeira. Me aj oelho no chão entre eles e m ergulho os dedos ansiosos em tinta preta.

— Por que você está triste? — pergunta Becky.

— Principalm ente porque sinto saudade de algum as coisas. Com o do Sebastian.

— Quem é ele? — o m enino pergunta.

— Vej a — eu digo. Não m e lem bro de ter feito pintura a dedo antes, eu prefiro um pincel na m inha m ão, m as um esboço razoável de um gato preto logo aparece no papel.

Becky observa com bastante atenção.

— Você está com saudade do seu gato? — ela balança a cabeça. —

Tudo bem . Eu tam bém vou pintar um a coisa. — Ela reúne diferentes tintas e logo se concentra em obter o m áxim o de confusão possível no papel e nela m esm a.

Eu olho para a professora de artes, que m e levanta o polegar. Outras crianças m e m ostram seus desenhos e m e pedem para lhes m ostrar com o pintar um gato. E

depois de um tem po estou achando aquilo divertido. Eu poderia ser professora de artes?

Não se Stella tem algum a coisa a ver com isso.

Fico durante o alm oço e aj udo a lim par. A professora pendura os quadros nas paredes e coloca o m eu gato ao lado do desenho de Becky. (O dela poderia ser qualquer coisa, desde um alienígena a um poste de luz, m as estou quase certa de que é um hom em . Talvez seu pai.)

— É o pai dela — confirm a a professora. — Ele desapareceu no m ês passado.

Eu m e viro chocada para ela.

— O que aconteceu? Ela faz um a pausa.

— Você fez um bom trabalho fazendo Becky participar. Obrigada — ela não responde à m inha pergunta. E, se não pode ser dito em voz alta, todos nós sabem os o que isso significa.

Lordeiros.

Quando toca o últim o sinal, estou surpresa por o dia ter passado tão rápido. Cada série escolar tem aulas de artes por m etade do dia, um a vez por sem ana, e m inha tarde foi desenhando a carvão com o quinto ano. Olho os picos de pontas brancas na volta ao centro de Keswick. Se eu não conseguir entrar em Parques, talvez Educação não sej a um a escolha tão ruim . Então eu afasto a idéia.

Que piada eu sequer pensar em ser professora. Além dos m eus registros falsos, eu nem term inei o Ensino Médio. E o que dizer das m anipulações de Stella?

Eu deveria pegar o ônibus de volta para casa agora, mas há um a ponta de raiva dentro de mim que diz que não.

Madison: ela vai entender. Sigo para a cafeteria. Vou esperar ali até que ela saia do trabalho; podem os pegar o ônibus de volta j untas.

Quando chego à cafeteria e puxo a porta, ela não se move. Está trancada? Intrigada, percebo que as luzes estão apagadas do lado de dentro. Um a placa de “fechado” está pendurada na porta, mas eu tenho certeza de que Madison disse que trabalharia até as cinco.

A sensação de desconforto se instala dentro de mim . Dou a volta e bato na porta de trás da cafeteria.

Ninguém responde, mas acho ter ouvido um ruído no interior. Bato novamente e nada. Estou prestes a me virar e ir em bora, mas tento abrir a porta.

A maçaneta gira. Não está trancada.

Entreabro a porta e espio lá dentro.

— Olá! É a Riley. A Madison está?

Cora está sentada na bancada, de costas para mim . Não se vira, nem responde. Sem saber o que fazer, depois de um momento, eu abro a porta, entro, e a fecho novamente. A luz está fraca e eu pisco.

— Olá? — repito e caminho em direção a ela. Seus ombros estão tremendo. Será que está chorando? Sinto o medo crescer dentro de mim . — O

que é isso? O que há de errado?

Ela olha para mim e balança a cabeça.

— O que ela poderia ter feito? — ela sussurra. Madison? O pânico se estabelece. Não, de novo não.

— O que aconteceu? Me diga! — exijo.

— Ela estava me ajudando a fazer bolos para amanhã, ali de pé com farinha no nariz e me contando sobre esse rapaz de que ela gosta. E eles entraram marchando, e a agarraram . Eles a arrastaram para fora, na frente dos fregueses. E todos eles ficaram lá, apenas olhando para seus lanches que ela tinha servido antes. Ela se foi — Cora esconde o rosto entre as mãos.

— Lordeiros? — sussurro. Ela confirm a.

Não. NÃO. Isso não pode estar acontecendo, não pode. Aqui tam bém não. Sinto com o se areia m ovedição estivesse sob m eus pés, m e puxando para baixo, para outro pesadelo.

— O que ela poderia ter feito? — Cora pergunta novam ente. Sacudo a cabeça. Nada para m erecer isso. Eu pisco, m as não há lágrim as, apenas um espaço vazio por dentro, quando evoco o nom e da pessoa que deve ser a responsável: Astrid Connor. Minha avó. Só pode ter sido ela. Ou poderia ter sido Stella? Meu estôm ago se em brulha. Farei com que ela tom e um a providência.

Farei com que ela resolva isso.

Fico por tem po suficiente para fazer um chá, para com eçar a arrumar a bagunça deixada para trás. Cora revela que se livrou dos clientes após os Lordeiros saírem . Na parte da frente da cafeteria estão alguns lanches pela m etade, ainda nos pratos. Raspo os restos para a lixeira, coloco os pratos na m áquina de lavar louça e guardo a com ida nas geladeiras.

Paro j unto à porta.

— Tenho que ir agora. Você vai ficar bem ? Ela encolhe os om bros.

— Vou m e levantar pela m anhão. Obrigada pela aj uda. Suas palavras ecoam em m eus ouvidos enquanto ando

para o ponto de ônibus. Ela não m e agradeceria se soubesse quem é m inha avó.

Um ônibus está esperando quando chego ao ponto, e eu entro. Finley está ali. Sinto faltar o chão ao m e dar conta de que preciso dizer a ele. Cam inho

para o seu banco enquanto o ônibus se afasta.

— Finley ? — ele olha para cim a. Seu rosto está pálido, os olhos m ortos.

Ele sabe. Algum dos fregueses da cafeteria ou outra pessoa deve ter contado.

Eu não digo nada. Sento ao seu lado, com o se sentar ali pudesse aj udar em algo.

CAPÍTULO 15

Praticam ente corro até a recepção. Passou da hora do chá, m as há um grupo de m eninas lá, sussurrando, rostos pálidos. As notícias correm rápido.

— Onde está Stella? — pergunto.

Um a delas aponta para a porta do escritório, m as, antes que eu possa m e m over em direção a ela, a porta se abre. Stella sai, acena para todas e com eça a se afastar.

— Espere — eu cham o, e ela se vira. — Você sabe o que aconteceu com a Madison? — pergunto, e todas na sala se calam .

Stella para, olha para m im , e seus olhos estão dizendo fique quieta, m as eu não percebo.

— Você sabe, não é, que os Lordeiros vieram e a arrastaram hoj e.

Estranham ente, no dia seguinte em que Astrid, sua m ãe, veio para o alm oço.

— Isso é o suficiente, Riley.

— Não, não é. Nem perto de suficiente; nada nunca é dito. O que você vai fazer sobre isso? — um a parte de m im está ciente de que outras garotas vieram agora, que todas estão em silêncio, de olhos arregalados e bocas abertas.

Os olhares entre m im e Stella.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Mas ela é sua m ãe. Isso não significa nada? Ela não responde.

Eu balanço a cabeça. Posso sentir Ellie chegando perto de m im , segurando m eu braço. Me puxando em direção à porta da sala que dá para o m eu quarto, e eu a deixo m e guiar. Meus pés dão os passos, m as depois eu paro na porta e olho para trás, para Stella. Ela ainda está de pé, congelada no lugar.

— Não. Eu acho que realm ente não significa nada — digo, e depois sigo pelo corredor com Ellie.

Leve-a para a torre! Madison tinha dito, rindo, a prim eira vez que m e

m ostrou o cam inho para o m eu quarto.

Ellie tenta fazer com que eu fale, m as eu a m ando em bora e fecho a porta. Todos os am igos que eu tive na vida se foram . Pipoca arranha a porta para entrar e eu a ignoro. Fico onde estou até depois do início do j antar. Ninguém vem m e ver; elas sabem onde estou, e que eu não irei, não é m esm o?

Ninguém nunca diz nada. Não é esse o m aior problem a de todos? Se todos nos uníssem os (as pessoas por todo o país) e disséssem os Pare, j á chega!

Toda vez que algo acontecesse isso não acabaria?

Estou com eçando a falar com o Aiden.

Alguém bate à m inha porta tarde da noite. Ela se abre. Stella fica ali, m e olhando, eu sentada na cam a, cobertores puxados até a cabeça, encostada na parede.

— Ainda acordada, estou vendo. Pensei que você poderia estar com fom e — ela estende um prato de com ida na m ão.

Sacudo a cabeça. De braços cruzados.

Ela entra, coloca o prato sobre a m esa. Senta-se na cadeira.

— Por que você está tão zangada com igo? Fico surpresa.

— Quer que eu faça um a lista?

— Mantenha a voz baixa. Não im porta o que você possa im aginar, não há nada que eu pudesse ter feito para salvar Madison. Ela foi longe dem ais.

— Você nunca gostou dela.

— Isso não é verdade. Ela podia ser difícil às vezes, m as...

— Então por que você não faz algum a coisa'? Por que você não cham a Astrid? Ela teria que ouvir você.

— Ela não vai m e ouvir.

— Então, é essa a sua filosofia? Que as m ães não precisam ouvir as suas filhas?

— O que você quer dizer? Eu balanço a cabeça.

— Isso não é im portante agora, Madison é im portante. Astrid precisa ouvir de você que o que ela fez está errado, que precisa nos trazer Madison de volta! Com o Astrid pode ter levado Madison em bora se tudo o que ela fez foi responder com sinceridade, dizer o que realm ente pensava?

— Verdade dem ais pode ser um a coisa ruim . E cuidado com o que você diz sobre a sua avó!

— O quê?! Você a está defendendo?

— Não, não exatam ente, m as...

— O quê, então? Ela respira fundo.

— Ela acha que o que faz é certo. Que protege todos os outros ao...

— Tirar as m ações podres? Que patético. Ela é um a louca m anipuladora cega pelo poder.

— Cuidado com o que você diz e para quem você diz! Eu balanço a cabeça.

— Você está do lado dela.

— Ela é m inha m ãe.

— Isso não é um a boa razão. As pessoas têm que ganhar o respeito... até m esm o as m ães.

— Lucy ! Você deve m uito a sua avó. Não fale assim dela — e Stella parece inquieta, com o se as paredes tivessem ouvidos, m as, m esm o que tivessem pela prim eira vez eu não m e im porto.

— O quê? O que eu devo a ela? Stella não responde.

— Você é tão ruim quanto ela.

— O que você quer dizer?

— Fazendo o que acha m elhor para m im , sem ter a m enor idéia do que realm ente sej a.

Ela m e olha, o alarm e se instalando em seus olhos.

— Ah, sim , eu entendi tudo. Você m exeu os pauzinhos, não foi? Você decidiu que farei o estágio aqui. E nada do que eu faça ou diga fará qualquer diferença para onde irei term inar.

Ali está em seus olhos. A confirm ação.

Eu m e viro, dando as costas para ela, e olho para a parede.

— Lucy, m e escute. Eu só quero m antê-la segura. Você seria descoberta se...

— Serei descoberta se você continuar m e cham ando de Lucy, e se continuar cham ando a atenção para m im assim . Isso nunca teria acontecido se

papai estivesse aqui. Nada disso.

Ela recua.

— Cale a boca! Você não sabe o que está falando. Você nem sequer se lem bra dele!

Eu não respondo, m as ela deve ter lido em m eus olhos, e seu rosto se transform a em fúria.

— Você se lem bra. Você se lem bra dele, m as não se lem bra de m im —

ela cruza os braços com rigidez, m anchas verm elhas surgem em suas bochechas brancas.

— Talvez eu m e lem bre de algum as poucas coisas. Mas, se estão erradas, com o posso saber, se você não m e fala nada? Me diga logo!

— Foi ele, foi ele o tem po todo!

— O que foi ele?

— Danny estava no TAG. Foi culpa dele! Foi ele quem levou você. Eles queriam crianças artisticam ente talentosas com m enos de dez anos de idade para fazer algum as experiências, e lá estava você, o perfil perfeito. Ele entregou você para eles.

Fico olhando para ela, chocada. Isso foi o que o doutor Craig e Nico sem pre disseram , que eu fui dada a eles. Entregue a eles pelos m eus pais, que eles sabiam o que ia ser feito com igo. Será que m eu pai poderia realm ente ter feito isso, sabendo o que eu iria enfrentar? Eu

sem pre tive certeza de que era um a das m entiras deles. Mas terá sido porque sou um a pessoa com certo talento artístico, é por isso que eu fui escolhida? Chocada, m e lem bro que Nico dizia sem pre que os cérebros dos artistas têm a fiação diferente. Mais fácil de se m exer.

Mas com o Stella poderia saber sobre isso? Eu nunca disse a ela. Teria conseguido essa inform ação com o m eu pai, é isso que prova que ela está dizendo a verdade?

Não. Não pode ser.

— Eu não acredito em você — digo. — Com o você pode saber o que o TAG queria o que eles estavam fazendo?

— Minha m ãe m e disse. Ela tem feito tudo o que pode para encontrar

você! Investigando o TAG, e tudo o m ais.

Estou aliviada e m e sinto relaxar. Não foi m eu pai que disse a ela, e, se isso veio de Astrid, então talvez nada do que Stella disse sej a verdade. Mas, então, a dúvida grita para m im , e olho para ela.

— Isso não faz sentido. Se Astrid está tentando m e encontrar para você, por que você não disse a ela que eu estou aqui?

Sua boca se abre e se fecha de novo.

— Entendo. Você não confia nela. Então, por que você acredita quando ela diz que m eu pai m e entregou para o TAG? Ele nunca teria feito isso com igo!

— Ele nunca teria feito isso com filha dele.

Não. Estou balançando a cabeça, e num instante estou de volta ao corredor ouvindo m inha m ãe e Astrid; e Astrid dizendo que j á está na hora de dizer a ele que sua preciosa filha não é dele.

— Ele não era m eu pai — falo, tranqüila. Ainda luto contra isso, m as as palavras não saem com o um a pergunta.

— Não. Ele descobriu. E, só depois disso, ele deu você para o TAG, para os experim entos deles. Vingança: ele fez a única coisa que poderia m e m achucar m ais do que qualquer outra coisa.

— Ele não faria isso.

— Sinto muito, Lucy — ela diz, a raiva dando um tom ensanguentado ao seu rosto. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter lhe contado.

— Não acredito em você! — estou me enroscando com o um a bola em cima da cama. Stella vem e coloca a mão em meu ombro.

— Lucy, eu sinto muito.

— Me deixe em paz! — digo, e ela retira a mão. — Eu falo sério. Vá embora.

Ela murmura que me ama, que nada pode mudar isso. Depois de um tempo, finalmente sai. A porta se fecha e eu estou sozinha.

Aquilo não pode ser verdade, não pode. Ele não faria isso. Meu pai não faria isso.

Mas, se ele descobriu que eu não era filha dele, ele teria ficado furioso.

Que homem não ficaria? Stella deve ter traído meu pai, e não apenas um ou

duas vezes. O que foi que Astrid disse? Que ela não sabe de quem eu sou filha. Eu poderia ser de qualquer um. O pensamento me enche de horror e eu luto contra ele. Será que meu pai poderia ter feito o que ela disse, descoberto que eu não era filha dele e me entregado, para se vingar de Stella pelo que ela fez?

Não. Eu não posso acreditar. Eu não vou acreditar.

Stella está errada. Ela deve ter inventado isso. Só está tentando me manipular novamente, com o sua manobra manipuladora.

A porta está trancada e estão os meus orgulhados na escuridão. Papai acende a lanterna e a segura sob o queixo.

— Muahahaha! — ele faz uma encenação.

— Fique quieto! Você não é um fantasma. Nós somos os espiões.

— Ah, é. Desculpe — ele sussurra.

Tateam os ao longo do corredor, viram os a curva, e um leve murmúrio de vozes fica mais alto.

— Eu ainda acho que devem os brincar de fantasmas e gritar BUU

através das grades — papai sussurra.

Eu balanço a cabeça e me curvo para ouvir, com meu pai ao meu lado.

Mas as palavras que ouço estão erradas. Não pode ser outra coisa, pois elas não fazem sentido. Há um estrondo quando a lanterna cai da minha mão de papai.

Eu olho para cima.

— Papai?

Ele se desequilibra. A luz da lanterna aponta para o caminho errado, mas mesmo assim o som abraça o rosto dele e ele olha com o nunca olhou antes.

— Papai? — torno a chamar.

Seus olhos se concentram nos meus novamente.

— Vá para o seu quarto, Lucy. Vá!

E ele deixou de ser um espião silencioso. Ele corre para a porta; logo está do outro lado da parede com a minha mãe e a vovó, e suas vozes estão altas o suficiente para não precisar ouvir pela grade.

CAPÍTULO 16

— Você está bem? — pergunta a senhora Medway quando chego na minha seguinte. Eu tinha conseguido evitar dizer qualquer coisa para Stella no

café da minha manhã, ainda me recuperando do que ela dissera na noite anterior. E do sonho que se seguiu. Meu pai... ele sabia. Ele estava lá quando ouvi aquelas palavras. Será que algo dentro de mim suprimiu a minha memória de que ele estava comigo? Eu não queria saber. Eu não queria ver o olhar em seus olhos quando ele soubesse a verdade.

Stella estava certa sobre o que aconteceu?

— Você está pálida — a senhora Medway coloca a minha mão na minha testa.

— Eu estou bem.

Ela me olha mais de perto.

— A Madison, da cafeteria, era sua amiga, não era? Sinto culpa. Eu mal tinha pensado nela desde a visita de

fim de noite de Stella. O sonho que me me antevia acordada, olhando para as paredes, por horas. Ela interpreta mal.

— É uma cidade pequena. As notícias correm. Que tal você passar o dia na administração hoje? Há uma pilha de documentos para serem arquivados.

Mas, se você quiser tirar um cochilo no canto, tudo bem também.

Então, ali estou eu em um escritório fechado. Com fileiras de armários organizados por ano, com os nomes dos alunos em ordem alfabética e cestas de papéis para arquivar. Ela explica o sistema, e, quando fico surpresa com os registros em papel, e não arquivos de computador, ela coloca um dedo ao lado do nariz, e pisca.

— Arquivos de papel não podem ser haqueados.

Ela sai, e eu ataco a pilha de papéis da primeira cesta: certificados de ausência por gripe ou outros com promissuras. Notas de arquivo. Resultados de testes. Com o pé pelo topo, localizo o arquivo para cada um e os empuro para dentro, feliz por ter algo para fazer que não exija muito da minha mente. Mas depois de um tempo largo a cesta.

Os armários para os anos atuais ocupam a fileira da frente, mas e aqueles que ficam atrás? Dou a volta. Eles estão organizados por ano e englobam décadas desde que a escola foi renomeada e reaberta, cerca de trinta anos atrás.

Os anos em que devo ter estudado nessa escola... os arquivos estão ali.

Eu olho para a porta, fechada, trancada, e silenciosa. Meu último ano aqui foi em

2047 ou 2048. Encontro o armário e abro a gaveta de A a H para buscar por Lucy Connor, mas não encontro nada.

Espere um minuto. Astrid, minha avó, também é uma Connor. Então Connor é o nome de Stella. Eu não teria o sobrenome de meu pai naquela época, antes de ele cair fora? Qual era o nome dele? Concentro-me em Danny, e então em Daniel. Eu me inclino para a frente, fecho os olhos, descanso a testa contra o armário frio de metal, desejando que ele me revele seus segredos. Eu tento deixar me

inha m ente vazia, m as não penso em nada. Frustrada, eu com eço no A, investigando até perceber que isso levará um a eternidade.

Volto para o m eu arquivam ento, e a m anhã finalm ente term ina. Na hora do alm oço eu evito a sala dos funcionários e vago pelo pátio da escola.

O pátio é fechado em toda a volta, por cercas m uito altas para um a criança de dez anos de idade subir sem um a escada. Os únicos portões são bloqueados; é preciso digitar um código para abri-los. E eu tenho certeza de que os alunos não sabem o código.

Está frio, m as há neve para brincar, e as crianças estão a todo o vapor, construindo bonecos e travando lutas de bolas de neve. Vej o um a passar voando em direção à m inha cabeça, m as é tarde dem ais para m e abaixar. Um a professora aparece e grita para as crianças pararem .

Ela se aproxim a de m im enquanto eu tiro a neve do m eu cabelo.

— Tudo bem ? — ela pergunta.

— Está tudo bem — respondo, e m e inclino contra o portão.

— Você é um a das novas estagiárias, não é?

— Em teste para ser um a — explico.

— Está gostando até agora?

— Bastante — eu a olho m ais de perto. — Você não sabia ao certo por que eu estava aqui até que eu expliquei. Alguém de fora poderia vagar por aqui?

Ela balança a cabeça.

— Tem os câm eras — ela aponta para elas: no portão, no edifício e algum as em árvores. — Os seguranças sabem exatam ente quem você é, m esm o que eu não saiba. E os portões são m antidos trancados.

— E foi sem pre assim ? Ela encolhe os om bros.

— A senhora Medway é louca por segurança — ela olha em volta; as crianças m ais próxim as estão longe dem ais para ouvir, m as ela abaixa a voz de qualquer m aneira. — Desde que um a m enina desapareceu da escola. Foi há cerca de seis ou sete anos.

— Nossa! Acho que ouvi falar: com o era m esm o o nom e dela? — eu digo, tentando m anter m inha voz leve, casual, ainda que estej a desesperada para saber o m eu nom e.

— Louise algum a coisa. Sim , é isso. Louise Howard, eu acho — a seguir, há um a confusão na outra extrem idade do pátio da escola. Chutaram um boneco de neve e seguiram -se gritos de protesto. Ela corre para cuidar disso.

Naquela tarde volto para os arm ários. Louise é bem parecido com Lucy.

Será que eu poderia ter sido Lucy Howard?

Não há nenhum a Lucy Howard, ou Louise Howard para com eçar. Mas ela errou o prim eiro nom e, talvez o segundo tam bém não estej a m uito certo.

Busco m ais intensam ente pelo H e, depois de m e cortar algum as vezes com os papéis, encontro: Lucy Howarth. Assim que vej o o nom e, e o sussurro em voz alta, eu sei que está certo. Minhas m ãos com eçam a trem er. Eu realm ente estou m e lem brando de coisas, m ais e m ais; pequenas coisas, talvez, m as m ais do que pensei ser possível. Talvez as lem branças sej am com o blocos.

Puxe um a da parte de baixo que as outras cairão.

Eu retiro o arquivo. É volum oso. Será que eu m atava aula? De algum a form a, eu sei que não. Stella não aprovaria.

Na capa do arquivo estão os m eus dados de registo. Pais: Stella e Daniel Howarth (Danny, o espião) e inform ações de contato. No interior estão as m esm as coisas que passei a m anhã organizando. Relatos de professores e algum as faltas, m as m uito poucas, eu não sou de ficar doente com facilidade. E

eu j á era um a artista, m esm o naquela época. Ganhava concursos na escola e em todo o condado. Se o TAG estava procurando por j ovens artistas, eu não teria sido difícil de encontrar, com ou sem a aj uda de m inha fam ília. Eu m e agarro a isso.

Há um a pasta separada na parte de trás do m eu arquivo, um relatório sobre o desaparecim ento. Com eçando com um a nota de ausência das aulas da tarde. Outras notas escritas se seguem , e então as im pressas. Com o m inha m ãe

foi contatada e depois as autoridades. O com parecim ento pela m
anhã foi confirm ado; eu desapareci durante a tarde. Ninguém da
escola m e viu sair, era um m istério. O arquivo term ina abruptam
ente. Lucy tinha desaparecido. O que aconteceu com ela? Com igo.
Eles não sabiam ; o final está em branco.

Coloco o arquivo de volta. Eu o enfio no arm ário onde o encontrei e
continuo a arquivar as interm ináveis folhas de papel. Sem m e
concentrar no que está em m inhas m ãos, além das letras do alfabeto
para arquivá-los, enquanto os m inutos passam .

Para onde eu fui?

Ok, talvez os portões não fossem trancados naquela época, e talvez
tam bém não houvesse câm eras de segurança, m as é difícil acreditar
que alguém poderia ter m e levado da escola à força e ninguém ter
visto nada. Mas e se fosse alguém com quem eu quisesse sair?

Com o m eu pai.

Naquela noite, eu tento explicar a Stella por que não posso acreditar
que m eu pai m e entregou ao TAG. Conto a ela com o ele se infiltrou
entre os guardas do TAG, de onde eu estava presa, e com o m e aj
udou a fugir naquela noite. Que correm os pela areia até um barco.
Então eu tropecei e eles nos pegaram . Nico; a arm a levantada em
suas m ãos. Papai na areia m e dizendo para fechar os olhos, para
nunca esquecer quem eu era. Com o eu não consegui desviar o olhar.
Com o seu olhar estava ligado ao m eu quando ele m orreu.

Conto que vê-lo m orrer foi o tij olo que finalm ente perm itiu a Nico e
ao m édico do TAG o que eles queriam . Eu não pude lidar com aquilo,
e m inha personalidade se fragm entou. Ela escondeu o que aconteceu,
dentro de m im .

Que a divisão alcançou o seu obj etivo. Quando m e tornei um a
Reiniciada, parte das m inhas m em órias sobreviveu, aguardando o
gatilho certo para sair novam ente, para que eu pudesse lutar pelo
TAG.

Stella chora. Grandes soluços sacodem seu peito. Ela nunca soube com
o m eu pai m orreu, ou se ele estava m esm o m orto. Ela só sabia que
ele havia desaparecido e nunca m ais voltou.

Ela nunca soube que foi m inha culpa.

Mas, apesar das lágrim as, ela ainda acredita que foi ele quem m e

levou

para longe dela.

Dou passos cuidadosos com o um a espiã pelo terreno da escola, observando a professora responsável pelo parquinho. Espero que ela se distraia.

Alguns meninos em purram e apertam uns aos outros; com uma a briga. Vozes se tornam mais altas e todos se esforçam para ver, então, finalmente, a professora nota e corre.

Eu engulo em seco, levanto a alça do portão e dou um passo para fora.

Ele se fecha atrás de mim com um barulho muito alto. Estou do lado de fora!

Corro até a estrada, me antendo um olho atento, esperando a qualquer momento que alguém saia correndo e me arraste de volta para a escola. Eu não posso ser pega.

Minha mãe ainda está em meu bolso segurando o bilhete que encontrei debaixo do meu travesseiro. Papai tinha ido em bora fazia dias, desde que... E eu estremeço só de pensar naquele dia, meu aniversário, e no que a vovó disse.

Mamãe e papai gritando tarde da noite. O lugar vazio que ele deixou quando eu acordei de manhã.

Mas está tudo bem agora, tem de estar. Eu puxo o bilhete que eu tinha lido e relido dez milhões de vezes desde o dia anterior.

Querida Lucy, eu estou em uma missão secreta muito especial, e preciso de sua ajuda! Vá para as Crianças das Montanhas amanhã, na hora do almoço, e aguarde novas instruções. Não conte a ninguém.

Com amor,

Papai

Viu? Assinado “Com amor, Papai”. Foi tudo uma horrível confusão, e ele vai me dizer isso, e então tudo ficará bem.

Meus pés praticam voar pelas ruas mais calmas, onde há menos chance de os olhares alheios notarem minha fuga. Depois sigo pela calçada e pela colina, ainda indo rápido. Eu não quero perdê-lo. Eu não quero que ele pense que eu não fui.

Atravesso correndo o portão em direção ao campo; nenhum sinal dele.

Talvez esteja se escondendo atrás de uma das pedras? Corro para o lugar onde costumamos iniciar e começo a dar voltas em torno das pedras, contando em voz

alta, esperando que ele salte e me dê um susto a qualquer momento.

Estou na de número quatorze, quando ouço um carro. Há um estacionamento junto ao portão, do outro lado do campo.

Depois de um momento o portão se abre, mas não é o papai. Um homem, que eu não conheço, atravessa o campo em minha direção; eu o ignoro e continuo contando as pedras, inquieta. Papai, saia de onde você está se escondendo. Faça isso agora!

Mas o homem não vem até mim. Ele fica no centro do círculo e me olha por um momento. Em seguida, olha para os dois lados.

— Você é a agente secreta Lucy ?

Eu paro de caminhar. Só o papai me chama assim .

— Quem é você?

— Sou o Agente Especial Craig. Tenho suas novas instruções do agente Howarth.

Oh. Eu olho para ele. Papai é o Agente Howarth! Mas ele nunca envolveu outros agentes em nossas brincadeiras. Ele deve ser um agente de verdade!

Eu o cumprimento.

— Continue.

— Agente Howarth ordena que você acompanhe o agente especial Craig, que sou eu — e ele pisca o olho. — No espião—móvel. Vou levá-la ao agente Howarth para detalhes com pletos de sua missão.

Insegura, atravesso o campo em direção ao estacionamento. O agente Craig caminha mais devagar, atrás de mim, e eu olho para trás. Seus olhos cuidadosos estão vigilantes, nas pedras, nas montanhas. Em mim .

Quando chegam os ao carro, eu paro.

— Cadê o papai? Ele abre a porta.

— Entre, agente secreta Lucy. Você descobrirá em breve para onde estão os indo — ele sorri e sinto meus pés de repente enraizados no chão, lembro a senhora Medway na escola dizendo para nunca sairmos com pessoas que não conhecemos. Mas eu conheço o papai, e esse homem está me levando até ele. Então está tudo bem, não é?

Ele balança a cabeça, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

— Está tudo bem, Lucy, vamos os levá-la direto para o seu pai. Ele queria vir, mas está sendo vigiado. É por isso que está se escondendo nos últimos dias.

Se ele sabe que o papai tem estado escondido, então deve ser tudo verdade. Eu entro no carro, ele fecha a porta. Ela se tranca assim que ele entra.

Conforme nos afastamos, olho para trás, para as pedras através da janela, tentando sufocar a onda de pânico que diz que eu nunca mais irei vê-las novamente.

CAPÍTULO 17

Os desenhos são colocados à nossa frente no estúdio. A professora de artes sorri.

— Esta é a parte mais difícil. O que você acha?

Tento me concentrar depois de uma noite mal dormida e de muitas memórias dolorosas. Às vezes desejo o que elas fiquem enterradas. Eu me sinto incomodada e exposta, como se estivesse sangrando na frente de todos, e não acredito que ninguém esteja vendo as feridas. Será que meu pai realmente fez aquilo? Me entregou com aquele bilhete? Será que ele realmente o escreveu, ou eu só acho que foi ele por causa do lugar onde o encontrei e do que estava escrito?

— Riley ?

Os jovens artistas estão esperando. Eu me forço a voltar para o presente.

— É uma decisão difícil, mas colocarei estes à frente dos outros — digo, apontando cinco dos desenhos a lápis.

A professora escolhe os seus favoritos, nós comparamos, e ela acaba

escolhendo os três melhores. Voltam os para a sala barulhenta e os alunos do quarto ano se acalmam. Ela levanta os escolhidos, mas tem o cuidado de elogiar todos os outros. Há rostos felizes e alguns desapontados. Será que eu era assim ?

Será que me importava se ganhasse?

Ela aponta para os vencedores do ano passado, ainda na parede lateral, e vejo o que estão em um quadro que dá a volta na sala. Vencedores da escola, de várias séries.

Mais tarde, enquanto os alunos guardam os materiais e saem para almoçar, sigo os desenhos ao longo das paredes.

Eu paro, congelada com uma paisagem. As Crianças das Montanhas. As pedras cinzentas do Círculo de Pedras de Castlerigg estão desenhadas delicadamente, com detalhes escondidos; elas estão dançando. As de cima têm rostos apagados, sorrindo para seus filhos mais abaixo. A primeira vista, o movimento e a personificação não estão explícitos. Um olhar mais atento os revela. E lá, escrito no canto inferior, está um “Lucy ” bem pequeno.

Percebo vagamente um movimento ao meu lado, mas realmente não o noto. Estou em algum outro lugar, um lápis na mão, escondendo os rostos no sombreiro e na textura das pedras.

— É incrível, não é? — diz uma voz perto da minha orelha. Eu não respondo. — Você vê? — e a professora de artes aponta os segredos do desenho.

Incapaz de me controlar, pergunto:

— O que aconteceu com essa garota, essa Lucy ? Ela se tornou uma artista?

— Eu não sei. Ela saiu daqui — ela responde, e parte andando de forma brusca.

Ela saiu, ou foi roubada? Ela entrou no carro por vontade própria.

No final do dia, não consigo me conter. Subo correndo pelas trilhas que levam ao Castlerigg. Agora entendo como me senti no outro dia quando vim aqui, a sombra de medo que cobriu minha ligação com este lugar.

Antes de m ais nada, aquele era o nosso lugar especial, m eu e do m eu pai. Eu posso ver a m agia nas pedras dançantes; os rostos apagados que desenhei para as m ontanhas estão lá nas linhas distantes e na som bra do sol da tarde.

Com eço a contar as pedras, com o tinha feito apenas alguns dias atrás, m as não é divertido agora. Quando chego à décim a quarta, um calafrio percorre m inha espinha. É com o se eu esperasse ouvir um carro, olhar para cim a e ver o doutor Craig andando em m inha direção. Apesar de todo o fingim ento daquele dia, isso é o que ele era: o m édico do TAG que deliberadam ente fragm entou a m inha m ente.

E isso não era apenas um sonho. Os blocos de dentro estão saindo, um de cada vez. Eu m e lem bro daquele dia. O bilhete era real, m as foi m eu pai quem o

escreveu?

Minha m ente está confusa, no entanto se tornando m ais clara. Será m esm o o que Stella disse, dias atrás? Quando criança, eu era canhota. Não im porta que eu tenha sido forçada depois a ser destra e Reiniciada com o destra.

Essas outras m em órias foram escondidas e bem torcidas, m as estão com eçando a se desenrolar. Junto com igo.

Eu pensava que ter assistido a Nico m atar m eu pai foi o que finalm ente causara a fragm entação da m inha personalidade, m as talvez isso tenha sido apenas o últim o prego. Talvez tudo tenha com eçado com o m eu pai, com aquele bilhete. Ao saber que, quando ele descobriu que eu não era realm ente sua filha, ele não m e quis m ais.

Ou foi apenas o que Nico e o doutor Craig queriam que eu pensasse?

Sej a qual for a verdade, de um a coisa estou certa agora: Stella não tinha nada a ver com eles. O seu segredo ter sido revelado pode ter definido os acontecim entos seguintes, m as ela nunca desistiu de m im . Ela nunca teria feito nada além de se agarrar a m im bem apertado, desesperada.

A luz está indo em bora e eu corro de volta à cidade para pegar o ônibus.

Ele está partindo quando chego à praça e faço sinal. O m otorista encosta e eu subo.

Finley está lá, no m esm o lugar em que havia estado antes com Madison.

A culpa cresce dentro de m im quando percebo que estive tão absorta com m inhas próprias coisas, que nem percebi a ausência dele no ônibus nos últim os dias. Não im porta com o isso m e faz sentir agora, o que eu estou passando é história antiga. A dor de Finley está acontecendo neste m om ento.

Sento-m e em frente a ele no corredor e tento encontrar seu olhar, m as ele está cabisbaixo. Acho que nem sabe que estou aqui; depois de um m om ento, porém , ele olha por cim a.

— Ei, Super Baixinha.

— Ei — eu quero perguntar com o ele está se está bem , m as isso é estúpido, não é? É claro que não está bem . Tento dizer isso com m eus olhos.

Depois de alguns segundos, ele balança a cabeça e olha para baixo novam ente.

Será que ele sabe quem é a m ãe de Stella, que ela deve ser responsável

pelo desaparecim ento de Madison? Do que adiantaria ele saber? Talvez se Stella pudesse ver a dor de Finley, ela fizesse algo a respeito de Madison. Talvez ela fizesse Astrid trazê-la de volta.

Ou talvez ele fizesse barulho o suficiente para chegar até os ouvidos de Astrid, e então ele tam bém desapareceria.

Mas eu não posso deixar isso para lá, e, quando m e dou conta, não acredito que não pensei nisso antes. O DEA. Tem os de colocar Madison na lista dos Desaparecidos em Ação. Por m ais im provável que pareça, talvez ela possa ser encontrada.

Olho para ele e cutuco seu pé.

— Finley ? Precisam os conversar — sussurro. Ele levanta os olhos, com um rápido olhar de esperança, que desaparece rapidam ente quando dou um pequeno aceno de cabeça. Se ao m enos eu soubesse onde ela está.

— Am anã. Pegue o ônibus das sete da m anã. Concordo, fazendo que sim com a cabeça.

Naquela noite, com eço a trabalhar em um desenho de Madison. Por que não tirei um a foto dela com m inha câm era enquanto tive chance?

Para colocá-la no DEA eu tenho de entrar em contato com Aiden. Ou será que...? Ele m e disse com o entrar em contato com alguém que o conhece aqui: deixar um bilhete codificado no quadro de avisos da com unidade, e depois esperar até que ele entre em contato.

Isso era para em ergências. Será que isso é um a em emergência?

Sim .

Desenhar a Madison acaba sendo fácil. É o olhar de desafio em seus olhos que a m arca. Será que foi isso que realm ente incom odou Astrid?

Estou quase term inando quando há um a leve batida na m inha porta.

Escondo o desenho debaixo da cam a. Stella olha para dentro, hesitante, m as eu faço sinal e ela entra.

— Quero m e desculpar por ontem à noite — ela diz.

— Eu tam bém . Mas podem os não falar sobre essas coisas lioj e à noite?

Eu sim plesm ente não consigo lidar com isso agora.

— Claro — o alívio atravessa seu rosto. — Tenho um a idéia. Vam os nos

divertir um pouco.

— Com o?

Ela sorri. E m e m ostra um a chave.

— Assim ! — Ela vai até o outro arm ário trancado e vira a chave.

Depois olha para m im . — Vam os.

Eu m e levanto e cam inho pelo quarto. Ela abre as portas; dentro do guarda-roupa há prateleiras, e nelas estão pacotes brilhantes em brulhados.

Olho para ela, sem entender.

— São para você. Seus presentes de aniversário.

— Sério?

— Sim . Há um para cada ano que não estavam os j untas. Porque eu nunca desisti, Lucy. Nem um a vez. Todo dia 3 de novem bro, m ais um se j untava a eles — ela toca m inha bochecha. — Eu sem pre soube que, de algum a form a, você voltaria para m im — ela pisca várias vezes. — Aqui, m e aj ude a carregá-

los — e ela enche m eus braços com pacotes pequenos e grandes; em seguida, traz os últim os sozinha. Nós os espalham os sobre a cam a.

— Vá em frente — ela diz.

— Posso desem brulhar?

— Claro. São para você, não são? Em bora alguns deles possam não estar m uito adequados para você agora. Com ece pelo com eço — ela sugere, e m e entrega um com vários “11” pelo papel. — Onde está a sua câm era? Eu quero fotos de aniversário!

Eu sorrio e balanço a cabeça.

— Com o você explicaria se elas fossem encontradas? Seu sorriso vacila.

— Claro. Você tem razão, é m uito arriscado.

— Não, é um a boa idéia. No próxim o ano, quem sabe? Mas m eu aniversário não é em novem bro.

Ela fica paralisada.

— O que você disse?

— Meu aniversário é em setem bro agora! Com o Riley, na m inha identidade falsa, fiz dezoito anos no dia 17 de setem bro.

— Ah. Claro. — Ela sorri, e a tensão desaparece. — Você tem usado a câm era?

— Na verdade não. Desculpe. Vou levá-la am anã.

Com eçam os com os presentes, e logo estou coberta de papel e de presentes para m eus onze, doze, treze, quatorze, quinze e dezesseis

anos de idade.

São roupas, agora muito pequenas, e material de arte. Além de uma linda pasta de desenhos feita de couro.

— O último — ela está com um em brulho na mão, o presente do meu aniversário de dezessete anos.

Eu abro o papel com cuidado. Dentro está um agasalho verde pálido muito bonito, de um fio bem macio.

— É lindo.

— Sério? Você gostou mesmo?

Com a resposta, eu me levanto e o visto sobre o pijama, abraçando-o.

— É perfeito.

Ela tira meus óculos.

— Perfeito com os seus olhos verdes. Eu mesmo a tricotei, tarde da noite.

— Obrigada — coloco os óculos de volta. — Mas sobre combinar com meus olhos, isso tem que ficar em segredo.

— Claro — ela reúne os papéis de presente e os enfia em um saco. —

Eu vou queimar á-los — ela fala com naturalidade.

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Todo esse segredo sobre mim é difícil para você, não é?

— Qualquer coisa para ter você de volta. — Algo transparece em seu rosto, ela começa a dizer alguma coisa, mas eu interrompo.

— Não vamos falar dessas coisas esta noite, lembre-se?

— Tudo bem. Em outra noite. Agora durma um pouco. Ela me ajuda a esconder os presentes no guarda-roupa, eu fico com o material de desenho e algumas roupas que devem servir. Ela vai até a porta e se vira.

— Mas eu vou dizer um a coisa. Você estava certa. Eu não deveria ter interferido com os seus testes de estágio. Vou dar um jeito para que eles não interfiram onde vão colocar você, tudo bem ?

E, com isso, ela se vai.

Bem . Eu fico olhando para a porta pela qual ela acaba de desaparecer.

Será que ela falou sério? O tempo vai dizer.

Pego novamente meu desenho quase pronto de Madison, dou os últimos toques e o guardo no bolso do casaco.

Inquieta, o sono parece distante, apesar da hora tardia. Abro o outro guarda-roupa e pego os álbuns de foto. Cada um começa com um aniversário, e eu olho novamente para as fotos do aniversário; presentes, bolo, sorrisos. Exceto o primeiro álbum , é claro. Na verdade, o primeiro aniversário de alguém deveria ser no dia em que nasce, não? Deveria ter um bolo com um grande “0” nele. Em vez disso, o primeiro álbum começa com fotos de mim sorrindo, pegando brinquedos e rastejando pelo chão. E um dia em barçosa de um banho.

Eu me afasto e, com as luzes apagadas e os olhos fechados, abraço a mãe verde suave, ainda vestida sobre o pijama. Após a agonia do sonho com meu pai, de seu bilhete e das memórias que me ergiram , ao menos agora estou me sentindo querida, desejada. Talvez Stella supras isso. Um dia mãe que me ama, que nunca iria me abandonar.

Todos aqueles presentes que ela planejou e comproveu a cada ano eram coisas que eu sei que teria amado, e ainda amo.

Ela me abraçou com cuidado e me trancou em um armário, tudo por uma filha que ela talvez nunca visse de novo. É tão insuportavelmente triste, me sinto assim estou aqui agora. É ainda mais difícil de suportar sendo tão esperada.

CAPÍTULO 18

Amanhã chega cedo. Finley está no ônibus das sete da manhã, com o planejado, eu aceno para ele, mas me sento, em silêncio, na parte da frente.

Ao sairmos, caminho sem dizer nada até a porta dos fundos da cafeteria de Cora. Finley me segue e está ao meu lado quando chego

à porta. Eu bato. Está trancada neste momento, mas em breve será aberta.

Cora vê que somos os nós, e um rápido olhar de esperança atravessa seu rosto.

— Entrem — ela convida, e nós entramos. Ela verifica a rua, fecha a porta e tranca. — Alguma novidade? — seus olhos correm de mim para Finley e,

quando ele me olha, ela faz o mesmo.

Eu balanço a cabeça.

— Desculpe, não tem novidades. Mas pode haver algo que possamos fazer. Vocês já ouviram falar do DEA, Desaparecidos em Ação? — Eles negam.

— Isso é muito secreto. Existe um site gerido pelo DEA, onde se divulgam desaparecidos; existe uma rede de pessoas que tenta localizá-los, ou descobrir o que aconteceu com eles.

— O que aconteceu com Madison é improvável que seja bom — diz Cora.

Finley estremece e sacode a cabeça.

— É melhor saber — ele diz. — Com o que vamos fazer isso?

— Precisamos de uma fotografia da Madison, recente. Se não for possível, fiz um desenho dela — mostro o desenho que fiz na noite anterior.

— Está muito bom, mas eu tenho fotos — Cora empurra sua cadeira para trás e entra em uma sala adjacente.

Finley estende a mão e traça o rosto de Madison no papel com um dedo.

— Eu queria...

— O quê?

Ele balança a cabeça.

— Eu queria ter dito a ela com o que me sinto.

— Acho que ela sabia — eu digo, em bora não tenha certeza disso. Eles tinham apenas com o çado, não é? Será que ela sabia o que é tão óbvio agora? Ele a amava. Ele a amava, eu me corrijo.

Cora retorna com algumas fotos e escolhem uma para usar. Vendo a saudade nos olhos de Finley, ela entrega uma outra para ele.

— Guarde o desenho também, se quiser — ofereço, e ele o guarda na mochila.

— O que acontece agora? — pergunta Cora.

— Eu cuido disso — respondo.

A seguir, prometem os não contar a ninguém, e, quando saímos, me pergunto por que estou fazendo isso. Não sobre colocar Madison no DEA, mas envolvê-los nisso. É um risco, um risco enorme, mas a única maneira de lhes dar

esperança.

Isso é o que Aiden faz, o que o define. Junte-se a nós, ele tinha dito.

Parece que me juntei.

Estou muito adiantada para a escola, então saio para uma caminhada até o quadro de avisos da comunidade que Aiden descreveu. Fica exatamente onde ele disse que estaria, escondido em um beco ao lado de um prédio. Não há ninguém à vista, e eu prendo o bilhete: Buscando parceiro de xadrez, por favor, entre em contato com Anita por aqui.

Tudo o que posso fazer agora é esperar.

Tiro algumas fotos no caminho para a escola. Fotos de Keswick com o sol nascendo. O sol parece sair do nada e iluminar a montanha de uma vez, e os primeiros toques de luz transformam as sombras escuras em uma manhã deslumbrante e clara.

Quando chego, os pais estão deixando as crianças nos portões da escola e uma professora está vigilante observando a entrada de cada uma.

Uma mulher vem pelo outro lado com dois meninos, carregando um bebê. Um dos meninos tropeça e começa a chorar. Ela muda o bebê de braço e tenta se abaixar para ajudá-lo.

— Posso aj udar? — sorrio, aj udo o m enino a se levantar e faço com que ele e o irm ão atravessem o portão.

— Obrigada. Você é nova na escola?

— Estou em fase de teste para fazer estágio com o professora.

— Você pode ser a professora desta criaturinha aqui algum dia, então —

a m ãe sorri e olha para o bebê, com um a aparência suave no rosto. É m enino? É

m enina? Não daria para saber; m esm o em brulhado, o bebê é m inúsculo, de rostinho cor-de-rosa, e usa o m enor chapéu que eu j á vi. Parece estar dorm indo.

— Nunca se sabe — respondo. — Talvez.

Outra professora se aproxim a e fala com o bebê, num a linguagem estranha.

— Ela está com quanto tem po?

— Quase quatro sem anas.

Eu as deixo conversando e passo pelos portões. O que eu sei sobre bebês

é exatam ente nada. Mas ela era tão pequena. Quatro sem anas de idade? Faço um a careta. Naquele m eu prim eiro álbum , estou com o rosto gordinho e engatinhando, entretida com brinquedos. Quanto tem po eu tinha quando aquele álbum com eçou? Talvez Stella tenha um outro álbum escondido em algum lugar.

Ela é tão louca por foto que é difícil acreditar que não tenha tirado algum as quando eu era m uito pequena. Só pode ser isso.

Algo m e incom oda neste dia, com o um dente dolorido que você deve deixar em paz, m as fica tocando com a língua, em purrando e cutucando até que se solte. Não estou na sala de artes; estou em um a turm a de segundo ano hoj e, em todas as aulas, e m inha m ente divaga tanto que a professora tem de repetir instruções para m im m ais do que repete para seus alunos. Ela deve m e achar um a idiota.

Eles têm de ler depois do alm oço e há um a aniversariante entre eles, sete anos hoj e, e é ela quem escolhe a próxim a história a ser contada.

A professora com eça a ler o escolhido, um livro velho e esfarrapado de um a prateleira baixa, sobre princesas que resgatam animais, e eu me distraio novamente, olhando para os balões de aniversário amarrados à cadeira da menina que flutuam sobre sua cabeça.

Com o Riley, meu aniversário mudou para 17 de setembro. Engraçado com o Stella é com aniversários; eles são muito importantes para ela. Ela realmente pareceu abalada quando encionei que meu aniversário não é mais em novembro.

Naquela noite, no jantar, os pensamentos chacoalham em minha cabeça. Eu me sinto desconectada com o que acontece ao meu redor. Quando terei notícias do contato de Aiden? Poderia ser qualquer um, até mesmo alguém nesta mesa. Eu sorrio ao pensar nisso. Astrid não ficaria nada contente. De qualquer forma, tenho certeza de que ela mantém um olhar atento sobre este lugar. Olho para as outras garotas conversando; Stella está na cabeceira da mesa.

Ela parece diferente. Ela me lança um olhar interrogativo, como se sentisse que estou preocupada com algo, mas, se nem mesmo eu sei o que há de errado, como ela poderia saber? Intuição de mãe, uma voz sussurra dentro de mim, e eu a afasto. Que bobagem.

Steph, a ajudante de Stella, termina de servir os pratos e senta-se conosco. Percebo que ela é tão calada quanto eu; ela janta olhando para as outras garotas tanto quanto eu.

Não consigo afastar um profundo sentimento de mal-estar, e não consigo entender o motivo. Mas sei que há algo sobre aquele bebezinho de hoje e sobre os álbuns de fotos. As primeiras fotos que faltam. Todo o resto está lá.

Talvez sejam as que Stella guarda para si mesma.

Percebo agora o que me incomodava antes sobre Stella. Seu cabelo está mais escuro, não completamente, mas as raízes escuras sumiram, estão misturadas, e a cor geral está num tom mais escuro. Ela foi ao cabeleireiro.

Franzo a testa. Foi com o ela disse quando viu pela primeira vez que meu cabelo loiro tinha escurecido. Aposto que ela vai escurecer um tom de cada vez até ficarmos com binando.

Por que ela é tão obcecada por ficarmos parecidas? É apenas parte do seu jeito “pegajoso”?

Sinto m eu estôm ago dar voltas. Espere, pense. Há m uita coisa confusa m isturada. Antigam ente, Stella com binava seu cabelo com os m eus, com o que para afirm ar que pertenciam os um a à outra; agora está tentando fazer isso novam ente. Além disso, ela ficou m uito estranha com a m udança da m inha data de aniversário. E não existem fotos de quando eu era bebê.

O j antar desce com o areia, eu largo o garfo.

— Você está bem , Riley ? — pergunta Ellie, e eu posso sentir outros olhos voltando-se para m im , m as não respondo.

Aniversários. Doutora Ly sander disse que m eu teste celular m ostrou que eu tinha m enos de dezesseis anos quando fui Reiniciada, m as, se m eu aniversário é em novem bro, eu teria m ais de dezesseis anos. Ela disse que eu era um a

“j oana-ninguém “, com DNA não identificável. Os olhos dela ficaram estranhos quando disse isso; não que estivesse m entindo, ela sim plesm ente não acreditava.

Que ninguém sabia quem eu realm ente era. Ela disse... Não. Ela disse que eu poderia ter sido um bebê nascido fora do lugar.

— Riley ? — ouço um a voz m e cham ar de novo, m as é distante e rem oto.

O que Astrid disse naquele dia? Precisa e exatam ente. Eu fecho os olhos, voltando no tem po, e eu estou girando, estou em outro lugar. Um corredor escuro, agachada. Aborrecida com um a brincadeira que deu errado, tentando ouvir suas exatas palavras...

Não está na hora de lhe contar a verdade? Que a sua preciosa filha não é dele; que você nem sequer sabe de quem ela é?

Tudo fica escuro.

CAPÍTULO 19

Aos poucos, o nada é substituído pelo piso frio, por vozes.

— Lu... Riley ! — é a voz de Stella.

Abro os olhos e ela está m e segurando, apoiando m inha cabeça.

Olho para ela.

— Quem sou eu?

— Ela deve ter batido a cabeça — Stella diz, com olhar alarmado.

Steph se aproxima. Ela está com meus óculos nas mãos.

— Um a das lentes caiu — ela diz.

Fecho os olhos. Steph deve ter visto, ela já deve saber que na verdade meus olhos são verdes. Que os óculos são um disfarce. Quem sou eu? Você nem sequer sabe de quem ela é. Stella me ajuda a levantar.

— Você vai para a cama agora — ela diz. E atravessamos a sala.

— Espere — Steph chama. — Eu os consertei. A lente só entrou um pouco. Ela estende meus óculos; eu os seguro e os coloco de volta. Steph olha de Stella para mim, com um semblante pensativo.

Ellie vai na frente e mantém as portas abertas. Quero afastar Stella e andar sozinha, mas minha cabeça ainda está confusa, e isso dói. Será que eu realmente entendi tudo quando caí? Quando desmaiei?

Stella me ajuda a ir para a cama; Ellie passa ao nosso lado.

— Obrigada, Ellie. Você pode ir agora — diz Stella. Ellie parece indecisa conosco, sai e fecha a porta, que faz um clique.

Stella olha para mim com algo parecido com medo.

— Você não é minha mãe — eu digo, com o coração afirmado, não uma pergunta.

Ela desvia o olhar para o lado.

— Que bobagem.

— Ouça. Eu fiz um teste celular com os Lordeiros quando era uma recém-nascida. Eu tinha meus dezesseis anos, e isso foi depois do meu suposto décimo sexto aniversário, em novembro daquele ano.

— Mas os testes podem dar errado...

— Você quase teve um troço no outro dia quando eu disse que meu aniversário não era em novembro. Não existem fotos minhas de recém-nascida.

E naquele dia, no meu décimo aniversário, quando ouvi você e

Astrid...

— Você se lem bra daquilo? — ela está surpresa.

— Astrid disse que você nem sequer sabe de quem eu sou. Eu pensei que só queria dizer que papai não era m eu pai, m as isso é apenas m etade da história, não é? Você não é m inha m ãe tam bém . Adm ita!

Seu rosto fica sem cor. Ela m e olha nos olhos, desesperada.

— Eu sou, em todos os sentidos que contam . Eu sem pre am ei você, Lucy.

— Não! Não de um a m aneira que conta. Diga-m e a verdade. Diga-m e, agora!

— Você deveria descansar. Você pode ter tido um a concussão.

— Eu não tive. Diga-m e de onde eu venho! Eu tenho o direito de saber.

Stella está trem endo, seu rosto desm oronando.

— Eu sou sua m ãe. Eu sou — ela está sufocando as lágrim as, e algo m ais: a verdade.

Parte de m im quer confortá-la, colocar um a m ão sobre a dela, m as não.

Ela tem que enfrentar isso. É algo tão secreto que ela nem m esm o pode falar sobre isso?

— Não pode haver nada entre nós, se não tem os a verdade — eu m e afasto dela, m e viro para a parede.

O tem po passa. Minutos, ou m ais? Um a m ão toca no m eu om bro, depois se afasta.

— Tudo bem — ela diz a voz entorpecida. — Vou contar. É um a história triste.

Eu m e viro e sento.

— Estou ouvindo.

Ela não diz nada no com eço, se recom pondo. Em seguida, balança a cabeça.

— Está bem . Seu pai e eu queríamos os filhos. Desesperadamente. Mas, sem perceber que eu ficava grávida, eu perdia o bebê. Às vezes de poucos meses, outras vezes mais. Eu não sei por que, os médicos não sabiam por quê. Então aconteceu uma última vez. Eu estava grávida novamente. Mas daquela vez não contei a ninguém , nem mesmo ao meu pai. Ele se afastou por um tempo, não estavam os dois dando bem — ela faz uma pausa e morde o lábio.

— E?

— Eu estava passando uns dias com a minha mãe — o jeito com o qual ela diz as palavras, há algo mais ali, mas eu não interrompo. — Meu bebê nasceu antes do tempo, minha linda e querida filha. Pude adorar Lucy por alguns dias, apenas alguns dias. E, então, ela morreu — a voz de Stella está sufocada e eu não sei o que dizer.

Ela se vira para mim e segura a minha mão.

— Então, mamãe, meses mais tarde, me trouxe você. Você era perfeita.

E era minha. Eu sempre amei você, Lucy. É isso que faz de você minha filha.

Você não vê?

— Espere um minuto. Você está dizendo que Astrid apareceu com um bebê para substituir o seu, que morreu? De onde?

— Eu honestamente não sei. Imaginei que de um orfanato. Com o O.C.J

ela é responsável por isso também . Mas eu não perguntei. Eu não queria que ela levasse você para longe de mim .

— E você me “ganhou” meses depois? Ninguém notou que você tinha um bebê, depois não o tinha mais, e, em seguida, o tinha novamente? E o meu pai?

— Eu lhe disse. Eu estava... fora. Na minha mãe. Seu pai e eu não nos víamos os dois faziam um bom tempo. Então, quando ele finalmente voltou, ele viu você, e deduziu que você era nossa; nós voltamos. Eu não contei a verdade a ele.

Eu balanço a cabeça para ela.

— Com o você pôde m entir para ele assim ?

— Eu precisei. Minha m ãe am eaçou levá-la em bora se algum dia eu contasse. Mas, então, anos m ais tarde, ela m e pressionou, e um dia você e Danny nos ouviram falar sobre isso...

— Em prim eira m ão.

— Sim . Ele não conseguiu lidar com isso, e foi em bora. Poucos dias depois, você desapareceu. Mam ãe descobriu que o TAG havia levado você. Que Danny tinha entregado você para eles. Eu sei que você não quer acreditar. Minha m ãe tentou diversas vezes trazer você de volta, m as não conseguiu descobrir exatam ente onde você estava sendo m antida.

— Você diz que sem pre m e am ou com o sua filha. Por que seria diferente para o papai? Ok, ele tinha que superar o choque, m as eu ainda era eu.

A m esm a filha que ele conhecia desde sem pre — sacudo a cabeça.

— Talvez você estej a certa. Talvez ele não tenha tido nada a ver com o que aconteceu com você — ela diz as palavras com o se fossem difíceis de pronunciar em voz alta, e a verdade está lá, em seu rosto. Seria difícil para ela aceitar que ele fosse inocente depois de toda a culpa que j ogou sobre ele ao longo dos anos. Seria difícil aceitar com o ele m orreu. — Será que isso im porta agora?

— Im porta para m im — e estou balançando a cabeça, m eus olhos estão m arej ados.

— É dem ais para processar tudo de um a vez. Sinto m uito por você não saber. Eu...

— Não é só isso. Eu acho que m e lem bro do que aconteceu naquele dia.

O dia em que desapareci.

Ela fica parada, quieta.

— Havia um bilhete de papai em baixo do m eu travesseiro para encontrá-lo em Castlerigg. Eu fui lá na hora do alm oço, m as ele não estava lá.

Havia outra pessoa, do TAG. Ele disse que papai tinha m andado m e

buscar. Mas, quando chegam os aonde eles m e levaram , papai não estava lá. Eu não o vi por dois anos, quando ele tentou m e salvar.

Seu rosto fica duro, irritado.

— Não, espere — eu digo. — Isso não significa que foi ele quem escreveu o bilhete. Talvez fosse falso.

— Mas com o eles iriam colocar um bilhete debaixo do seu travesseiro, ou saber que Castlerigg era o lugar aonde você e seu pai sem pre iam , se ele m esm o não tivesse contado?

Eu dou de om bros.

— Eu não sei. Não quero acreditar; não posso acreditar nisso.

Stella se esforça para afastar a raiva.

— Ouça. Sej a lá o que aconteceu, ele ainda assim tentou salvar você, não foi?

— E ele m orreu por causa disso.

— Ele m orreu tentando ser um herói — por trás de suas palavras há algo não dito: que ela não poderia perdoá-lo ainda que ele não estivesse envolvido no m eu desaparecim ento. Ele falhou.

Conversam os um pouco m ais, m as eu finj o estar com sono e ela vai em bora. Eu fico olhando para a parede no escuro.

Então, estou de volta ao início. Com o se tivesse sido Reiniciada novam ente. Para não saber quem eu sou. Sem saber quem são m eus pais e de onde venho. Não há nem m esm o um nom e que sej a realm ente m eu. Lucy Howarth ou Lucy Connor, de qualquer form a, é o nom e de um bebê m orto.

Estou entorpecida.

Nada.

CAPÍTULO 20

— Sente-se — diz a senhora Medway, e eu m e sento em frente à sua m esa. Ela fecha a porta.

— Riley, você gostou da sua sem ana na nossa escola?

— Sim , obrigada — respondo, tentando estar no aqui e agora para dar atenção a ela, m esm o tendo falhado na m aior parte do dia.

Ela suspira.

— Eu não sei bem o que fazer com você, m inha querida. Nosso departam ento de artes está im plorando para que você sej a um a das nossas próxim as estagiárias. Você deixou um a im pressão e tanto lá. Isso é fantástico, m as os outros dias não foram tão positivos. A verdade é que, se nós colocarm os

você com o estagiária, você terá de passar um ano trabalhando em todas as séries e m atérias da escola. g

— Eu sinto m uito. Não tenho sido eu m esm a nestes últim os dias — e com o eu poderia ser, quando não sei quem sou?

— Eu entendo que você deva estar chateada por causa de sua am iga Madison. Há m ais algum a outra coisa?

Estou assustada por ela m encionar Madison novam ente; não é algo com um , adm itir sentim entos sobre alguém levado pelos Lordeiros. E seu rosto está cheio de interesse genuíno, de preocupação. Não há nada que am eace aqui.

Mas com o posso ser honesta?

Hesito.

— Só entre nós?

— Claro.

— Eu descobri recentem ente que sou adotada. Foi um choque — eu nunca disse nada m ais verdadeiro.

— Oh, entendo.

— Eu queria saber se há trabalhos na área de ensino em orfanatos.

— Costum ava haver — ela faz um a careta e balança a cabeça. — O

m ais próxim o é o Abrigo de Cúm bria; costum ávam os enviar professores para lá no rem anej am ento. Mas há alguns anos eles passaram a contratar por conta própria. Nos afastaram com pletam ente. Eu poderia perguntar — ela hesita. —

Não sei ao certo o que pode estar acontecendo lá. Pode não ser um bom lugar para você.

— Por quê?

— Está isolado. Enfiado em um vale no meio do nada, a quilômetros de distância de algumas fazendas, e as pessoas que trabalham lá nunca vêm à cidade — ela franze a testa. — Vão os deixar por isso mesmo, está bem? Agora, o que vão os fazer com você? — ela abre um netbook, olha para a tela por um momento, e então o toca e olha para cima novamente. — Certo. Eu já recomendei você para um estágio aqui. Se você decidir nos colocar com a sua primeira escolha, deve conseguir. Mas não se decida até fazer todos os seus testes. Eu olho para ela, muito surpresa.

— Obrigada.

— Riley, estou fazendo uma aposta em você aqui. Eu levo muito a sério a responsabilidade que tem sobre cada criança ao nosso cuidado, todas as crianças que ensinamos. Não há folga, não há desculpa quando os principais portantes são as crianças.

— Eu entendo.

— Agora, vá. Seja lá o que você decidir, deseje o melhor.

— Obrigada — repito, com a garganta engasgada. Ela ainda nem sabe quem sou ou o que eu sou, mas está disposta a me dar uma chance. Hesito na porta.

Ela olha para mim.

— Mais alguma coisa?

Anseio por lhe dizer que eu sou sua aluna desaparecida, Lucy, aquela pela qual ela não poderia se responsabilizar por todos esses anos. Será que isso ainda a assombra? Mas, de qualquer maneira, eu não sou exatamente Lucy.

— Não, é só isso. Obrigada mesmo uma vez — e me dirijo para a porta.

Paro no Centro de Informações, onde Madison e eu nos encontramos com Finley e saímos para a caminhada até Catbells. Noto que há mapas em molduras de vidro ao lado do prédio, e os analiso de perto.

— Tem mais muitas ali dentro — diz um a voz. Eu me assusto. Finley está de pé junto à porta.

— O que você está fazendo aqui?

— Aparentemente, minha cabeça não está no meu trabalho o suficiente para fazer algo divertido, por isso estou de plantão aqui — ele faz uma pausa e olha ao redor. — Alguma novidade?

Balanço a cabeça.

— Eu dei o primeiro passo, mas estou esperando ser contatada ainda para colocá-la no DEA. Não deve demorar. Mas não tenha muitas esperanças —

aviso, gentilmente.

— Então, o que você está fazendo? Planejando uma caminhada de fim de semana?

— Talvez.

— Posso ir?

— Talvez. Não pergunte por quê, mas eu quero ir além do Abrigo de Cumbría. Você sabe onde fica?

— Não, mas posso descobrir — ele me faz entrar com ele, busca nos índices e encontra o meu mapa certo. — Nunca peguei essa trilha, ela não fica na rota principal de caminhada. Mas vai ser bom sair e ficar longe de tudo e de todos, e no alto.

— Eu sei. Para mim também. Podem os meus segredos sobre aonde estão os indo?

Ele me olha intrigado.

— Claro.

Planejamos a ida. Teremos que sair de Keswick de carro até um ponto em que poderemos pegar uma trilha, mas Finley diz que pode conseguir um carro em prestado. Ele calcula que a partir daí levaremos cerca de três horas em cada sentido. Com binômios de nos encontrar pela manhã.

Ao voltar para casa, me pergunto: o que estou fazendo? De verdade. De que adiantaria ir olhar um orfanato do qual posso ou não ter

vindo, há uns dezessete anos? Stella só deduziu que vim de um orfanato, e, m esm o que eu tenha vindo não há garantia de que sej a esse.

Dou de om bros. Eu não sei. Algo em m im quer ir até lá, para vê-lo.

Naquela noite, Stella bate à m inha porta e espreita.

— Posso entrar? — ela hesita. Faço que sim com a cabeça.

— Eu trouxe um a coisa para lhe m ostrar.

Em suas m ãos está um pequeno álbum . Ele não com bina com os outros do guarda-roupa. Ela o abre e no interior dele estão páginas e páginas de um bebezinho, m uito m enor do que aquele de quatro sem anas que vi no dia anterior.

Com tufo de cabelo escuro, olhos que m al se abrem . Mesm o nas fotos ela parece m uito parada.

— Esta é Lucy.

— Por que você m e deu o m esm o nom e? Ela encolhe os om bros, desconfortável.

— Não sei ao certo. Talvez eu não devesse ter feito isso — ela respira fundo. — Sem pre lam entarei a m orte dela, m as, apesar disso, eu am ei você.

Ainda am o. Por quem você é. Nada vai m udar isso.

— Mas o nom e Lucy deve sem pre lem brar você do que você perdeu.

Eu olho para ela, e então com eço a entender. Ela tinha tanto m edo de m e perder, com o perdeu o bebê daquelas fotos. E todos os outros bebês tam bém .

Então, anos m ais tarde, quando eu desapareci, todos os seus m edos se tornaram realidade. Sinto que estou com eçando a entendê-la. Só um pouco.

Não significa que eu goste dela.

CAPÍTULO 21

— Há algo sobre estar aqui em cim a que, não im porta o quanto a vida sej a um a porcária, m e faz sentir m elhor.

Estou olhando através da minha câmara para as colinas solitárias que se espalham ao nosso redor, e os vales abaixo. A subida está mais à frente.

Finley está quieto e eu desço a câmara.

— Desculpe — digo, olhando para ele de lado.

— Está tudo bem . Eu não tenho o meu monopólio mundial sobre a tristeza; você pode ter um pouco também . Então, por que sua vida está um pouco pior?

Dou de ombros.

— Não posso lhe contar tudo — hesito. — Mas há algo que posso. Fica entre nós. Alguém com quem me encontro também foi levado pelos Lordeiros não muito tempo atrás.

— Alguém ?

— Está bem . Um cara.

— E você o conhecia.

— Correção, eu o conheço. O pretérito não é permitido.

— Concordo.

Seguimos os em frente, basicamente em silêncio depois disso, parando para verificar o mapa algumas vezes, quando os caminhos se ramificam , e subindo de forma constante até o fim . Chegam os acampamentos . Estão no alto, em uma trilha deserta, o vento frio passa cortante. Sem neve aqui em cima; será que derreteu? O céu está um pouco claro, mas parece fino, com o sol até mesmo o oxigênio tivesse sido roubado pelo vento uivante. Estão andando rápido para nós mesmos antes de serem aquecidos.

— Que dia lindo você escolheu — diz Finley, mas posso notar que ele não se importa, não mais do que eu, em ser maltratado pelo clima. Quando, porém , pegamos a descida, é um alívio sair do vento.

— Estão quase lá; o orfanato é naquele vale — ele aponta para a frente; temos que atravessar a colina. — Você vai me dizer por que estão indo até lá?

Eu olho para ele de canto de olho. E suspiro.

— Para ser honesta? Eu não tenho certeza. Mas é um a longa história.

— Nós tem os tem po. Eu balanço a cabeça.

— Que tal você m e contar um a história em vez disso?

— Sobre o quê?

— Eu não sei. Onde você m ora?

— Em Keswick Folguedos: terra de barulho e lindos brinquedos.

— O quê?

— Nós som os fam osos pelas corridas de barco. E algum as outras coisas.

Não é m uito longe de sua casa. Algum as poucas rem adas seguidas de um a cam inhada, ou cerca de um a hora de cam inhada ao longo da m argem do lago até a colina. — Ele m e m ostra no m apa.

— Ouvi dizer que é m ais liberal que a nossa casa. Ele ri.

— Sim , e m uito. Nós saím os e entram os a qualquer hora. Eu não podia acreditar no que Madison falava sobre a casa de vocês — seu sorriso desaparece.

— Me diga um a coisa. Foi porque ela saiu do tal alm oço para m e ver?

Ele não diz o que está pensando, m as eu sei.

— Não é culpa sua. O que quer que tenha acontecido com Madison; você não fez nada. Foram os Lordeiros que fizeram . E os m otivos são só deles.

Posso notar pela expressão dura em seu rosto que ele não está convencido.

— Eu sei com o é isso.

— O quê?

— Pensar que o que houve com alguém é culpa sua. Isso devora a gente por dentro. Ela não iria querer isso, Finley.

— Nem o seu am igo. Mas você não pode controlar com o se sente.

— Não.

Seguim os em descida constante para o vale enquanto falam os, mas ainda estão no alto o suficiente para ver tudo ao redor; só mais um pouco e lá está. Um conjunto de edifícios em uma clareira no meio de um bosque, junto de um riacho caudaloso; uma cerca se estende ao redor, envolvendo uma grande área. Um lugar pitoresco, mas de alguma forma estranho, e frio, e não é só o inverno que faz com que seja assim. Parece solitário e sem vida.

— Veja. Ao longo da cerca — foco onde Finley indica, e alguns pontos estão se movendo ao longo da cerca, do lado de dentro. Seriam pessoas? Mas estão uniformemente espaçados, se movendo à mesma velocidade. Que estranho.

Pego a câmera de novo e dou um zoom. Uma longa fila de crianças caminha por uma pista do lado de dentro da cerca. Verifico o perimetrio; pelo que posso ver, parece que a pista segue por toda a área do terreno.

— O que você está vendo? — Finley pergunta.

— Crianças. Elas estão lá fora para uma caminhada, eu acho — e faço um careta. — Mas é estranho.

— Com o?

— Elas estão andando, uniformemente espaçadas, em fila indiana.

— Vão os descer para olhar mais de perto? — ele pergunta, e eu hesito.

Algo parece errado, muito errado, mas eu não sei o que é, e estou com um mau presságio. Que diz que não deveriam estar aqui. Pelo menos, Finley não deveria estar aqui.

Faço sinal para ficarem atrás de algumas árvores. Tiro a minha óchila do ombro.

— Você pode esperar aqui? Vou descer para espiar, com cuidado. Eu não quero que nos vejam.

— Eu não sei. Eu deveria ir com você.

— Honestamente, não há nada para se preocupar — me into. — Eu sou realmente boa em me esconder, e será mais fácil sem a minha óchila. Eu

só vou descer com cuidado, dar um a olhada rápida e voltar direto para cá. Basta que você fique fora de vista. Está certo? Eu vou ficar bem . Prom eto.

— Você está indo só para dar um a olhada e voltar.

— Sim .

— Tudo bem — ele verifica o relógio. — Vou lhe dar um a hora. Se você não estiver de volta até lá, vou descer atrás de você. Com binado?

— Com binado.

Eu tiro o casaco de fora. Ele é azul-claro e pode chamar atenção. A blusa de lã que uso por baixo é cinza e deve se misturar às sombras.

No caminho e me atendo na trilha. Ela corta a colina. Assim , se eu for discreta, não devo ser vista lá em baixo. Então, conforme chego mais perto das árvores, corto caminho pelos arbustos, passando rente a rochas e depois árvores, em direção à cerca de onde vim os as crianças, calculando onde deveria interceptá-las com o passar do tempo. Eu me movo com cuidado, calma e lentamente. Essas habilidades, tão úteis agora, de me mover sem ruído, utilizando a camuflagem , são coisas que aprendi com Nico e o TAG anos antes. Eu paro atrás de algumas pedras, a cerca está a poucos metros de cinquenta metros de distância, e espero.

Logo a primeira delas surge numa curva. Com o parecia visto de cima, elas estão apenas andando. Sorrindo. Em fila única, sem conversar, sem nada.

Verifico o terreno; nenhum adulto à vista.

Eu deveria voltar agora, mas me aproximo, me lembro do padrão que vi lá de cima. Se as crianças se mantiverem nessa pista ao longo da linha da cerca, em breve haverá árvores, e a forma com o o terreno se eleva deve me manter fora da vista dos prédios.

Dou uma corrida e me aproximo da cerca. Ela não é alta, posso facilmente ver por cima dela. Mas há algo mais. Um leve brilho de fios ao longo dela. É elétrica, ou será um alerta de intruso? De qualquer forma, ficarei do lado de cá. Eu me abaixo e espero.

Passos estão vindo para cá. Fico indecisa, isso é loucura.

Eu me levanto assim que as crianças se aproximam. O primeiro é um menino de cerca de onze ou doze anos. Caminhando e sorrindo. Ele me vê; deveria me ver, mas continua andando. As outras crianças o seguem, a poucos metros de distância, passam por mim, um por um, sem reação. Conforme

passam, são cada vez mais jovens.

Um menino de uns sete anos se aproxima agora.

— Oi — cumprimenta.

— Oi — ela sorri, mas continua andando.

Alguns mais novos, cerca de quatro ou cinco anos de idade, seguem no fim da fila.

— Parem — eu digo. As últimas três crianças olham para mim e param. Sem dizer nada.

— O que você está fazendo? — olho para o da frente.

— Estou parado — ele responde.

— Não, antes de eu dizer “pare”. O que você estava fazendo? Ele me olha intrigado. E sorri.

— Hoje é sábado. Estão os fazendo a nossa caminhada de sábado de manhã. Os três sorriem, sem fazer movimento para continuar. É como se eles fizessem o que eu digo e quando digo para fazer, sorrindo o tempo todo. Assim como os outros, todos andando no mesmo ritmo, sorrindo. É quase como se...

Não. Não, não pode ser. Não pode.

Eu comigo a tremor, o horror me tomando por dentro.

— Estendam as mãos — eu digo, incapaz de me pedir o tremor na minha voz. Os três esticam as mãos ao mesmo tempo.

— Puxem as mangas — eu digo, e eles o fazem.

E lá estão, brilhando em seus pulsos: Níveis. Tenho presença de espírito suficiente para tirar algumas fotos rapidamente, as mãos tão trêmulas que preciso equilibrar a câmera contra a cerca para que saiam boas, me esquecendo de que poderia ser elétrica. Mas percebo que não é elétrica, porque eu ainda

estou de pé aqui. Não pode ser, é com pletam ente ilegal. Ser um Reiniciado é um a punição para os crim inosos adolescentes m enores de dezesseis anos. Não para criancinhas. O que eles poderiam ter feito para m erecer isso?

É quando foco a lente da câm era na direção deles que eu vej o. O últim o m enino: aquele sorriso torto. Não. Não. O dia em que vim para Keswick de trem .

Aquela m ãe e o filho. É o m esm o m enino.

Eu abaixo a câm era e olho para ele.

— Onde está sua m ãe?

Ele sorri e não diz nada. Eu repito a pergunta.

— Eu não sei o que é isso — ele responde, e seu sorriso é o m esm o do trem , m as seu olhar está em branco. Os risos e travessuras sum iram ; sej a lá o que fizesse dele quem ele era... se foi. Clang.

Um ruído leve, por entre as árvores ao longe. Um a porta? Sinto m edo.

Será que a m inha câm era descansando contra a cerca disparou algum alerta lá dentro? Foi estúpido.

— Ponham as m ãos para baixo de novo — eu digo. — Andem !

Alcancem os outros!

Eles saem , m ais correndo do que andando agora, tentando alcançar os outros, com o foram instruídos. Eu m e abaixo por trás da cerca.

Meu estôm ago revira; eu quero vom itar. Crianças, crianças pequenas, Reiniciadas? Não. Isso quebra todas as leis. Crianças de quatro anos de idade, com o aquele m enino do trem , não podem ser crim inosas, não im porta o que a m ãe possa ter feito.

Outro som distante. Será alguém para investigar?

Saia daqui. Volto apressada por onde vim com o m áxim o de cuidado de m e m anter abaixada, fora de vista. Ao alcançar certa distância da cerca, paro atrás de um as pedras. E olho para trás. As crianças chegaram a casa agora.

Figuras m ais altas estão lá. Tiro um a fotografia apressada, olhando

através do zoom . Meia dúzia de adultos, e eu não preciso ver suas roupas pretas para saber o que eles são. Há algo no jeito com o qual se movem , com o se posicionam , que não me deixa dúvida. Lordeiros.

Alguns deles estão falando com as crianças e os outros estão verificando

a colina, binóculos na mão. Rezo para que Finley tenha ficado fora da vista, onde o deixei.

Não há nenhuma chance de eu voltar para a trilha de cima sem ser vista, se eles estiverem olhando com atenção.

A única coisa a fazer é acelerar e despistar. Corro, dando uma volta para fazer parecer que estou indo para o outro lado, sem olhar para trás. Então recuo e me abaixo, ficando fora de vista, me arrasto contra a vegetação rasteira, passo pelas pedras, até que finalmente chego à trilha. Eu me abaixo onde deixei Finley atrás das árvores.

— O que está acontecendo? Estou respirando com dificuldade.

— Precisam os sair daqui o mais rápido possível. Melhor se ficarem os fora da vista e fora da trilha.

Ele espia por entre as árvores.

— Há vultos vindo nesta direção pelo portão lá em baixo. — Meu estômago revira. Ele me entrega o casaco, mas eu o enfio na mochila em vez de vesti-lo. — Quem são eles?

— Corra agora, conversam os depois. Ele com premeditação me educa.

— Tudo bem . Um segundo — ele olha no meu mapa. — Você consegue escalar nas rochas?

— Sim .

Fugimos a toda a velocidade na direção da trilha, mas depois, assim que estamos longe e fora de vista, saímos da trilha e corremos por um caminho rochoso, poeirento, íngreme e instável feito para ovelhas, e não pessoas. Mas Finley é muito parecido comigo; ele se move com o mesmo jeito de cabra montesa em lugares altos. Posso ver para onde estão indo, para uma escalada íngreme e sobre um penhasco. Se conseguirmos chegar lá antes que alguém alcance o ponto de onde saímos, eles nunca saberão por onde fomos.

Só se tiverem cães. Eu afasto esse pensam ento. A m enos que os cães j á estej am lá, os Lordeiros não terão tem po para buscá-los antes de term os ido em bora.

Chegam os à subida, e posso ver que m ais à frente há alguns lugares onde terei problem as por causa da m inha altura.

— Terei de saltar para conseguir — digo, e subo nas rochas. Algum a coisa m e diz para m anter sem pre três pontos de contato ao subir, m as estou indo rápido dem ais para fazer isso. Um pé desliza.

Finley, que vem logo atrás, m e segura.

— Não adianta ser rápida se você estiver m orta — ele diz. Eu olho para baixo e vej o um a queda acentuada abaixo de nós agora. Foi por pouco.

Eu desacelero e desta vez dou ouvidos a Finley sobre o m elhor cam inho a percorrer. Finalm ente chegam os ao topo. Um rápido olhar para trás m ostra cabeças subindo pela trilha, e nós abaixam os.

— Tenho certeza de que eles não viram que cam inho pegam os — digo, sem ter certeza se é verdade. Mas estam os em apuros, se não for.

— Estam os em um a parte da trilha que eu tinha m esm o vontade de fazer de novo. Mas não escalando até o topo sem equipam ento. — Ele ri.

— Você é louco.

— Você é m ais louca do que eu.

O vento está uivando de novo, agora que estam os do outro lado da m ontanha rochosa, e visto m eu casaco azul.

— Vire o casaco do avesso — sugiro. — Para ficarm os diferentes.

Finley olha para trás, tira o casaco e o inverte, passando de azul para cinza. Ele pega outro chapéu na m ochila e troca o azul por um verm elho.

— Estam os bem disfarçados?

— Sim . Agora vam os sair daqui. Rápido.

Não correm os no penhasco, seria suicídio, m as m antem os o ritm o o

mais rápido possível com alguma segurança. A temperatura caiu e as nuvens estão se formando.

Outra trilha se junta àquela.

— É aqui que teríamos saído se tivéssemos feito isso de maneira sensata

— diz Finley. E seguim os em frente, descendo e nos afastando do vento. Estou respirando mais fácil, e...

— O que foi isso? — pergunta Finley.

— Eu não ouvi nada. — E ouço, a seguir, um som fraco atrás de nós.
—

Eles poderiam ter ido pelo caminho mais longo e nos alcançado?

— De jeito nenhum. São quilômetros a mais, e nós estávamos indo rápido.

— Você tem certeza?

— Não.

Nós continuamos, rápido novamente; há algumas pedras à frente, e nos abaixamos por trás delas, fora de vista e longe do vento.

— Vou dar uma olhada — aviso, e pego a câmera. Dou um zoom na trilha abaixo, e ali está. Um montanhista, e ele parece familiar. — É

aquele cara, ele estava no Centro de Informações no outro dia.

— Que cara?

Eu passo a câmera ao Finley, e ele olha pela lente.

— É o Len. O verificador de penhascos.

— Devem os sair daqui?

— O Len é tranquilo, e não há razão para isso. Logo a trilha vai se abrir e ele nos verá, de qualquer forma. Sugiro ficarmos e comermos alguma coisa.

Finley abre a mochila, tira uns sanduíches e uma garrafa térmica.

— Chá?

— Sim, por favor! Você pensa em tudo.

— Eu tento, mas com você é difícil acompanhar — ele pega duas canecas e serve o chá para nós dois; eu aconchego a caneca quente em

m inhas mãos frias.

— E então? Você vai me dizer o que está acontecendo? — ele pergunta.

— Às vezes é melhor não saber — respondo; ele olha para trás e depois de um tempo balança a cabeça.

Ele desembrulha os sanduíches.

— Gosta de queijo?

Já estão os comendo quando Len aparece na trilha.

— Olá, jovem Finley — ele cumprimenta. Finley acena.

— Olá, velho Len.

— Pirralho insolente. Bom lugar para um piquenique em um dia frio.

Tudo bem se eu me juntar a vocês? — ele pergunta, sentando-se em uma pedra um pouco acima, de onde pode ver a trilha de ambos os lados.

Finley nos apresenta, e Len tira biscoitos da mochila para compartilhar.

Parte de mim não quer se mover, por conta do choque no orfanato, do frio, dos músculos doloridos pela corrida apressada e da escalada. Parte de mim está gritando de medo pelo atraso e quer correr.

Finley pergunta a Len sobre as condições meteorológicas e sobre a trilha à frente, mas, enquanto Len responde, tento saber se seus olhos não estão sobre mim com muita curiosidade.

Len continua sentado na rocha acima de nós, apesar do vento, de vez em quando olhando para a trilha.

— Terem os com panfletos em breve — ele avisa, e há algo na forma com o qual ele diz isso que me deixa mais alarmada. Ele olha para nós.

— Vamos compartilhar nossas histórias?

Finley e eu trocam um olhar. Meus pés têm o impulso de correr.

Quero descer a trilha correndo pelo outro lado.

— Não adianta correr, você seria vista — diz Len. — Além disso, somos apenas três montanhistas que passaram um tempo agradável sobre aquele penhasco hoje e, antes de parar para o almoço. Não temos nada a esconder.

Posso ouvir os passos se aproximando agora; eles se movem rápido. Se eles vêm do orfanato, andaram muito mais rápido do que pensei que fossem capazes. Em seguida, aparecem dois rostos. Eles devem ter se separado quando as trilhas se dividiram.

Len acena.

— Olá — ele diz.

O Lordeiro sorri, o que não é normal.

— Olá. A caminhada estava boa hoje?

— O vento passa cortando — Len responde. — Do jeito que eu gosto.

— Onde vocês estiveram? — pergunta o Lordeiro, e Len conta a versão com binada enquanto Finley e eu nos concentramos em comer biscoitos.

O Lordeiro está pensativo.

— Entendo. Vocês viram outros dois montanhistas? Um deles é uma garota. Acha-os que eles podem estar perdidos.

— Vim as duas garotas há um tempo atrás. Elas pegaram o último desvio, eu acho, na direção de onde vocês vieram.

Eles se afastam e conversam entre si. Falam em um comunicador e nos dão uma última olhada. A seguir, voltam pelo mesmo caminho.

— Muito bem, então — diz Len. — Vamos dar o fora daqui antes que eles percebam que foram enganados.

Jogamos apressadamente as coisas nas mochilas e partimos em outra direção. Len imprime um ritmo forte, e, cada vez que a trilha se divide, pegamos um caminho diferente, andando em zigue-zague de um jeito que não teríamos pensado sem ele, até que estamos descendo novamente pelo outro lado.

Len coloca Finley para liderar, desacelera na minha frente para que fiquemos para trás.

— Eu acho que precisam os conversar — ele diz, em voz baixa. E, sim, ele nos ajudou hoje, mas o que eu posso dizer a ele?

— Obrigada por sua ajuda. Mas...

— Eu soube que você está buscando um parceiro de xadrez. Anita, não é?

Eu quase caio dura. Len? Ele é o contato do Aiden do DEA? Ele pisca.

— Você foi difícil de rastrear.

— Você estava nos seguindo hoje?

— Isso foi um pouco de sorte. Finley pegou meu carro em prestado e me disse que você iria com ele. As chaves do carro têm um rastreador. Então, o que está acontecendo?

Em primeiro lugar, um a promessa. Eu pego em meu bolso a foto de Madison que tenho carregado desde que coloquei aquele recado.

— Você pode colocar a Madison no DEA? Ele hesita.

— Posso. Mas as chances são poucas — suas palavras diretas são amenizadas pela tristeza em seus olhos.

— Você sabe para onde ela foi levada?

— Não sei, mas imagino. Há uma prisão de trabalho para mulheres, depois de Honnister. Na minha de ardósia. Ela provavelmente está lá, onde termina a maioria dos que são levados daqui.

Eu respiro aliviada.

— Prisão. Então ela está viva.

— Às vezes isso não é vantagem. Ninguém nunca saiu daquele lugar.

Mas vamos correr contra o tempo. O que você estava fazendo hoje e para que os Lordeiros se interessassem?

Mas, antes de decidir se devo ou não contar tudo a ele, ouvimos chamados de um outro grupo de montanhistas que se aproximam. Eles nos acompanham por todo o caminho até onde nossos carros estão estacionados.

— Precisa de coroa, coroa? — pergunta Finley.

— Pirralho abusado. Para falar a verdade, preciso. E, levando em consideração que esse carro é meu, eu dirijo, muito obrigado.

Finley entrega as chaves, relutante.

— Com o você chegou aqui? — pergunto.

— Subindo e descendo montanhas — Len sorri.

Meu queixo cai. Quantos quilômetros dá isso? Ele parece idoso e nos acomoda.

Quando pegam os carros na estrada, Len me olha no espelho.

— Você é um a das possíveis novas estagiárias dos Parques, não é? Eu levo o grupo para um acampamento no primeiro dia, então veja o você na segunda-feira. Conversaremos lá.

Ele dá um a ligeira ênfase ao lá. Ele não quer que Finley saiba de nada.

Finley está assobiando enquanto Len dirige pela estrada, em direção a Keswick.

— Você está muito alegre — digo. Ele me olha de lado.

— Nós os despistamos, não foi? Sei que você não vai me dizer por que eles estavam atrás de você, mas eu não me importo com o motivo. Sem prever que um Lordeiro não consegue o que quer, eu fico feliz.

Eu sei o que ele quer dizer, mas eu não estou sentindo isso. Será que realmente nos livramos de alguma coisa? Durante toda a viagem de volta para Keswick, mantenho a atenção na estrada à frente, meio que esperando um bloqueio na estrada.

E a minha câmera está queimando, fazendo um buraco em meu bolso.

Aiden tem que ficar com as fotos. A prova está lá, Lordeiros estão violando a lei,

estão transformando criancinhas em Reiniciados. Ninguém pode ignorar isso. É a única coisa que finalmente vai fazer todo mundo parar, se unir, e dizer chega para os Lordeiros?

Entro em pânico ao pensar que tenho as únicas cópias aqui, na minha câmera. Se os Lordeiros fizerem as perguntas certas para aqueles me

eninos, saberão que seus Níveis foram fotografados. Eles ficarão desesperados para me encontrar. E se descobrirem quem eu sou... Estou morta.

Isso já passou do ponto de autopreservação. Eu preciso me manter viva.

Tenho que entregar essas fotos para o Aiden.

Tem os que revelar a todos. E acabar com isso.

CAPÍTULO 22

— Podem os conversar?

Stella sorri ao me ver. Parece tão absurdamente feliz por eu estar procurando por ela, que sinto uma pontada no peito.

— Claro que sim, venha — ela diz. Entro no escritório e tranco a porta.

Ela levanta uma sobrancelha. — Isso parece sério. Está tudo bem?

— Não. Nada bem.

— O que houve?

E eu não sei o que dizer. Quanto menos contar, será melhor para ela, na verdade. Mas, apesar da necessidade de cautela, eu simplesmente não posso fazer isso com ela, não posso desaparecer sem dar uma palavra. De novo não.

Stella se levanta atrás de mim e vai até o sofá contra a parede. Sento ao lado dela.

— Vá em frente. Você pode me contar qualquer coisa.

— Você não vai gostar de ouvir isso. Sinto muito, mas eu tenho que partir.

Ela balança a cabeça.

— Partir? Mas você mal chegou aqui. Por quê?

— Tenho certeza de que meu disfarce foi descoberto, ou, se não foi, será em breve. Eles virão atrás de mim se eu ficar.

— Oh, Lucy. Não. Eu vou com você. Eu vou...

— Não. É sério, você não pode; é muito arriscado. Ficarei mais segura

se estiver por conta própria.

Um a gam a de em oções cruza seu rosto e me preparo para a tempestade, mais, antes mesmo o de com eçar, a tempestade desaparece. Stella afunda no sofá.

— Quando? — ela pergunta, num sussurro.

— Eu não sei. Logo. Assim que eu resolver uma coisa. Não será para sem pre, eu prometo. Entrarei em contato. Algum dia eu vou voltar e procurar por você, quando as coisas forem diferentes.

— Oh, Lucy. Não. Não é justo.

— A vida é assim — sou mais dura do que pretendia. Mas quando a vida foi justa comigo? Mesmo quando finalmente achei que estava retornando a uma família que era minha, descobri que era tudo mentira.

— Isso não é por minha causa, é?

— Claro que não.

— Conte tudo para mim. Talvez eu possa ajudar. Eu balanço a cabeça.

— Sinto muito, é mais seguro você não saber.

— Você não confia em mim — sua voz está amarga.

— Não é isso! Mas por que eu deveria? Você me entendeu para mim toda a minha vida — as palavras saem antes que eu consiga impedir-las.

Ela recua.

— Você tem ouvido bastante isso, não é?

— O quê?

— Que eu não lhe disse tudo.

— O que mais você não me disse? — exige. Uma parte de mim sabe

que não era para ser assim , que eu deveria estar tentando consertar um pouco as coisas antes de partir, mas não consigo parar de perguntar. O que mais poderia haver?

— Não foi mais minha culpa!

— O que não foi sua culpa?

— Ela mais fez fazer isso, você não vê?

— Quem ? Sua mãe? O que ela fez você fazer?

— Ela mais chantageou, todos esses anos, para que eu mais antivesse

silêncio. Eu era uma prisioneira naquela época! Ela mais me anteve trancada a chave durante toda minha gravidez, para me impedir de falar; ela afastou o Danny, ela o fez pensar que era isso que eu queria. Talvez meu bebê tivesse sobrevivido se eu estivesse em casa. Mas, então, quando ela trouxe você... Ela sabia que me tinha nas mãos. Exatamente onde me queria. Eu não podia dizer nada, podia? Ou você iria embora. Então, ela finalmente me deixou ir.

— Do que você está falando?

— Não. Isso é o suficiente. Se quiser saber mais terá que me contar os seus segredos também .

— Acabo de fazer isso. Eu vim aqui para lhe dizer que tenho que partir.

Eu não deveria ter contado, era perigoso, mas eu contei. — Eu me levanto.

— Espere. Não saia assim . Por favor. Eu vou falar. Mas você precisa prometer que nunca contará a ninguém .

Faço uma pausa. Estou fervendo de raiva, de novo. É algo sobre Stella e eu... eu não sei. Ela me deixa louca. Mas ficará tão triste quando eu me for.

Respiro profundamente e me sento.

— Tudo bem . Conte.

— Eu descobri algumas coisas, sobre mim mais uma . Coisas que minha mãe fez anos antes contra o governo.

— Contra os Lordeiros? — m inha cabeça está girando. De j eito nenhum ! Ela é um a Lordeira até debaixo d'água.

— Não, não exatam ente. Existem facções, sabe. Dentro do governo.

Mam ãe está no lado da linha dura; o últim o Prim eiro Ministro não estava. Ele teve que sum ir.

— Espere um m inuto. Você está falando de Arm strong?

— Sim . Ele e sua esposa, Linea — ela respira fundo. — Eles eram tão adoráveis e...

— Você os conhecia?

— Linea e m inha m ãe eram am igas de escola, tem pos antes. Linea confidenciou a ela que seu m arido estava planej ando expor o lado detestável de alguns Lordeiros, e renunciar. Ele nunca teve a chance de fazer isso.

Minha cabeça está girando.

— Não pode ser! Os pais da m inha m ãe? Ela franze a testa.

— Mãe? O que você quer dizer? ,

— Depois que fui Reiniciada, foi para essa fam ília que fui encam inhada.

Sandra Arm strong-Davis.

Agora é a vez de Stella m e olhar chocada.

— Você estava com a Sandy ? Eu não sabia.

— Você a conheceu?

— Claro. Costum ávam os passar as férias j untas, quando éram os crianças. Nós não m antivem os contato. Eu não podia. Não depois de saber o que realm ente aconteceu com os pais dela.

— Mas eles foram assassinados pelo TAG.

— Sim , m as o TAG recebeu inform ação sobre o local onde eles estariam . A inform ação vazou, foi arm ação.

— Sua m ãe estava por trás disso? Meu Deus! Você tem que contar.

Você precisa!

— Não. Eu não posso! Eu nunca poderei, não m ais. É m uito tarde, tarde dem ais. Que diferença faria agora? Depois de todo esse tem po. Não.

— Me escute. Astrid estava m e usando para chantagear você. Se eu não estiver m ais aqui, e ela não souber onde estou, ela não pode m ais chantagear você, não é?

— Não é m ais tão sim ples assim . É todo m undo; todas as m eninas daqui.

Ela as usaria contra m im .

Eu tento. Eu m e esforço. Para dizer a ela que, se as pessoas não falarem o que sabem , se não se levantarem contra os Lordeiros, as coisas só vão piorar.

Que está em nossas m ãos fazer algum a coisa. Stella não está ouvindo, eu posso notar.

Mas com o posso reclam ar se, durante todas aquelas vezes com Aiden, eu tam bém não ouvia?

O que eu não digo é: o que teria acontecido se ela tivesse falado isso há anos? Se tivesse contado a todos que o Prim eiro Ministro ia se dem itir e expor os Lordeiros, que eles foram assassinados por seu próprio governo para m antê-los quietos.

Talvez a opressão dos Lordeiros que tem os hoj e nunca houvesse ocorrido.

Eu m e levanto para sair.

— Espere. Meu últim o pedido. Posso ver sua câm era?

— Minha câm era? Por quê? Ela balança a cabeça.

— Eu vou devolver. Eu só quero cópias de suas fotos. Aquelas de nós duas.

Hesito.

— Tudo bem . Vou pegá-la — e saio da sala, m e perguntando se ela teria percebido a protuberância reveladora que dizia que a câm era estava no m eu bolso o tem po todo.

De volta ao meu quarto, remexo na tela interativa da câmara até descobrir como criar pastas e protegê-las com senha no orfanato. Estou louca para enviá-las para alguém, qualquer um, mas não ousa sem um computador que não governa mentalmente. Eles estariam monitorando e impediriam com certeza, e, em seguida, teriam a minha localização.

Eu levo a minha máquina para baixo, pensando que devo esperar enquanto Stella faz o download das fotos. Hesito em deixá-la fora da minha vista.

— Tenho algo para você — ela estende a mão, e nela está uma chave.

— As coisas do seu pai. Fotos, todas elas. Eu queria me livrar delas, mas por algum motivo não consegui.

— Onde?

— Na antiga casa de barcos. Você se lembra onde fica?

— Eu acho que sim. Obrigada — aperto a chave em minha mão.

— Vá em frente, dê uma olhada, enquanto eu copio as fotos. Eu lhe devolvo no jantar.

Hesito, sem saber se devo deixá-la fora da minha vista, mas a chave em minha mão me puxa para outra direção. Pego o casaco e calço as botas novamente, sentindo um pouco os pés doloridos pelos tantos quilômetros corridos hoje. Saio pela porta lateral e corro pelo jardim em direção ao lago.

Será que me lembro da casa de barcos? Eu tento, me esforço, mas não me vem nada além de flashes de um caiaque deslizando sobre a água. Perambulando

pela beira do lago. Existem vários anexos ao longo da água, ao lado dos racks dos caiaques, e outro mais afastado, quase escondido pelas plantas crescidas e árvores frondosas. Assim que o vejo à luz do luar, eu sei: é a casa de barcos.

Papai costumava passar muito tempo aqui.

Não há nenhum barco à vista. Ele a havia transformado em oficina, onde construía várias coisas, ou simplesmente passava o tempo. Fora de casa.

Para ficar longe de Stella, m e dou conta agora, o que eu não seria capaz de perceber naquela época.

A chave se encaixa na fechadura, m as ela não gira. Algum vestígio de m em ória m e diz para em purrá-la com o j oelho e tentar novamente, e dessa vez ela gira. A porta se abre rangendo.

Ela cheira a poeira e um idade. Dou um passo à frente, atravessando teias de aranha. Eu as afasto e espiro, buscando o interruptor na parede.

Encontro o interruptor, e ele não funciona, m as depois m eu cotovelo derruba algo de um a prateleira. Eu m e inclino para pegar e m inha m ão se fecha em torno dela: a lanterna. Eu a ligo.

A m esa, o banco, tudo ainda no m esm o lugar. Ao ver aquilo, o fluxo de m em ória quase m e derruba. Em vez de ferramentas e coisas quebradas, estão cobertos agora por caixas de plástico. Abro a tampa de um a, depois de outra. São roupas. Roupas do m eu pai, de um a outra vida; e seus livros.

Em outra caixa, em baixo de m ais livros, está um jogo de xadrez. O

m esm o com o qual ele m e ensinou a jogar. Um a das m inhas poucas lem branças felizes. Ele m e deixava ganhar. Eu sorrio, abro a caixa e toco as peças no interior.

É claro que está faltando um a. Um a torre. O castelo. Ele a usou para chegar até m im , naquele lugar distante, para onde fui levada, m antida prisioneira e Reiniciada. E está aqui no m eu quarto, escondida em um canto da m inha m ala.

E ali estão todas as suas com panheiras. Algo dentro de m im anseia por reuni-las em seus pequenos ninhos dentro da caixa.

Outra caixa está cheia de fotografias, e eu m ergulho nelas. Há fotos antigas de Stella e papai, algumas de seu casamento. Procuvo pelas imagens de nós juntos. Elas não são muitas. Há um a com ele, eu e Pipoca quando filhote; estão os sorrindo. Deve ter sido tirada na m anã do m eu décimo aniversário.

Antes de tudo dar errado. Eu a coloco no bolso, junto com um a de Stella e papai sorridentes quando juntos. Não há muitas fotos do m eu pai, se aquelas são todas as que existem , para analisar um a vida inteira. Era ele que costumava estar com um a câmera nas mãos.

Minha câm era. A sensação de desconforto retorna. Quanto tem po eu passei aqui em baixo?

— Riley ?

Dou um salto e m e viro. Ellie está sob o batente da porta, trem endo sem casaco, com m inha câm era na m ão. Ela m e entrega.

— Stella m e pediu para lhe dar isto. Você a esqueceu no escritório. E m andou dizer que não há problem a em perder o j antar, se você quiser.

Ela se vira e volta correndo pelo cam inho.

Olho para a câm era em m inhas m ãos, confusa. Eu a esqueci? Ela disse que m e entregaria durante o j antar. Por que a m udança? Será que ela se deu conta de que eu ia querer passar m uito tem po aqui?

Talvez haj a um a m ensagem além das palavras. Algo não está certo.

Minha pele se arrepia, com o se um exército de aranhas tivesse m e encontrado aqui.

Desligo a lanterna e m e em brenho na noite. Fecho a porta, lenta e silenciosam ente; eu a em purro com o j olho. Está trancada. Eu m e pergunto o que fazer com a chave; em seguida, a coloco em cim a da porta.

Vozes flutuam no ar da noite, m uito fracas para discernir. Ouço pisadas esm agando o cascalho na parte de cim a. Eu m e cam uflo de um a árvore para outra, até que os vultos ficam à vista, m as está m uito escuro para distinguir quem são. Pego a câm era, aciono a visão noturna e olho usando o zoom . Um carro está estacionado ao lado do edifício; a porta principal que dá para o lago está aberta, e Stella está sob o batente. Dois outros vultos cam inham em direção a ela. Um deles é Astrid. O outro é um hom em , de costas para m im . A luz é fraca, m as cada m ovim ento que ele faz é fluido, sinuoso, felino. Sinto com o se m eus m úsculos e ossos estivessem derretendo, não consigo m e m anter de pé; acho que vou desm aiar. Nico.

Por que ele estaria aqui, com Astrid? Não faz sentido.

Ele faz um a pausa, vira a cabeça, olha para a escuridão, e eu estrem eço, convencida de que ele pode sentir m inha presença, de que seus olhos azul-claros podem de algum a form a penetrar a noite e ver onde

estou escondida.

Sem pensar, m eu dedo aperta o botão da m áquina, tirando várias fotos rápidas dele e de Astrid na m esm a cena.

Com o pode ser isso? Astrid e Nico, Lordeiros e TAG, são inim igos declarados. Não são?

Um m ovim ento atrai o m eu olhar para os lados da casa. Eu aj eito a câm era. Vultos de preto. Lordeiros. Eles guardam as portas laterais. Quer apostar que estão em todas as portas? Sinto um arrepio só de pensar em Ellie. Será que ela entrou antes que eles chegassem ?

Então noto que um dos Lordeiros tem algo am arrado diante dos olhos.

Óculos de visão noturna.

Eu m e abaixo novam ente, até ficar fora de vista.

Aquele recado de Stella foi um aviso. Será que Astrid descobriu quem eu sou? Meu cérebro em pânico não consegue processar Astrid e Nico juntos, ou o que significa isso. Mas, sej a lá o que for, não pode ser bom .

A adrenalina se espalha pelo m eu corpo. Corra!

Ir para a direita significaria atravessar um trecho aberto que se inclina para o lago sem proteção. Não há com o não ser vista. A esquerda é a rota de fuga m ais lógica. A trilha arborizada na cidade. Será onde eles irão m e caçar quando se derem conta de que não estou na casa. O lago.

Eu m e esgueiro pela beirada da água em direção aos racks dos caiaques.

Praticam ente prendo a respiração ao tirar um caiaque tão silenciosam ente quanto posso. Os rem os estão presos j unto com os caiaques. O desejo o de fugir é tão forte que é difícil parar, m as eu consigo, soltando os outros rem os e reunindo-os. Será m ais difícil m e perseguir.

Cam inho ao longo da costa, equilibrando o caiaque e os rem os totalm ente sem j eito. Entro lentam ente na água para que ela não espirre, lutando para suportar o frio quando ela invade m inhas botas. Entro o m ais silenciosam ente possível no caiaque. É estranho com

roupas de frio e com todos os rem os debaixo do braço. Um dos rem os cai na água e a outra extrem idade

bate em m eu rosto e arranca m eus óculos. Eles caem na água fazendo barulho.

Tento pegá-los, m as eles desaparecem na escuridão. O que im porta? Não servirão para enganar Nico se ele m e pegar.

Acelero, e m inhas aulas de caiaque da infância retornam . Minhas rem adas são rápidas e certeiras. Sigo ao longo da costa, para ser m ais difícil de detectar.

Assim que estou longe o bastante da casa, m e afasto da m argem do lago e largo os outros rem os na água, com um pedido de desculpas em silêncio. Eu os deixo para trás flutuando, enquanto coloco toda a energia do pânico em rem adas para m e levar o m ais distante possível de Astrid e Nico.

CAPÍTULO 23

Trem endo de frio, tiro o caiaque da água e o escondo em baixo de uns arbustos, j unto com o rem o. Tento m e lem brar do m apa que Finley havia m e m ostrado m ais cedo. O Lar para Rapazes de Keswick deve estar perto.

Não gosto de estar indo para lá, é arriscado por m uitos m otivos, m as que escolha tenho? Preciso encontrar Len, e a única m aneira que conheço é através de Finley. Além disso, estou encharcada pela água do lago. Meus pés ainda devem estar no lugar, m as estão tão dorm entes que tenho dificuldade de andar. A tem peratura está caindo e, a j ulgar pelo gelo fino que precisei quebrar deste lado do lago, ainda vai piorar. Eu preciso ficar aquecida e seca.

Há edifícios m ais acim a, luzes e vozes. Pego o cam inho que passa ao redor das casas, até que finalm ente vej o um grande edifício m ais acim a.

Eu o contorno. Há um garoto nas som bras perto da porta dos fundos; um ponto de luz verm elho diz que ele está fum ando. Devo esperar até que ele term ine e tento m e esgueirar depois, ou arrisco de um a vez?

Estou com m uito frio para ser sutil. Dou alguns passos e paro à frente dele. -Oi.

Ele aperta os olhos, tentando acostumar á-los na escuridão; eu paro sob a luz de um a j anela.

— Oi. De onde você surgiu tão m agicam ente? Eu rio.

— Você poderia dizer ao Finley que estou aqui?

— Ele de novo? — ele revira os olhos e j oga o cigarro para o lado do edifício. — Espere um pouco — ele desaparece no interior da casa.

Alguns m inutos se passam . Um a j anela da outra ponta do edifício se abre com um baque e um a cabeça espreita. É o Finley.

— Riley ? O que você está fazendo aqui? Corro para a frente da j anela.

— Estou com problem as.

— Um a donzela em apuros? Um a das m inhas coisas favoritas. Entre de costas — ele estende a m ão e eu entendo que ele fala da j anela. Ele m e puxa pelo vão, para um a espécie de despensa.

— Você está congelada.

Concordo, trem endo violentam ente, sem m e preocupar em disfarçar m ais.

— Vim de caiaque pelo lago. Estou encharcada.

— Suponho que isso tenha algo a ver com os Lordeiros que nos perseguiram hoj e cedo.

— Provavelm ente — respondo, em bora não tenha m uita certeza de que eles poderiam ter descoberto tão rápido quem eu era e onde m e encontrar. Então m e lem bro de Steph no j antar na outra noite. Ela viu m eus olhos verdes. Será que ela é espiã de Astrid? Se for, aquilo seria estranho o bastante para ela se reportar, m esm o que não tivesse idéia de quem eu fosse. Eu balanço a cabeça. — Eu não sei. Pode ser isso, ou pode ser outra coisa. De qualquer m aneira, estou encrencada. Tem certeza de que quer aj udar?

— Não sej a idiota. Claro que vou aj udar você. Para com eçar, você precisa se aquecer. Espere aqui — ele abre a porta e olha para o lado de fora. —

A barra está lim pa — e m e estende a m ão. — Tente parecer que está

aqui por causa do meu charme irresistível, e não para fugir da lei — ele pisca segura minha mão e coloca o braço em volta da minha cintura.

Andam os rápidos pelo corredor até o final, subindo alguns lances de escada para o próximo andar e pegando um corredor. Ele abre a porta de um quarto.

Outro garoto está lá, lendo um livro em uma das duas camas.

— Desapareça — diz Finley.

Ele olha para cima e revira os olhos.

— Não demore muito para superar a última — ele diz. E Finley estremece, mas consegue manter o braço em volta de mim enquanto o outro garoto sai.

Assim que a porta se fecha, nos separamos.

— Desculpe — falam os dois ao mesmo tempo.

— Ele não vai dizer nada? — pergunto.

— É claro que vai. Mas só para os rapazes. Código masculino — ele dá tapinhas ao lado do nariz.

— Ótimo — eu digo. Então me pergunto por que estou me importando.

Desde que eles não contem às autoridades que estou aqui... Minha reputação é a última das minhas preocupações.

Ele abre um armário e procura algo.

— Tire essa roupa molhada e coloque estas. — Ele se vira e eu tiro o jeans e as meias. Visto seu pijama gigante e suas enormes meias de lã. Ainda estou tremendo. — Minha cama não é tão repugnante quanto a dele. Vá em frente, se aqueça — eu deito e me enroscos no cobertor com o meu casulo.

Finley coloca minhas coisas no aquecedor e enche minhas botas de papel.

Ele puxa uma cadeira de rodinhas. Agora vêm as perguntas, e ele tem o direito de perguntar, mas, em algum tipo de reação alucina e atrasada de medo, estou com os braços ao redor da cabeça. Nico. Ele

deve saber que estou viva.

Por que m ais ele estaria lá? Ele vai m e encontrar. Solto soluços profundos, e Finley com eça a dar tapinhas no m eu om bro, todo atrapalhado, m as gentil, e por algum a razão isso m e faz chorar m ais.

— Ei! Vai dar tudo certo. — Com o ele pode saber? — Não chore. Se alguém ouvir, vai arruinar a m inha reputação.

Eu m e encolho, soluçando, e luto para m e controlar. Um sinal toca e eu levo um susto.

— Hora do j antar. Mas eu posso ficar. Eu m e sento e esfrego a m ão nos olhos.

— Na verdade, estou m orrendo de fom e.

— Ah, graças a Deus, eu tam bém ! Certo. Vou trazer para cá.

— Você pode fazer isso?

— Claro. Os garotos vão m e encher de perguntas quando eu pegar um prato extra. Volto em cinco m inutos.

Ele sai, e eu luto para m e reestruturar com o antes. Quando estava certa de que sairia livre, que encontraria Aiden e lhe daria m inhas fotos, porque ele saberia o que fazer com elas. De algum a form a, com potencialm ente todos os Lordeiros do m undo atrás de m im , eu não estava exatam ente bem , m as poderia seguir em frente. Mas e agora, com o Nico?

Depois de tudo o que ele e o TAG fizeram com igo. Roubaram m inha infância, m inha vida, m ataram m eu pai, m e program aram para ser um a assassina. Sinto um a pontada de fúria por dentro. Mas acim a de tudo, suplantando todo o resto, está o m edo. Um olhar para ele, m esm o de longe, e eu fiquei apavorada. Ele deve saber que não m orri quando ele detonou a explosão. Por que m ais ele estaria aqui? Astrid sabia que eu havia sobrevivido. Ela deve ter dito a ele quando descobriu onde eu estava. Ele vai m e encontrar. Ele sem pre m e encontra.

Eu olho nervosa para a j anela às m inhas costas e para a porta do lado oposto, com o se, ao pensar no que m e assusta, eu pudesse escondj urá-lo.

Mas Astrid e Nico juntos: o que isso significa? Não consigo entender.

Stella disse que Astrid estava por trás dos assassinatos, que o TAG os concretizou, mas que ela planejou. Não poderia ter sido o Nico; isso foi há mais de vinte e cinco anos e ele não poderia ser muito mais velho do que isso. Astrid deve ter ligações com o TAG. Será isso? Que ela ainda os usa para seus propósitos?

Mas Nico odiava os Lordeiros. Com eles poderiam estar no mesmo lugar ao mesmo tempo? Ele era totalmente dedicado ao TAG.

Sacudo a cabeça, tentando entender tudo isso. Depois que fui levada de Castlerigg para aquele outro lugar pelo doutor Craig, Nico estava lá. Ele estava envolvido desde o início. Astrid era minha avó, ou assim eu pensava naquela época; ela me conhecia desde que eu era um bebê. Ela pode ser a única pessoa que sabe de onde eu realmente venho. Agora que eu a vi com Nico, não é coincidência mais pensar que o TAG me usou com o alvo e que ela não estava envolvida? Stella acha que meu pai estava por trás do que aconteceu comigo, mas era Astrid, sua própria mãe, o tempo todo.

Ouç passos se aproximando, e eles me tiram desses pensamentos. Meu coração dispara. Um batida leve e Finley abre a porta.

Ele vê o olhar no meu rosto.

— Sou eu. Será que devem os ter um batida secreta?

— Desculpe, eu estou nervosa. E desculpe por ter perdido o controle antes.

— Não se preocupe. Aqui está — ele me estende uma das duas tigelas grandes de guisado que traz nas mãos. Há uma fatia de pão no canto da tigela e o cheiro é ótimo. Eu só disse que estava com fome e para fazê-lo ir, para ter tempo de me recompor, mas, agora que sinto o cheiro da comida, estou faminta.

Enquanto comemos, Finley me olha com curiosidade, fazendo pausas entre as colheradas.

— Você está diferente, acabo de notar. Sem óculos. Mas seus olhos estão diferentes de algum forma.

— Eu os perdi no lago.

— Vai me dizer o que está acontecendo?

Eu olho para ele. Cheguei ao ponto fraco do meu plano.

— Às vezes é melhor não saber das coisas.

— Com o que você estava metida hoje.

— Exatamente.

— Fico contente que eu tenha uma reputação de bom hospedeiro, mas, não importa o quão liberal seja este lugar, vai acabar notando. Você não pode ficar aqui para sempre.

— Apenas algumas horas serão suficientes. Obrigada.

— O que posso fazer para ajudá-la?

Eu não consigo ver nenhum problema de obter as informações de que preciso, a não ser ir direto ao ponto.

— Eu preciso encontrar o Len — revelo, com um pedido de desculpas implícito para Len. Ele não queria que Finley soubesse de nada, não é?

— Sem prestei atenção que o velho era mais do que aparenta. Isso é fácil; ele me deu o endereço da montanha. Podemos ir agora mesmo.

— Acho melhor esperar até que todo mundo esteja dormindo, então saio

sem ser notada. Me diga onde encontrá-lo, e eu vou...

— De jeito nenhum. Eu também vou. Não quero que você se perca ou dê com a porta errada.

— Mas...

— Nada de mais. É assim que vai ser — ele pega as tigelas e leva algumas coisas para seu colega que teve de se abrigar em outro quarto. Ele retorna, senta em uma cadeira e começa a ler um livro; a seguir, torce o nariz para o estado da outra cama e me diz que cuidará de mim, que tudo está bem, que devo tentar dormir e que ele vai me acordar em poucas horas.

Finalmente aquecida, estou certa de que não conseguirei dormir, que não é possível. Ainda tenho os meus próprios medos, além de outros intrusos. E se Nico se der conta de que Ellie foi a última pessoa a falar comigo? Meu estômago revira ao pensar o que ele poderá fazer se

colocar as mãos nela. Então estou com raiva de Stella por ter usado Ellie desse jeito, e no instante seguinte tenho medo por Stella. E por Finley. Não vai demorar muito para alguém se lembrar de que passam os dias juntos, para vir procurá-lo e, em seguida, se eles ainda não entraram em contato com os que estavam nos perseguindo perto do orfanato hoje, eles o farão em breve. Finley diz que está cuidando de mim, mas não faz ideia do que poderá enfrentar se eles vierem aqui.

Meus medos são com os corvos negros ao redor da minha cabeça, mas as de alguma forma eles se tornam tênues e distantes, e eu adormeco.

Uma cabeça pequena espreita sobre o ombro da mãe. Risos.

Abaixe-se! Digo em silêncio, com os meus olhos, mas ele não entende.

Ele espreita novamente.

Desta vez, eles o veem. Lordeiros vestidos de preto.

Eles passam por mim marchando e arrancam o menino da mãe; ela está implorando, ele está chorando. As pessoas do trem abaixam os olhos e focam o chão, ou as janelas vazias. Ninguém se move. Ninguém diz nada.

Não desta vez. É hora de dizer não. Chega. Eu saio da minha cadeira.

— Deixem o menino em paz!

Um dos Lordeiros se vira lentamente. Seu cabelo loiro com mechas é muito longo e rebelde para um Lordeiro. Seus olhos azuis claríssimos cintilam

perigosos. Ele mostra um sorriso sedutor e estende a mão.

Nico? Não. Não pode ser.

CAPÍTULO 24

Meus olhos se abrem de repente. Eu me sinto um pouco confusa. Onde estou? No quarto de Finley. Ainda está tudo em silêncio. O que me acordou?

Olho pelo quarto e a luz do luar que atravessa algumas aberturas na cortina é apenas suficiente para enxergar. A cadeira e a outra cama a

estão vazias.

Estou sozinha.

A seguir, há um som fraco no corredor. Passos?

Sento, am edrontada. Não tenho onde me esconder. Não há tempo suficiente para sair pela janela. Não há para onde correr.

Um leve toque na porta e ela se abre. É Finley.

Relaxo aliviada.

— Que bom, você está acordada — ele diz — Está na hora de ir.

Eu ignoro o pânico e pego minhas coisas sobre o aquecedor.

— Praticamente secas.

Ele se vira e eu as visto rapidamente.

— Agora vamos — ele pega a minha mão. — Se alguém nos vir pensará apenas que estou ajudando você a sair discretamente.

Finley verifica o corredor e me chama. Nós seguimos para a escada em silêncio, descemos e saímos pela porta dos fundos. Desta vez uma porta de verdade, e não uma janela.

Olho para o lago. Tudo se encontra em silêncio e na escuridão.

Faço uma careta. Certamente, assim que os Lordeiros perceberem que não estou em casa ou caminho de lá, saberão que peguei um caiaque; e notarão que os outros remos estão faltando. Eu até esperava ver luzes de busca.

Esgueiram os caminhos íngremes, para longe das casas e do lago, Finley segue na frente. Caminho firme e em silêncio no escuro; anos de treinamento na floresta com Nico me deixaram especialista. Finley não se sai tão bem. Um estalo particularmente alto na frente me faz estremecer.

— Fique de cabeça baixa — sussurro.

— Não se preocupe, a árvore está bem — ele diz.

— Que árvore?

— Aquela, cujo galho acaba de se arrebentar na minha cabeça.

Com isso a perceber que ser baixinha tem suas vantagens.

Chegam os a um a estrada e cam inham os por quase dois quilômetros, atentos ao barulho de carros e nos escondendo sem pre que passa um . Então comçam os a descer um a pista longa e sinuosa.

— Aqui estão os nós, na residência do Len — diz Finley. Eu acho que aquilo se parece mais com um barraco do que com uma casa; o carro que pegamos em prestado antes está estacionado ao lado. Está tudo silencioso e escuro.

— Que horas são? — pergunto, sussurrando.

— Quatro da madrugada.

— Espero que ele não tenha um sono pesado.

Finley bate de leve na porta; nenhum a resposta. Ele tenta a maçaneta.

Trancada. Trocam os um olhar.

— Eu acho que bater na porta com vontade vai contra toda essa coisa de estarmos aqui em segredo — ele diz.

Eu pego algumas pedrinhas e as jogo contra a janela. Pouco depois, ouvimos o movimento do lado de dentro, as fechaduras se destrancando. A porta se abre e Len espreita.

— É melhor que tenham um bom motivo. Len nos leva para a cozinha e fecha a porta.

— Eu não sei quanto a vocês, mas eu não posso ser civilizado sem chá a esta hora da manhã. Você pode fazer isso enquanto conversamos — ele diz para Finley, apontando para a chaleira e as xícaras. A seguir, me leva para a sala ao lado e fecha a porta.

— Então, senhorita Lucy Connor, seu disfarce foi descoberto.

— Você já sabe? Ele confirma.

— Com o?

— Recebi uma mensagem de sua mãe. Olho para ele em choque.

— Ela conhece você?

— Com o acha que você foi parar no DEA, afinal? Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não sei; acho que não pensei nisso.

— Você sabe com o eles descobriram quem você é?

— Eu não sei. Mas acho que a Steph, que é um a das m eninas, trabalha com o espiã para Astrid. Ela viu quando m eus óculos caíram . Que os m eus olhos são verdes.

— Eram uns óculos e tanto. Não os usa m ais?

— Eu os perdi no lago. Não acho que isso tenha im portância agora.

Tenho certeza de que Astrid j á estava desconfiada de que algo estava acontecendo com Stella. Então, se Steph contou a ela sobre os m eus óculos, ela deve ter som ado os fatos e descoberto — eu m e reclino e suspiro. — Sinto m uito por ter envolvido o Finley. Eu tive de fugir, e não sabia outra m aneira de encontrar você.

— Ele é um j ovem inteligente. Vai ficar de boca fechada. Mas há m ais para contar, não é?

Há um a batida na porta. Finley espreira e estende duas xícaras de chá.

— Posso entrar?

— Ainda não, nos dê m ais um tem pinho — pede Len. Finley parece decepcionado, m as nos entrega o chá e sai. Len tom a um gole do chá super-hiper-quente e parece

m ais feliz.

— Assim está m elhor. Agora m e diga. O que aconteceu ontem à tarde para fazer os Lordeiros procurarem você por toda a m ontanha?

— Eu descobri um a coisa, algo que coloca os Lordeiros em m aus lençóis. Eu preciso chegar até o Aiden, quanto antes m elhor. Você pode m e aj udar?

Ele m e encara sério e respira fundo.

— Sem pre vou aj udar quando puder, porque eu sou um velho idiota e estúpido. Não tenho tem po de vida sobrando para ser cauteloso. Mas tirar você da cidade vai ser difícil se estão procurando por você. Talvez você deva m e dizer por que isso é tão im portante.

E eu hesito, dividida. Aiden confia nele, e isso é o suficiente para m im .

Mas será m ais seguro se ele não souber?

— Vej a por esse lado. Se você é o único que sabe de um a coisa, e algo acontece com você, ninguém saberá.

Concordo com a cabeça e engulo em seco.

— É tão horrível, que é difícil até m esm o falar — m inha cabeça dói, e eu a coloco entre as m ãos.

— O tem po é curto, Lucy — ele enfatiza gentil.

— Eu prefiro que você não use esse nom e. Continue com o Riley.

— Está bem , Riley.

Eu m e volto para cim a e encontro seus olhos.

— Nós vim os de longe. A fila de crianças, cam inhando ao longo da cerca dentro do terreno do orfanato. Mas algum a coisa estava errada com elas.

Não eram com o crianças norm ais. Então, m e aproxim ei para ver m elhor.

— Doida de pedra. Mas e daí?

— São todas Reiniciadas. Até m esm o as m enores, de uns quatro ou cinco anos de idade — o horror que sinto em m eu rosto está refletido no dele. —

Eles eram com o robôs..., quase. Sem personalidade, sem vida.

Ele agarra m inha m ão.

— Tem algum a evidência? Apalpo o m eu bolso.

— Fotos, na m inha câm era, dos Níveis em seus pulsos.

— Péssim a hora — ele diz e xinga baixinho. — O site do DEA foi haqueado.

— O quê? Será que foi assim que descobriram onde eu estava? — com o Reiniciada, investigar minha vida passada é com certeza ilegal. Isso seria motivo suficiente para que os Lordeiros me caçassem, sem contar minha intromissão em seus segredos no orfanato.

— Eles entraram nas áreas protegidas do site. Qualquer informação disponível para administradores do DEA está aberta para eles. Se procurassem, eles saberiam que você foi encontrada, mas não teriam sua localização. Esse tipo de informação não é armazenada no site, nem mesmo o criptografada. É claro que eles podem ter pensado em procurar por você em Keswick. Mas todas as comunicações por computador estão suspensas enquanto isso é investigado, por

isso não podem os enviar as fotos com o um becape. Além disso, Aiden precisará de você. Você é a testemunha. Tem os que fazer você chegar lá.

— Bem, você sabe com o que eles estão procurando por Lucy Connor? As coisas poderiam piorar.

— Pode ficar pior?

— Se eles associarem você à garota que tirou fotos no que eles chamam de orfanato. E se descobrirem que Finley estava comigo. E você foi visto com a gente mais tarde. Eu sinto muito.

Len convida Finley a entrar e tomar um chá conosco. Len pega alguns biscoitos e levanta a mão quando tentam os dizer algo.

— Fiquem quietos. Estou pensando. Finalmente Len olha para mim, e aponta para Finley.

— Você não contou a ele o que descobriu? — nego com a cabeça. —

Deixe assim, então.

Finley parece prestes a protestar, mas Len levanta a mão.

— Me escute. Podem os estar encrencados. Mas, se você não sabe o que é, não pode dizer. Você pode bancar o inocente. É um pouco forçado para você, eu sei.

— Eles não se preocupam com a inocência — eu digo em um tom am

argo, ao pensar nas crianças Reiniciadas. Crianças? Algum as delas eram praticam ente bebês.

— Isso é o que eu acho que você deve fazer — Len diz a Finley. — Vá para casa. Volte a dormir com o se nada estivesse acontecendo. Eu acho que as chances são baixas de eles conectarem você a ela.

— Ele não pode vir com igo? — pergunto.

— Não. Se Finley for dado com o desaparecido agora eles ligarão vocês dois. E estarão m ais propensos a deduzir que eram vocês dois que eles estavam procurando ontem na m ontanha.

— Não, você não pode sim plesm ente m andá-lo de volta! É m uito perigoso.

— Me escute. Há algo estranho em tudo isso. Se você realm ente encontrou algo que o governo dos Lordeiros quer m anter escondido, eles teriam

se lançado sobre todo o condado com o um a tonelada de tijolos, bloqueando estradas, fazendo buscas nas casas, nos locais de trabalho. E não houve nada disso.

— E o que significa isso? Ele coca a cabeça.

— Não tenho a m enor idéia, m as por enquanto acho que isso está em nosso favor. Norm alm ente eu pensaria em aguardar até que as coisas se acalm assem antes de tentar m ovê-la para qualquer lugar, m as desta vez eu acho que, quanto m ais rápido você sair da cidade, m elhor.

— Certo. Vou em bora, então, ou não serei capaz de chegar discretam ente antes do am anhecer — Finley se levanta e se aproxima de m im m eio sem j eito. Ele se inclina para m e dar um abraço.

— Cuide-se — ele diz. — Não se preocupe com igo, eu vou ficar bem .

Len o leva até a porta, e eles cochicham algo m uito baixo para que eu possa ouvir; em seguida, a porta se fecha e Len volta para o seu lugar.

— Você realm ente acha que eles não vão encontrá-lo? — pergunto.

Ele hesita.

— Não, e ele sabe disso. Ele está fazendo isso para que você ganhe tem po. Não o desperdice.

CAPÍTULO 25

— Você tem certeza disso?

— A menos que você possa bater os braços e voar, tenho sim — diz Len.

— Os trens estão parados. Mesmo o que conseguíssemos agora outra identidade falsa, eles já estão atrás de você. Eles não são fáceis de ser enganados. É o único jeito.

O caminhão, para o transporte de mercadorias, está estacionado atrás de uma oficina no meio do nada. Depois das proibições ambientais para o turismo de longa distância em carro particular, esse é o único tipo de veículo que faz percursos rodoviários longos. A cabine do caminhão tem um piso falso que Len acaba de abrir, com um pequeno, e eu quero dizer realmente pequeno, espaço por baixo. Tem sido usado apenas para deslocar tecnologia para o DEA. Eu serei a primeira passageira.

— Vam os ver se você cabe — ele diz, e eu me encolho e me aninho em

um cobertor. Tento diferentes posições até encaixar braços e pernas. — Vou testar o chão agora. Bata ou grite se ficar muito apertado.

Eu levanto o polegar, Len repõe lentamente o piso em seu lugar, sobre mim, e eu me ergulho na escuridão. Ele o abre novamente.

— Tudo bem ?

— Acho que sim, só precisei encolher os ombros. Vá em frente.

Ele o coloca de volta no lugar. O barulho da broca quando ele substitui os parafusos é inacreditável, e eu tento tapar os ouvidos com as mãos, mas não consigo me manter o suficiente. Com efeito a sentir um pânico irracional, como se estivesse sendo enterrada viva em um caixão. O motorista está trabalhando. Ele não é do DEA, mas é subornado com frequência para deixar seu caminhão sozinho por um tempo. Em breve saiba que está transportando algo, ele é muito antido ignorante quanto ao conteúdo. Ele não sabe que estou aqui. E se algo acontecer a quem quer que deva pegar essa “entrega” no ponto de destino? Ninguém, além de Len, sabe que estou presa aqui. Ele achou muito perigoso enviar uma mensagem que possa ser interceptada. Mesmo o que ele tenha perfurado alguns buracos para o ar, já sinto dificuldade em respirar.

Ouço um tap-tap vindo de fora e im agino Len dando tapinhas ao lado do cam inhão para m e desej ar sorte.

Dou um sorrisinho, que não dura m uito. Devo tanto a Len e a Finley. Por favor, fiquem em segurança. Len m e contou que arranj ou um a fuga segura para o Finley, para o caso de ele se sentir em perigo, m as, se os Lordeiros forem atrás dele, é m ais provável que ele não tenha a m enor chance. Foi sorte eu estar perto do lago quando Nico, Astrid e os Lordeiros chegaram . Se Stella não tivesse enviado Ellie com aquela m ensagem enigm ática, eles provavelm ente teriam m e pegado. O que eles teriam feito com igo? Nada de bom , eu tenho certeza. Talvez m e levado para a prisão em que Len acredita que Madison esteja a. Ou, talvez, eu estivesse m orta.

O tem po passa. Um a porta se abre, e é fechada com força logo a seguir.

O m otor do cam inhão é ligado, e ele cam baleia ao longo das estradas esburacadas pelo que parece ser um a eternidade. Depois pegam os a autoestrada, que é suave e rápida. O m ovim ento de balanço é quase reconfortante. O pequeno

espaço confinado é aquecido e m e em bala para dorm ir.

VVRRRRR...

Acordo de supetão e bato a cabeça com força em algo acim a de m im , então lem bro onde estou. Aquele barulho, ecoando no m eu crânio; são os parafusos que estão sendo rem ovidos. Chegam os, aonde quer que sej a, ou será que fom os parados ao longo do cam inho? Eu não tenho noção de quanto tem po se passou. Mas, agora que estou acordada, todos os m úsculos do m eu corpo estão gritando para se m over e esticar e, de um j eito ou de outro, eu vou sair dali.

O últim o parafuso é retirado, o chão é levantado e eu m e sento.

Um rosto espantado m e olha de cim a e o chão quase cai na m inha cabeça.

— Oh, m eu Deus. É um a garota.

O piso é afastado e outro rosto aparece. São dois hom ens, de m acacão.

Obviam ente não são Lordeiros. Eu respiro aliviada e coloco as pernas para fora.

— Ai! Pode m e dar a m ão?

Um deles m e aj uda e eu saio do cam inhão, m as quase caio de novo. São m inhas pernas protestando depois de tanto tem po na m esm a posição. Eu m e equilibrio, com um a m ão na lateral do cam inhão. Estam os do lado de fora, no frio, por trás de alguns edifícios, e está escuro.

— Onde estou?

Eles trocam um olhar.

— Ah, desculpe. Estou aqui para o ato final do Conto de Inverno — Len tinha m e passado as palavras que eu deveria dizer; palavras codificadas que devem m e levar ao com ando do DEA de im ediato.

As coisas andam rápido depois disso. Sou levada para dentro de um a oficina e corro até seu banheiro noj ento. Depois peço um a xícara de chá enquanto conversas apressadas acontecem do outro lado da porta. Estou estranhm ente calm a. Será porque o que acontecerá a seguir está fora do m eu controle? Eu não sei.

Um carro surge e m e colocam no banco de trás. Um hom em e um a m ulher sentam -se silenciosam ente na frente. Eu olho pelas j anelas; passam os por um a área industrial, em seguida por m ais e m ais áreas urbanizadas. Não é

Londres e não é fam iliar, m as depois vej o um a placa: Bem -vindo a Oxford. Tão perto de casa! Ou o que costum ava ser a m inha casa. Meu antigo colégio, Lord William s, está a apenas alguns quilôm etros de distância, em Tham e. Nosso vilarej o não fica m uito além dali.

As ruas se tornam m ais cheias de prédios antigos, tom adas por pedestres. Seguim os pelas ruas estreitas até pararm os. Eles m e entregam um casaco diferente para vestir, um chapéu, e cam inho ao lado do m otorista ao longo de ruas de paralelepípedos, após um a enorm e construção antiga. Anseio por parar e, de queixo caído, olho para cim a em toda a m inha volta, m as não ousou cham ar atenção para m im m esm a.

Nós nos abaixam os ao passar por um arco, por um cam inho ao longo de um a quadra rodeada por edifícios; em seguida, chegam os a um a porta, onde som os recebidos por um a garota sorridente, alguns anos m ais velha do que eu. O

m otorista m e deixa lá. Eu sigo a garota por passagens sinuosas até

um a outra porta. Ela bate de leve.

— Pode entrar — ela diz, e vai em bora.

Eu abro a porta. É um a sala de estudo, com estantes de livros alinhadas.

E quem está lá, naquela m esa? Aiden, com um a aparência m uito assustada.

— Ky la? Você é a nossa nova testem unha? Graças a Deus está tudo bem com você — ele salta por cim a da cadeira e m e envolve em seus braços para um abraço, e eu retribuo com um pouco de força. Algo m e tranquiliza; Aiden está aqui e saberá o que fazer. Será que estou segura, pelo m enos por um tem po?

Ele finalm ente m e solta, m as continua segurando m inha m ão, m eus dedos entrelaçados nos dele. E eu o olho, estrem ecendo pela vontade tão forte que tenho de continuar segurando sua m ão. Com o senti a falta dele. De seus profundos olhos azuis. Olhos alegres, apesar dos riscos que ele assum e. A m aneira com o seu cabelo reage à luz, com reflexos de verm elho-fogo. Eu sorrio.

— Aham — o som de um pigarro. Eu m e viro e vej o que há outra pessoa na sala, um a m ulher em um a cadeira perto do fogo. Mais velha do que Aiden, um a expressão de fom e feroz em um rosto pálido, com círculos escuros ao redor dos olhos. — Eu espero que não estej am os usando todos esses recursos para transporte de nam orada agora — ela franze a testa.

— Len não nos teria enviado nada dessa m aneira que não fosse vital.

Não com um código de em ergência — a voz de Aiden é calm a, m as suas bochechas ficaram com um leve tom de verm elho.

— Então, o que é tão urgente? Conte! — ela exige. Eu olho para Aiden.

— Eu prefiro falar com você a sós. Ela faz um a careta.

— Sem chance.

— E quem é você? — retruco.

— Está tudo bem , Ky la. Esta é Florence. Nós com andam os o DEA j untos, desde que... — e ele para. — De qualquer form a, sem pre

trabalham os em um sistem a duplo ao ouvir testem unhas. Se m ais pessoas sabem , então a inform ação está segura.

— Está bem , então — eu pego a câm era e a rem exo com dedos ansiosos; digito a senha da pasta e encontro o controle de proj eção de tela. —

Essas fotos foram tiradas no Abrigo de Cúm bria, perto de Keswick. Um orfanato isolado e rodeado por cercas. Eu vi crianças andando dentro do lim ite da propriedade, m ovendo-se estranham ente. Eu m e aproxim ei para ver m elhor e isso foi o que eu descobri.

Não há paredes brancas, por isso aponto para a porta, e aperto o botão para m ostrar as fotos: três m eninos pequenos, de pulsos esticados. Seus Nivos claram ente visíveis.

Os dois se surpreendem .

— Meu Deus! — Aiden ex dam a, e eles olham um para o outro.

— Pela form a com o estavam agindo, todas as crianças do orfanato eram Reiniciadas. Desses pequenininhos até os de onze ou doze anos. Eram cerca de cinqüenta crianças no total.

— Não podem os esperar m ais — ele diz. — Não com esta e todas as outras provas de atrocidades praticadas por Lordeiros que j á tem os. É hora de passar para as pessoas as inform ações que reunim os. Elas não podem ignorar isto. Será o com eço do fim dos Lordeiros.

Florence sacode a cabeça.

— Precisam os de verificação. Fotos podem ser falsificadas.

— Não! Nós tem os um a testem unha.

Eles continuam , e tenho a sensação de que virá um a longa argum entação com diferentes variações, m as m e sinto distante. Passei adiante o que sei, não é m ais o m eu fardo. Há outras coisas que eu quero, e preciso, contar a Aiden; coisas pessoais. Mas não aqui, não agora. Não com ela na sala.

— Desculpem — interrom po, assim que há um a pausa.

— É possível eu conseguir algum a coisa para com er?

Aiden fica sem graça.

— Claro. Mas nos deixe com as fotos — ele estende a mão para a câmera.

— Quero ficar com a câmera, há coisas minhas aí também. Ele a conecta a um computador e faz o download das fotos do orfanato quando lhe passo a senha. A seguir, me devolve a câmera.

— Mas Len me disse que o sistema de computador do DEA está comprometido.

Aiden suspira e confirma com um aceno de cabeça.

— Tem sido um pesadelo. Nossos técnicos estão trabalhando nisso.

Sabiam os que eles monitoram o site há anos, mas desta vez eles rompem defesas e foram capazes de rastrear para os administradores do site. É um mistério a maneira com a qual conseguiram, e não tem a certeza de por quanto tempo eles têm nos espionado através dele ou a quantidade de informação que já conseguiram acessar. Mas este computador está offline. Então, por enquanto, as fotos ficam armazenadas aqui, e continuam aí, é claro — ele aponta para a câmera. — Guarde-a em lugar seguro.

Eu a coloco de volta no fundo do meu bolso. Aiden olha incisivamente para Florence. Ela suspira e se levanta.

— Entendi a indireta.

— Você poderia trazer algo para Kyler com você? — Aiden mostra seu sorriso mais encantador, e ele é muito bom nisso, mas ela faz um careta.

— Não abuse da sorte — ela pisa forte até a porta e olha para trás. —

Mas vou dar um jeito para que tragam alguma coisa.

— Você pode pedir ao novo rapaz para trazer? Ela olha para ele com curiosidade, depois assente. E ela se foi.

— Ela é irritante — estou feliz por ela ter ido, mas ainda mais feliz por estar sozinha com Aiden. Minha mãe busca a dele novamente e ele sorri.

— Ela tem motivo. Foi o pai dela quem criou o DEA, décadas atrás. Sua identidade foi exposta com o material do computador. O disfarce se foi e ele está morto. Ela está se escondendo aqui. Com o eu.

— Ah, não, isso é horrível.

— Mas não vamos os focar nos problemas. Tem os motivos para estarmos alegres aqui hoje.

— Tem os?

— Você está bem, está segura. Apesar das nossas dificuldades tecnológicas, estamos os quase lá, Ky-la. Estamos os prontos para divulgar a nossa verdade sobre o mundo dos Lordeiros assim que nossos sistemas voltarem a funcionar. Você é um a pedra no sapato deles.

— Que imagem adorável — sorrio. — Aiden, você estava certo sobre tudo.

Ele sorri.

— Claro que eu gosto de ouvir isso, mas sobre o quê, exatamente?

— As coisas só vão mudar se todo o mundo souber o que se passa, e se unir. Eu quero fazer tudo o que eu puder para o DEA. Me unir a você de uma vez por todas.

— Ser um a testemunha já está bom demais.

— Não, não está. Deve haver mais que eu possa fazer — protesto. E por dentro estou com vontade de reunir todo o resto que tenho para dizer a ele; tudo o que eu não disse antes e que descobri desde a última vez em que estivemos juntos. Mas, antes que eu possa com qualquer alguém bater na porta.

— Eis sua terceira razão para ficar alegre — diz Aiden. Mas ele está diferente, seus olhos estão tristes, e ele solta a minha mão.

Eu o olho, sem compreender. A porta se abre.

Eu pisco. Olho novamente para Aiden, sem acreditar no que vejo. Sem confiar nos meus olhos.

Olho novamente para quem está parado à porta, com uma bandeja de sanduíches nas mãos. Para o jovem com o seu cabelo escuro e crescido está

escondido atrás das orelhas e para seus olhos castanhos, cor de chocolate. O jovem com o ele fica de pé. Um sorriso toma o meu rosto, meu corpo inteiro.

— Ben?

CAPÍTULO 26

Eu fico olhando, paralisada, e me volto para Aiden.

— Mas com o... O que...

— Vou deixar que o Ben explique — ele se levanta e se dirige para a porta. — Matem a saudade, eu volto mais tarde. Precisam os conversar um pouco mais — ele sai e fecha a porta.

Ben sorri um pouco desconfortável. Ele coloca a bandeja sobre a mesa.

— Ky lá, não é?

Confirmo o com a cabeça, tentando impedir que transpareça em meu rosto a onda de decepção que me toma por dentro. Ele ainda não se lembra de mim, ou o que fomos um para o outro. Quando ele abriu a porta, por um momento pensei que ali estivesse o meu Ben novamente, de alguma forma, e que por isso ele estivesse ali. Mas suas memórias se foram.

Ele se senta na cadeira ao meu lado, a centímetros de distância, mas parece uma lacuna de quilômetros, quando tudo o que posso fazer é me controlar para não estender a mão e tocá-lo. Em vez disso, eu apenas deixo meus olhos caírem sobre ele, analisando cada pedacinho que eu tinha medo de nunca ver novamente.

Ele parece estar gostando.

— Há algo que eu preciso lhe dizer, mas é difícil com você me olhando assim — um traço do humor de Ben. Não importa se suas memórias se foram, aquele é o Ben.

— Desculpe, vou tentar parar. O que foi?

— Obrigado.

— Pelo quê?

Ele passa as mãos pelo cabelo, do jeito com o sem pre fez.

— Foi você que me tirou daquele lugar de treinamento. Com os Lordeiros.

— Foi?

— Eu pensei que eu quisesse estar lá, que queria ter sucesso. Para mim e tornar o que eles queriam. Mas todo o tempo lá havia uma voz na minha cabeça, duvidando do que eles diziam, questionando as coisas. Sua voz.

— O que eu disse funcionou? Eu pensei ter conseguido, por um momento. Mas depois duvidei. Achei que talvez eu tenha visto aquilo porque queria ver. Mas realmente funcionou?

— Sim, graças a você eu estou na corrida contra os Lordeiros com você e todo o resto dos meus alunos — ele sorri, provocativo.

— Você sabe o que eles fizeram com as suas memórias? Ele nega.

— Na verdade não. Aiden está evitando para que eu veja um médico, para fazer uma ressonância e outras coisas. Não sei o que vão encontrar.

As minhas angústias dele são longas; eu as seguro e as puxo para cima; sinto sua pele quente sob os meus dedos.

— Você não tem Nivo.

— Não — ele dá um sorriso malicioso. Segura minha mão e a prende entre as suas. — Você não precisa de uma desculpa para me tocar.

— Você nem sequer se lembra de nós dois juntos! Você é um paquerador — mim sinto confusa e tonta com a sensação da sua pele contra a minha. Para Ben, a minha mão é a de uma desconhecida? Isso é estranho. Ele parece o mesmo, mas eu o reconheço?

— Talvez eu seja. Mas sei que já fomos próximos. Você deve realmente se importar comigo, para correr o risco de ir àquele lugar cheio de Lordeiros.

Indo ao meu encontro, tão perto do perigo.

Eu dou de ombros.

— Eu sou um idiota. Eu faço esse tipo de coisa.

— Estou feliz que você tenha feito.

— Com o veio parar aqui com o Aiden?

— É um a longa história. Foi ele quem m e encontrou. Eu fugi; alguém do DEA m e viu e reconheceu. Aiden m e procurou até descobrir onde eu estava escondido. Ele passou m aus bocados para m e convencer de que não estava com os Lordeiros.

— Claro, você não teria se lem brado dele tam bém .

— Não. Infelizm ente, acho que o m achuei um pouco. Até ter certeza de que ele estava dizendo a verdade.

— Ops!

— Não tenho certeza se seu orgulho superou a gravata que lhe dei. Na verdade, não tenho certeza de que ele ou Fio saibam o que fazer com igo. Eles querem descobrir o que fizeram com igo, m as fazem questão de que eu estej a acom panhado. Não sei bem o que eles acham que eu vou aprontar.

— Acho que eles precisam ser cuidadosos — m inha testa está franzida.

Essa não é a m aneira de aj udar alguém a m elhorar, apesar de tudo. Quem sabe ele com ece a recuperar algum as m em órias, com o eu?

— Ainoa não acredito que você está aqui — e estou novam ente dando um sorriso de m aluca ao olhar para ele.

Ele parece notar e sorri.

— Ouvi dizer que você estava com fom e. Eu os fiz especialm ente para você — ele aponta para a bandej a esquecida sobre a m esa e solta m inha m ão.

— Obrigada — pego um sanduíche, um substituto ruim para a m ão de Ben. Queij o com picles, e eu nem gosto de picles, m as com o ele se lem braria disso? Quando há tanta coisa m ais im portante que ele tam bém não consegue lem brar.

Ben perm anece ao m eu lado, eu com o os sanduíches, ele m e faz rir algum as vezes, e eu tento não o encarar dem ais. Isso realm ente está acontecendo? Ben; ele está ali realm ente. Aiden o encontrou, e ele está são e salvo.

Aiden bate à porta.

— Olá, tudo bem se nós entrarm os?

Gesticulo que sim , com a boca cheia de pão. Aiden entra e com ele está Florence, que olha fixamente para Ben. Ele revira os olhos e se levanta.

— Estarei lá fora, então — diz Ben. — Vej o você amanhã?

— Espero que sim — respondo. Ele sai e eu o ouço falando com alguém no corredor antes que a porta se feche. Eles realmente tinham alguém do lado de fora o tempo todo?

— Você mantém o Ben vigiado a cada minuto do dia? Aiden encolhe os

ombros e olha para Florence.

— A senhora Cautelosa acha que é necessário. Ela se encrespa.

— Nós realmente não sabemos o que pode acionar o gatilho dele, não é?

Acho que nem ele sabe. Até descobriremos o que foi feito com ele, é uma precaução razoável.

— Você é muito cautelosa, com Ben e tudo o mais. Deviam os divulgar agora as evidências que reunimos. Junto com o depoimento de Ky-la.

— Depoimento? O que é isso, exatamente? — interrompo.

— Nós gravamos os relatos das testemunhas das atrocidades dos Lordeiros, ou filmamos quando podem os — explica Florence.

— Filmamos ?

— Tudo o que você precisa fazer é contar a sua história para a câmara; simplesmente fale o que disse para nós — explica Aiden. — Então, quando divulgarmos a denúncia, se algum dia fizermos isso — ele lança um olhar significativo para Florence —, a sua história estará lá.

— Nós vamos chegar lá, Aiden — ela afirma. — Mas, para evitar sermos desacreditados e ignorados, temos que ter certeza de que temos os relatos de testemunhas para tudo. Não é suficiente se for tudo o que ele disse/ela disse.

Precisamos levantar provas. Boatos não contam .

— Mas os Lordeiros devem saber o quão perto estão de divulgar a denúncia. Caso contrário, por que gastar um a jogada com esse ataque cibernético? Eles estavam cientes do site há anos. Por que agora? Eles devem saber os riscos. Tem os que agir antes que eles nos detenham .

Florence olha para mim .

— Chega disso agora, Aiden — ela diz. Quase como se dissesse Não na frente das crianças. Fico irritada, mas depois me lembro do que Aiden me contou sobre o pai dela, e tento não demonstrar.

— Você se sente preparada para fazer isso agora? — Aiden pergunta.
—

Nós sem pre tentamos gravar o depoimento na primeira oportunidade.

— Em filme?

— Melhor.

Eu engulo em seco, com receio de me comprometer com gravação, mas sem querer deixar Florence ver o meu medo.

— Por que não? Eles estão todos atrás de mim , de qualquer maneira.

Dar a eles mais um motivo não fará diferença.

— Esse é o espírito — diz Florence. Eu só tenho tempo de me perguntar se o fato de ter passado a maior parte do dia espremida no chão de um caminhão fez muito estrago com o meu cabelo; e, no momento seguinte, ela está com a câmera em um pequeno tripé sobre a mesa. — Quando estiver pronta — ela diz.

— Basta dizer quem você é, e o que você viu — ela aperta um botão e uma luz verde se acende.

— Que nome eu uso?

Ela faz um barulho impreciso e para a câmera.

— Você tem uma lista?

— Para dizer a verdade...

— Use Ky la — diz Aiden.

— Tudo bem — concordo. Ele é tão verdadeiro quanto qualquer um dos outros, não é? Ela com eça a gravar e eu olho para a câm era, digo que sou Ky la Davis, que estava fazendo m ontanhism o em Cúm bria, quando vi um orfanato.

Diferente dos outros. E proj eto as fotos da m inha câm era. Florence tam bém registra isso.

Ela desliga a câm era.

— Isso deve servir. Vou dar um a olhada e falo am anã — ela guarda a câm era e sai da sala, nos deixando em paz.

— Desculpe. Fio não é sem pre tão educada quanto deveria. Obrigado por fazer isso. Sei que foi difícil para você.

— Está tudo bem — eu respondo, tentando ignorar o que ele diz, m as parece loucura dizer coisas de que os Lordeiros não gostariam , e, com o se isso não fosse ruim o bastante, ainda deixar alguém gravar. — Pode m e passar para a prim eira posição na sua lista dos m ais procurados, m as será que isso realm ente im porta? Eu j á estou nisso.

— É o único j eito.

— Eu quero agradecer você por ter encontrado o Ben. Ele dá de om bros, desconfortável.

— Era o m ínim o que eu poderia fazer. Sem pre senti que tinha sido culpa m inha, o que ele fez.

— Não foi — protesto. — Se fosse culpa de alguém , seria m inha — ou de Nico, acrescento em silêncio, m as Aiden não sabe sobre Nico. Suspiro. Há tantas coisas que eu não disse ao Aiden. Eu deveria? A coisa m ais im portante, que seria com o m unição para o DEA, é a história de Stella; que sua m ãe, um a Lordeira, estava por trás dos assassinatos. Mas, em bora eu tenha prom etido não dizer, foi o que Florence cham ou de boatos, não foi? Que valor teria, para m im , dizer algo que alguém m e disse, se não há nenhum a m aneira de provar?

— Você parece estar a um m ilhão de quilôm etros de distância.

— Sinto m uito.

— Há um a outra coisa que precisam os conversar.

— O que é?

— Tenha cuidado com Ben, Ky la. Nós não sabem os o que fizeram com ele. E, não im porta o que tenha sido, ele não é m ais o garoto que você conhecia.

Sem suas m em órias de quando vocês se conheciam , ele m udou.

— Ele ainda é o Ben.

— Não com o era, m as vam os ver o que descobrim os quando fizerm os algum as ressonâncias. Parece que eles usaram algum procedim ento com o o de reiniciar, m as m enos drástico. Suas m em órias pessoais se foram , m as algum as coisas gerais perm aneceram , com o o poder de tom ar decisões; assim , ele é livre para pensar e agir. Isso os torna m ais úteis para os Lordeiros com o agentes, m as talvez tam bém os torne capazes de se libertar de seu controle, com o Ben o fez.

Fico calada. Eu m e arrisquei por ele, não foi? Em algum lugar, lá no fundo, ele é o m eu Ben. Eu vou encontrá-lo, de algum a form a. Eu preciso.

— É o bastante para um dia, não? Arrum am os um quarto para você, m as terá que dividi-lo com um a aluna. Vou lhe m ostrar —eu o sigo por um corredor.

— Que lugar é este?

— Faculdade Ali Souls. É um a filiada à Universidade de Oxford.

— Eu pensava que a Universidade de Oxford fosse controlada pelos Lordeiros.

— Oficialm ente é, m as isso é parte da razão pela qual estão os aqui, escondidos à vista de todos. Eles não procuram direito em baixo dos próprios narizes. Algun as décadas atrás, a Ali Souls desem penhou um papel im portante em convencer a Conferência das Faculdades de Oxford de não participar dos protestos. O governo Lordeiro lhes concedeu privilégios especiais de independência, e isso porque não entenderam que a m otivação não era a favor dos Lordeiros, m as para preservar e proteger a universidade. E nós tem os conexões aqui há anos; o avô de Florence tinha um a bolsa de pesquisa, e, quando m udaram as regras para adm itir alunos com o parceiros, Florence foi um a das prim eiras. Eles levam m uito a sério os laços de am izade

entre alunos. Quando precisavam os de ajudar, seu corpo diretor votava para providenciá-la.

— A faculdade votou isso? — estou chocada. — Isso quer dizer que um monte de pessoas sabe que o DEA está aqui.

— Todo estudante e pesquisador.

— É um risco para todos eles — para nós, se um deles não conseguir manter a boca fechada.

— Sim. Precisamos sair daqui o mais rápido possível. A única maneira é divulgar logo essas evidências. E então será melhor nos dispersarmos e nos escondermos até que as coisas se acalmem.

Chegam os a uma outra porta e ele bate. Quem abre é a garota que me recebeu quando cheguei.

— Esta é a Wendy. Durma bem.

Ela fecha a porta. É um quarto irregular, com estantes ao longo das paredes de pedra, repletas de livros de história. Duas camas estreitas. Um guarda-roupa e uma longa mesa com duas cadeiras.

— Essa é a sua — ela aponta para a cama perto da janela junto à corrente de ar. Ela me mostra o banheiro no corredor, me empresta uma toalha e uma muda de roupa. A curiosidade espreita por trás de seus olhos, mas ela não pergunta nada.

Meu instinto de autopreservação me impediu de ajudar o DEA por muito tempo, até eu ver que era o único caminho. O que faz com que todos esses estudantes universitários, com o a Wendy, arrisquem suas vidas por nós, quando

eles nem sequer nos conhecem?

Wendy estuda enquanto toma o banho, depois finge dormir, encolhida de frio.

Eu me pergunto onde fica o quarto de Ben, se ele dorme, se tem sonhos.

Apesar do perigo que corremos de os Lordeiros nos encontrarem, sua proximidade é com o uso da droga. Será que alguém o vigia durante o sono, mesmo durante a noite?

O que foi mesmo o que Florence disse? Ela duvida que Ben saiba o que

aciona o seu gatilho. Ele não sabe muito sobre quem ele era, mas as com o vam os descobrir isso se eles o m antêm a sete chaves? Eu tenho que aj udá-lo a lem brar.

Eu vou encontrar um j eito.

CAPÍTULO 27

A m anã seguinte chega cedo com um toque na porta. Abro os olhos.

Wendy se foi, e Florence está à porta.

— Você não pode dorm ir o dia todo, há coisas para fazer. Volto em dez m inutos.

Eu m e apresso pelo corredor para m e lavar rapidam ente e visto a blusa e o j eans em prestados de Wendy. Não fica m al, m as é tudo m uito com prido.

Decido enrolar as pernas da calça.

Florence retorna, entra e fecha a porta.

— Aiden m e disse que você expressou interesse em aderir ao DEA. —

Um a sobancelha levantada, ainda que de leve, m ostra que ela tem dúvidas.

— Eu quero aj udar — digo um pouco nervosa pelo que isso pode implicar com Florence envolvida.

— Bem , você terá sua chance. Tem os algum as testem unhas com as quais estou tendo problem as para que coloquem suas histórias para fora. Aiden sugeriu que você pode ser de algum a aj uda. Aparentem ente, o m eu com portam ento nada delicado atrapalha.

Eu m e esforço para não rir.

— Você é um pouco dura às vezes.

— E daí? Eu não sou enferm eira nem m édica! — e ela quase ri. — Vou lhe m ostrar onde conseguir um café da m anã e lhe arranjar um docum ento de

identificação. Eles são em itidos pela faculdade; estej a com ele em todos os m om entos. Aiden levará você e Ben m ais tarde, ainda pela m anã.

— Ben?

— Aiden acha que passar um tempo com você pode mexer com algo que esteja lá no fundo, escondido — ela revira os olhos. Então me olha mais de perto. — Há uma condição. Você está no comando. Se Ben fizer ou disser qualquer coisa que preocupe você, ou que nos preocupe você tem que dizer a mim ou ao Aiden. Está bem ?

— Com binado.

— O que você quer que eu faça? — Ben me pergunta, enquanto coloco minha câmera para gravar.

— Qualquer coisa. Eu só quero ter certeza de que sei com o uso disso.

Pronto?

— Vá em frente.

Aperto o botão de início e olho para Ben através da câmera.

Ele está recostado na outra ponta do sofá, sorrindo, convencido, mas ainda há algo no jeito dele de sorrir que torna difícil me concentrar no que estou fazendo. Verifique o som .

— Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Muito engraçado. Fale quem você é, e o que está pensando.

— Eu sou o Ben — ele se inclina para a frente. — E estou pensando em como você é linda, e que, mesmo o que não me lembra, eu tinha um ótimo gosto para garotas.

Sinto um frio na barriga, um nó na garganta. Ele sorri.

— Tente me antes a câmera estável.

— Desculpe. Eu era loira naquela época, sabe; estou muito diferente agora.

Ben estende a mão, toca o meu cabelo; eu desisto e abaixo a câmera.

Ele se aproxima e olha nos meus olhos. O nó de antes parece agora amarrado ainda mais apertado. Eu não consigo respirar. Quero me afastar daquele estranho e, ao mesmo tempo, me aproximar do Ben

que conhecia e amava.

A porta se abre e nos afastam os rapidamente.

— Pronta para ir? — pergunta Aiden.

Nós nos levantamos e caminhamos até a porta.

— Posso dar uma dica? — Ben pergunta, em voz baixa.

— Qual?

— Quando você terminar, lembre-se de parar a gravação. Eu rapidamente aperto o botão de desligar.

Verifico as filmagens no carro enquanto ouvimos então. A câmera funcionou bem, o foco automático manteve Ben bem nítido e sua voz está clara.

Aiden nos leva até a porta de uma casa, nos apresenta, diz que logo estará de volta e vai embora.

Assim, Ben e eu nos encontramos na sala de Edie, com ela e sua mãe.

Edie tem cinco anos, e, de acordo com Florence, viu Lordeiros atirarem em seu irmão em um parque. Ele tinha nove anos. A mãe quer que a menina testemunhe; a mãe diz que Edie também quer, mas, toda vez que alguém tenta filmá-la, ou mesmo o fazer perguntas, ela se cala.

Eu me sinto pressionada; Ben também está estranho, batendo um papo furado com a mãe de Edie enquanto eu penso no que dizer, em com o trago à tona o motivo pelo qual estamos aqui. Edie é pequena e silenciosa, e agora está encolhida em uma poltrona. Deve sentir todos os olhos nela e está tentando se esconder.

— Que tal você me mostrar o seu quarto? — sugiro à Edie. Ela olha para a mãe.

— Está tudo bem, docinho — ela diz, e Edie pega a minha mão e me puxa em direção às escadas. Aceno para Ben ficar com a mãe.

— É aqui — ela abre a porta, mas, quando a sigo, ela se vira e me enfrenta.

— Você está aqui para me perguntar coisas?

— Eu deveria. Mas talvez eu não pergunte. Porque, você sabe, você não precisa dizer nada, se não quiser.

— Não preciso? — ela pergunta, os olhos arregalados de surpresa.

— Não. De jeito nenhum. Você é quem decide, não importa o que os outros digam. Porque eu estou no comando, e eu sou muito mandona.

— Murray também é assim — ela fala, muito séria.

— Quem é Murray?

Ela vai até a cama e pega um ursinho de pelúcia muito felpudo.

— Ele não parece mandão. Ele parece estar com sono. Ela ri.

— Ele é mandão, se alguém tenta acordar ele. Jack era assim também.

— Jack era o seu irmão?

— Sim — seu sorriso desaparece e ela abraça o ursinho. Eu sei por que estão os aqui. Um a menininha com uma história triste; isso é bom para ganhar a simpatia do público, com o Florence disse. Mas obrigá-la a fazer o que não quer é simplesmente errado.

— Nós não precisamos falar sobre o Jack.

— Ninguém mais fala sobre ele. Eles cochicham. Mas ninguém quer que eu conte a você. Ela disse que poderia ajudar a impedir que isso aconteça com o irmão de outra pessoa. Mas eu não podia dizer nada antes.

— Por quê?

— Porque ninguém estava ouvindo. Isso deixa ela muito triste.

— Ah, entendi. Que tal se apenas o Murray escutar? Ela vira a cabeça de lado.

— Isso pode ser bom. Posso contar qualquer coisa para o Murray.

— Você tem certeza, mas muita certeza, de que quer fazer isso?

Ela levanta uma sobrancelha e me olha como se tivesse muito mais

do que cinco anos.

— Você não é muito boa no seu trabalho, não é? Depois dessa, logo estão os prontos. Murray me ajuda a segurar a câmara. Ela olha diretamente para ele e lhe conta que seu irmão chutou uma bola que acertou um Lordeiro.

Quando o Lordeiro se recusou a devolvê-la, Jack o perseguiu. O Lordeiro pegou uma arma. E puxou o gatilho.

Não tenho certeza se segurei a câmara firme e o suficiente.

De volta à faculdade naquela tarde, verificamos as gravações com a Florence.

— Eu não sei com o que você conseguiu convencê-la a se abrir assim — ela

comenta.

Eu dou de ombros.

— Em parte porque eu disse a ela que não precisava dizer nada, a menos que quisesse. E em parte porque ela não podia falar sobre isso na frente da mãe, mas ela podia na frente do ursinho de pelúcia.

— Você conseguiu um emprego.

— O que acontecerá com Edie e sua mãe quando esse filme for divulgado? Elas não deveriam estar escondidas, em vez de deixadas em casa?

— Nós oferecemos. A mãe de Edie quer ficar com a família por enquanto. Algumas pessoas fazem isso. Quando estivermos prontos para divulgar a evidência, vamos avisá-los e levá-los em seguida.

— Vocês têm com o esconder todos? Todo mundo pode ser salvo? —

insisto sem conseguir tirar da minha mente o rosto sério de Edie falando com o ursinho.

— Faremos o possível — responde Florence, olhando para Ben. — Veja o que você não janta?

Estou dispensada.

Mais tarde, Ben e eu passeamos por uma das quadras internas da

Faculdade Ali Souls. Um a área cinzenta de gram a m orta em um dia frio e cinzento. Os edifícios antigos da faculdade elevam —se por todos os lados. Suas j anelas são com o olhos e de repente m e dou conta tanto da exposição quanto do confinam ento. Qualquer um poderia estar nos observando de cim a, presos neste lugar.

— Podem os conversar? — Ben pergunta, e eu percebo então quanto tem po ele perm aneceu em silêncio desde que estiverem os com Florence.

— Que tal ali? — sugiro, apontando para um banco escondido por um m uro. Vam os até lá e sentam os. — O que foi?

Ben passa a m ão pelo cabelo.

— Com o você pode acreditar no que aquela garotinha disse?

— O que quer dizer?

Ele vira a cabeça de um lado para o outro.

— Me expressei m al. O que eu quis dizer é que é difícil acreditar que algo assim poderia acontecer que um Lordeiro m ataria um a criança apenas por...

— e ele dá de om bros.

— Por ser um a criança? Eles fazem isso, e m uito pior, o tem po todo.

— Com o você sabe quando as pessoas estão lhe dizendo a verdade ou não? — seus olhos estão atentos, preocupados; o Ben brincalhão desapareceu.

— Por que um a criança iria m entir?

— Ela poderia ter sido obrigada.

— Não — balanço a cabeça. — Eu estava olhando em seus olhos, ela estava dizendo a verdade. De qualquer form a, eu m esm a j á vi coisas tão ruins ou piores; então, eu sei.

— Mesm o que você tenha visto coisas por si m esm a, com o pode saber o que está por trás do que você vê? — os olhos dele estão céticos.

— Vej a, eu vou lhe m ostrar — eu conto a ele a história do orfanato

de Cúm bria, sobre as crianças Reiniciadas. Mostro a ele um a foto de três m eninhos sorridentes com expressões nada naturais e o brilho prateado em seus pulsos.

— Mas com o você sabe que são Nivos?

— Era óbvio que eles foram Reiniciados, pelo j eito com o eles agiam .

Não havia outra explicação.

— Mas eles não poderiam ter sido treinados para agir daquele j eito?

— Crianças de quatro anos não são bons atores. E por que alguém faria isso?

— Para deixar os Lordeiros e o governo em m aus lençóis.

— Está bem , e quanto a isso, então? — e lhe conto sobre Phoebe, um a garota que nós dois conhecíamos os de nossa escola, levada e Reiniciada sem acusação ou j ulgam ento, apenas por ter feito com entários sobre alguns Reiniciados serem espões. Sobre o m eu professor de artes, o Gianelli, arrastado para fora da sala de aula na frente de toda a escola quando tudo o que fez foi desenhar a Phoebe e pedir um m inuto de silêncio para ela. Sobre o centro de exterm ínio, onde, com um a inj eção, Lordeiros m ataram os Reiniciados que quebraram os seus contratos e em pilharam os corpos no chão. E sobre Em ily, m orta pelo próprio Nivo só porque estava apaixonada e teria um bebê antes dos

21, e fora de sua sentença. Eu om ito o resto da história, que eu estava lá com o TAG, atacando o centro de exterm ínio.

Ben está calm o, pensativo.

— Tem m ais um a história. Você quer ouvir, ou j á é o suficiente?

— Vá em frente, conte.

— Você tinha um a am iga na escola, outra Reiniciada, a Tori. A m ãe dela se cansou de perder a atenção para ela e a devolveu aos Lordeiros. Tori não tinha feito nada de errado. Ela foi levada ao centro de exterm ínio que m encionei, e viu com os próprios olhos outros serem ... — m inha voz falha. — O que é isso? Você se lem bra da Tori? — estou chocada, ele não se lem bra de m im , m as algo atravessou seu rosto com a m enção do nom e de Tori. Ele sem pre disse que ela não era sua nam orada, m as ela o am ava, e era um a

das garotas m ais bonitas que eu j á vi. Era difícil de acreditar.

— É claro que não m e lem bro dela — ele afirm a, m as seu rosto está controlado, incerto. — É só que é... difícil ouvir todas essas histórias tristes. Conte o que aconteceu com a Tori.

— Ela viu outros Reiniciados serem m ortos por inj eção e em pilhados no chão. E então... — eu paro. O olhar confuso de Ben se foi, m as há um lam pej o de algo a m ais. O que será? — Olhe, essas são todas as coisas que eu vi. Algum as delas você viu tam bém . Não acredita em m im ?

— Eu só... — e então, com o se algo se conectasse dentro dele, ele sorri e pega a m inha m ão. — Claro que acredito.

— Um dia eu vou lhe m ostrar o anel de Em ily ; eu o escondi em um a árvore a poucos quilôm etros de casa. É real. Você não vê, Ben? São todas essas histórias que tornam tão im portante o que estão os fazendo no DEA. Vale a pena arriscar tudo, para fazê-las serem ouvidas. Para fazê-los parar.

Ele hesita, passa o braço sobre m eus om bros e eu m e inclino contra ele, tão consciente dele, de seu calor e proxim idade, que é difícil continuar a pensar direito.

Ben aponta para um a torre visível sobre os telhados de Ali Souls.

— Está vendo, lá em cim a? Esse é um dos edifícios m ais altos em Oxford. A torre da Igrej a de Santa Maria. A vista deve ser surpreendente. Eu

quero ir lá em cim a com você.

— Está bem , vou perguntar se nós...

— Não. Tem que ser o nosso segredo, o nosso lugar especial. Vam os deixar para quando eu estiver autorizado a sair sem um cão de guarda atrás de m im .

Mais tarde, m edito sobre a nossa conversa, o que Ben disse, as coisas que ele não disse, e que pairavam em seus olhos. Eu m e pergunto se esse não é o tipo de coisa que Florence m encionou que eu deveria lhes contar. Mas isso não é j usto. Sua m em ória foi retirada, ele está descobrindo o m undo, com o ele funciona, o que acontece nele. Ele tem que fazer perguntas, não é?

Mas sinto um a pontada de desconforto por dentro. Ele reagiu ao nom e de Tori, tenho certeza disso. É claro que eu não cheguei a contar a ele o resto da história. Que eu estava no TAG, com o nom e Chuva; que Tori escapou dos Lordeiros e tam bém se j untou a nós. E, então, houve o dia em que eu fui perseguida pelos Lordeiros e Tori foi capturada.

Estrem eço. Eu nunca vou esquecer o olhar de puro ódio no rosto dela; e não foi apenas porque ela pensou que traí o TAG, m as porque Nico disse a ela que eu sabia que Ben estava vivo e não contei a ela. O veneno nas palavras que ela gritou antes de ser j ogada na traseira de um a van Lordeira ecoa em m eus ouvidos até hoj e: Traidora! Ky la, ou Chuva, ou quem quer que você sej a, eu vou pegar você. Eu vou caçar e estripar você com a m inha faca.

Há um a parte de m im que está aliviada que os Lordeiros a tenham levado, que ela nunca terá a chance de se vingar. Mas há um a outra parte que tem vergonha de pensar assim .

CAPÍTULO 28

— Topa fazer um a viagem ? — diz Aiden, sorrindo, na m anã seguinte.

— Não há necessidade de se encolher na traseira de um a van da com panhia telefônica desta vez; eu peguei em prestado um carro bem im pressionante.

— Claro! Para onde?

— É um a surpresa. Mas serem os só nós e Florence hoj e — fico desapontada. Nada de Ben. Agora que o sol está alto, as preocupações de ontem à noite parecem bobagem . Ben não se lem braria de Tori, isso não faz sentido.

Deve ter sido o m eu ciúm e que m e fez im aginar a reação dele. Foi isso.

O carro é luxuoso e potente, em prestado de um colega qualquer da faculdade. Um a hora depois, passam os por Oxford e seguim os pelo cam po, pegando em seguida um a longa pista que dá num a fazenda.

— Estam os aqui para ver outra testem unha? — eu pergunto, quando saím os do carro.

— Hoj e não — diz Florence. — Vam os logo.

Ela bate um a vez na porta, pega um a chave do bolso e abre a porta. Ela entra, Aiden e eu seguim os logo atrás, e então ela grita:

-Olá!

— Ah, aí está você, finalm ente — no batente da cozinha está um hom em que estou m uito surpresa de ver. O que ele está fazendo aqui? Eu conheço o rosto, m as o resto m udou.

— DJ?

— Sim , este sou eu — ele sorri. — E aí está você, Ky la. Seu cabelo é um dos m eus m elhores trabalhos.

— Você m udou. Desistiu do roxo?

— Isso é tão sem ana passada. — Hoj e o m édico TAI está com listras de tigre nos cabelos e nos olhos. — Você esqueceu seus óculos?

— Eu os perdi m e desculpe.

— Pode ser que você tenha esquecido um a outra coisa. Eu m e sinto culpada e olho para DJ e Aiden.

— Ah, não! Era para eu dizer a Aiden que você queria vê—lo! Desculpe.

Foi um problem a?

— É bom ver o quão confiável você é — espeta Florence.

— Sem dram as — diz DJ. — Isso m e deu um tem pinho para investigar as coisas um pouco m ais antes de falarm os sobre isso. Para olhar para dentro de você um pouco m ais.

— O que quer dizer?

— Você, m inha querida, está ficando m ais e m ais interessante. Com o quando Alice estava na toca do coelho, nada é com o parece.

— Eu não entendo.

— Quando estavam os lidando com os seus genes de cabelo, tivemos os que dar um a olhada em seu DNA. Estou conectado aos sistem as dos Lordeiros tanto quanto necessário, para verificar se as pessoas são quem eles dizem que são. O

que é mais uma precaução, por segurança, do que qualquer outra coisa.

— E?

— Para os níveis mais baixos do sistema, seu DNA está marcado com o desconhecido. Para os níveis superiores fica mais interessante. Ele é listado com o confidencial.

— O que isso significa?

— Não faço ideia, mas adoro um bom mistério. E não é tudo. Puseram códigos de proteção nos arquivos relacionados a isso, e não são códigos simples, mas de tão alto nível que eu não consegui subornar alguém para quebrá-los.

Todos os três estão olhando para mim e eu cruzo os braços.

— Vocês não estão pensando que eu sei algo sobre isso?

— Claro que não. Mas você sabe de alguma coisa, não sabe? — os olhos de DJ estão tão estranhos, listras marrons e amarelas no fundo laranja. Eu não consigo desviar os olhos.

— Por que isso importa, de qualquer forma? DJ dá de ombros.

— Para ser honesto? Pode não importar. Mas, e é um grande mas, minha experiência tem me mostrado que, quando os Lordeiros se esforçam muito para esconder alguma coisa, é porque é importante descobrir. Qualquer coisa que eles não querem que seja conhecida, eu quero saber.

Aiden vem se sentar ao meu lado e segura minha mão.

— Ky-la? Você sabe alguma coisa que possa ajudar?

— Talvez eu saiba.

— Não há problema em dizer qualquer coisa na frente de DJ. Ele é um de nós.

Eu respiro fundo.

— Olha. A principal coisa que eu sei é que não tenho a menor ideia de quem eu sou. Feliz?

— Espere — diz Aiden. — Não estou entendendo. Você não acabou de

conhecer sua mãe em Keswick? Na verdade, o DNA dela não deveria ser

confidencial também, seja lá o que isso signifique?

— Aiden, eu ia lhe contar isso, mas não tive a chance de falar com você direito. Ela não é minha mãe.

— O quê? Ela denunciou o seu desaparecimento ao DEA. Todos os registros a mostram com o sua mãe.

Eu balanço a cabeça.

— O bebê dela morreu e eu fui entregue a ela com o substituta. Ela não sabe de onde eu vim.

— Dada por quem? — DJ pergunta. Engulo em seco.

— Pela mãe dela. Astrid Connor. Ela é a com andante OCJ da Inglaterra.

Stella, minha mãe adotiva, acha que Astrid pode ter me pegado em um orfanato de lá, mas não sabe ao certo.

— Então é por isso que você estava bisbilhotando o orfanato — conclui Florence.

Faço que sim.

— E a história continua curiosa — diz DJ. — Se isso for verdade, por que um bebê órfão tem DNA confidencial? E você teria sido testada na escola e no seu centro médico. Por que isso não ficou registrado, então?

— Me diga você — dou de ombros.

— O que mais que você não nos contou? — exige Florence.

— Desculpe eu não ter ficado me gabando de não saber quem são os meus pais, está bem? Pelo que eu sei, eu poderia ter sido abandonada, indesejada. Eu não via com o isso poderia ser importante para alguém além de mim.

Aiden levanta a mão.

— Ela está certa, Fio. Isso é coisa pessoal. Ky-la não tinha que nos dizer, é escolha dela.

Não que eu tenha tido m uita escolha hoj e.

— O que você acha que isso significa? — pergunto a DJ, que está m uito calado, com rodinhas de pensam ento girando por trás de seus olhos. Ou será que são apenas as listras de tigre?

— Eu não sei. Mas algo m e diz que é m elhor descobrir. Eu deixo a m inha cabeça cair entre as m ãos. Stella não m e fez j urar segredo sobre de onde eu vim , m as às vezes você não precisa ter dito as palavras “Eu prom eto” para saber que quebrou um j uram ento. Mas e quanto ao resto dos segredos dela?

Definitivam ente, eu prom eti a Stella que não contaria a ninguém sobre Astrid estar por trás dos assassinatos; sem provas, que uso teria essa inform ação para o DEA, afinal de contas?

— Ky la? — Aiden está com a m ão no m eu om bro. — Você está bem ?

— Há m ais coisas e ela não está nos dizendo — reclam a Florence. — O

que é?

Aiden pede para nos deixarem sozinhos.

— O que é, Ky la? — ele pergunta, quando os outros saem e a porta se fecha.

— Eu não sei o que fazer.

— Eu não posso aj udar se você não m e disser m ais do que isso.

— É sobre a Stella. Ela m e contou outra coisa. Não é sobre quem eu sou, ou qualquer coisa assim , m as é im portante. E eu prom eti não contar.

— Essa é um a decisão difícil. Tudo o que eu posso dizer é que você deve fazer o que acha que é certo aqui — ele dá um tapinha em seu estôm ago. — Siga a sua intuição. — ele hesita. — Não contar vai m achucar alguém ?

Nego com a cabeça.

— É um a história antiga. Além disso, não há nenhum a m aneira de verificá-la. É só um boato.

— O que você acha que deve fazer?

— Acho que preciso pensar um pouco mais sobre isso. Com o que você consegue ser tão compreensivo?

— Tudo isso faz parte de ser um super-herói — ele brinca, e eu me lembro que o chamei assim, séculos atrás. Quando ele encontrou Ben escondido com os Lordeiros. Aiden, o super-herói, ajudando pessoas a encontrar aqueles com quem se importam. Tentando consertar o mundo.

Eu achava que ele era um fracasso nisso. No entanto, mais e mais eu tenho esperança, agarrando-me à possibilidade futura de que as coisas poderiam ser consertadas pelo DEA sem o uso de armas e bombas. Que ele e os outros

podem realmente fazer isso.

Que nós podemos fazer isso.

— Obrigada. Por tudo.

Seu olhar está fixo no meu, quente, e por um momento é difícil respirar.

Em seguida, ele balança a cabeça, olha para o lado e chama os outros de volta.

— E então? — Florence quer saber.

— É o suficiente por hoje — responde Aiden. Florence protesta, e Aiden completa: — Nós não trabalhamos assim, nós não somos os Lordeiros. Ela pode nos dizer quando estiver pronta, se estiver pronta. Estou convencido de que não é fundamental para nós agora.

E estou vasculhando meu cérebro, à procura de alguma coisa, qualquer coisa, que possa ajudar, e então a encontro.

— Espere um minuto. Existe alguém que pode saber algo sobre o meu DNA.

— Quem é? — pergunta DJ.

— Eu sempre achei que havia algo que ela não estava me dizendo, que estava escondendo, mas eu não sei. Talvez eu tenha imaginado isso.

— Quem ?

— Minha médica no hospital. A doutora Ly sander. Os olhos de Aiden se estreitam .

— Ela era a sua médica?

— Sim . Ela disse que meus registros diziam que eu era um a “j oana-ninguém “. Que, apesar de todos terem seu DNA testado no momento do nascimento, eles não sabiam de onde eu vim . Ela disse que isso era tudo o que sabia, mas havia algo por trás de suas palavras. Ela nunca me entendeu, exatamente, mas me irritou ao distorcer as palavras.

— A doutora Ly sander, a própria, a médica que inventou o processo de reiniciar pessoas, era a sua médica — diz DJ.

— Interessante. Aposto que não foi coincidência. Mas por que ela lhe disse algo sobre seus registros?

— Nós éramos os meus próximos. Ela me disse um a porção de coisas que não deveria. Quebrou as regras para me ajudar.

— Precisamos falar com ela.

— Ela está sem cercada por guardas e o hospital é uma fortaleza.

— Se conseguíssemos levar você até ela, você iria? Ver se consegue descobrir o que ela sabe?

— Claro.

Aiden protesta. Ela é uma médica Lordeira; por mais que eu pensasse que fossem os próximos, seria muito perigoso. Eu balanço a cabeça.

— Ela não me entregaria. Nunca.

No carro, a caminho de volta para Oxford, me sento na parte de trás, olhando pela janela sem ver. Ponderando outras coincidências.

O que realmente significa Astrid e Nico juntos? Com o fato que fui parar com a família do Primeiro Ministro assassinado depois de ter sido Reiniciada?

Minhas duas famílias, minha mãe e Amy, e Stella e Astrid, de alguma forma sua história e o que ainda pode surgir, estão torcidas e entrelaçadas, comigo no centro. No entanto, nenhuma delas é

verdadeiram ente m inha.

As idéias com eçam a se acum ular dentro de m im , e só há um a solução.

Eu preciso correr.

CAPÍTULO 29

— Aposto que você não consegue m e acom panhar — desafia Ben.

— Ah, é?

Ben pega a trilha e eu estou em seus calcanhares. É m uito estreito para correr lado a lado, m as finalm ente estão os fazendo um a coisa que até bem pouco tem po pensei que nunca poderia acontecer de novo. Estão os correndo j untos. Está frio, escuro o suficiente para ser um pouco perigoso correr na velocidade m áxim a por um a trilha desconhecida, m as ele definiu o passo. De m aneira nenhum a perm itirei que ele m e deixe para trás.

Costum ávam os correr para aum entar os nossos níveis. As endorfinas da corrida os faziam subir, chegando a oito. Podíam os conversar sobre qualquer coisa, sem arriscar ter o Nivo liquidado por causa da queda dos níveis, nos levando ao desm aio.

Tanta coisa m udou desde então. Nenhum de nós tem um Nivo m ais, não precisam os correr para m anter o nível, m as, hoj e, eu precisava disso. No

entanto, fiquei surpresa por Aiden ter concordado, que tenha nos deixado sair da faculdade j untos. Talvez ele entenda. Talvez ele entenda m uito bem .

De repente, um a pancada. Um grito. Ben voa pelo ar, cai pesadam ente, e eu quase tropeço nele.

— Ai!

— Você está bem ?

— Eu acho que sim — ele vira o pé de um lado para o outro.

— Sim , está tudo bem . Só bati e caí, não torci.

Eu estendo a m ão para ele se levantar, e ele dá um as batidas na roupa.

— Vam os andar um pouco — ele sugere.

— Tem certeza de que não está ferido?

— Eu estou bem . Foi o dia difícil que fez você querer correr? — ele segura a m inha m ão enquanto cam inham os até a trilha.

— Pode-se dizer que sim .

— Quer falar sobre isso?

Eu fico em silêncio por um m om ento.

— Você se im porta se não falarm os?

Ele para de andar, m e puxa até ele, seus olhos são piscinas escuras ao luar.

— Falar é um a opção. Há um a outra — um a m ão desliza pela m inha cintura, a outra está em baixo do m eu queixo. E é com o se eu estivesse em dois lugares, ali e na prim eira vez que ele m e beij ou. Foi à noite depois de correr, e tão parecido com isso que m inha m ente está à deriva, entre passado e presente, entre o Ben que conheci e o Ben que não conheço. E a seguir estou trem endo e chorando.

Ele se afasta.

— O que há de errado?

— Eu não sei. Quem é você? Quem sou eu? O que é isso tudo?

— Isso é pensar dem ais — ele sorri. — Pare de pensar — e ele m e beij a de novo, e de novo, até que o passado se foi, as lágrim as se foram e aqui estam os nós. Agora. Não há m ais nada.

Som ente m ais tarde retornam os. Ben segura m inha m ão com força, eu

protesto quando chegam os a um corredor e ele m e puxa para o lado errado.

— Meu quarto é pelo outro lado.

— Não, você vai voltar com igo. Ainda tem os coisas para conversar.

Outro corredor e um a curva, m ais algum as escadas. Ben ainda segura a m inha m ão. É tarde e estou cansada, m as cada pedaço de m

im está vivo. Para conversar?

— Agora é hora de ficar de bico calado — ele sussurra, abre um a porta e espia. Alguém está dormindo em um a cama, no escuro. Nós nos esgueiram os até um a outra porta. Ben a abre. — Espere aqui — ele sussurra. — Vou dizer ao meu carcereiro que já voltei assim ele não irá verificar quando acordar.

Eu atravesso a porta; ele a fecha atrás de mim e estou me ergulhada na escuridão.

Ouçoo vozes baixas do outro lado da porta. Em seguida, ela se abre e Ben entra.

— Dê a ele cinco minutos e ele vai apagar com o um a lâmpada — ele cochicha e me puxa para perto. Beijam minha bochecha, meu pescoço, e eu posso ouvir meu coração fazer tum-tum tão alto que me preocupa se o aluno ouvirá através da porta.

Mas, então, Ben me solta, se vira e liga um a pequena luz de mesa. A escuridão desaparece, revelando um diminuto quarto de estudante. Mesa e guarda-roupa.

Cama de solteiro.

— Ben, eu deveria ir.

— Você não vai escapar tão facilmente — ele sorri, me em punha para baixo, para que eu sente na cama, e senta-se ao meu lado. — Nós precisamos conversar.

— Conversar?

Ele dá um sorriso travesso.

— Falar é um a das opções — ele segura a minha mão. — Diga-me. Por que você estava tão chateada antes?

— É um a longa história.

— Eu não tenho nada, além de tempo.

E, assim que eu começo, tudo vem à tona; tudo o que quis dizer a ele por tanto tempo. Dentro de mim, as coisas estão se libertando com as palavras, soltando e ficando livres. Ben coloca um cobertor em nossa volta, contra o frio.

Enquanto eu falo, e choro, e falo um pouco mais, ele só me abraça. Eu lhe conto até que não sei de onde venho, sobre ter sido raptada pelo TAG e o que eles fizeram comigo. Por que eu fui Reiniciada e o que aconteceu depois que ele foi embora. Conto a ele sobre Stella, mas não sobre sua mãe e os assassinatos. Essa história não é minha para contar.

Finalmente Ben diz:

— Certo. Eu tenho uma pergunta. Com tudo isso, por que o que realmente chateou você hoje foi eu ter beijado você?

Eu balanço a cabeça.

— Não, não era isso. Isso foi lindo — fico corada. — É o seguinte: como é que podem ser qualquer coisa juntos quando não sabem os quem são os?

Ele balança a cabeça.

— Eu também não tenho nenhuma ideia de onde venho, nem nada do que aconteceu antes de eu ter sido Reiniciado, então você está à minha frente sobre isso. Pelo menos você sabe quem criou você. Mas isso não importa.

— Não?

— Não. Ky lá, tudo o que somos é o que nós somos aqui e agora.

E ele me beija de novo, e isso é tudo o que importa. Agora. Mas uma voz dentro de mim sabe que pela manhã o sol vai aparecer. O amanhã virá de uma forma ou de outra.

CAPÍTULO 30

Estou aquecida, em um lugar escuro, sonolento e feliz. Noto alguma coisa; algum tipo de som. Um clique. Eu me movo lentamente, e então lembro de onde estou.

Sento rápido. A luz atravessa as cortinas apenas o suficiente para ver.

Ben está de costas, colocando alguma coisa no guarda-roupa.

— Ben?

Ele se vira. Sorri.

— Você está bonita assim sonolenta.

— Já é de manhã? Eu não queria ter pegado no sono! Tenho que sair daqui antes que alguém perceba.

Ele encolhe os ombros.

— Fique. Quem se importa? — ele passa a mão em volta do meu queixo e me beija, mas eu me afasto.

— Eu me importo — vou até a porta e abro calmamente. O aluno do outro cômodo está dormindo e roncando.

— Ele é uma beleza de guarda — ele sussurra. — Ele poderia dormir com qualquer barulho — e beija minha bochecha. — Vej-o, você aqui esta noite?

Seus olhos prendem os meus e de alguma forma as palavras saem sem qualquer pensamento ou vontade.

— Tudo bem .

Saio pelos corredores sem ver ninguém . Sigo para minha porta e abro.

Wendy está em sua mesa. Ela se vira e sorri.

— Fez uma boa corrida com Ben ontem à noite?

— Nós só estávamos os conversando, e eu adormeci! Ela ri.

— Claro, eu acredito em você — ela pisca. — Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

Eu protesto mais algumas vezes, as bochechas queimando, então vou para o chuveiro. Será que ela guardará segredo? E por que isso importa? Por algum motivo, eu não quero que saibam que estive fora a noite toda, para que não importem coisas.

Algo me incomoda. Basicamente porque não quero que Aiden descubra, nem sei o motivo. Ele trouxe o Ben para cá, ele deve saber com o que sinto. Mas de alguma forma eu sei que Aiden não iria gostar se soubesse que estive no quarto de Ben a noite toda. Ele é protetor e se preocuparia. E ele é a última pessoa que quero aguar, depois de tudo o que fez por mim . Essa é a única razão para que eu não queira que ele saiba. Não é?

O dia passa. Florence me leva para gravar meus pais algum as testem unhas; adultos desta vez, por isso não tão difíceis com o a último a, meus pais ainda assim suas histórias me achucam. Ben não está conosco, pois finalmente encontraram um médico para levá-lo para fazer exames, sem perguntas. E, depois de cada

testem unha, estou dizendo a mim mesma, Apenas sobreviva a este dia. E então poderei ficar com o Ben.

Quando Florence e eu voltamos para a faculdade, olho para a torre de Santa Maria enquanto atravessamos a quadra, para onde Ben queria ir.

— As pessoas podem subir lá, na torre?

— Claro. Se alguém da igreja estiver lá, apenas sorria e mostre sua carteira de estudante. É do século XIII. Dê uma olhada nos gárgulas. A vista é incrível.

Chegam ao escritório e me remexo enquanto Florence passa as gravações de hoje e minha câmera para o computador.

— O que há com você? — ela pergunta.

— Nada.

Ela levanta uma sobrancelha, mas, antes que possa dizer qualquer outra coisa, a porta se abre e Aiden entra.

— Ky-la? Você já terminou? Preciso de uma palavra rápida. Florence me entrega a câmera.

— Terminado. Pode ir em bora.

Aiden me antecipa a porta aberta e eu atravesso, de coração apertado. Será que ele ouviu alguma coisa sobre a noite passada? Não. Seus olhos estão brilhando.

— Rápido, pegue o que você precisa até amanhã, saírem os meus uma aventura.

— Para onde vamos os?

— Visitar a doutora Ly sander.

— Mas com o...

— Não há tempo para perguntas, você pode perguntar no caminho. Não conte a ninguém! Me encontre nos fundos em cinco minutos. Vá!

Corro para o meu quarto para pegar algumas coisas. Wendy não está lá, então não posso pedir a ela para dizer a Ben que tive que sair. Não posso deixar um bilhete com o Não conte a ninguém de Aiden nos meus ouvidos, não há tempo para correr até o quarto dele, se é que ele está lá.

Enquanto me apresso para encontrar Aiden, me pergunto: será que Ben

vai pensar que lhe dei um bolo?

— Com o que vão os chegar à doutora Ly sander? Ela está sem preocupações.

— Com um pouco de sorte. DJ descobriu que ela participará de uma conferência médica amanhã; tem as conexões no Centro de Informações, então eu posso entrar onde ela estiver hospedada. Ouvimos dizer que ela recusa guardas em seus aposentos e os faz ficar do lado de fora da porta. Procuramos por grampos e câmeras no quarto e está limpo.

— Neste caso, o que vai acontecer?

— Nós colocaremos você lá hoje e à noite; ela chegará cedo, no começo da manhã. Ela tem algumas horas programadas para descanso antes do início da conferência.

— Que é quando farei minha aparição.

— Exatamente. Ky lá, não há muito o que possam fazer se ela disparar o alarme.

— Ela não vai. Mas eu ainda não entendo por que estão fazendo todo esse esforço para descobrir mais sobre mim. Mesmo o que ela saiba de onde vim, o que eu duvido, por que isso teria importância?

— Não faço ideia. DJ quer realmente investigar isso e estão juntos com ele.

— Quem é ele? Aiden me olha de lado.

— Nem eu sei o seu nome verdadeiro.

— Não foi isso o que quis dizer. Com o que ele se encaixa no DEA?

Eu imaginei que ele apenas ajudasse com a mudança de identidades, com o fez com igo. Mas há mais coisa aí, não é mesmo?

Aiden ri.

— É um caso de...

— ... informação restrita, só para quem precisa saber — re-viro os olhos e tento outra tática. — Ele é da Irlanda?

— Isso você nota pelo sotaque, então suponho que não há problema em dizer que sim — Aiden hesita. — O DEA recebe apoio internacional, e não apenas da Irlanda Unida. Eles sabem um pouco do que se passa aqui por

intermédio de pessoas que já escaparam do Reino Unido, e existe uma pressão internacional para revelar todas as histórias, para divulgá-las, e em breve. Eles querem me pedir as violações dos direitos humanos. É por isso que o ataque Lordeiro em nossos sistemas de computador veio numa hora tão ruim. Isso diminuiu o ritmo das coisas.

Eu olho para fora da janela. Por que as pessoas em outros países longe de nós se preocupam com nossos direitos humanos, quando quase todo mundo aqui parece virar as costas e fingir que não vê?

— Eu não acho que isso seja o mais importante. O foco deveria ser retirar a trave dos olhos de todos daqui. Fazê-los encarar o que está acontecendo em seu próprio país, debaixo de seus narizes, para o consertarmos os nossos mesmos.

— Ambos são importantes. Mas a pura verdade é que não podem os fazer isso sozinhos, não quando os Lordeiros detêm todo o poder. Às vezes você precisa de ajuda.

Aiden pega a entrada para um pequeno vilarejo, em seguida estaciona ao lado de uma van, por trás de um edifício.

— É aqui que nos separam até amanhã. Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. As razões de DJ para se interessar por minhas origens podem ser diferentes das minhas, mas eu ainda quero saber.

— Tenha cuidado — ele parece prestes a dizer algo mais quando a porta do motorista da van se abre e um homem sai.

— Boa noite — ele inclina a cabeça e abre a porta dos fundos da van.

Ele pega um a sacola e m e entrega. — Roupas. Use estas — após acenar para Aiden, subo na parte traseira.

A van se m ove lentamente até a estrada e eu visto um uniform e sob a luz fraca. Parece ser de cam areira. Havia alguns em tam anhos diferentes, e um deles parece se encaixar em m im o suficiente para não cham ar a atenção. Não há j anelas na parte de trás; estão os na estrada por cerca de trinta m inutos.

Escuto então um bi bi fraco e com eçam os a descer por um a ram pa circular. A van para, e estou com eçando a m e sentir nervosa. Que lugar é esse? Eu não sei o que estou fazendo. Se alguém m e perguntar qualquer coisa, ou... A porta se abre.

— Aí está você, m oça. Agora, não se preocupe com nada, está tudo preparado. Vou levá-la hoj e à noite, j á que não haverá ninguém até am anã.

Melhor deixar o casaco e outras coisas lá na van, eles ficarão bem até de m anã.

Eu tiro o casaco e pego a câm era em um bolso. Talvez eu a devesse ter deixado na faculdade, m as algo m e diz que vou precisar dela para chegar a algum lugar com a doutora Ly sander. Há um bolso no uniform e e eu a coloco ali.

Eu o sigo pela garagem subterrânea até um elevador. Ele usa um a chave para cham ar o elevador, que chega em segundos. Nós subim os.

— Não deve entrar m ais ninguém , m as, se entrar, acene com a cabeça e não diga nada. Deixe que eu cuide disso.

Prendo a respiração, m as o elevador não para até chegarm os ao andar selecionado. A porta se abre, ele espia e faz sinal para que eu o siga.

Cam inham os por um saguão todo acarpetado, onde todas as portas têm fios encapados por cim a.

— O que é isso?

— Os seguranças instalaram essa fita eletrônica; os quartos foram verificados, livres de gram pos e selados há pouco tem po.

Ele abre uma porta que dá para um corredor estreito com pequenas portas por toda a extensão. Ele as conta e para diante de uma delas.

— Esta é a escotilha de serviço para o quarto de sua amiga; elas são usadas normalmente para servir o café da manhã ou um lanche. Ouça com bastante atenção. Você não pode abri-la com o sistema ligado sem disparar um alarme — ele olha para o relógio. — O sistema se desligará rapidamente, por um minuto, o máximo possível, sem disparar os alarmes. Deve ser tempo suficiente para abri-lo e para que você possa entrar no quarto por aí. Ainda bem que você é baixinha, eu não poderia fazer isso. Assim que atravessar, procure ficar confortável, há cobertores e travesseiros no guarda-roupa. Fique longe da porta. Sua amiga virá amanhã entre sete e sete e meia da manhã, e ninguém deve ver você quando ela chegar e eles trouxerem a bagagem dela. Fale com ela, e depois saia da mesma forma, às oito horas. O sistema eletrônico será desligado exatamente às oito, por um minuto, e é só. Aqui está um relógio para você. Ele está em sincronia com o sistema do hotel, então a hora é exata.

Entendeu?

— Sim — respondo, colocando o relógio no pulso. É digital com horas, minutos e segundos mostrados por uma luz verde suave e pulsante.

Ele olha para o seu próprio relógio e me explica rapidamente como as escotilhas de serviço funcionam. E me diz para não tocar nas janelas ou portas do quarto se o alarme estiver ligado.

— Está na hora — ele diz, abrindo a escotilha até o fim; parece um mini elevador. Entro na caixinha e luto para abrir a porta do outro lado, sem espaço suficiente para estender os braços direito, mas consigo levá-la.

— Depressa — ele diz.

Rastejo até o outro lado e as portas balançam fechadas.

— Boa sorte, criança — sua voz soa fraca do outro lado. Meu coração está batendo muito rápido; não foi fácil fazer isso em um minuto. Estou sentada no chão acarpetado no futuro quarto da doutora Ly sander, arrependida de não ter feito mais perguntas, com o que posso acender a luz, ou se há algo para comer.

Saio tateando pelo quarto escuro. Uma cama grande. Uma mesa. Uma cadeira. Um guarda-roupa. Eu o abro e tateio pelo fundo. Em baixo dos travesseiros e dos cobertores prometidos, meus dedos se

curvam em torno de algo frio e roliço, com um interruptor. Um a lanterna. Eu a ligo.

— Obrigada, hom em m isterioso — eu sussurro para m im m esm a. Torno a explorar o quarto, com a lanterna cuidadosam ente inclinada para baixo. Ele decidiu que o único lugar em que ficarei segura é dentro do (felizm ente) enorm e guarda—roupa. E se eu dorm ir e não acordar até ela chegar?

Aj eito os travesseiros no chão do guarda-roupa e m e arranjo sobre eles com o cobertor. Eu tento ficar com a porta fechada, m as parece m uito fechada, então a deixo entreaberta. Tenho certeza de que vou acordar antes que ela chegue aqui. Tenho certeza de que nem vou dorm ir.

Olho a parede por um tem po, im aginando o que posso dizer para que a doutora Ly sander m e conte tudo o que sabe sobre m im ; ensaio as palavras. Eu finalm ente fecho os olhos. O que Ben está fazendo agora? Mordo o lábio. Espero que ele não esteja a pensando que o estou evitando, ou que não quero estar lá. Será

que alguém diria onde estou, se ele perguntar?

Mergulho em sonhos inquietos, de guarda-roupas. Os guarda-roupas da Stella, cheios de fotos e m em órias em brulhadas, guarda-roupas de universitários com espaços estreitos, pequenos dem ais para se esconder. Click... nhéém .

CAPÍTULO 31

O som abafado de um a porta se abrindo; passos.

Abro os olhos em sobressalto, contente ao ver que fechei o guarda-roupa durante a noite.

— Sim , basta colocá-la lá. Obrigada — será a voz da doutora Ly sander?

Um a outra voz, m asculina, pergunta se ela precisa de algum a coisa. — Não, obrigada; apenas um pouco de paz e sossego. — Mas a gente nem sem pre pode ter o que quer.

A porta se fecha, e há passos na sala.

Luto para afastar o sono da m inha m ente; j á era bem tarde quando finalm ente adorm eci. Forço a vista para ver os núm eros digitais no

relógio.

07:40? Oh, não. Ela está atrasada. Não tem os minutos tem po.

Mas fico em silêncio, imóvel. E se eu estiver errada, e ela soar o alarme e quando me vir? Ela não faria isso, não depois de tudo o que passaramos. Será que faria?

Escuto com muita atenção para me certificar de que ela está sozinha.

Há um ruído fraco de zíper. Será um alarme?

É agora ou nunca.

Espreito por uma fresta da porta, a tempo de ver que ela se aproxima.

Abro a porta com cautela.

— Doutora Lyander? — ela dá um salto no ar. — Sou eu, Ky-la.

— O quê? — ela está pronta para correr para o outro lado, para a porta, mas então olha, realmente olha, para mim. Estendendo as mãos para mostrar que estou desarmada.

Seus olhos estão arregalados e o rosto pálido, mas, fora isso, parece a mesma de sempre: óculos grossos, longos cabelos escuros amarrados para trás com talvez alguns fios grisalhos. Olhos que podem ver através de mim. Ela pega uma das minhas mãos para me puxar do guarda-roupa. Para ao

lado dela.

— Ky-la? — ela está sorrindo. — É você? Seu cabelo. Mas é você! — e ela faz algo que nunca tinha feito antes. Me puxa para um rápido abraço. Então, com o que percebeu o que fez, me solta com a mesma rapidez.

— Eles me disseram que você estava morta.

— Sinto muito por isso. Eu estou bem.

— Por que eles fariam isso? — ela balança a cabeça. — Com o que você está aqui, se escondendo no meu quarto? O que está acontecendo?

— Eu não tenho muito tempo. Preciso lhe perguntar algumas coisas, mas primeiro eu vou dizer onde estive — me dei conta ontem à

noite. Se eu não contar a ela o que descobri e por que eu quero saber, ela nunca vai revelar o que não revelou antes. Eu tenho que dar a ela um a razão e fazer o que sem pre fizem os. Trocar inform ações.

— Eu fui atrás de quem pensei ser m inha m ãe. De antes de eu ser Reiniciada. Você lem bra que contei a você que o TAG m e raptou quando eu era pequena? Fui roubada da m inha m ãe quando eu tinha dez anos. Fui então procurá-la e a encontrei, para conhecê-la novam ente. Mas não m uito tem po depois de chegar lá descobri que ela não era m inha m ãe de verdade.

— Explique.

— Fui entregue a ela quando bebê, depois que seu próprio bebê m orreu, e ela m e criou até os dez anos de idade. Ela não sabia de onde eu tinha vindo. Sua m ãe é um a OCJ e m e entregou para ela, então posso ter vindo de um orfanato.

Antes que eu conseguisse saber m ais, m eu disfarce foi descoberto, e eu tive que sair com pressa — essa é a parte da história que m e esforcei para contar. Não posso dizer a ela detalhes de onde estou agora, ou com quem . Eu posso m e colocar em risco, m as não posso fazer o m esm o com aqueles que m e aj udaram .

— Desde então, tenho estado com am igos. Um deles descobriu que, em níveis m ais elevados de segurança, eu não sou um a “j oana-ninguém “. O m eu DNA é confidencial. Quem sou eu? Diga-m e se você sabe de algum a coisa, eu tenho que saber.

Ela olha para m im com cuidado, considerando.

— Por que você precisa saber?

— Você não ia querer saber quem você é, se descobrisse que tinha sido adotada?

Ela encolhe os om bros.

— Talvez m enos do que você. Minha fam ília nunca foi próxim a, e m uitas vezes difícil. Por que buscar por outra? — ela toca m eu cabelo.

— Feito pelo TAI, não é m esm o — foi um a declaração, não um a pergunta. — Foi assim que descobriram sobre o DNA? Estou preocupada com você, Ky la. O quão encrenada você está? Você pode sair dessa? Será que saber m ais aj uda ou atrapalha? O que seus novos am igos realm ente querem com você? Eles são m elhores para você do que os seus am igos do TAG acabaram se m ostrando?

Estou tão frustrada que quero gritar. Com o de costume, ela se concentra na única coisa da qual não quero falar. Os meus amigos. Eu respiro profundamente.

— Você precisa saber o quão errado é agora o sistema do qual você faz parte. Mas, caso não saiba, vou lhe mostrar — preciso chocá-la, para fazê-la me ajudar. É o único jeito.

— Sabe quando eu disse que posso ter vindo de um orfanato? —

pergunto, tirando a câmera do bolso. — Eu fui olhar o orfanato local, não sei por quê — dou de ombros. — Não acho que eu conseguisse reconhecer um lugar que deixei quando ainda era um bebê. Ele é isolado, rodeado por cercas. Eu me aproximei o bastante, e foi isso o que eu encontrei — abro o arquivo da máquina e projeto a imagem dos meus neninhos Reiniciados.

Ela inspira profundamente.

— Essas crianças, tão pequenas? Não. O programa de Reiniciação não é para eles. Quem faria isso? Onde fica esse lugar? Diga-me — ela exige, com o rosto frio e furioso.

— Foram os Lordeiros que fizeram, e continuam fazendo isso. Havia cerca de cinquenta crianças que eu vi. — Olho para o meu relógio. São 07:51. —

A outra coisa que descobri é que essa OCJ, ou seja, a mãe da mulher que me criou, teve algo a ver com o TAG e com o meu rapto. Por favor. Eu já lhe disse tudo o que sei sobre isso. Eu tenho que sair exatamente às oito horas ou não poderei mais sair. Diga-me o que você sabe.

Ela permanece em silêncio por um momento, pensando, e eu não pressiono. Ela finalmente concorda.

— Eu já lhe falei sobre isso. Você estava nos registros hospitalares com o um a “jovana-ninguém”. Não havia menção sobre ser confidencial; nenhuma outra informação a respeito de suas origens.

— Mas há algo mais?

— Sim. Algumas coisas curiosas. Lembra-se de quando você viu seus registros no sistema hospitalar? Onde o conselho hospitalar havia recomendado seu extermínio? Ali dizia que eu o havia rejeitado — ela encolheu os ombros. —

Eu não tenho autoridade de anular um a decisão do conselho hospitalar, e, de qualquer form a, nunca tentei fazê-lo. Isso veio de um nível superior. Alguém garantiu que você fosse m antida viva. Tam bém houve interferência e cuidado algum as vezes; a estada m ais longa no hospital, e os seguranças que você tinha à noite, são exem plos. Eles estavam acim a do m eu poder. Alguém estava se introm etendo e isso m e deixou curiosa.

— Foi por isso que você se interessou tanto, porque eu era sua paciente?

Ela inclina a cabeça.

— Essa foi um a parte da m otivação. Havia um a razão inicial, com o eu j á disse antes.

— Que eu faço você se lem brar de alguém que você conhecia, alguém que m orreu nos m otins.

— Sim — é tudo o que ela diz, m as outra coisa atravessa o seu rosto naquele m om ento, por alguns segundos apenas, e em seguida desaparece.

— Quando você m udou o núm ero do chip do m eu cérebro no com putador para torná-lo indetectável, foi um pedido de alguém de cim a?

Seus lábios se estreitam .

— Não. Isso foi um m om ento de com pleta insanidade. Os Lordeiros estavam m ais interessados em você do que deveriam estar. Eu deixei o negócio m ais difícil para eles.

— Um a outra coisa. Minhas m em órias. Algum as lem branças da m inha infância retornaram quando eu estava no lugar em que fui criada. Eu era canhota até os dez anos de idade, então m e forçaram a m udar, e fui Reiniciada com o destra. É possível que m inhas m em órias estej am retornando porque voltei a usar a m ão esquerda? — essa era a teoria de Stella, e perguntar sobre isso não está na lista das razões pelas quais DJ m e trouxe até aqui, m as na noite passada eu soube que precisava perguntar. Eu posso não ter essa chance novam ente.

Ela está pensativa. Finalm ente balança a cabeça.

— É possível que as únicas m em órias inacessíveis a partir do seu processo de Reiniciação tenham sido aquelas associadas a ser destra. Outras podem ter sido suprim idas, m as acessíveis nas circunstâncias

certas. Mas isso é tudo conjectura. Que eu saiba, o que aconteceu com você não foi tentado antes, então, o que posso dizer?

Estou prestes a perguntar muitas coisas, quando meus olhos caem sobre o meu pulso.

— Ky la, o seu relógio diz que são 07:59.

Eu corro para as escotilhas de serviço nos fundos do quarto dela. Meu relógio muda para 08:00.

— É uma pena que não possam os falar mais — eu digo, abrindo as portas. E então xingo. A cabine não está lá, e o que há entre mim e as portas do outro lado é um abismo o que cai na escuridão. Mas as portas opostas se abrem, e então aparecem para ajudar e eu me lanço para elas. Meu tornozelo bate com força na porta enquanto braços fortes me arrastam.

— Onde fica o orfanato que você visitou? — pergunta doutora Ly sander apressada, enquanto sou puxada pelo outro lado.

— Cúmbria — respondo em voz baixa, e as portas se fecham. Não tenho certeza se deveria dizer ou não, mas aqui está a troca, com o sempre. Ela respondeu outra pergunta. Então tive que fazer o mesmo.

Quando consigo me levantar, o meu elevador entra em ação e uma cabine se aproxima. Foi por pouco. Meu tornozelo dói e me curvo para olhar.

Estou com um pequeno corte.

— Você está bem?

— Foi só um arranhão, eu estou bem.

Eu o sigo de volta pelo corredor, ouvindo o que devo dizer se alguém falar alguma coisa, então entram os no elevador. Há outros funcionários nele, mas eles sorriem, acenam, e não dizem nada. Eles descem em outro andar. Voltam os para a van no estacionamento.

— Desculpe, mas você vai ter que ficar aqui, muito quieta, até minha hora de almoço. Tem com ida para você no banco.

Ele abre a porta, eu entro, e ele a fecha. Coloco minhas roupas de volta e então encontro um sanduíche e biscoitos em brulhados. Com o avião enquanto penso em tudo o que foi dito.

Horas mais tarde, o motorista da van retorna com o prometido e me leva para um encontro com Aiden. No retorno para Oxford eu lhe conto o que a doutora Ly sander me disse, esperando que ele ou DJ entendam melhor do que eu.

Por que alguns poderosos sem rosto, capazes de anular as decisões da direção do hospital e tudo o mais que fizeram, se importariam comigo? Eu não posso responder a essa pergunta, mas no fundo de minhas entranhas tenho certeza de uma coisa: isso não pode ser bom.

A doutora Ly sander não sabe o que eles estão fazendo no orfanato. Isso está muito claro. Eu me sinto gelar por dentro, com medo do que ela fará com essa informação. Será que ela arrumará um problema maior do que da última vez, e tudo por minha causa?

CAPÍTULO 32

— Ben veio procurar por você ontem à noite — diz Wendy. — Então, eu estou supondo que você não tenha passado a noite toda com ele dessa vez.

— Eu não estava com ninguém.

— Não fique tão brava, eu acredito em você. Apenas me escute um instante.

— O que é?

— Eu sei que eu não conheço você muito bem, e eu sei o suficiente sobre por que você está aqui para saber que eu não deveria fazer perguntas. Mas tenha cuidado.

— O que você quer dizer? Ela me entrega um envelope.

— Apenas tenha cuidado.

Ela sai e eu o abro com um rasgo.

É a letra de Ben. Parece a mesma de sempre.

Querida Ky la,

Meus exames foram bons e estou livre da supervisão constante. Viva!

Vim para celebrar a noite passada — onde você estava?

Só há uma maneira de se redimir com isso. Encontre-me no topo da Torre da Igreja de Santa Maria. Dizem que a vista é incrível. Não me faça esperar novamente. Com amor, Ben

Mas não há um horário especificado. Talvez ele já esteja esperando lá há horas!

Busco por roupas limpas, que estão em falta. Pego uma blusa de Wendy emprestada e deixo um bilhete de desculpas. Enfiá-la no bolso do casaco e deixo o quarto.

Saio por uma porta lateral de Ali Souls e rapidamente encontro a entrada da igreja. Mostro minha carteira de estudante para um guarda e ele me aponta o caminho para a torre.

E eu começo a subida. As escadas da igreja, e depois da torre, me levam cada vez mais alto até chegar a uma estreita escada em espiral. Quanto mais eu subo os degraus de pedra antigos e desgastados, mais estreito e íngreme é o caminho, e, apesar de querer estar lá agora, preciso ir mais devagar e tomar cuidado.

Finalmente chego ao topo e entro na plataforma da torre, no vento frio.

Nenhum sinal de Ben. A plataforma é irregular e estreita, cercada por corrimões de pedra com pedras curvas na parte de cima, quase como se a plataforma tivesse sido enrustada na torre. Cruzo os braços para me proteger do frio e sigo a plataforma ao redor da torre, esquivando-me dos túneis que interligam o caminho, até chegar a um beco sem saída.

Nem sinal de Ben.

Ou ele já esteve aqui, ou se cansou de esperar e foi embora. Ou ainda não veio. Por que não perguntei à Wendy quando ele deixou aquele bilhete? Se ele veio e já foi, eu deveria procurar por ele. Mas e se ele voltar e eu não estiver aqui? Decido esperar e fazer o circuito novamente, desta vez mais atenta à vista sobre Oxford, e aos gárgulas debruçados de bocas abertas, com o se engolissem os edifícios abaixo. Finalmente me encolho contra a pedra fria, tremendo e olhando para a faculdade. Parte dos dois pátios é visível daqui, incluindo o banco onde Ben e eu nos sentamos e conversamos.

Estou muito feliz que os exames de Ben tenham sido bons, mas depois começo a pensar sobre isso. O que isso significa exatamente? Com as ressonâncias podem tranquilizar Florence e Aiden o suficiente para dar mais liberdade ao Ben? Eles podem mostrar o quanto sua memória foi comprometida, mas não vai mostrar o que ele está pensando. Não entendo. Minha testa está franzida; então minhas dúvidas desaparecem com o eco fraco de passos se aproximando pelos degraus de pedra abaixo.

Ele está aqui!

Conform e os passos se aproxim am m eu sorriso aum enta. Ben disse que isso era o nosso segredo, um lugar especial para nós. Um novo lugar especial, para novas m em órias que substituirão as antigas.

Mas, então, o rosto que aparece na porta não é o que estou esperando.

— Aiden?

— Onde está o Ben?

— Eu não sei. O que você está fazendo aqui?

— Vam os ao que interessa; o que você está fazendo aqui? Você sabe m uito bem , Ky la, que não deve sair se esgueirando por aí sem dizer a ninguém para onde está indo.

— O que quer dizer com esgueirando? Eu não estava m e esgueirando!

Eu só... então eu paro. Depois de ler o bilhete, fiquei com tanta pressa de encontrar Ben que não pensei direito. Dou um olhar m ais atento para Aiden e com preendo. — Tem algum a coisa errada. O que foi?

— O guarda de Ben foi encontrado em um arm ário. Morto. Estam os à procura de Ben, m as ele não foi encontrado.

— O quê? Morto? Aconteceu algum a coisa com o Ben?

— Além de ter m atado seu guarda, nada que eu saiba. Você o encontraria aqui?

— Ele não poderia ter feito isso, não pode ter sido ele. Eu não acredito em você.

Ele balança a cabeça.

— Me diga tudo o que sabe, e agora.

Meus j oelhos estão trem endo; m e inclino sobre o parapeito de pedra. O

guarda de Ben está m orto? Aquele aluno, o que conseguia dorm ir com qualquer barulho?

— Ky la?

— Ben m e deixou um bilhete. Disse que os exam es foram bons e que

ele não precisava mais ser vigiado.

— É mentira, Ky-la. Os resultados dos exames nem chegaram ainda.

Hesito, em seguida pego o bilhete em meu bolso e o entrego a Aiden.

Engulo em seco.

[306]

— Eu não entendo. Por que ele me entiria? Aiden lê o bilhete.

— Eu não sei, mas nada que posso pensar é bom.

— Você me seguiu até aqui?

— Não. Foi um palpite. Florence me disse que você tinha perguntado sobre vir até aqui. Precisam os dar o alarme...

Bang!

Tiros? Vindos de baixo, de Ali Souls. Há pessoas correndo pelo pátio.

Gritos dispersos ao vento.

Não. Não. Isso não pode estar acontecendo.

Pego minha câmera, para ver melhor com o zoom.

— Veja os vultos de preto em todas as saídas. Lordeiros.

— Faça o que você faz de melhor, Ky-la. Seja uma testemunha — suas palavras são importantes.

Estou gravando. Os Lordeiros empueram todos os alunos e

pesquisadores, e aqueles que eles escondiam, para fora dos edifícios e para uma das extremidades da quadra. Contra uma parede. Eles abrem fogo. O caos se instala, e gritos; alguns tentam correr, mas não vão muito longe. Há guardas Lordeiros em todas as saídas. Mas em meio a tudo isso alguns se mantêm de pé, de braços dados. Florence está ao centro. Enfrentando os Lordeiros com calma e desprezo à medida que são alvejados. Há corpos, e mais corpos. O vermelho mancha a pedra antiga e a gramínea morta de inverno. De alguma forma, mesmo com tudo isso, minhas mãos estão firmes, gravando; testemunha entorpecida, tão morta por dentro quanto aqueles no pátio.

E, então, o silêncio.

Duas figuras de preto guardam um a das entradas para o pátio perto do banco onde eu e Ben nos sentamos os dias atrás. Um deles se vira e olha para a torre, diretamente para mim, com o se soubesse que estou ali, observando. A outra desliza o braço em volta de sua cintura. Ela está rindo.

Ben. E Tori.

CAPÍTULO 33

Meus braços finalmente caem, a câmara está pesada. Isso não pode estar acontecendo. Aiden está silencioso, seu rosto é um espelho do meu. Em choque. E agonia.

Florence.

Wendy.

Todos os alunos e com panheiros anônimos da faculdade, que decidiram nos ajudar. Mortos.

Fico olhando para a câmara em minhas mãos, cheia de testemunhas.

Gravações de dor. Ben? Não. Eu não posso... ele não poderia ter...

Mas Ben estava ali, e era parte desse massacre. Não posso negar o que meus próprios olhos viram, mesmo com tudo dentro de mim gritando que eles devem estar errados.

Eu sou uma testemunha com todos os outros que se escondem nesta câmara. A única gravação que resta deles agora.

Edie é uma das testemunhas. Ben esteve lá comigo. Ele sabe onde ela mora.

Corra!

O pensamento me alcança quando chego à minha mente e meus pés estão descendo os degraus em espiral.

Aiden corre atrás de mim, pedindo para que eu tenha cuidado, para esperar, mas ele fica para trás. Estou fora dali, no ar e na luz do sol. Com o sol pode brilhar hoje? Eu corro, e Aiden não consegue me acompanhar, fica para trás. Ninguém está à vista na Igreja de Santa

Maria ou nos outros edifícios. Estão todos escondidos debaixo das camisas.

Eu corro mais rápido do que nunca. Meus pés parecem não tocar o chão. Eu estou voando, deslizando na superfície de um mundo em que não quero mais estar. Exceto por uma criança. Se eu puder salvar uma criança, e de alguma forma eu posso. Eu não consigo pensar no depois, ou no antes. Só no agora, só agora. Ou vou parar, sem poder dar mais um passo.

Ainda estou voando quando chego à rua de Edie alguns quilômetros depois. Em seguida à porta de sua casa.

A porta da frente está aberta?

Eu a atravesso, ofegando.

— Olá — eu chamo, a voz entrecortada. — Edie?

As luzes estão acesas. Pratos de comida pela metade sobre a mesa. Não, não, não...

Eu corro de um quarto para o outro, por toda a casa. Está vazia. A casa está vazia.

Exceto por Murray. Ele está no chão da cozinha. Eu o pego e encaro seu rosto sorridente de ursinho de pelúcia, atordoado. Incrédulo.

Não. Isso é um pesadelo. Este dia inteiro. Nada é real. Não pode ser real. Eu vou acordar em um minuto.

Dou um golpe na parede com mais força que consigo. Minhas juntas se chocam com o gesso, que se racha. Dor. Sangue. Mas eu não acordo. Eu não estou dormindo.

Aperto Murray com força em meus braços, caio no chão e me enroscocomo com o mundo. As lágrimas finalmente surgem. Onda após onda de agonia esfaílda o que sou por dentro até que não sobra mais nada. Mais tarde, não sei

quanto tempo depois, ouço passos. Meus olhos ainda estão fechados com o resto de mim, rígido.

— Achei que encontraria você aqui.

Alguma parte do meu cérebro registra a voz de Aiden. Ele está aqui. Por quê? É tudo culpa minha. Por que ele viria?

Há um m ovim ento próxim o, algo quente toca m eu cabelo e o acaricia.

— Tem os que tirar você daqui — um a voz m urm ura. Em seguida, braços m e envolvem e m e levantam .

Não posso m e m over, não posso falar. Mas, se pudesse, o que haveria para dizer?

Estou sendo carregada; ouço a porta de um carro. Sou colocado deitada em um banco. Algo quente é dobrado ao m eu redor.

Vozes baixas e o m otor do carro é ligado. O veículo parte.

Tudo fica escuro.

Estou im óvel, com o um a estátua em um túm ulo. Insensível e fria. Olhos fechados. Durante m uito tem po, tudo ao m eu redor é tranquilo, o silêncio absoluto da m orte. Por que eu não era um deles? Eu desej o ser. As balas se perdiam m esm o quando eu tentava pular na frente delas, para im pedi-las deferir m ais alguém . Eu falhei. A seguir, ouço passos. Longe no início, depois m ais perto.

— Ela deve estar aqui em algum lugar — diz um a voz. Ben. Estou im óvel com o a m orte, de braços na terra fria. Noto um m ovim ento, um a outra voz. Então, alguém agarra m eu cabelo, puxa. E m e vira. Abro os olhos.

Tori sorri e estende afaça.

CAPÍTULO 34

— Ela deve estar em choque. Com o estam os todos, de algum a form a.

Todas as evidências arm azenadas na faculdade se foram ?

— Sim .

As palavras penetram e o significado vagueia ao redor, à procura de explicação, enquanto outros detalhes com eçam a passar. Não estou m ais em um carro. Será um sofá? Evidências, que evidências?

Tudo retorna, e dói com o levar um chute no estôm ago. Solto um gem ido e abro os olhos.

Aiden está do outro lado da sala; ele se aproxim a.

— Ei. Você está acordada?

— Acho que sim — sussurro.

Eu me sento. As luzes estão apagadas, mas conheço o lugar. É a casa de Mac. Sky está ao meu lado, encostada no sofá, olhando para cima, a cauda abanando suavemente. Mas, com o se soubesse que as coisas não estão bem, não pula sobre mim, com o costume de fazer.

Minha mão dói e eu a seguro. Verifico com o se ela pertencesse a outra pessoa. Nada quebrado, apenas contusões, algumas juntas feridas.

— O que houve com sua mão? — Mac pergunta.

— Dei um soco na parede.

Ele me passa um copo de água e uns comprimidos.

— Analgésicos. Aqueles que você deixou aqui após sua TAI... Eu tomei dois e agito o recipiente. Um leve chacoalhar por dentro.

— Não há o suficiente.

— O suficiente para quê?

— É muita dor. Não, não é minha mão. Foi mesmo o real, aconteceu de verdade? Na faculdade? E foi o Ben?

Eles trocam um olhar. Aiden tira Sky e do caminho e senta ao meu lado.

— Parece que sim.

— Eu não entendo. Por que Ben deixou aquele bilhete e me tirou de lá?

— Talvez ele não quisesse que você se machucasse.

— Maneira engraçada de demonstrar isso. Será que Ben conhece este lugar? — entro em pânico e olho para Mac. Não. Nenhum outro amigo irá me orrear.

— Ele conhecia antes de apagarem sua memória, mas não mais — afirma Aiden. — Aqui pode ser seguro por um tempo.

— Pode ser não é bom o suficiente. Precisam os sair daqui antes que nos encontrem .

— Sairem os. Logo — garante Aiden. — Está tudo acabado.

— O que você quer dizer?

Ele balança a cabeça e a deixa cair entre as mãos.

— O DEA, o que estavam os tentando fazer. É o fim . Florence e os outros. Nossos amigos, cada um deles, assassinados. Nossas evidências destruídas, o sistema de computador prometido. Estamos os liquidados — sua voz está tão cansada, tão cheia de dor.

— Foi tudo em vão? — minha voz sai fraca. A culpa é minha.

— Eu e você devem os ser os primeiros na lista dos meus procurados dos Lordeiros. Você está fora.

— Com o assim ?

— Irá para a Irlanda Unida. Já está sendo arranjado.

— Não! Você está me dizendo para fugir. E eu não quero meus fugir.

— Vam os tentar reconstruir tudo. Um dia — ele sacode a cabeça. — Eu tenho que ficar, para fazer o que posso, mas não consigo pensar direito se você não estiver segura. Você tem que fazer isso por mim . Vá.

— Por quê? Depois de tudo o que aconteceu. Ben me traiu; eu não posso fugir da confusão que criei — as palavras saem fracas, irreais. — Ele traiu todos nós. Ele não estaria lá se não fosse por mim .

— Mas fui eu quem o levou lá. Estúpido! Eu estava deixando os sentimentos embaçar me eu julgamento. A culpa é minha.

— Não, vocês dois estão errados — diz Mac. — Vocês estavam dando um a chance a ele; é para isso que existe o DEA, não é? Tentando salvar algumas perdas das garras dos Lordeiros.

Aiden balança a cabeça.

— Tantos mortos. Valeu a pena?

— Espere um minuto. Eu não entendo o que você falou antes. O que quer dizer com sentimentos embaçando seu julgamento?

— Ainda não é óbvio?

Com o canto do meu olho vejo o Mac sair da sala, fechando a porta.

Aiden suspira, inclina-se para trás no sofá, com os olhos semicerrados.

Ele os abre novamente e se vira para mim e olhar. Ele parece jovem, desorientado, quase... não ele mesmo. Aiden é sempre forte, seguro do que faz e do motivo por que o faz. Este não é ele. Parece que o único pedaço de terra firme sob meus pés

está desmoronando.

Eu busco sua mão e a seguro.

— Você não pode desistir do DEA. Você é o super Aiden.

— Não. Apenas Aiden. Apenas um homem, sem superpoderes. E eu estraguei tudo. Total e completamente, e estamos acabados. É isso.

— Com o isso foi acontecer? — engulo em seco. — Com o os Lordeiros puderam fazer o que fizeram? E com o puderam me odificar Ben, fazê-lo nos trair?

Transformá-lo em um assassino?

Aiden toca minha bochecha.

— Eu sinto muito. Nenhum Lordeiro estava segurando uma arma na cabeça de Ben. As coisas que ele fez, foi sozinho. Ele fez escolhas e agiu. Foi opção dele fazer o que fez, não motivo.

— Não, eu não posso acreditar nisso. Ben não era assim. Foi o que fizeram com ele — mas, mesmo o que eu pronuncie essas palavras, a dúvida se alastra. O TAG fez de tudo para me tornar um terrorista, para me tornar uma assassina. Mas, no final, eu não pude fazê-lo. Mesmo quando tive certeza de que deveria, que era o único caminho, algo dentro de mim me impediu. Se Ben era a mesma pessoa, algo nele não deveria tê-lo impedido?

Aiden respira fundo.

— É tudo culpa minha. E eu tenho sido um idiota. Se ao menos eu tivesse sido honesto comigo mesmo.

— Não! Você não poderia saber o que Ben faria...

— Não é isso que quero dizer. Eu pensei que, se trouxesse Ben de volta, isso faria você feliz. E que ver você feliz me faria feliz. Mas eu estava errado.

Ver vocês dois juntos me fez extremamente infeliz.

Olho para Aiden. Suas palavras de agora e outras coisas que ele tem feito e dito estão comendo a se encaixar, mas eu não posso decifrá-lo.

— Então todas as dúvidas que tinha sobre Ben, eu ignorava. Achava que era eu sentindo por você que me fazia questionar Ben e seus motivos.

Argum entei com Florence quando a deveria ter escutado. Ela estava certa sobre Ben o tempo todo.

Balanço a cabeça.

— Lordeiros fizeram isso. Ele não é o Ben que eu conheci. Eles o modificaram.

— Mas será que você realmente o conheceu? — pergunta Aiden. —

Com o que você pode imaginar alguém sem saber tudo sobre essa pessoa, no que acredita o que fez e o que não fez?

Fico em silêncio um momento. Suas palavras estão se encaixando, fazendo sentido.

— O que você está dizendo, na verdade, é que ninguém que foi Reiniciado, que não tem passado conhecido, pode imaginar ou ser amado. Eu fui Reiniciada.

— Então, por que eu amo você?

CAPÍTULO 35

Acordo bem cedo pela manhã; a casa está em silêncio. As palavras de Aiden estão em baralhadas pelo analgésico, mas me lembro o suficiente. Os primeiros me fizeram apagar em cima dele logo depois que ele falou aquilo.

Balanço a cabeça. Ele não era ele mesmo. Tudo o que aconteceu o deixou abalado. Ele não quis dizer aquilo.

Não sei o que foi mais alarmante ante nas coisas que ele disse. Que

desistiu do DEA? Que quer m e m andar em bora? Que m e am a. Parece tão irreal com o tudo o que aconteceu ontem . A dor da traição de Ben e o que houve a seguir am eçam destruir tudo o que sou. E, além disso, sem o Aiden para m e apoiar, m e sinto perdida.

Levanto, com o se eu pudesse m e afastar de tudo, com Sky e aos m eus pés. Vagueio pela cozinha. Prendo a respiração ao ver a coruj a esculpida em m etal que a m ãe de Ben fez, em cim a da geladeira. Não m e controlo. Vou até ela e a pego. Passo os dedos pelo m eio das asas, o bico afiado e as garras.

Encontro o quadrado de papel e o puxo. É a letra de Ben. Seu “Com am or, Ben” é idêntico ao do bilhete que ele m e deixou para que eu saísse de Ali Souls e ficasse segura no alto da torre da igrej a.

Não entendo. Por que ele deixou aquele bilhete e m e fez sair de lá? Se ele é o assassino frio m oldado pelos Lordeiros que Aiden diz que é, e que eu vi ontem com m eus próprios olhos, por que não atirou em m im , j unto com os

outros? Isso teria m e deixado m ais ferida do que estou agora?

Talvez em algum lugar dentro dele, apesar de tudo o que ele fez, ele se im porta. Apenas o suficiente para m e salvar. E eu não sei se m e agarrar a isso m e faz sentir m elhor ou pior. Mas, se ele se im portava, por que m e m andar para o único lugar em Oxford de onde eu teria que assistir a tudo aquilo?

E Tori. Estrem eço. Por que ela estava lá? Um a Lordeira agora, com o Ben. A últim a vez que a vi, ela estava sendo arrastada por Lordeiros e gritando am eças. Será que ela foi subm etida ao m esm o tratamento que Ben? Mas havia algo em seus olhos, um tom de vingança na form a com o ela riu. Com o se ela soubesse que eu estava assistindo e se lem brasse de m im . Ou será que im aginei isso? Mesm o am pliada pelo zoom da câm era, eu realm ente poderia tê-la analisado assim de tão longe?

Tenho um m ilhão de perguntas. Havia pistas para o que Ben ia fazer? Eu poderia ter im pedido aquilo se tivesse notado e contado à Florence e ao Aiden?

Volto para a sala da frente, pego m inha câm era da m esa onde devo tê-la deixado na noite passada. Eu a olho em m inhas m ãos, querendo, m as ao m esm o tem po sem saber se consigo. Inspiro profundam ente, ligo a m áquina e busco o arquivo das fotos que tirei de Ben no dia em que testei a câm era.

O rosto sorridente de Ben é projetado na parede. Eu busco por pistas de trás para a frente, por vestígios do que estava por vir, mas não vejo nada. É

apenas o Ben, exatamente como o m e lembra de antes, não é? Ele estava mais brincalhão do que costumava ser, ao menos para um Reiniciado. Mais arrojado. Dou pausa e olho para os olhos dele na parede, e a dor começa a chegar até mim, para me puxar para baixo.

Eu a desligo. Eu me concentro em respirar, correndo os olhos pela sala, à procura de algo, qualquer coisa, para me distrair, e é quando vejo o algo que tinha esquecido. Murray, o urso, sentado na estante de livros. Eu o pego.

— Acabou tudo mesmo? — sussurro para ele. Tudo que tinham os nos atrevido a desejar? Que histórias com o a de Edie poderiam ser divulgadas, poderiam fazer a diferença? Onde está Edie agora? Talvez ela termine Reiniciada em um orfanato. Ou pior.

Ela ainda está em minha câmara. Eu a pego novamente e olho para a

lista de arquivos. Edie está lá. Junto com outras três testemunhas que gravei. As crianças Reiniciadas do orfanato. E o massacre na faculdade. Será o suficiente?

Olho para Murray. Seu rosto felpudo parece estar dizendo alguma coisa (ou serão apenas os analgésicos?), que ainda podem os fazer isso. E precisam os ser rápidos, antes que algo dê errado.

Estou prestes a desligar a câmara quando faço um careta. Na lista de arquivos há um que não reconheço, não me lembro de ter notado antes. Está rotulado com o SC, e é anterior às fotos que tirei de Astrid e Nico.

Abro o arquivo e clico no play. Stella aparece. Claro! SC é Stella Connor.

Sento e escuto a mensagem. Quando termina, meus braços estão arrepiados.

— Estava ali, o tempo todo? — pergunto ao Murray, atordoada.

Saio correndo para os fundos da casa, com Sky e em meus calcanhares, e bato nas portas dos quartos.

— Acordem , levantem ! — Sky e late, e Mac e Aiden saem apressados, m eio dorm indo. Assustados.

— O que está acontecendo? — pergunta Aiden.

— Precisam os conversar, e tem que ser agora.

— Sobre o quê?

— Me escute. Eu não vou para a Irlanda. Aiden com eça a protestar. Eu levanto a m ão.

— Tem m ais. Fique quieto e escute. Mas, prim eiro, eu tenho um a pergunta. Com o estão os sistem as de com putação do DEA? Podem os conseguir inform ações?

— Estávam os praticam ente prontos para isso, m as não através dos canais de sem pre — responde Mac. — Depois de nossos sistem as terem sido invadidos, planej am os um a m elhor alternativa através da Irlanda. Alguns contatos de DJ acham que conseguem entrar no satélite de com unicação dos Lordeiros, transm itindo dali para todo o país e internacionalm ente quando estiverm os prontos.

— Transm itir o quê? — a voz de Aiden está cética. — A m aior parte do que tinham os se foi; ou roubado dos sistem as hackeados, ou destruído na

faculdade.

Eu levanto m inha câm era.

— Eu ainda tenho o depoim ento das testem unhas. Da Edie e de três outras pessoas. Tenho as fotos das crianças Reiniciadas no orfanato, o m assacre de ontem na faculdade, e...

— Não é o suficiente — Aiden interrom pe. — Nosso ponto de vista, do pai da Florence e m ais tarde da própria Florence, era que precisávam os ter tanto provas m eticulosam ente docum entadas quanto testem unhas. Nós não tem os m ais isso. Não podem os apoiar você.

— Se não contarm os as histórias deles, eles terão m orrido por nada.

A sala fica em silêncio.

— Tem os, ao m enos, que tentar — diz Mac, finalm ente. Aiden olha para nós dois; há algo de diferente em seus

olhos? Em seguida, ele balança a cabeça.

— Eu nunca concordei com pletam ente com o j ogo dem orado e cuidadoso, m as será que tem os m esm o o suficiente para...

— Há algo m ais. Vej a isto — eu digo, e aponto a câm era para a parede.

O rosto de Stella surge enorm e, com um sorriso nervoso.

— Hã, oi. Eu sou Stella Connor. Minha filha, Lucy... (Lucy, eu vou cham ar você assim , está bem ? Para m im , você sem pre será a filha que eu am o)

— e ela sorri. — Há pouco tem po, ela conseguiu de m im um a confissão que eu pensei que nunca diria a ninguém . Ela tentou m e convencer de que eu tinha que contar esta história, que ela precisava ser revelada. Mas eu m e recusei — ela suspira. — Estou velha e sou covarde. Eu sem pre fui, m as só agora notei o quanto. Enfim . É m elhor eu ir em frente.

— Estou percebendo que Lucy terá que sair da m inha vida novam ente, não im porta o que eu faça. E, nesta câm era que peguei em prestada com ela, eu descobri o m otivo. E sim , Lucy, você colocou senha para proteger as fotos, então eu não ia vê-las, m as fui eu quem fez a instalação da câm era, então tenho a senha do adm inistrador, e eu a usei. E encontrei as fotos dessas crianças m uito pequenas, Reiniciadas — ela estrem ece e aj eita a coluna. — As coisas estão piorando, então agora eu tenho que ser coraj osa e contar a m inha história.

— Minha m ãe é Astrid Connor, a Prim eira Oficial do Controle Juvenil Inglês, constantem ente subindo nos ranques dos Lordeiros. Há alguns anos eu a ouvi falar com um subordinado sobre os assassinatos do Prim eiro Ministro Arm strong e de sua esposa, Linea, antes que isso acontecesse. Eu era criança e não entendi bem o que ouvi, e, quando perguntei, ela m e disse que eles souberam antes da m ídia, e eu não questioneei isso. Mas, anos m ais tarde, eu com preendi e a confrontei. Ela adm itiu, ou m elhor, se gabou de que um a facção linha-dura dos Lordeiros à qual ela pertencia havia deliberadam ente vazado inform ações para o TAG para que esses assassinatos ocorressem . Nossa fam ília era am iga da fam ília do Prim eiro Ministro; Linea havia revelado à m inha m ãe que Arm strong ia se dem itir e expor os violentos excessos do exército Lordeiro que ele havia descoberto. Isso teria derrubado o governo dos Lordeiros.

— Minha mãe me trancou para impedir que eu dissesse algo. Eu estava grávida, e meu bebê morreu. Meses depois, ela me deu Lucy, o bebê mais lindo do mundo. Eu não sei onde minha mãe a conseguiu. Assim que ela teve certeza de que eu amava Lucy completamente, ela nos deixou sair. Disse que, se algum dia eu dissesse algo, ela levaria Lucy em bora.

— Eu te amo muito, Lucy. Me desculpe por não ter lhe dito tudo desde o início — a mão dela se estende para a câmera. A gravação é interrompida.

Estou lutando para manter a postura. Stella deve ter feito isso quando eu estava na casa dos barcos. Fez com que Ellie a entregasse para mim com aquela mensagem enigmática, quando de alguma forma descobriu que Astrid estava camuinhada. Foi corajosa, finalmente. Espero sinceramente que ela esteja bem.

Eu pisco diversas vezes com força.

— E então? É o suficiente?

Aiden e Mac estão olhando um para o outro em silêncio e atordoados.

Então Mac sorri.

— Nós pegamos os desgraçados, não pegamos os? — ele levanta a mão para Aiden, que, depois de um segundo de hesitação, levanta a sua e bate na dele.

Aiden recuperou seu olhar determinado.

— Sim! Podem os fazer isso — ele me abraça com força e me larga a seguir, abruptamente. — Você ainda precisa ir em bora.

— Não. Sou a única testemunha viva que lhe resta. Eu não vou a lugar nenhum — encaro os olhos azuis de Aiden, sem vacilar, e ele retribui o olhar.

— Que tal interromper os esse “concurso de encarar” com um café da manhã? — sugere Mac, enchendo a chaleira. — Então talvez você goste de fazer uma gravação comigo dizendo o que houve com o Robert depois do bom bardeio ao ônibus.

Aiden levanta uma mão, pensando.

— Há uma outra coisa. Outra testemunha que realmente iria ajudar

—
ele me olha, com o se pedisse desculpas.

— Quem ?

— Precisam os da filha de Armstrong, Sandra Davis. Sua mãe daqui.

— Não. De jeito nenhum — olho para ele, horrorizada. — Saber quem mãe e Amy estão seguras é uma das coisas que me torna capaz de ir em frente. Não tire isso de mim .

— Escute. As pessoas acreditarão nela. Eles não sabem quem Stella é.

Mas, se ela vir o que Stella diz, e sustentar isso, além da história de Mac, bem ...

Estam os feitos.

Mac coloca o braço em meus ombros.

— Ele está certo e você sabe disso. É hora de esquecer a segurança e arriscar tudo — me livro de seu braço e volto para o sofá. Murray está olhando para mim , com um olhar de “Ele está certo” em seu rosto. Balanço a cabeça.

Daqui a pouco, Sky e vai me dar uma bronca. E, com o se lesse meus pensamentos, ela salta para o meu lado, coloca a cabeça em meu colo e olha para cima.

— Está bem . Podem os pedir a ela, mas sem pressão — ela não vai fazer isso, vai? Eu não estou sob a proteção dela, mas ela não fará nada que coloque Amy em risco. — Com o vamos falar com ela?

A porta da frente se abre de repente.

— Olá — diz uma voz alegre. Uma que eu conheço. Eu me viro e ali está o namorado de Amy. Jazz.

CAPÍTULO 36

— Eu realmente não estou feliz — diz Jazz, mas seu sorriso nega isso.

Seus braços parecem me prender em um abraço permanente desde a fração de segundo em que percebeu quem eu era, mesmo de cabelos mudados. — Por que você não me disse que ela estava viva? — ele

reclam a com seu prim o Mac.

— Você j á pode m e largar! — estou m e contorcendo.

— Você está bem m esm o?

— Estou inteirinha — respondo, sem entender com o posso estar tão bem , depois de tudo o que aconteceu.

Ele m e solta do abraço, m as m e m antém em sua frente com um a m ão em cada om bro.

— Am y tem estado tão... Posso contar a ela?

— Se for realm ente necessário — Aiden interrom pe. Jazz olha pra ele.

— Sim , bem , sej a com o for, m as Am y precisa saber.

— Por que não? — eu digo. — Não será segredo m uito em breve. Que m al pode haver se ele contar a ela agora? Ela não vai dizer nada — não depois da últim a vez. Am y tinha, com toda a inocência, contado sobre os desenhos que eu estava fazendo para o TAG. Não dem orou para que eu fosse arrastada para um a van preta, interrogada e chantageada por Lordeiros.

— E quanto à sua m ãe? — Jazz pergunta.

— Ela j á sabe.

— Im agina! Ela nunca deixou transparecer.

— Inform ação restrita, só para quem precisa saber — falam os ao m esm o tem po, e m e pego rindo j unto com Jazz. Um a parte de m im está surpresa por eu ainda saber com o se ri.

— É bom ver você — eu digo. — Agora m e deixe ir — ele tira um braço, m as m antém o outro em volta dos m eus om bros, e isso é bom . O

nam orado de Am y sem pre foi com o um irm ão m ais velho para m im .

— Precisam os m arcar um encontro — Aiden diz a Jazz. — Entre Ky la e a m ãe. E não diga nada para Am y, por enquanto não.

— Tudo bem . Pode m e passar o recado. O que m e faz lem brar um a

coisa — ele pega um a caixinha do bolso. — Correio.

— O que é isso? — pergunto surpresa. Mac pega a caixa e a levanta.

— Notícias de DJ, eu acho. Olho para Jazz.

— Você quer dizer que está envolvido com tudo isso também? — um irmão mais velho com seus próprios segredos. Ele sorri.

— Sem pre fui o garoto de recado deles. Apenas mais ocupado ultimamente com os computadores fora do ar. Você não precisava saber, eu acho

— eu bato no braço dele. E pensar no que se passa na vida das pessoas, bem em frente dos meus olhos, e que eu não fazia idéia. Nenhum a. Mac abre a caixinha.

— Brilhante! Finalmente — ele abre a mão e nos mostra um comunicador. Coincidentemente ou não, ele vibra. — Tenho certeza de que é para você — Mac diz a Aiden, que endireita os ombros. Ele o segura e desaparece no final do corredor, fechando a porta.

Mac e eu trocam os olhares.

— DJ já sabe o que aconteceu? — pergunto, em voz baixa.

— Eu ficaria surpreso se não soubesse. Mas ele provavelmente quer ouvir um relato em primeira mão.

— O que aconteceu? — pergunta Jazz.

— Informação restrita ou não, acredite em mim, você não ia querer saber — respondo.

Mac arquiteta um plano com Jazz sobre quando e onde podem os tentar encontrar minha mãe, enquanto faço hora na cozinha, preparando torradas. E me perguntando se DJ irá concordar com o nosso plano. E se ele achar que não tem o suficiente para ir ao público? E se ele disser não? Não podem os fazer um transmissão em rede nacional sem ajuda dele.

Saio da cozinha e me dirijo para o quarto dos fundos. Bato uma vez e entro.

Aiden ainda está no comunicador com DJ. Seus olhos encontram os meus e ele gesticula para que eu fique quieta.

— Quanto tem po terem os?

— Não tenho certeza se vam os conseguir...

— Entendo.

— Deixe-m e falar com ele — peço. Aiden faz m ím ica, puxando o cabelo.

— Tudo bem . Fale com ela então — e m e passa o com unicador.

— Alô?

— Oi, Ky la. Aiden estava m e dizendo que...

— DJ, apenas m e escute um m om ento. Precisam os fazer essa transm issão, o m ais rápido possível. Chega de esperar até que m ais coisas saiam errado. Tem os que agir antes de....

— Devagar. Eu concordo com você.

— Concorda?

— Sim . E Ky la, querida, soube que você passou por m om entos difíceis.

Sinto m uito — ele faz um a pausa, m as desta vez fico em silêncio. O que há para dizer? — Aiden quer que eu leve você para fora do país.

Eu estreito m eus olhos para Aiden.

— Eu não irei.

— Essa é a m inha garota. Acho que precisam os de você envolvida em nossa pequena produção cinem atográfica. Aiden m e inform ou sobre a gravação de Stella, as outras coisas na sua câm era e a possibilidade de envolvim ento de Sandra Davis. Você precisa fazer isso acontecer.

Agora olho para Aiden.

— Nós nem sequer pedim os a ela ainda. Ela pode recusar.

— De um a form a ou outra, preciso disso arranj ado para transm itir am anhão, ou terem os de esperar m eses para um a outra oportunidade. É um pouco técnico, m as tem a ver com a escolha do m om ento certo para interferir com o satélite deles sem serm os notados. Podem os m ascarar nossa invasão com um a atividade solar se

coincidir com um a tem pestade geom agnética. E está previsto um clim a terrível com trovoadas para m ais tarde. As com unicações por satélite e via terrestre devem ser interrom pidas am anã à noite, se tanto as previsões solares quanto as do tem po estiverem corretas.

— Am anã? Mas tão rápido assim ? — pergunto, olhando para Aiden, que encolhe os om bros.

— Você consegue fazer isso?

Esperar pode nos dar m ais m aterial para ser transm itido. Mas vej a o que acontece com a espera. Ali Souls. É isso o que acontece.

— Sim . Nós vam os fazer isso.

— Esse é o espírito.

— DJ? Eu tenho um a pergunta.

— Sim ?

— Você sabe o que a doutora Ly sander disse, sobre alguém de alto escalão ter interferido em m eus registros hospitalares?

— Sim .

— Você descobriu algum a coisa sobre m im ? Sobre m eu DNA?

Ele faz um a pausa, quase im perceptível.

— Ainda estou trabalhando nisso.

CAPÍTULO 37

Estou apreensiva e nervosa. Não consigo ficar parada. Aiden olha para m im .

— O que há de errado?

— Nada. Tudo — verifico a hora. — Ela está atrasada. Ele olha para o relógio.

— Só uns vinte segundos. Vai dar tudo certo.

— É só que eu não quero que nada aconteça com ela. Todos que se aproxim am m uito de m im parece que pagam o preço. Eu não quero que ela se envolva.

Ele segura a minha mão.

— Porque você se importa. Você quer longe do perigo — ele não diz mais nada, mas eu sei o que ele está pensando.

— Eu não podia ir.

— Eu sei — ele respira fundo. — É parte do que faz você ser quem você é. Mas eu tinha que tentar.

A porta se abre.

— Mãe! — levanto e corro para ela. Seus braços me envolvem imediatamente num abraço apertado.

Ela olha para Aiden por cima do meu ombro.

— Quem é este? Ele se levanta.

— Prazer em conhecê-la, senhora. Sou o Aiden. Ela se vira para mim.

Balança a cabeça.

— Por que você voltou? É muito perigoso.

— Tentei dizer a ela, mas ela não quis ir — diz Aiden. Eles trocam um olhar.

— Teimosia, não é? — diz minha mãe. — E por que estou aqui?

— Precisamos de sua ajuda.

Mãe se senta e Aiden explica o que nós, do DEA, estamos planejando fazer.

— Então, isso realmente será transmitido por todo o país? E em outros países?

Seus olhos ficam distantes, pensando, então encontram os meus com uma faísca de emoção.

— Isso pode funcionar. Mas não entendo no que eu posso ajudar.

— Eu realmente sinto muito por lhe mostrar isso — eu digo.

— O quê?

Eu pego a câmera.

— Você sabe quem são Astrid e Stella Connor? Ela franze a testa.

— Astrid Connor estudou com a minha mãe; elas eram amigas. Stella é filha dela. Costumavam se aproximar quando eram crianças, mas não som os meus pais. Ela parou de responder aos meus telefonemas, há alguns anos — ela encolhe os ombros. — O que elas têm a ver com tudo isso?

— Elas são a minha família. De antes de eu ser Reiniciada. Eu fui adotada por Stella, que me criou desde que eu era um bebê até os meus dez anos.

Eu fui em bora para encontrá-la.

— O quê? — seus olhos estão arregalados pela surpresa. Ela balança a cabeça. — Eu não posso acreditar. Mas eu não entendo o que isso tem a ver com isso.

Aiden e eu trocam os olhos. Eu queria avisá-la do que estava por vir, mas ele achou melhor ela ver e ouvir por si mesma.

— Tudo bem. Aqui está um gravação feita por Stella. Ela a escondeu na minha câmera e eu só vi agora. Sinto muito.

Eu a direciono para a parede e aperto o play. Seu rosto fica pálido conforme ela vê e ouve, e ela segura minha mão com força.

Quando termina, minha mãe desvia o olhar por um momento. Em seguida, me olha nos olhos.

— Se ao menos eu soubesse o que meus pais estavam planejando fazer.

Durante todos esses anos, nunca entendi por que meu pai criou um governo de Lordeiros, com tudo o que isso acarretou. Eu sempre achei que ele não sabia o que realmente estava acontecendo, mas ele sabia, e estava planejando colocar um fim nisso. Obrigada por me contar.

— Veja — diz Aiden. — É por isso que precisamos de você. Para introduzir o depoimento de Stella em nossa transmissão. Isso trará credibilidade.

Fará com que as pessoas escutem.

— Também tem o meu testemunha que viu o seu filho Robert vivo após o ônibus ser bombardeado — revela Aiden. — Você poderia

falar sobre o desaparecimento dele também.

Minha mãe concorda.

— Eu soube por outra fonte que Robert sobreviveu ao atentado, mas desapareceu em seguida. Eu simplesmente deduzi que ele foi reiniciado. Se meus pais tivessem conseguido dizer e fazer o que queriam, o nosso mundo seria um lugar diferente? Será que eu ainda teria o meu filho? Eu quero fazer isso por eles, contar o que eles foram impedidos de dizer. No entanto, isso não é apenas sobre mim; as coisas podem dar errado. Tenho que pensar na segurança de Amy.

Preciso de tempo para pensar sobre isso.

— Eu sinto muito. Tempo é um luxo que nós não temos — explica Aiden.

— Quando precisariam os fazer isso?

— O mais tardar amanhã à tarde. Há razões técnicas para que a transmissão aconteça amanhã à noite. Jazz pode trazer você, se você decidir nos ajudar.

Eles falam um pouco mais sobre os detalhes, mas eu apenas seguro a mão dela com força. Imagine o choque, todo esse tempo acreditando em uma versão para a morte dos pais e depois descobrir que era tudo mentira.

— Preciso ir — ela me abraça apertado. — Cuide dela — ela ordena a Aiden, e depois vai embora.

— O que você acha que ela vai fazer? — Aiden pergunta. Isso me lembra tanto um outro tempo, uma outra decisão.

Quando ela precisou decidir se devia ou não dizer a todo o país, em uma gravação ao vivo, o que achava que realmente havia acontecido com seu filho Robert. Mas ela terminou não fazendo isso; ela não faria nada que colocasse Amy ou a mim em perigo. Será que desta vez seria diferente?

— Eu não sei — e parte de mim torce para que ela esteja lá amanhã, enquanto outra parte espera que ela fique longe.

À noite, Aiden está trabalhando na sala de informática. Mac saiu com Jazz para se organizar para amanhã, copiar as imagens e fotos da mãe

inha câm era e com eçar a colocar tudo j unto. DJ quer que eu faça um a introdução, para explicar com o as coisas que eu testem unhei se encaixam , e eu estou tentando pensar no que falar para não ficar olhando para a câm era com o um a idiota.

O que posso dizer sobre Ali Souls que explique o que aconteceu e de um a form a que faça algum sentido? O que dizer sobre o Ben?

O que posso contar, o que estou disposta a contar, sobre a m inha vida?

Minha vida louca, confusa, corrom pida pelos Lordeiros, e todos aqueles que foram prej udicados ou destruídos.

Vou de um lado para o outro na sala da frente; Sky e está deitada no cam inho. Eu quase tropeço nela e xingo.

A porta de Aiden se abre; ele se aproxim a.

— Está tudo bem ?

— É só m edo do palco — digo, m as olhando para os m eus pés. Não consigo olhar nos olhos dele.

— Vai dar tudo certo.

— Assim com o todo o resto foi bem até agora? — estou trem endo. Não sei por quê. Será um a reação atrasada, m edo, dor, tudo isso j unto?

Eu olho para cim a e dou um passo na direção dele; ele dá um passo para m im . Nos encontram os no m eio. Seus braços m e envolvem , com delicadeza, sem segurar, apenas reconfortantes, com o você faria com um a irm ã, ou um a criança. Aninho a cabeça em seu om bro. Eu m e encaixo nele diferente do que

era com Ben; Ben é m ais alto. A m ão de Aiden acaricia m eu cabelo. Ele está tentando m e fazer sentir m elhor, m as não é o suficiente, nada pode ser suficiente para tirar todo aquele vazio. E eu o puxo cada vez para m ais perto. Seu coração está batendo m ais rápido, assim com o o m eu. Puxo a cabeça dele para baixo e o beij o. Eu não sei o que estou fazendo, m as não m e im porto. Estou com pletam ente fria, m orta, vazia; Aiden é sentim ento, calor e vida.

No com eço ele retribui o beij o. Depois, gradualm ente, gentilm ente, ele m e afasta. Balança a cabeça.

— Desse j eito não.

E eu com eço a chorar. Por quê? Outra perda, outro espaço frio. Ele m e coloca no sofá e m e envolve no cobertor.

— Não vá — eu peço.

— Eu não vou a lugar nenhum . Nunca. Enquanto você não quiser que eu vá — m as ele se levanta. — Volto num segundo — ele vai até o corredor e retorna com um violão nas m ãos. — Eu não toco com m uito frequência, m as sem pre m e faz sentir m elhor. Feche os olhos, Ky la. Am anã será um longo dia.

Mas vam os passar por isso. E eu estarei lá.

E ele com eça a tocar. Ele é bom . Algun as m úsicas eu conheço, outras não. E de algum a form a m eus olhos se fecham . Mergulho em um sono escuro e sem sonhos.

CAPÍTULO 38

O m au tem po prom etido chegou. O vento frio chicoteia os ram os das árvores, e as folhas m ortas form am redem oinhos quando corro.

Fui dorm ir tarde e falei que só precisava de um a corrida, j á m e afastando, porque não consigo olhar Aiden nos olhos depois de ontem à noite.

Achei que eles fossem argum entar ou que exigiriam um acom panhante. Mas eles m e deixaram ir.

Meus pés voam até a trilha do canal; acelero para fazer tudo ir em bora, m as não está funcionando. Eu busco m ais; m ais esforço, m ais velocidade. E os quilôm etros passam voando, e fica m ais perto. A corrida não foi apenas fuga e libertação. Será que vou conseguir encontrá-lo?

Não no início. Eu sei que estou perto de onde deveria estar, que havia um a certa curva na trilha, um a árvore escalável não m uito longe disso. Eu desacelero para um a cam inhada e refaço m eus passos até que, finalm ente, acho que a vej o.

O vento está violento quando subo pelos galhos, com o se ele fosse m e arrancar e j ogar no chão. Aperto os olhos para evitar que entre poeira. O quão alto ficava? Acho que vim longe dem ais, e olho para

trás. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ele. Um pássaro ou um esquilo com um olho para coisas brilhantes poderia ter pegado; o galho onde ficou poderia ter sido vítima do vento.

Pode ser a árvore errada. Agora que não estou correndo, estou congelando; apalpo tudo com as mãos dormientes, tendo problemas para manter o pé quando mal posso sentir meus pés. Estou prestes a desistir quando meus dedos tocam em algo frio, algo de metal.

Eu me contorço para alcançá-lo e retirá-lo do galho em que está enfiado. O anel de Emily. Eu o fecho com força em minha mão por um instante, depois com êgo a descer.

De volta ao chão, dou uma olhada na inscrição: Emily e David para Sempre. Eu o tirei da mão dela depois que os dois morreram, Reiniciados, com o tantos outros, vítimas dos Lordeiros. Eles foram devolvidos por quebra de contrato quando ela ficou grávida. Seu único crime foi se apaixonar. Preciso de seu anel, preciso de uma razão concreta que eu possa segurar, para enfrentar o que tenho que fazer hoje. Com êgo a colocá-lo no bolso, mas, em seguida, eu o coloco em meu dedo e com êgo o longo caminho de volta.

Depois de uma chuva de verão vou até a cozinha, onde Mac está fazendo sanduíches.

— Está tudo bem? — ele pergunta. Em seguida, se retrai. — Tudo bem, pergunta idiota. Alguma coisa que não esteja bem e que eu possa fazer algo a respeito?

— Não. Obrigada — sorrio para ele.

— Finalmente um sorriso. Ou quase isso. Sente-se e coma, está quase na hora de irmos. Aiden? Comida — ele chama.

Aiden vem, aperta meu ombro com uma mão e senta do outro lado. Ele me olha nos olhos, acena com a cabeça uma vez, e seu olhar firme diz que as

coisas estão bem. Um nó de ansiedade dentro de mim se afrouxa, só um pouco, mas é suficiente.

— Bem-vinda ao nosso estúdio de cinema — diz Mac, abrindo a porta para um galpão em péssimo estado. Fica a poucos quilômetros de sua casa, trilha acima. Do lado de fora parece abandonado, mas, quando entro, quase engasgo.

Dentro é com o um a caverna de Aladim para geeks. Há equipamentos por todo lado.

— Você obviamente não preparou isso só para hoje.

— Não. Aqui tem sido um dos centros secretos de tecnologia do DEA há séculos; existe todo tipo de coisas diferentes para brincar aqui. Os filmes são novos e estão os com o equipamento de transmissão que DJ conectou ao satélite.

Eu e Jazz liberamos um espaço ontem à noite para as gravações.

Aiden e eu o seguimos em torno de uma fileira alta de prateleiras; por trás delas há uma área livre com um banquinho e uma lona pendurada para esconder os equipamentos que estão por trás. Na frente, uma câmara era sobre um suporte e luzes.

— Isso parece ter um pouco mais de tecnologia do que a minha pequena câmara era — com isso, tocando meu bolso para onde, mais uma vez, ela retornou esta manhã depois de terem copiado o conteúdo relevante na noite passada.

— Que nada. É fácil. Vou lhe mostrar, e então podem os gravar a minha parte.

Mac começa a explicar os controles quando há uma batida forte na porta.

— Olá? — é a voz de Jazz. E uma outra. Mãe?

Dou a volta nas prateleiras, mas não é apenas minha mãe; Amy está aqui também.

Amy corre para mim e me abraça.

— Sua doidinha. Nunca mais faça isso comigo!

— Você cortou o cabelo — estou chocada. Aquele cabelo grosso e lindo se foi; está curtinho.

— Ei, se eu soubesse onde você estava para pedir conselhos de estilo, sem precisar recorrer a uma sessão espírita, eu teria feito isso. Aliás, você está

um pouco diferente também.

— Vocês duas aqui? — pergunto à minha mãe, que está afastada, mas

as que se aproximam agora para um abraço coletivo. Ela sorri.

— Minhas duas meninas juntas! Eu concluí que era uma decisão de família. Eu tive que deixar Amy e a par do que estava acontecendo, e depois fizemos uma votação.

— E? — pergunta Aiden.

— Amy disse para irmos em frente. Eu ainda não tenho certeza, mas nós somos os três. Ky lá?

E todos os olhos estão sobre mim.

Não. Não me obrigue a fazer isso. Não me obrigue a decidir. Engulo em seco.

— Se isso der errado, pode ser uma sentença de morte para todos os envolvidos.

— Inclusive você — mamãe ressalta.

Dou de ombros. Eu não quero dizer em voz alta que não me importo mais com a minha própria vida.

— É diferente para mim. Eles já estão atrás de mim, de qualquer maneira.

— Você me disse uma vez que às vezes a coisa mais importante é fazer o que é certo.

— O problema é descobrir o que é certo, não é? — diz Amy. E eu olho para mamãe e Amy, de pé lado a lado. Amy é

uma Reiniciada, designada a ela com o eu fui, mas isso não muda o que elas são uma para a outra agora. O que nós somos. Mas nós não somos as únicas.

— Isso não é apenas sobre nós. Trata-se de toda mãe e filha, todo pai e filho. De hoje e do futuro.

Mamãe olha para mim e balança a cabeça lentamente.

— Está bem. Vamos com o show.

Mac vai primeiro, enquanto eu opero a câmera. Ele fala sobre o dia em que seu passeio escolar saiu errado, quando ambas do TAG atingiram um ônibus praticamente lotado de adolescentes, de quinze

e dezesseis anos. Com o ele se

feriu superficialmente. Com o seu amigo Robby, Robert Armstrong, foi arrastado para fora do ônibus, para longe de sua namorada morta. Gritando, mas ileso.

Então, mais tarde estava na lista dos mortos.

Em seguida, é a vez de a minha mãe nos contar sobre seu filho Robert.

Com o ela ouviu rumores, durante anos, de que ele tinha sobrevivido e sido Reiniciado, mas não conseguiu encontrar nenhum vestígio dele.

Ela faz uma pausa e me olha nos olhos por trás da câmera.

— Mas essa não é a única tragédia na minha vida. Vocês sabem quem eu sou: Sandra Armstrong-Davis. Meu pai, o ex-Primeiro Ministro William Adam M. Armstrong, e minha mãe, Linea Armstrong, foram assassinados por membros do TAG quando eu tinha quinze anos. Mas esse não é o final da história.

Meus pais estavam se preparando para expor atrocidades dos Lordeiros; meu pai ia renunciar ao cargo de Primeiro Ministro e dissolver o governo. Minha mãe confidenciou para um amigo da escola, Astrid Connor, que deliberadamente vazou a informação do paradeiro deles para que o TAG os assassinasse e silenciasses. Você vai ouvir sobre isso de Stella Connor, minha amiga de infância, e filha da Lordeira que fez isso.

Ela faz uma pausa.

— Com o foi?

Mac, por trás da câmera novamente, ergue o polegar.

— Brilhante. Obrigado. Eu respiro fundo.

— É a minha vez agora? Aiden se aproxima.

— Posso falar sobre Ali Souls. Eu também estava lá. Eu nego com a cabeça.

— Fui eu quem filmou, e quem estava olhando através do zoom e viu o que aconteceu, quando acontecia, com mais detalhes do que você poderia. Eu tenho que fazer isso.

— Tem certeza?

— Sim . E posso testem unhar sobre outra coisa. Mam ãe, você e Am y podem ficar? Eu não quero que haj a m ais segredos. Tudo isso será divulgado e eu quero que vocês saibam por m im .

Sento no banquinho com as luzes sobre m im . Am y aj eita m eu cabelo.

— Não é um a foto de capa de revista — eu digo. Ela coloca a língua para fora e sai da frente da câm era.

— Quando estiver pronta — avisa Mac.

Eu olho para a câm era, fingindo que vou falar para m im m esm a. Que ninguém m ais está aqui, que o ursinho de Edie está m e olhando por trás da lente e ninguém m ais pode ouvir um a palavra.

— Oi. Eu queria m e apresentar, m as não posso. Eu não sei quem eu sou.

Antes de eu nascer, um a m ulher, que vocês vão ouvir daqui a pouco, era prisioneira. O nom e dela é Stella Connor. Ela descobriu que sua m ãe, Astrid Connor, um a OCJ dos Lordeiros, havia planej ado os assassinatos do Prim eiro Ministro Arm strong e de sua esposa. Stella foi presa pela m ãe para que se m antivesse quieta. Ela estava grávida na época, e seu bebê m orreu.

— Então, Astrid deu a Stella um outro bebê. Eu. Ela am eaçou m e tom ar de volta se Stella algum dia dissesse algo e depois nos deixou ir. Stella e seu m arido, Danny, que pensava ser m eu pai, m e am aram e criaram com o sua filha.

— Quando eu tinha dez anos, fui raptada pelo TAG. Fui subm etida a um condicionam ento para fragm entar m inha personalidade e treinada pelo terrorista Nico, e então ele deliberadam ente agiu para que eu fosse capturada e Reiniciada pelos Lordeiros quando eu tinha quinze anos.

— Depois de ter sido Reiniciada e designada à m inha nova fam ília, m inha personalidade e m inhas m em órias fragm entadas com eçaram a voltar.

Mesm o com o Reiniciada, m eu Nivo parou de controlar m inhas ações quando m inhas m em órias voltaram . O plano do TAG havia funcionado. Eu reingressei ao TAG, m as os Lordeiros m e

chantagearam para que eu os traísse.

— No Dia do Memorial Armstrong eu estava presente nos discursos proferidos por minha nova mãe, Sandra Armstrong—Davis, que vocês ouvirão aqui também — faço uma pausa, incapaz de dizer o que vem a seguir, girando o anel de Emily na minha mão e me esforçando para me controlar. — Eu sinto muito. Eu tinha uma arma presa ao meu braço. Minha mãe... Sandra, estava ao meu lado, e, se ela não dissesse o que o TAG queria que ela dissesse, eu deveria matá-la — pisco várias vezes para segurar as lágrimas, lutando para não olhar para minha mãe e Amy, e para continuar.

— Mas eu não consegui. Não fiquei para a segunda cerimônia no jardim, e corri para tentar salvar a doutora Ly sander, que tinha sido capturada pelo TAG depois que eu a trai. Mais tarde descobri que o comunicador que Nico havia me dado, e que eu guardava escondido debaixo do meu Nivo, era uma bomba de controle remoto. Ele tinha a intenção de ativá-lo durante a segunda cerimônia, quando eu deveria estar ao lado da minha família e do Primeiro Ministro Gregory.

Eu inspiro e expiro por alguns segundos, lutando para manter o controle.

Em seguida, continuo. Conto a eles tudo o que fiz com o TAG, o que houve com Nico e sobre a bomba que os Lordeiros disseram que me matou. Minha ida para ficar com Stella e descobrir que ela não era minha mãe, a visita ao orfanato, vendo as crianças Reiniciadas e percebendo que eu teria que correr para levar essa informação para o DEA. Sobre ter visto Astrid e Nico juntos. Ido para Oxford e encontrado Ben. Que Ben tinha sido submetido pelos Lordeiros a procedimentos desconhecidos, que ele nos traiu. Minha voz oscila quando descrevo o massacre filmado por mim na faculdade de Ali Souls.

Então eu olho para a câmera.

— Eu ainda não sei quem eu sou. Ou o que Astrid Connor, Lordeira e comandante OCJ, estava fazendo com Nico, o terrorista do TAG que treinou a mim e a muitos outros para atacar os Lordeiros. Mas é difícil imaginar que ela não estivesse envolvida em tudo o que aconteceu comigo desde o início, e o plano para assassinar a minha família e o Primeiro Ministro Gregory.

— Mas de uma coisa eu sei: a verdade precisa ser revelada. Toda ela.

Se todos souberem o que realmente acontece, o que os Lordeiros realmente fazem, o que acontece com os desaparecidos, então eles... vocês... darão fim a isso.

Chega de informação restrita. Todo o mundo precisa saber.

Termine minha fala. Fico parada e em silêncio; não consigo levantar os olhos, não consigo olhar ninguém nos olhos. Estou ciente de que Mac parou de filmar, mas ninguém diz nada. Ouço passos. Da minha mãe.

Ela se aproxima de mim.

— Me desculpe — eu digo.

Ela coloca os braços levemente em minha volta e estou ciente de que os

outros estão saindo, fora da vista.

— Por que você pede desculpa?

— Eu quase atei você; você e Amy. E um monte de outras pessoas também.

— Você não sabia que estava com a bomba.

— Eu sabia que tinha a arma. Eu achei que fosse usá-la. Eu achei que eu não tivesse escolha.

— Mas você não fez isso.

— Não. Eu não pude. Mas eu fiz tudo aquilo. E o que aconteceu em Ali Souls, por causa do Ben, foi culpa minha.

— Preocupar-se com alguém nunca é uma coisa ruim, mas mesmo o que isso não dê certo.

— Dói — eu sussurro.

— Eu sei. E vou lhe dizer uma coisa.

— O quê?

— Se eu tivesse Astrid e Nico agora na minha frente, os dois estariam mortos.

Sorrio, ao imaginar a minha mãe com o um a pistoleira vingativa. Não é um a imagem que venha à mente com facilidade.

— Eu não sou boa em matar pessoas. Sou melhor em fazer com que elas sejam mortas.

Aiden se aproxima e dá um pigarro.

— Tem os que colocar este filme em produção agora. Você pode ir, se quiser.

— Preciso tirar Amy daqui. Fiquem os dois em um lugar tranquilo com alguns dias por uns dias, para ver o que acontece... quando isso se propagar

— ela me olha suplicante. — Venha com a gente. Por favor.

— Não. Desculpe. Eu tenho que ver isso.

— Está bem .

Amy se aproxima, seus olhos estão vermelhos. As duas me abraçam e vão embora.

Mac e Aiden se ocupam com os computadores e as muitas gravações, fotos e os depoimentos de hoje. Depois de um tempo tentando me recompor, eu vou até eles e observo por cima dos ombros dos dois.

Aiden olha para mim .

— Obrigado — ele diz.

— Pelo quê?

— Por ter tido coragem de fazer o que você acaba de fazer. Eu dou de ombros.

— Eu tenho sido covarde por muito tempo. Você não devia me agradecer por isso — viro para o outro lado, sem conseguir olhá-lo nos olhos.

Foi Stella e minha mãe que finalmente me fizeram ter coragem de dizer a verdade. Ambas tiveram essa coragem, então, com o eu não teria? Olhando para o que tenho sido e feito, meu esforço para me conter quando tudo dentro de mim são estilhaços de vidro. Não há paredes, nem ilusões deixadas para trás. Minha mãe sabe. Aiden sabe. Logo o meu

undo inteiro vai saber.

Finalmente Mac o declara pronto.

— Você quer assistir à sequência? Não tem problema se não quiser.

— Eu vou assistir — respondo. Mac a projeta na parede. No início, os créditos passam na tela. Informação Restrita - O que todos precisam saber, uma produção do DEA.

Eu tento acompanhar todos os quinze minutos sem empecilho e com objetividade. Com o que eu não conhecesse ninguém ali e fosse uma simples espectadora sentada no sofá prestes a ter a maior surpresa do mundo pela TV.

Mas, quando surgem as imagens que gravei da torre da igreja, eu não consigo assistir. Desvio o olhar. Um braço quente desliza sobre meus ombros. Aiden. Eu quero me virar para ele, mas tenho medo do que verei em seus olhos.

BANG!

Um estrondo nos faz saltar, depois ambos quando percebemos ser um trovão. A tempestade chegou.

Aiden sorri. Em seguida, seu comunicador toca. Será o DJ? Ele atende.

— Alô! Sim. Está pronto — ele aguarda, ouvindo. — Entendi, tchau —

ele desliga e depois se vira para nós.

— Vamos transmitir às seis, quando a tempestade deverá alcançar o seu

pico. Entrará no lugar do noticiário da noite. Será o noticiário da noite! — ele exclama. Ele e Mac batem as mãos no ar, em polgados, e parte de mim também está. Tudo pelo qual lutamos finalmente está acontecendo de verdade.

Mas outra parte de mim está com aqueles que sofreram, que morreram.

Florence, Wendy e todos os outros alunos. As criancinhas que foram Reiniciadas.

— O que foi? — pergunta Aiden.

— Com o podem os com em orar? Nós não podem os fazer nada por aqueles que m orreram , por suas fam ílias.

Aiden coloca o braço sobre m eus om bros e eu m e aconchego.

— Nós podem os lem brá-los — ele diz. — E o que fizeram os hoj e fará com que isso acabe. Fará com que a m orte deles tenha um significado.

Sem argum entos, nós três ficam os em silêncio, por um m inuto, dois. Em seguida, m ais um trovão fortíssim o, e m e assusto novam ente. Não m e im porto com tem pestades, norm alm ente eu gosto delas; quanto m ais violentas, m elhor.

Mas hoj e não. Estou tão nervosa com o quando...

Sky e.

Eu m e afasto de Aiden.

— Sky e ficará apavorada sozinha com essa tem pestade. Vou voltar para a casa.

— Quer que eu volte com você? — pergunta Aiden.

— Não. Fique o tem po que quiser. Eu vou ficar bem .

— Espere um instante — Mac m exe em algo no com putador e em m inha câm era, e então a passa para m im .

— Coloquei aí um a cópia de becape do Inform ação Restrita. Apenas para o caso de serm os atingidos por um raio.

Faço um a cara feia para ele.

— Não abuse da sorte — eu digo. Atravesso a porta (ar fresco, com ou sem tem pestade) e escapo.

A casa é a cerca de três quilôm etros para trás e está ficando escuro, m as de vez em quando o céu se ilum ina por um relâm pago ram ificado. Cada vez que os raios caem , aparentem ente bem em cim a da m inha cabeça, eu quase saio da m inha pele, irritada com igo m esm a por estar tão nervosa. Estou na m etade do

cam inho quando com eçam os pingos enorm es, pesados e

congelantes. Então eu fico m olhada e com frio, m as e daí?

Conform e corro, m e pergunto com o m e sinto; eu deveria estar com em orando com os dois. Em vez disso, m e sinto vazia.

O que vem agora? Qual será o m eu futuro? Com o Aiden se sente sabendo todas as coisas que eu fiz?

Mam ãe disse que se im portar com alguém nunca é um a coisa ruim m esm o se não der certo.

E eu m e im porto?

CAPÍTULO 39

Estou m e aproxim ando da casa quando as luzes se apagam e tudo fica escuro.

Falha na transm issão de energia, por causa da tem pestade? Espero que isso não afete a transm issão. Pelo que conheço do Mac, deve haver um gerador para em ergências.

Está m uito escuro agora, e, apesar da chuva gelada, eu desacelera para m e m anter na trilha. Esta noite a escuridão está irritante, e não reconfortante com o costum a ser. Sem pensar nisso, passo a m e m over em silêncio, cada passo dado com cuidado.

Mais um clarão ofuscante e tudo se ilum ina, por apenas um a fração de segundo, e lá está! Ao lado da casa, próxim o à porta dos fundos. Dois vultos de preto.

O m edo m e tom a e no instante seguinte tudo m ergulha novam ente na escuridão. Lordeiros!

Será que eles m e viram ?

O pânico chega aos m eus pés e eu corro sem direção, sem m e preocupar em m anter silêncio, retornando por onde vim .

Ouç gritos vindos de trás, não sei se fui vista ou ouvida; de qualquer form a, eles estão atrás de m im . Quando a trilha se bifurca, vou para o outro lado, para longe de Mac e Aiden. Não posso levar os Lordeiros até lá, tudo m enos isso.

Eu devo ser capaz de despistá-los. Posso correr m ais rápido do que quase todo m undo que conheço.

Mas não estou me afastando. Posso ouvir que alguém me persegue, me antendo o ritmo. Agora parece que é apenas um corredor, num ritmo constante. Um ritmo familiar, e, quando há outro clarão, não posso evitar olhar para trás.

Ben.

Meus pés vacilam e então acelero, ganhando velocidade novamente, mas não é o suficiente. Pouco a pouco ele se aproxima. Posso ouvi-lo cada vez mais perto, e saber que é o Ben enfraquece meus pés.

Então, de repente, ele está voando pelo ar e me derruba no chão. Sem fôlego, em baixo dele, me esforço para respirar. Ele segura minhas mãos com apenas uma e tateia em meus bolsos. Não! Eu luto, mas ele conseguiu pegar minha câmera.

Ele me levanta e pressiona algo frio e duro contra minhas costas.

— Ande!

— Não. Atire de uma vez, se é isso que você quer fazer. Eu não me importo mais.

Ele torce meu braço em minhas costas e me empurra; eu tropeço para a frente. Que horas devem ser? Eu preciso atrasados. Preciso impedir-los de encontrar Mac e Aiden, impedir-los de parar a transmissão às seis.

Eu tropeço e bambeio para a frente. Com uma exclamação de aborrecimento, Ben me levanta e me carrega, com meu braço ainda torcido.

Uma armadura pressionada em meu estômago com tanta força que machuca.

— Com o que você pode fazer aquilo? Ele não responde.

— Todo o mundo, todos aqueles alunos, fuzilados contra a parede.

Mortos.

— Eles eram traidores. Mereceram o que receberam. Assim com você.

— Você é um traidor, você me traiu. Você costumava me amar, e agiu com o mesmo amor. Com o que pode fazer isso? — minha voz é suave demais, melancólica, e eu me odeio por isso.

— Ah, desculpe por isso. Seduzir você foi difícil. Mas eu tinha que fazer você dormir de algum jeito.

— Por quê?

— Eu lhe passei um escâner enquanto você dormia. Com o que acha que conseguimos encontrar você? Por algum motivo, seus registros estavam errados, precisávamos dos do escâner para rastrear você pelo chip no cérebro.

Não. A doutora Lyssander tinha mudado o número; os Lordeiros descobriram que não poderiam mais rastrear, por isso chamaram o Ben para cuidar disso.

Agora estou cheia de raiva, e luto, mas, apesar de alguns truques aprendidos com o TAG, eu sei que os Lordeiros devem tê-lo ensinado a segurar alguém. Ou talvez a dor que sinto por dentro me deixe muito fraca para lutar.

Quando compreendo o que houve, estremeço. Ele me deixou ir para que pudesse me seguir até aqui. E eu pensei que algo dentro dele não havia conseguido me machucar, mas eu estava errada.

— Você é meu.

— Isso não me atinge.

— E aquela garotinha, com o que pôde?

— Que garotinha?

— Edie! Você sabia o endereço. Corri até lá, mas elas não estavam mais.

Seus irmãos se movem sutilmente. Estaria debochando?

— Não faço ideia. Eu não disse a eles o endereço dela — a voz soa desconfortável. Ele deveria ter dito tudo aos Lordeiros, até mesmo isso, e ele sabe disso. Será que ainda existe, dentro dele, alguma parte do Ben que eu conheci? Será que ela pode ser alcançada?

Estão na porta da casa de Mac agora; as luzes voltaram e a porta está aberta. Ben me empurra e eu caio no chão da cozinha. Aos pés de Tori.

Um rosto dourado passa correndo. É Sky. Ela pula em cima de Ben e polga, lambendo seu rosto. Ele tenta afastá-la, mas ela não

deixa.

— Esta é Sky e. Sua cadela — digo a ele.

— Minha cadela?

Sky e late, com o se dissesse que sim .

— Seus pais a deram para você quando ela era filhote. Vej a Ben, sua m ãe era um a artista, ela esculpiu aquela coruj a. Para m im .

Seus olhos seguem m inha m ão, que aponta para a coruj a na geladeira, m as, em seguida, Tori m e puxa pelos cabelos e com eça a m e arrastar pelo chão até a sala da frente. Eu grito. Sky e se vira rosnando e avança em Tori, m as Ben a pega pela coleira.

— Senta — ele diz, bruscamente, e ela fica confusa.

— Solte a Ky la — ele ordena a Tori, e ela para, a surpresa em seu rosto.

— Até que eu m e livre da cadela.

Tori solta m eu cabelo, e m inha cabeça bate dolorosamente no chão. Ela sorri, m as seus olhos estão cheios de ódio. Eu estava certa, não estava? Ela se lem bra de m im . Será que os Lordeiros acharam que Tori seria m ais útil com a vingança para m otivá-la?

Ben em purra Sky e para o corredor e fecha a porta. Ela com eça a ganir com tristeza do outro lado, querendo voltar para ele.

— Eles não chegaram ainda? — Ben pergunta a Tori.

— Não. Ainda não — ela responde, e algo se esconde por trás da alegria em seus olhos. Algum a m entira. Ela quer lidar com igo sozinha.

— Você está esperando por reforços? — pergunto. — Ela não cham ou ninguém . Eles não estão vindo.

Ben faz um a careta e olha para Tori.

— Não dê ouvidos a ela — ela diz, e m e dá um tapa tão forte no rosto que as lágrimas vêm aos m eus olhos. Eu pisco furiosamente.

— Você se lem bra de m im , não é Tori? Você quer m e m achucar,

não é?

— Eu não quero. Eu vou — ela puxa um a faca do bolso.

— Você sabe que eu sou boa com facas.

— Você m atou um Lordeiro com um a faca um a vez. Não acredito que você evoluiu daquilo para isso. Você não se lem bra daquele dia em que atacam os o centro de exterm ínio, e de Em ily, a Reiniciada que m orreu? — eu tiro o anel do dedo e o lanço para Ben. Ele pega. — Este é o anel de Em ily, a garota grávida de que lhe falei na faculdade. Tudo o que eu disse naquele dia é verdade, Ben, e Tori sabe disso. Ela estava lá.

Tori olha para Ben enquanto ele lê a inscrição no anel.

— Ela está m entindo. Ela poderia ter conseguido esse anel em qualquer lugar.

— Você odeia os Lordeiros, não é, Tori? Pelo que eles fizeram com você. Reiniciaram você, depois a levaram para um Centro de Exterm ínio. O

Lordeiro que fingiu salvá-la, você se lem bra dele, e do que ele te fez? Trabalhar para eles realm ente vale a pena, só para se vingar de m im ? Ou isso tudo é para você ficar com o Ben? É isso, não é? Você sempre quis o que não podia ter. Você é apenas um a m enina ciumenta.

Tori com eça a avançar em m im com a faca; eu m e encolho contra a parede. Será que fui longe demais?

— Tori, espere — diz Ben. — Deixe-a por um m inuto.

— O quê? — ela franze a testa e se vira para ele.

— Você realm ente se lem bra dela, de antes — um a afirm ação e não um a pergunta. — Explique isso.

Ela olha para nós dois, cautelosa. Acuada.

Está dando certo? Meus olhos correm para o relógio sobre a lareira, são 18: 02. A transm issão com eçou! Atraso e distração. Não tenho nenhum a dúvida de que ela irá m e m atar, ou, se não o fizer, certamente farão um a ligação e m ais Lordeiros virão tomar o lugar deles. Estou preparada para isso. Eu não m e im porto. Viver para quê, afinal? Se a transm issão for feita, m orrerei feliz.

— Eu não sei o que lhe disseram , Ben. Mas Tori está aqui por vingança e nada m ais. Porque Lordeiros m e seguiram e a prenderam , arrastando-a para longe.

— E você nunca m e disse! — ela m e bate no rosto com força novamente, desta vez com o lado liso da faca na m ão, e a ponta afiada corta a m inha bochecha. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Ah, é por isso que você está tão aborrecida? Porque eu nunca lhe disse que Ben estava vivo?

— Tori, isso é verdade? — ele pergunta.

— Ben, eu...

— Por que você não m e contou isso antes?

— Ben, pense por si m esmo — eu digo. — Tudo isso é m entira. Os

Lordeiros e Tori encheram você com m entiras, para que você fizesse o que eles queriam . Todas aquelas pessoas m ortas, tudo por sua culpa.

— Não! Você é a traidora! É por sua causa e de Aiden que eles m orreram . Vocês os transformaram . Nós não tivemos escolha.

Um a batida nos fundos. Sky e está se jogando na porta.

— Nem m esmo Tori acredita nisso, ela simplesmente não se importa.

Ele olha para ela.

— Cala a boca! — ela grita com a faca na m ão. Ela avança e num instante estou no chão, contra a parede, desarmada. Já fraca e sem ação. Para onde foi a m inha vontade de lutar? É isso. É exatamente isso.

Um golpe de perna no alto, e a faca voa pelo ar. Ben. Ele chutou a faca da m ão dela.

— O que você m e fez fazer? — ele grita, e eu não sei se ele fez isso para impedir-la de m e m atar ou se por causa de suas m entiras. Se é que ele próprio sabe.

Tori grita furiosa. Ela coloca a m ão para trás da calça, em um coldre.

Um a arma está em sua m ão. Ela a aponta para Ben.

Um som forte. A porta frágil vem ao chão.

Um flash de pelo, Sky e salta entre os dois.

A arm a dispara e Sky e grita, cai ao chão, o pelo dourado tingido de verm elho. Tori a olha, incrédula.

Minha vontade de lutar está de volta. Estou de pé e faço a m aior m anobra que j á fiz para socar Tori no rosto. Ela solta a arm a e cai ao chão.

Inconsciente. A seguir, a arm a está em m inha m ão, apontada para Ben.

A quem estou enganando? Eu a abaixo.

Ben está segurando Sky e, com a m ão firm e sobre o verm elho que se espalha em seu pelo. Será que foi no om bro? Pego um prendedor de cortina da parede, dou algum as voltas e o am arro apertado para tentar parar o sangram ento, e ela está ganindo, m as ainda lam bendo o rosto de Ben. Ele está trem endo.

— Ben? Você se lem bra de Sky e? Lem bre-se! — e então ele está chorando e sacudindo os om bros. Eu estou segurando os dois.

É quando a porta da frente é derrubada. Um hom em entra. Nico?

CAPÍTULO 40

Giro o corpo e m ergulho para pegar a arm a de Tori, m as a seguir vem a dor, um a súbita explosão de agonia em m inha cabeça, tão forte que caio e m e enrosco com o um a bola.

— É por isso que rastream os os rastreadores — a voz de um a m ulher. —

Eles realm ente não são confiáveis para fazer nada direito. Os j ovens de hoje não têm foco ou senso de propósito.

Ouç passos se aproxim ando. Eles param ; um a m ão acaricia m eu cabelo. A dor é tão intensa que tudo o que consigo fazer é abrir os olhos e olhar para aqueles que m e olham fixam ente; pálidos olhos azuis. Os olhos de Nico costum avam m e fascinar e m e controlar. Não m ais.

— Pobre criança. Você vê, ali? — ele aponta para a porta da frente, e m eus olhos correm até lá. É Astrid, com um aparelho em suas m ãos.

— Um a vez Reiniciada, sem pre Reiniciada. Basta introduzir o número do chip cerebral, apertar um botão e bingo. Vem a dor. Ou até mesmo o a morte.

Tori se remexe no chão.

— Permitam-me uma pequena demonstração — diz Astrid, digitando algo na máquina. Tori grita, entra em convulsão e, em seguida, fica imóvel.

Com o que para enfatizar o que acabara de dizer, Astrid digita novamente; outra onda de dor explode em minha cabeça. Minha vista fica difusa.

Toda aquela conversa dos Lordeiros sobre uma segunda chance para os Reiniciados, era tudo mentira. Ainda estão os em uma prisão. Eles podem nos atacar sem pre que quiserem.

— É o suficiente, por enquanto — diz Nico. — Ela vai desmaiar. — Ele me coloca no sofá. Ben está seguro entre dois Lordeiros; Tori e Sky e estão imóveis no chão.

A dor diminui um pouco, o suficiente para que eu possa virar a cabeça e encarar Nico meus olhos. Engulo em seco, tentando falar com a boca grossa e seca.

— Por que você está aqui? Você odeia os Lordeiros.

— Ah, minha querida, o amor e o ódio não têm nada a ver com ganhar.

Eu sem pre estive com Astrid. O lado da força — ele se inclina sobre mim, chega bem perto, e eu tento me afastar, mas não consigo convencer os músculos a responderem. Ele beija minha bochecha.

Eu luto para pensar, apesar da dor. Será que Nico se aliou à Astrid de alguma forma, ou ele sem pre foi um Lordeiro? Mas Nico fugiu dos Lordeiros de Coulson quando eles me seguiram e atacaram o TAG; Coulson estava caçando Nico. Ou foi apenas encenação? Se Nico realmente é um Lordeiro, isso pode explicar por que fracassaram todos os ataques que ele e Katran planejaram.

Sabotagem.

O relógio sobre o aparador da lareira marca 18:08. A transmissão está na metade! Eu tenho que mantê-los falando, impedi-los de parar

a transmissão.

Com muito esforço consigo virar a cabeça para Astrid.

— Foi você que arquitetou para que me levassem quando eu tinha dez anos. Não foi?

Ela sorri, um sorriso gentil de avó. Sinto arrepios nas costas.

— Claro que fui eu, minha querida. Você tinha um propósito glorioso no Dia do Memorial Armstrong. É uma vergonha que não o tenha cumprido.

Um propósito glorioso? Um ataque suicida? Concentre-se, faça com que ela se atrase.

— Não foi por acaso... Fui designada para essa família para que estivesse lá naquele dia.

— Claro. Apenas fazem os arranjos.

— Com o você pôde fazer isso com Stella? Me levar para longe dela?

Seu rosto fica tenso.

— Minha filha se atreveu a reter informações e acabou revelá-las; ela tinha que aprender. E, depois, ela a teve de volta em Keswick, e não me contou?

— ela balança a cabeça com desgosto.

— Então, você realmente planejou a morte do Primeiro Ministro e de sua esposa, naquela época?

Ela sorri.

— A primeira regra da política é eliminar a oposição.

— Com o você sabia que eu estava com Stella? Ela encolhe os ombros.

— Era óbvio que Stella estava escondendo algo. Um pouco de informação e foi fácil concluir.

— Pela Steph. Meus olhos verdes. Ela ergue uma sobrancelha, divertida.

— Exatam ente. E não dem orou m uito para descobrir que era você e o tal de Finley no orfanato naquele dia.

Não. Ela sabe sobre o Finley ? Ela deve ter notado o horror no m eu rosto.

Seu sorriso aum enta.

Estou gelando por dentro. Se ela sabe que Finley estava lá, que ele m e aj udou, ele está m orto. E todas essas coisas que ela está m e contando; eu tam bém não sairei viva daqui. Nenhum de nós sairá. Não com todas as coisas que sabem os.

Mas ainda há um a coisa que quero saber m ais do que qualquer outra.

— Por que eu? Quem sou eu? Por quê? Astrid ri.

— Chega dessa reunião de fam ília, querida. Agora, m e diga. Onde está sua câm era?

— Minha câm era? — franzo a testa. — Eu não sei.

— Este é o preço pela falta de cooperação — ela diz, e seus dedos se deslocam para o aparelho em sua m ão. Eu m e preparo para um golpe de dor que não vem . Mas há um grito ao m eu lado, e m e viro.

Ben está curvado no chão com o um a bola.

— Agora, responda à m inha pergunta.

Penso rápido. Será que isso im porta? É apenas um a cópia de becape.

São 18:12, a transm issão deve estar quase no fim . Ela levanta a m ão para a m áquina novam ente.

— Espere. Ben tom ou de m im ; ainda deve estar com ele. Ela faz sinal para um dos Lordeiros, que revista os bolsos

de Ben e a seguir encontra a m inha câm era.

A porta dos fundos se abre; há passos na cozinha?

— Ah, seus outros am igos estão chegando, finalm ente — diz Nico. A porta da cozinha se abre. Mais Lordeiros entram , arrastando dois prisioneiros com eles. Eles os j ogam no chão.

Mac e Aiden. Am bos ensanguentados e espancados; o braço de Aiden

pendurado em um ângulo errado.

— Não! — cam baleio para trás.

— Sim , nós os detivemos. Não haverá estreia de filme e para vocês esta noite. E reuniremos todos os rebeldes que aparecem na sua pequena produção também . Já tem os alguns deles sob custódia. Mas não se preocupe, eles não ficarão presos por muito tempo.

Eles serão mortos. E eu também .

O Lordeiro com miminha câmbio era a entrega para Astrid. Ela largou o aparelho que estava segurando, sua caixa de dor, para olhar para a câmbio era.

Não importa meus aís, não é meu esmago?

Eu me encho com o máximo de determinação que posso encontrar dentro de mim , cada reserva de força e cada fragmento do treinamento no TAG.

Uma última onda de adrenalina antes que tudo termine.

A faca de Tori, a que Ben tirou de sua mão. Está fora da vista, sob a borda de uma cadeira perto de Astrid.

Eu me lanço para a faca e para Astrid.

CAPÍTULO 41

Coloco a faca contra o pescoço de Astrid e a posiciono entre mim e eles.

— Larguem as armas — ordeno aos Lordeiros. Eles olham para ela.

— Obedeçam — ela diz, entre os dentes, e eles hesitam , mas começam a se curvar para colocar as armas no chão.

— Não se incomodem — diz Nico, caminhando lentamente em minha direção e de Astrid, ainda com a arma na mão apontada para nós.

— Não dê nem meus aís um passo! Ele para. E sorri, divertido.

— Sério? Não esqueça que eu conheço você, Ky la, ou Chuva, ou Lucy, ou Riley, ou quem diabos você quiser ser hoje. Você não é capaz de matar uma pessoa. É?

O m om ento se prolonga, cada segundo é um a eternidade. Depois de tudo, vai ser assim o últim o e definitivo m om ento da m inha vida? Se eu a m ato, eu m orro. E, se não fizer isso, tam bém m orro. Ela m erece isso, m erece m ais do que ninguém que eu posso im aginar neste m undo, exceto talvez Nico. Em purrar a faca em seu pescoço. Cortar sua garganta. Assistir ao derram am ento de sangue

pelo seu corpo; vingança por tantas pessoas.

Eu não posso fazer isso. Não posso ser com o eles.

E Nico sabe disso.

A faca solta na m inha m ão. Eu engulo em seco. Nico sorri e se aproxim a; ele pega a faca. Astrid se afasta de m im , seu rosto contorcido de fúria; ela pega sua caixa de dor.

— Você nunca faria o que eu queria que fizesse, não é? Não m ais.

— Deixe que eu cuido dela lá fora — Nico diz a Astrid.

— Já está na hora.

Ela sorri e larga a caixa novam ente.

— Com o desej ar. Mas sej a rápido. Tem os que sair daqui. Nico coloca o braço sobre os m eus om bros, puxa m eu cabelo para trás com suavidade e beij a m inha bochecha.

— Tem os negócios inacabados, você e eu.

Há um a briga atrás de Nico. Aiden grita quando um Lordeiro torce seu braço m achucado para trás.

Nico abre a porta da frente e m e em purra para a noite. Eu tropeço no degrau e caio no chão enlam eado pela chuva fria.

Corra.

Eu olho para trás, ele está ali. Assistindo e esperando. É o que ele quer que eu faça. Ele quer que eu corra, não é? Assim , ele pode atirar em m im pelas costas.

Eu m e levanto. E o encaro, com o Florence fez no Ali Souls.

Ele dá de om bros e levanta a arm a.

— Adeus, Chuva. Foi divertido.

E eu fico ali, olhando para ele. Ele está esperando que eu chore, que im plore. Eu não vou fazer isso.

É um a coisa engraçada. Hoj e cedo pensei que estivesse pronta para m orrer, m as não estou. Apesar de tudo, eu quero ficar, para respirar este ar e para sentir, m esm o que tudo o que há para sentir sej a dor. Estou lutando contra as lágrim as que am eçam cair, o m edo que estrem ece m eu corpo conform e Nico direciona lentam ente a arm a para o m eu coração. Ele sorri, e então...

BANG!

E eu m e encolho, antecipando o im pacto, a dor, sendo em purrada para o chão, m as em vez disso estou atordoada.

Nico caiu? É o Nico apertando o peito, com todo esse verm elho se espalhando. Nico m orrendo.

Passos se aproxim am .

É o Coulson? Arm a na m ão, olhando para Nico a seus pés. Mas Coulson é um Lordeiro; Nico está com os Lordeiros agora. Não é? Outros Lordeiros correm atrás dele.

— Eu não estou m orta.

— Exatam ente — diz Coulson. Ele abre a porta e olha para trás. —

Vam os lá — atordoada, contorno o corpo im óvel de Nico e cam inho de volta para a casa atrás de Coulson.

Os olhos de Astrid estão em choque. Seus Lordeiros tam bém não parecem felizes, não que sej a fácil de dizer isso. Mas Coulson é um Lordeiro.

Eles não estão do m esm o lado?

Coulson gesticula para outros Lordeiros na sala.

— Saiam — ele ordena. Eles olham para Astrid. A indecisão em seu rosto.

Mais Lordeiros se posicionam atrás de nós.

— Façam o que ele diz — diz Astrid, e eles são conduzidos para fora.

Coulson verifica a sala e coloca um braço do lado de fora da porta. Faz um gesto.

Entram duas pessoas que me deixam muito surpresa. Doutora Ly sander e o Primeiro Ministro Gregory.

Doutora Ly sander corre para os feridos. Verifica Ben, Aiden e Mac.

Depois Sky e. E Tori também. Mas, desta vez, ela balança a cabeça para os lados e fecha os olhos de Tori. Ela está... morta? Outro choque que não posso suportar, não posso acreditar.

— Os outros precisarão dos paramédicos — ela diz. — E um veterinário

— Gregory assente, e um Lordeiro fala através de algo em seu colarinho. Eles não serão mortos, mas assustados?

— Que bom que o senhor veio, Primeiro Ministro; é sempre um prazer reencontrá-lo — Astrid diz a Gregory. — Mas as coisas estavam sob controle.

Gregory levanta uma sobrancelha.

— Mesmo? O que, exatamente, é isso que está sob controle? Que operação você estava conduzindo aqui sem o meu conhecimento? Você sabia de algum coisa sobre isso? — ele pergunta para Coulson.

— Não soube de nada por nenhum dos canais oficiais. Felizmente, minhas fontes extraoficiais são muito boas.

— Bem. Se o meu chefe de segurança não sabe de nada oficialmente, e eu não sei de nada, com o devido interpretar isso?

Astrid está pálida.

— Eu soube dessa trama para desacreditar a gloriosa Coalizão Central com facilidade. Eles tentavam sequestrar nossa transmissão de televisão e transmitir um vídeo por todo o país esta noite. Eu o tenho protegido, por ser um caso de informação restrita.

Então os Lordeiros também usam essa frase. Gregory dá de ombros.

— Eu posso até não precisar saber, mas, se Coulson não sabe, com o meu a decisão com o essa pode ser tomada?

Ela começa a falar de novo, mas ele levanta a mão.

— Silêncio! Estou adiando m eu j ulgam ento até saber m ais. Eu decidi que eu preciso saber dessas inform ações restritas. — A voz dele é fria, e Astrid está ficando m ais pálida, m as, por m ais que eu goste de seu desconforto, o que isso tem a ver conosco? Eles são todos Lordeiros.

— Com o vê, m inha cara Astrid, eu descobri um as coisas que acho que eu precisava saber. A doutora Ly sander aqui era am iga da m inha filha, você sabia disso? Ela veio até m im com algum as inform ações m uito interessantes. Ela insistiu m uito em m e ver, e, quando m e falou sobre um de seus proj etos especiais, eu entendi o m otivo. Reiniciar um j ovem é um a punição crim inal legalm ente sancionada a ser aplicada apenas de acordo com o devido processo legal, com o você bem sabe. Não em órfãos m enores de idade e sem responsabilidade legal. E assim nós desenterram os algum as inform ações sobre seus cam pos de treinam ento não oficiais. Esses dois vieram de lá? — ele aponta

para Ben e para o corpo de Tori. — Seleccionados por habilidades especiais, subm etidos a procedim entos experim entais. Treinados e m odificados — ele balança a cabeça.

— Tudo dentro do m eu âmb ito com o OCJ — diz Astrid.

— Eu duvido que m esm o você acredite nisso. E então nós fom os j untando m ais algum as peças. E descobrim os um pouco do que você fez com a m inha filha. E m inha neta.

Gregory se vira. Por que ele está olhando para m im ? Ele é loiro, é verdade, em bora grisalho agora, m as de perto eu vej o algo que não tinha notado antes, quando eu o vi na TV ou em fotos. Os olhos. Verdes. O m esm o tom dos m eus. Todo m undo está olhando para m im .

Sua neta? Eu? Não. Não poderia ser.

Poderia?

Um a sirene se aproxim a; os param édicos entram . Orientados pela doutora Ly sander, eles levam Sky e e Ben, além do corpo de Tori. O braço de Aiden está quebrado, m as ele se recusa a sair. Eles enfaixam seu braço contra o peito, verificam os ferim entos de Mac e, em seguida, saem .

— Isso é ridículo — diz Astrid. — Eles são traidores e deveriam ser tratados com o tal.

— Pode ser. Eu ainda estou decidindo. Por enquanto, eu quero ver essa transição que você im pediu.

— Está na minha câmara — eu digo. E aponto para ela no chão, onde caiu quando ataquei Astrid.

Coulson a pega, verifica e entrega para Gregory. Meu avô?!

— Estam os prontos agora? Podem os? — ele projeta a imagem na parede.

Todos nós assistimos em silêncio; desta vez eu não desvio o rosto. Eu fico olhando para os olhos de Florence, pouco antes de morrer, ali de pé, encarando-os. Será que ela se sentiu com o eu me senti com Nico?

Quando termina, todos permanecem em silêncio. Gregory finalmente se vira para Astrid.

— Astrid Connor, suas ações têm sido inaceitáveis. Serão necessárias investigações adicionais — ele faz um gesto para Coulson. — Leve-a para fora, e, em seguida, nos deixe.

Depois que eles se vão, a porta se fecha atrás deles, e Gregory se vira para mim.

— Você pode gravar nessa coisa? — ele pergunta, estendendo a câmara.

— Sim.

Ele a entrega para mim.

— Prepare-se.

Eu a coloco para gravar e seguro a câmara. Minhas mãos estão surpreendentemente estáveis. Ele com a.

— Eu sou Merton Gregory, seu Primeiro Ministro, chefe do Governo de Coalizão Central. Eu soube de algumas coisas que me perturbaram demais.

Muitos de vocês devem saber que, durante as revoltas, há mais de trinta anos, um dos estudantes que foi condenado à execução foi minha filha, Samantha Gregory. Na época, eu era representante do então Primeiro Ministro Armstrong; ele se ofereceu para intervir e perdô-la. Eu não permito que ele a salvasse, convencido de que o

único caminho a seguir para acabar com o caos violento que assolava o nosso país era o de aplicar a lei em todos os casos. Isso é algo do qual me arrependi por minha vida inteira, e é parte da razão pela qual eu sempre protegi o Estado de Direito a todo custo quando me tornei Primeiro Ministro. Se eu não o fizesse, a perda dela não faria sentido. No entanto, algumas vezes eu tenho sido deliberadamente cego, de maneiras que agora me arrependo.

— Descobri recentemente que a minha filha não foi executada, mas assim não foi um ato de clemência ou bondade. Há muitos detalhes que eu ainda tenho de descobrir, com o para onde ela foi levada, ou se ela ainda vive. Mas eu descobri que tenho uma neta, uma garota cujo único crime foi ter parentesco comigo, e a punição por isso foi além de qualquer coisa que o Estado de Direito poderia tolerar.

— Vocês estão prestes a assistir a algumas cenas muito difíceis. Sinto muito, mas vocês precisam saber. Devido ao que vocês estão prestes a ver, eu sinto que não tenho escolha a não ser renunciar ao cargo de Primeiro Ministro. O

governo será dissolvido e uma eleição convocada. Essa mudança já deveria ter

acontecido. Os Lordeiros serviram ao seu propósito na época; agora seu tempo acabou.

— Tudo bem, isso irá servir. Eu terminei — ele me diz. Eu paro de gravar e abaixo a câmera. Meus olhos encontram os de Aiden. Isso está realmente acontecendo?

Gregory vira-se para Mac e Aiden.

— Agora, vocês podem levar isso ao ar hoje e à noite antes que eu me dê ideia? E é melhor usar o seu sistema ilegal.

Não sei se isso passaria pelos censores Lordeiros, mas mesmo com a minha ordem direta. Eles poderiam ter me interdito.

Naquela noite, Mac faz verificações rápidas e repara os danos ao seu equipamento de transmissão que os Lordeiros de Astrid quase destruíram quando prenderam a ele e Aiden.

Doutora Lyssander me chama de lado e faz um curativo no corte da minha bochecha.

— Me diz uma coisa, com o que você descobriu quem eu sou?

— Dedução e adivinhação — ela suspira. — Na verdade, estou envergonhada por ter levado tanto tempo.

— Me conte.

— Dedução, porque estive pensando sobre tudo o que já foi feito e manipulado em sua vida; o sistema a qualificando seu DNA com o confidencial, para que ninguém pudesse rastreá-lo, por ordem de Astrid, com o descobri depois. Quem você realmente era tinha que ser um a parte importante do quebra-cabeça. E adivinhação porque eu sempre achei que conhecia você.

— Você dizia que eu lembrei brava um a amiga sua que morreu.

— Não apenas um a amiga — ela puxa um a corrente do pescoço e um medalhão de ouro sai de suas roupas. Ela o abre. — Vê aqui dentro? Um a minha de cabelo. De uma garota que eu amava, que era para ter sido executada nas revoltas. A filha de Gregory, Samantha. Quando você cortou a perna depois de sua visita recente, num meu pulso eu coletei o sangue que você deixou para trás, para um teste de DNA. Mais tarde, meu espírito me sentindo um a tola por fazer isso, eu comparei o seu DNA com o desta minha de cabelo. De alguma forma, ela

sobreviveu. Sam é sua mãe.

— E você foi até Gregory e lhe contou sobre mim ?

— Exatamente.

— Onde está a minha mãe? Ela ainda está viva?

— Eu espero que sim . Gregory está investigando isso.

— Mas com o que ele nos ligou a Astrid?

— Graças a você. Ao me dizer que o orfanato que você visitou foi em Cumbria. Não demorou muito para que Gregory associasse a Astrid, primeiro o orfanato, depois o desaparecimento da filha. Ela deve ter visto essa oportunidade com Sam com o a melhor forma de desacreditar Gregory. Ele seria o próximo Primeiro Ministro depois de Armstrong; Astrid não estava em posição de tomar o poder quando ela organizou o assassinato de Armstrong. Era um plano de longo prazo.

— Eu não entendo. Que utilidade Sam teve para Astrid?

— Naquela época, ela provavelmente pensou que usaria Sam quando ela estivesse pronta, para fazer parecer com o se Gregory tivesse infringido a lei para salvar a filha. Depois, mais tarde, quando você surgiu, ela veio com um plano ainda melhor: ter a própria neta de Gregory com o Reiniciada e assassinar tanto Gregory quanto a filha de Armstrong ao mesmo tempo. Não sabem o há quanto tempo ela estava planejando isso, mas deve ter sido pelo menos desde os seus dez anos, quando ela planejou, com ajuda de Nico, que o TAG levasse você.

— Se os planos dela tivessem funcionado naquele dia, os Lordeiros não saberiam quem poderiam modificar. Quais Reiniciados eram seguros ou perigosos.

— As visões de Astrid são notoriamente radicais. Ela prefere a pena de morte a Reiniciar. Um a “limpeza geral” nos Reiniciados existentes não a teria incomodado, e ela teria sido a próxima Primeira Ministra se Gregory tivesse sido morto. Mas seus planos se frustraram.

— Porque eu voltei correndo para salvar você. Eu não estava lá, ao lado de Gregory e dos outros, quando eles tiveram a intenção de detonar a bomba escondida no meu Nível.

— Sim. E desde então eu tenho obtido informações com o Gregory. Que

naquela época Coulson estava desconfiado de você, de quem você era. Ele havia notado irregularidades em seus registros. Quando a bomba explodiu em sua casa, ele aproveitou a oportunidade para forjar sua morte, para evitar qualquer possível interferência do TAG enquanto ele investigava.

— Mas com vocês nos encontraram aqui hoje?

— Gregory tem um antídoto para Astrid sob vigilância. Quando ela veio ao sul com sua guarda, sabíamos que algo grande estava acontecendo. Então agimos.

— Bem a tempo. Ela sorri.

— Sim. Felizmente, na hora certa.

Processo tudo em minha mente, mas ainda fico retornando a duas coisas. Eu era apenas um bebê quando fui tirada da minha mãe, da qual eu nunca tinha ouvido falar até hoje. Onde ela está? Será que

está viva? E depois há o Ben.

— O que vai acontecer com o Ben?

— Eu não sei. Ele cometeu crimes, em bora, talvez, sob coerção.

— Onde ele está agora?

— Ele foi levado ao hospital para avaliação e observação.

— Quando poderei vê-lo?

— Não creio que sejamos prudentes. Para nenhum de vocês.

Mac adicionou a nova introdução de Gregory no Informe Ação Restrita -

O que todos precisam saber. Às 21:00, três horas depois do planejado, a mensagem atinge cada televisão, monitor e tela de vídeo deste país e de outros.

Com o poder ter acontecido tanta coisa em tão pouco tempo?

Fico de pé, estranha e insegura, ao lado de Aiden, enquanto as imagens são transmitidas; a dor do braço transparece em seu rosto, mas seus olhos estão brilhando.

— Conseguimos o Kyli. Nós realmente conseguimos — ele sorri, mas seus olhos correm de mim para Gregory e retornam para mim.

Quando termina, Gregory olha para Aiden e Mac.

— Deixem-nos a sós por um momento — seu tom de voz é o de quem está acostumado a ser obedecido.

Mas as coisas mudaram e eles olham para mim.

— Está tudo bem. Podem ir — eu digo, olhando para Gregory enquanto

eles saem. Meu avô, um homem muito estranho. Alguém que eu costumava odiar a cada batida do meu coração pelo que ele representava, mas alguém que inesperadamente salvou minha vida. Salvou todos nós.

Ele levanta um a sobancelha.

— Passei na inspeção? Eu dou de ombros.

— Eu não sei. Há prós e contras.

— E você não tem certeza do que conta a mim.

— Exato. Você realmente vai renunciar?

— Não foi isso que eu disse? No entanto, você parece cética — ele se mostra satisfeito.

Eu dou de ombros.

— Talvez essa seja apenas uma maneira de se livrar da culpa. Derrotar Astrid, culpá-la por tudo, reformar o partido e começar tudo de novo.

— A política adora um bode expiatório — ele encolhe os ombros. — Isso provavelmente daria certo. Você é desconfiada. Talvez tenha herdado isso de mim.

— E?

— Nada. Para mim chega. O país pode recomeçar sem mim. Não me orgulho das coisas que foram feitas em nome do meu governo. Não me orgulho das coisas que eu mesmo fiz. Eu não tenho com o meu olhar o passado, mas vou fazer o que posso agora para facilitar as mudanças políticas. O que eu realmente queria dizer a você é o seguinte: eu sinto muito.

— Pelo quê, especificamente? Mesmo o que você deixe Astrid fora das coisas, não foi ela quem me transformou numa Reiniciada, me espancou e aterrorizou. Não foi ela que fez com que crianças desaparecessem da minha escola sem nenhum motivo. A lista é longa o suficiente sem ela, mas, já que você a inclui, e isso fica muito pior, ela estava sob o comando de quem?

Ele se encolhe.

— Não se preocupe. Eu não espero uma reunião de família com abraços e flores. Eu não espero que você perdoe e esqueça. Mas há uma coisa que eu vou fazer por você. Por nós dois.

— O quê? — o que ele pode fazer por mim, agora, que faça alguma diferença?

— Vou lhe fazer uma promessa. Encontrarei minha filha, sua mãe. De um jeito ou de outro, eu irei encontrá-la.

Ele se aproximava da segura minha mãe e eu não a retiro. Tantas vezes eu pensei, essa sou eu, agora sei de tudo. E então surge outra revelação. Mas Sam é a minha mãe de verdade. O DNA não mente. A doutora Ly sander também não.

Eu luto contra as lágrimas que começam vir. Aqui não, agora não.

— Onde ela está?

— Vou encontrá-la.

Quando volto para a casa do Mac, Aiden me espera na frente. Sozinho.

— Você não deveria estar a caminho do hospital para olhar direito esse braço?

— Provavelmente. Mas eu tinha que ver você primeiro — ele coloca a mão boa em meu rosto e eu me inclino contra ele, em seu calor. Estou tão feliz que ele ainda esteja vivo, que nós dois estejamos. E, de repente, estou muito cheia de tudo o que aconteceu para querer estar em qualquer outro lugar.

Aiden me envolve com o braço bom e murmura em meu cabelo:

— Eu ouvi o que você disse para a doutora Ly sander.

— Sobre o quê?

— Sobre Ben. Você pediu para vê-lo. Eu me afasto.

— Eu preciso.

— Depois de tudo o que ele fez?

— Esse não é ele. Eles o fizeram assim. Você não entende.

— Então, me ajude a entender.

— Ele está lutando contra o que fizeram com ele.

— Com o que você sabe?

— Ele salvou minha vida hoje. Chutou uma faca da mão da Tori.

— Então eu vou agradecer a ele por isso. Mas será que uma boa ação apaga todas as outras?

Eu olho para Aiden e não consigo responder. Será que um a boa ação de Gregory apagaria todas as suas outras ações? Mas não é a mesma coisa. Ele podia decidir sozinho; Ben, não.

— Ky lá, há mesmo uma coisa. No outro dia, quando eu disse que amava você. Eu perguntei com o que você podia fazer alguém sem saber tudo sobre ele. E

você perguntou com o alguém que foi Reiniciado poderia então fazer ou ser feito.

— E daí?

— Eu sei tudo sobre você. E eu não me refiro a cada momento em ória que você perdeu. Eu sei quem você é, por dentro. Que, apesar de tudo, você nunca poderia deliberadamente ferir alguém. Com o que você é corajosa, ferozmente leal e todas as suas pequenas inseguranças, medos e teimosias, e eu amo o que você por tudo isso.

Você pode dizer o mesmo sobre o Ben?

— Sim — respondo, mas a dúvida me corrói por dentro, e Aiden sabe disso. — Eu não tenho escolha. Não posso abandoná-lo, ele não tem mesmo ninguém. Não depois de tudo o que fomos um para o outro.

Sua mão toca em meu ombro.

— Tudo o que foram um para o outro. Isso é passado. Me avise quando você estiver pronta para o presente, ou talvez até mesmo para o futuro.

CAPÍTULO 42

Após a transmissão, tudo acontece muito rápido.

O Primeiro Ministro Gregory faz sua renúncia oficial, com o prometido.

Em meio a protestos públicos e da pressão internacional, o Parlamento é dissolvido e as eleições, exigidas. E é quase como o Aiden sempre disse que seria; assim que todos realmente souberam o que se passava, eles disseram Não, chega. E os Lordeiros perderam o poder.

Claro que não foi tão fácil assim. O preço foi alto de ambos os lados; batalhas campais em alguns lugares, com o Cúmbria, onde os seguidores de Astrid se recusaram a aceitar que não estavam mais no

com ando, m as o preço não era tão alto quanto viver com m edo constante dos Lordeiros. Eles conseguiram . O DEA realm ente conseguiu. DJ, Aiden e um conselho internacional instauraram um governo provisório até as eleições, e novos partidos políticos estão se form ando, escolhendo candidatos.

Gregory ainda está à procura de Sam , da m inha m ãe, m as m eses se passaram e estou com eçando a aceitar que ele talvez nunca a encontre. Mam ãe

e Am y estão bem ; elas não foram encontradas pelos Lordeiros de Astrid, e eu vou ficar com elas por um tem po em nossa casa recém - reparada. Sky e sobreviveu e está aqui, se recuperando e sendo m im ada por nós três. Reiniciar pessoas foi proibido, e a doutora Ly sander anda ocupada rem ovendo Nivos e chips cerebrais de Reiniciados, inclusive o m eu.

Mas, enquanto um a parte de m im está se regozij ando com as m udanças que aconteceram e ainda estão por vir, outra parte está no lim bo. Lam bendo m inhas feridas e esperando por esse dia.

A doutora Ly sander se senta de frente para m im e Ben, diante de sua m esa.

— Não há garantias. Não sabem os quem você era antes de ser Reiniciado.

— Eu sei, eu sei. Os Lordeiros destruíram m eus registros, nada foi encontrado — diz Ben. Ele segura com força a m inha m ão.

— Nós não sabem os quem você era, m as será que sabem os o suficiente? — eu digo. — Você não precisa fazer isso.

— Eu quero.

A m édica passa um a lista de recom endações, e não pela prim eira vez.

Os resultados de aj uste de m em ória não podem ser previstos; ele pode recuperar m em órias que não queria, e não aquelas que quer; há risco de dano cerebral, convulsões e m orte. Em bora alguns casos sim ples de reaj uste tenham sido bem -

sucedidos, o caso dele é im previsível devido aos m últiplos procedim entos aos quais foi subm etido.

— Isso é tudo? — ele pergunta.

— Tem certeza de que quer seguir com isso? — ela insiste.

— Sim . Ky la pode assistir?

— Eu não recomendo, mas, se ela quiser, é escolha dela.

— Eu estarei lá — afirma o, sem largar a mão dele. Apesar das coisas que ele fez, foram os Lordeiros, com seus procedimentos e manipulações, que o levaram a nos trair. Eu não posso apagar as coisas que Ben fez; e ainda acordo gritando no meio da noite, com visões de Florence e dos outros que me orreram em Ali Souls assombrando meus sonhos. E eu ainda não consigo parar de pensar

nos se ao menos. Se ao menos Aiden não tivesse levado Ben para lá; e se ao menos eu tivesse me esforçado mais para ajudar Ben. Se ao menos eu tivesse percebido o que estava prestes a acontecer, e o tivesse impedido.

E se ao menos.

Mas não foi Ben quem nos traiu, foi a criatura dos Lordeiros. Depois de tudo o que aconteceu comigo, todas as identidades que fui obrigada a usar ou que me foram tiradas, eu entendo isso melhor do que ninguém . Eu não posso abandoná-lo enquanto houver qualquer chance de trazê-lo de volta, não importa o quanto eu me sinta dilacerada. Eu não vou.

Eles o preparam . Ele está em um a dessas camisas que abraça você com o aquela em que estive no TAI; eles verificam tudo, monitores, fios, drogas intravenosas, e colocam um escâner em volta de sua cabeça. Ele segura firme e a minha mão o tem por todo.

— E se eu espirrar? — ele brinca. Ele tinha achado engraçadíssimo o que a microcirurgia seria feita pelo nariz.

— Você sabe que isso não é possível; você será imobilizado.

Praticamente paralisado, menos a fala.

Quando o medicamento faz efeito, a mão dele afrouxa.

— Eu ainda estou segurando — aviso. — Está tudo bem — mas eu estou com medo.

Estes meses têm sido difíceis. Quando Ben realmente entendeu o que

tinham feito com ele, com o ele havia sido manipulado e submetido a procedimentos para se tornar um agente Lordeiro, ele se tornou sombrio. E nós dois nos esforçamos para aceitar o papel de Tori (que ela antes as mesmas coisas, mas ainda assim escolheu trabalhar para os Lordeiros) e sua morte. Bem só com ele voltou à vida com essa esperança, a microcirurgia experimental que poderia lhe devolver o que foi tirado dele.

A médica me olha sobre um mar de equipamentos e balança a cabeça um a vez.

— Tudo bem, então, Ben. Podem os com ele?

— Não, eu me udei de idéia. Brincadeirainha! Vá em frente.

— Tudo bem. Primeiro estou removendo o seu chip, um procedimento

de rotina. — Com isso, não haverá mais chance de alguém ativá-lo para lhe causar dor ou matá-lo, com o que foi feito com Tori, nunca mais. O meu foi retirado há algum tempo.

A médica acompanha o procedimento pelas telas de controle, a cirurgia é feita por controle remoto, usando o escâner e ferramentas robóticas microscópicas. O tempo passa devagar; os segundos parecem minutos.

— Seu chip foi removido — ela avisa finalmente. — Está tudo bem?

— Eu estou bem, me divertindo. Continue — ele diz.

— Agora me diga o que está sentindo — ela explicou que diferentes áreas neurológicas do cérebro serão microestimuladas enquanto ela navega por suas áreas de armazenamento de memória, reatando conexões neurológicas partidas de acordo com suas respostas.

— Ok, lá vamos nós — diz Ben. — Azul, o mar azul. Pelo meu acio, um cachorrinho! É Sky e; eu acho que é. Peixe, sinto cheiro de peixe e batatas fritas.

Um amulher, vejo um amulher. Será que é a minha mãe? — ele com ela a descrevê-la, mas pelo que ele diz não é a mãe de quando ele era um recém-nascido.

Em seguida, sua voz muda. — Mãe? Mãe? — uma nota estridente de pânico, a voz de uma criança.

— Você está bem — eu digo. — Eu estou aqui.

— Quem é Ben? Eu sou o Nate. Mamãe? — e logo a seguir, ele diz: — Ky la? — sua voz novamente. — Eu me lembro da minha mãe!

— Está melhor do que eu, então.

— Isso é bom — diz doutora Ly sander. — Continue descrevendo.

Ele está calado.

— Ben? — ela insiste.

— Eu ainda estou aqui. As coisas estão se passando rápido demais para repetir; às vezes, com o se eu estivesse lá, outras vezes, com o se estivesse olhando para uma foto.

— A memória pode ser assim. Tudo bem, eu estou reconectando as últimas e mais profundas ligações, isso é um pouco complicado.

— Bom saber.

— Descreva Ben.

As palavras jogam. Nomes e lugares saem confusos e rápidos, e então...

— Ky la?

— Sim?

— No grupo de ajuda. Cheguei atrasado, você estava sentada lá. A garota nova. Eu me lembro! A primeira vez que vi você, linda, maravilhosa.

Eu sei que ele não pode sentir ou apertar tão bem, mas estou segurando sua mão com mais força, as lágrimas começam a cair; está funcionando. Ele se lembra de mim.

Ele fica ofegante.

— Dor, dor quente, aqui do lado.

— Sim, você tem uma cicatriz, um velho ferimento a faca — a médica explica. — E o que mais? Ben? Responda.

— Não — sua voz está diferente, irritada. — Não!

— Ben?

— Ben? — ela chama, novamente. Ele está em silêncio.

— Ben? — eu tento. — Nate? Você está bem?

— Excelente. Estou excelente, obrigado por perguntar — fico aliviada com suas palavras, mas seu sotaque... Parece diferente. Algo mais londrino, e menos interiorano.

— Estam os quase terminando — avisa a doutora Ly sander. Em pouco tempo, o escâner é afastado e as microferramentas são removidas. Ela limpa uma pequena gota de sangue em seu nariz e isso é tudo.

Seus olhos estão fechados, a sedação aumentada, ele irá dormir agora.

— Vá para casa, Kyli — diz a médica. — Ele irá para o CTI agora, será monitorado enquanto dorme. Vai levar um dia ou dois antes de sabermos o resultado.

Mas eu fico. Com Ben/Nate, seja ele quem for, ele agora se lembra de mim.

EPÍLOGO

Estamos no final do verão. Eu insisti em vir sozinha, pelas colinas. Sky e me acompanha ao lado, ainda mancando, mas isso não importa. E, conforme ando, eu penso. O que tem me motivado por tanto tempo tem sido tentar

descobrir quem eu sou de onde eu venho. Cada nova revelação derrubou paredes em minha mente, mas vieram com um custo. Será que isso se encerra hoje?

Todos vivem procurando por alguma coisa, ou por alguém. A parte que falta para serem completos. Por que eu deveria ser diferente?

O filho da minha mãe, Robert, não foi encontrado, mas ela ainda está procurando, com a ajuda do DEA, agora uma agência sancionada pelo governo e missão de tempo integral de Mac e Aiden.

Mamãe recusou-se a concorrer para o cargo de Primeira Ministra, apesar de todos que a queriam lá. Gregory, que eu vejo de vez em

quando, não im porta o que ele era, é m eu avô, e foi responsável pelas coisas terem saído m elhor no final. Ele disse que aqueles que são adequados para o poder não o querem , e que aqueles que o querem , não o são. Mas ele não disse em qual categoria se encaixava. De qualquer form a, um suj eito novo, que desej ava o poder, está no com ando, um governo totalm ente novo foi eleito, e DJ e seus am igos ainda ficarão aqui por um tem po, para m anter um olho nas coisas.

Será que tudo vai ficar bem agora? O tem po dirá, m as ainda não tenho certeza de que tudo estej a bem . Assim com o toda a enxurrada de tecnologia que chega de fora, agora que as fronteiras estão abertas, com inúm eros canais de internet, dispositivos portáteis e plug-ins aos quais você está sem pre ligado. Os viaj antes curiosos de outras nações correndo para ver o quão ansiosos estam os para nos tornar com o eles. Gregory diz que é por isso que o m undo entrou em cena: não para salvar alguém , m as para ter um novo m ercado para vender seus brinquedos.

Com a revogação das Leis Juvenis, agora estou dividindo um apartam ento com Madison em Keswick. Ela estava na prisão para Reiniciados de Astrid, com o Len im aginou que ela estaria, e foi libertada com todos os outros prisioneiros detidos ilegalm ente. Finley tinha se escondido, não m uito tem po depois que eu parti de Keswick. Ele só saiu quando foi seguro novam ente.

Madison não é a m esm a, m as m elhora aos poucos com a aj uda de Finley.

Vej o Stella um a ou duas vezes por sem ana; um a confiança frágil está com eçando a crescer entre nós. Aos poucos ela racionaliza com tudo o que Astrid fez; com o fato de m eu pai não estar por trás do m eu desaparecim ento.

Com o quanto ela estava errada. Para ela, foi difícil aceitar a m inha recusa em deixar a doutora Ly sander tentar retornar as m inhas m em órias, m as elas foram destruídas o suficiente. De agora em diante, ninguém além de m im tem direito a opinar no que eu escolho lem brar, e no que eu escolho esquecer.

Por enquanto estou trabalhando nos Parques com o verificadora de penhascos. Len está na lista dos desaparecidos. Ele m orreu na luta contra os partidários de Astrid. Estar sozinha em lugares altos acim a do m undo, e em todas as condições m eteorológicas, com as m ontanhas sob os m eus pés (elas que estiveram , estão e estarão ali por m uito tem po depois que eu m e for), m e faz sentir um alívio nunca

sentido em nenhum outro lugar. É realm ente por isso que voltei para Keswick, apesar de m am ãe e Am y. É o único lugar em que eu posso pensar em nada e não ser oprim ida.

Eu ainda poderia voltar para a escola, entrar na form ação de professores um dia e ser professora de artes, com o Gianelli, m as não agora. As carinhas felizes são dem ais para m im , depois que todas as crianças Reiniciadas do orfanato experim ental de Astrid foram encontradas. Mortas. Mortas pelos lacaios de Astrid para esconder o que tinham feito, m as eles foram pegos antes que pudessem se livrar dos corpos.

Ao m enos eu sei que Edie sobreviveu, e que Ben nunca disse aos Lordeiros onde ela estava. Sua casa estava vazia naquele dia porque elas ficaram sabendo do que havia acontecido em Ali Souls e fugiram apressadas para um esconderij o. Quando elas reapareceram , eu fui visitá-las. Edie disse que eu poderia ficar com Murray, porque eu era m ais solitária do que ela.

Esse foi um m om ento em que sei que Ben disse a verdade, depois de todas as m entiras que se seguiram . Ele se m anteve no papel por tem po suficiente para sair do hospital, e, em seguida, algum as verdades vieram à tona. Ele tinha com etido crim es que j ustificavam ter sido Reiniciado antes de nos conhecerm os, para adicionar aos que com eteu m ais tarde em Ali Souls. Ele disse que só foi realm ente feliz quando foi Reiniciado.

E, em seguida, ele roubou um carro e desapareceu. Ninguém sabe para onde ele foi. Tudo o que eu sei é que ele não quer estar com igo. Por algum a razão, boa ou ruim , no final, essa é a verdade.

Será que eu poderia ter previsto isso? Eu nunca conseguiria realm ente ferir ninguém , Reiniciada ou não. Ben, sim , e o fez. Com os Lordeiros ele pode ter sido coagido, m anipulado e escapado da responsabilidade legal por causa disso, m as no final foi ele m esm o quem causou e prom oveu o m assacre de Ali Souls. Será que isso j á diz algo sobre quem ele era realm ente? Doutora Ly sander percebeu isso logo, e nos avisou várias vezes, m as deixou a escolha para Ben.

Às vezes m e pergunto se ele de fato foi m eu algum dia, ou se foi tudo ilusão desde o início. Com o Aiden disse: com o você pode am ar verdadeiram ente alguém quando não sabe quem ele realm ente é?

Mas a m aior parte do tem po eu sei que nos am am os. Naquele tem po e lugar quando eram os apenas folhas em branco. Inocentes. Antes

de m inhas m em órias com eçarem a voltar, antes que os Lordeiros o m anipulassem e o m odificassem e que a doutora Ly sander devolvesse seu passado. Era real, ao m enos para m im . Minha prova é a dor que ficou.

Vendo com o Finley é com Madison, acho que é possível que o am or dure e cresça. Mas não para m im , não agora. Um a últim a lição que os Lordeiros m e ensinaram é esta: não há segundas chances. Eu escolhi Ben, virei as costas para Aiden, e não posso voltar atrás. Mas Aiden estava certo, não estava? Ben foi o passado. Eu não sinto falta dele com o sinto de Aiden. Com Ben é m ais um luto por algo que j á passou. Não é algo que poderia ter sido.

Que deveria ter sido.

Um a últim a subida e finalm ente chego ao m eu destino: a prisão dos Reiniciados de Astrid. Ela é a única prisioneira lá agora. Nos fundos, estão as sepulturas não identificadas, com flores e um m em orial; um ato público hoj e para revelar isso. Mam ãe está aqui, e Stella. Gregory e a doutora Ly sander tam bém . Há sobreviventes, m ulheres recém - saídas da prisão j unto com Madison, com as m arcas de seus sofrim entos e a alegria tensa da liberdade inesperada estam padas em seus rostos. Junto com os sobreviventes estão fam iliares e am igos, com o nós, daqueles que não sobreviveram .

E um a surpresa. Eu quase paro de respirar quando Aiden cam inha até m im e m e abraça. Ele não diz nada, apenas m e detém um m om ento, e nos abraçam os com força.

A cerim ônia com eça. Gregory tinha cum prido o que prom etera: encontrou sua filha. Acontece que ela m orreu poucas sem anas depois que eu nasci, de causas naturais. Se é que se pode cham ar de “natural” m orrer de infecção não tratada após o parto. Será que foi um a fuga? Mas gosto de pensar que ela teria ficado com igo se pudesse.

Eu perm aneço com m am ãe e Stella durante os dois m inutos de silêncio, m as, com o se isso não fosse suficiente, ele persiste e dura m uito m ais. Aqueles que sofreram m ais do que fizeram sofrer. Eu fico olhando para as palavras gravadas no m em orial sobre as sepulturas que incluem a m ãe que eu nunca vou conhecer, entre as duas que conheci.

Depois, sinto olhos em m im . Um a m ulher, m agra, curvada, pele cinzenta, os olhos determ inados de um a sobrevivente. Ela m e cham

a.

— Eu estava lá quando você nasceu. Sam se recusou a dizer quem era o pai, mas as que opções existem numa prisão de mulheres com guardas do sexo masculino? Eu sei o nome e que sua mãe lhe deu — e então ela sussurra ao meu ouvido, com o se não pudesse ser dito em voz alta.

Não foi naquele dia, mas em outros dias, quando o sol brilha e derrete o gelo de outro inverno, para convocar as flores silvestres que brotam da terra; quando o céu escurece com súbitas pancadas de chuva antes que o sol retorne —

é então que eu me dou conta de que tanto a dor quanto a alegria são necessários para que a vida cresça. Quando Sky e a minha panha me passam os passos, quando Aiden caminha ao meu lado, contra toda a lógica, eu quase posso senti-la.

Minha mãe Sam deve ter sido uma mulher incrível. Tanta coisa tinha sido influenciada por ela; a culpa de Gregory por não a ter perdoado o transformou em um Lordeiro rígido com as regras por boa parte de sua vida. Sua suposta execução levou a doutora Ly sander a criar os Reiniciados, uma maneira de parar a execução de criminosos de idade, sim, mas a vejo aonde tudo isso nos levou. E Sam, ela me esmaga, prisioneira de Astrid durante anos, naquele lugar horrível; eu nem posso imaginar o que ela passou. Mas, de alguma forma, ela ainda tinha isso dentro dela para me dar um nome e que alcança e preenche os anos perdidos entre nós.

Eu já recebi e escolhi tantos nomes, mas finalmente estou comendo a

assimilar meu verdadeiro nome. Muito mais virá com a sobrevivência e com o tempo. No controle de mim mesma agora, com Aiden e eu encontrando nosso caminho juntos no futuro. Porque às vezes ganhamos uma segunda chance.

Este foi o presente que minha mãe me deu:

Esperança.

AGRADECIMENTOS

Escrever e publicar uma trilogia, um livro por ano, é algo incrível!

Devo agradecimentos especiais à minha agente, Caroline Sheldon:

sem ela, nada disso poderia ter acontecido.

E a todos os meus editores dos dois lados do oceano. Em especial às editoras Megan Larkin e Rosalind Turner da Orchard Books, no Reino Unido, e Nancy Paulsen e Sara Kreger da Nancy Paulsen Books, nos Estados Unidos.

Obrigada por tudo.

Obrigada a Erin Johnson por me levar a um passeio por Oxford e suas faculdades, e a Porter, no Magdalen College. Quando eu estava desesperada porque não era possível ver o pátio de outra faculdade da torre de Magdalen, ele sugeriu a Torre da Igreja de Santa Maria e Ali Souls com o alternativa.

Obrigada aos primeiros leitores, Amy Butler Greenfield e Jonathan, e colegas de escrita de toda parte, especialmente aos meus amigos no SCBWI.

E agora... Eu ouvi dizer que a confissão é boa para a alma.

É hora de confessar sobre os nomes dos personagens e de onde eles vieram. Alguns você já deve conhecer. Eu fiz alguns concursos para dar nomes a personagens, que foi com o surgimento do Katran de Fragmentada, e Madison e Finley de Despedaçada.

Mas o que você talvez não saiba é que muitos de meus outros nomes de personagens vêm de amigos, e que muitas vezes eu os tiro da minha lista de amigos do Facebook.

Primeiro, os animais de estimação. Sky era um cachorro real! Da minha amiga Karen Murray. Infelizmente Sky e morreu antes que Reiniciados fosse lançado, mas o nome e o tema permeiam toda a cachorra são exatamente com o meu irmão dela. Sebastian, de Reiniciados, era um gato de verdade, de tempo atrás; meus pais tinham dois, Damian e Sebastian. O personagem do gato em

Reiniciados era meu irmão parecido com o Damian, e eu originalmente tinha usado esse nome, mas em algum lugar ao longo da escrita mudei para Sebastian. E, em Despedaçada, Pipoca era o nome de uma das gatas da minha irmã.

E quanto às pessoas: as pessoas reais não têm nada em comum com os personagens, além do nome, salvo indicação contrária. Ben veio de Benjamin Scott, porque ele está sempre sorrindo. Hatten (o apelido de Nico com o professor em Reiniciados) veio de Caroline Hooten, e,

com o o nom e m e fez pensar em coruj as, a grafia m udou em algum lugar ao longo do cam inho. Nico veio de Nick Cruz. A m ãe de Ky la, Sandra, veio de m inha irm ã. E não há m uito m ais dela no personagem . E, em Despedaçada, Stella veio de Stella Wiseman; Astrid, de Astrid Holm .

E, claro, não posso esquecer do Murray. Ele é o m eu próprio ursinho de pelúcia de dorm ir.

Portanto, há m ais de um a m aneira de ter o seu nom e em um dos m eus livros! Minha página do Facebook é TeriTerry Author. Nunca se sabe...

Você tam bém pode m e encontrar com o TeriTerry Writes no Twitter e no Tum blr, e m eu site é teriterry.com

Obrigada aos fãs de Reiniciados, e aos leitores, blogueiros e críticos de toda parte, cuj o apoio e cuj o entusiasmo para a trilogia Reiniciados foram incríveis.

E para o hom em m ais paciente e com preensivo do m undo. Conviver com um escritor pode ser com plicado, m as Graham é sem pre o centro calm o da m inha vida.

Finalm ente, a Banrock, Murray e inspirações de toda parte: Vivas!

Document Outline

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Document Outline

- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
- [CAPÍTULO 29](#)
- [CAPÍTULO 30](#)
- [CAPÍTULO 31](#)
- [CAPÍTULO 32](#)
- [CAPÍTULO 33](#)
- [CAPÍTULO 34](#)
- [CAPÍTULO 35](#)
- [CAPÍTULO 36](#)
- [CAPÍTULO 37](#)
- [CAPÍTULO 38](#)
- [CAPÍTULO 39](#)
- [CAPÍTULO 40](#)

- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42
- EPÍLOGO
- AGRADECIMENTOS